



**V.2
2025**

BATE PRONTO

**Futebol, Cultura e Crítica:
Bruna Oliveira da Silva Presente!**

*Antonio Jorge Gonçalves Soares, Caroline Soares de Almeida,
Cristhian Cajé Rodriguez, Vanrochris Helbert Vieira*

Coordenação geral: Carmen Rial

ISSN: 2965-9655

ISBN: 978-65-02-29123-8



BATE PRONTO

V.2
2025



Patrocinadores



V2

Bate-pronto / Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Estudos do Futebol Brasileiro. Vol. 2, n. 2 (2025) - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Estudos do Futebol Brasileiro.

V. Anual

ISSN: 2965-9655

ISBN: 978-65-02-29123-8

COORDENAÇÃO GERAL:

Carmen Rial

carmen.rial@ufsc.br
<http://lattes.cnpq.br/4874148638654662>

EDITORES

Antonio Jorge Gonçalves Soares

UFRJ e UFRN
ajgsoares@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9726601553271394>

Caroline Soares de Almeida

UFPE
almeidacarol@yahoo.com
<http://lattes.cnpq.br/0748187291774827>

Cristhian Cajé Rodriguez

Vrije Universiteit Amsterdam
cristhiancaje@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1347295103852372>

Vanrochris Helbert Vieira

UFSC
vanrochris@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4015979850041122>



COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre Fernandez Vaz
Alvaro Levin Olivera
Ana Gabriela Alves Medeiros
Antonio Soares
Bárbara Pires
Bastián Becerra Benítez
Beatriz de França Alves
Beatriz Mitroff
Carmen Rial
Caroline Soares de Almeida
Cristiano Mezzaroba
Daniel Machado da Conceição
Demétrio Marguti Coelho
Ester Santos Silva
Federico Czesli
Gabriel M. M. Bocchi
Gabriela Primeiro Goia
George Lucas Ferreira Martins
Giovana Liz Silva Neves
Hamilcar Silveira Dantas Junior
Henrique Santos
Isabelle Lima Barbosa
Jovane Gonçalves dos Santos

Lucas Carvalho Silva de Jesus
Lucas Cardoso da Silva
Luiz Henrique Zart
Ludmila Mourão
Marcelo Alves de Resende
Marcos Antonio Batista da Silva
Marcos Vinícius Ferreira Corrêa
Mariane da Silva Pisani
Matheus Santana Fernandes
Miriam Grossi
Rafael Willian Clemente
Rafaela Marques Rodrigues dos Santos
Rodrigo Bittencourt
Santiago Riera Sellanes
Talyta Fagundes Teixeira Silva
Vanrochris Helbert Vieira
Victor Melo

DESIGN EDITORIAL

Sofia Backx

IMAGEM DE CAPA

Joana Baumg



Bate-Pronto: Volume II Futebol, Cultura e Crítica: Bruna Oliveira da Silva Presente!

O segundo volume do Bate-Pronto reúne os 42 textos publicados ao longo de 2025, resultado de um ano inteiro de colaborações voluntárias. O conjunto reafirma o compromisso do INCT Estudos do Futebol Brasileiro com a circulação pública de reflexões críticas, plurais e situadas sobre o futebol, consolidando o blog como um espaço de escrita implicada, em diálogo direto com o tempo presente. Em consonância com a prática editorial do projeto, este volume corresponde a um ciclo anual completo, de janeiro a dezembro.

O volume se inicia com o texto “Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024”, publicado por Marcus Vinícius Ferreira Corrêa, em 30 de janeiro de 2025, e se encerra com “Futebol, cinema e humanidades: articulando possibilidades pedagógicas e socioculturais pela via estética”, de Cristiano Mezzaroba e Hamilcar Dantas Júnior, publicado em 17 de dezembro de 2025. Entre esses dois marcos, os textos expressam a diversidade de temas, abordagens e estilos que caracterizam o campo dos estudos do futebol no Brasil contemporâneo.

Este volume é atravessado de modo significativo pelos debates impulsionados pelo I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e epistemologias futebolísticas / IV Simpósio de Futebol do NAVI, realizado em agosto de 2024, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Parte expressiva das contribuições aqui reunidas foi escrita por pessoas que participaram do evento, levando para o blog reflexões que emergiram do diálogo presencial, das mesas, das comunicações e das trocas que constituem a vida acadêmica.

Ao longo de 2025, os textos abordaram de forma recorrente o futebol como fenômeno sociocultural, com atenção especial a temas como gênero, racismo, mídias digitais, eventos esportivos, política, cinema, estética e memória. Essa diversidade temática se articula a uma pluralidade autoral, com participação de pesquisadoras e pesquisadores em diferentes momentos de suas trajetórias acadêmicas, cujos vínculos institucionais se distribuem majoritariamente pelas regiões Sul, Nordeste e Sudeste do Brasil. Além das contribuições vinculadas ao encontro acadêmico, o volume também agrega textos enviados por meio do formulário aberto do Bate-Pronto, bem como escritos de autoras e autores convidados, reforçando o caráter aberto, coletivo e horizontal do blog.

Este segundo volume é dedicado à memória de Bruna Oliveira da Silva, cuja escrita e trajetória seguem atravessando este projeto. Seu texto, publicado neste volume, afirma a escrita como forma de existência, resistência, denúncia e pertencimento. Por isso, abrimos esta apresentação reafirmando: Bruna presente!

A escolha do título “Futebol, Cultura e Crítica: Bruna Oliveira da Silva Presente!” sintetiza o espírito deste volume. Ele expressa a aposta em uma escrita crítica que articula futebol e cultura, atenta às disputas simbólicas e políticas que atravessam o campo esportivo, e comprometida com uma produção intelectual situada no agora. Reunidos neste volume, os textos do Bate-Pronto não apenas registram debates de um período específico, mas compõem um sólido arquivo das epistemologias futebolísticas em movimento, convidando à leitura, à escuta e à continuidade do diálogo.

Equipe Editorial do Blog Bate-Pronto

Artigos

- 12 **Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024**
Marcos Vinícius Ferreira Corrêa
- 17 **Notas para pensar los sueños de los futbolistas juveniles**
Federico Czesli
- 25 **O futebol de mulheres no Instagram da confederação brasileira de futebol**
Giovana Liz Silva Neves, Matheus Santana Fernandes, Ester Santos Silva, Talyta Fagundes Teixeira Silva, Ana Gabriela Alves Medeiros
- 31 **Para os campeões da América, Ana e Dudu**
Mariane da Silva Pisani
- 37 **“Vamos todos cantar de coração”: Bolsonaro vai pra prisão... Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso!**
Antonio Soares
- 44 **Tem gay jogando futebol na novela?**
Vanrochris Helbert Vieira
- 52 **A cobertura midiática sobre o futebol de cegos no Brasil**
Talyta Fagundes Teixeira Silva, Ester Santos Silva, Giovana Liz Silva Neves, Matheus Santana Fernandes, Ana Gabriela Alves Medeiros
- 58 **Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino**
Mariane da Silva Pisani
- 65 **Masculinidades tóxicas e proteção a vítimas de estupro no futebol**
Marcos Vinícius Ferreira Corrêa
- 69 **O futebol não inventou o mundo...**
Victor Melo
- 75 **Dérbi multissituado em três atos**
Gabriel M. M. Bocchi, Mariane da Silva Pisani
- 88 **Do estádio às ruas: torcedores contra a violência do Estado na Argentina**
Mariane da Silva Pisani
- 97 **Bruna, presente!**
Caroline Soares de Almeida

Artigos

- 104 **A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro**
Daniel Machado da Conceição, Beatriz de França Alves, Cristiano Mezzaroba
- 112 **Torcidas no estádio: deleites, sedução, violências**
Alexandre Fernandez Vaz
- 117 **Camisa vermelha da seleção brasileira e os novos capítulos da disputa pelos símbolos nacionais**
Marcelo Alves de Resende
- 127 **Museus de futebol, memória e aprendizado: uma passagem pelo Mês Monumental, do River Plate**
Hamilcar Silveira Dantas Junior, Cristiano Mezzaroba
- 133 **Senna: o nascimento de um herói brasileiro**
Carmen Rial
- 142 **Entre a paixão e o lucro: impactos da SAF na identidade dos clubes brasileiros**
Rafaela Marques Rodrigues dos Santos
- 150 **Ritualizando a (des)crença: reflexões sobre o Mundial de Clubes**
Rafael Willian Clemente
- 155 **Drops de viagem – Paris, junho de 2025**
Carmen Rial, Miriam Grossi
- 163 **“O cemitério do futebol está cheio de favoritos”?**
Rafaela Marques Rodrigues dos Santos
- 166 **Treinta años después de la patada de Cantona: fútbol, fascismo y los peligros de la banalización**
Bastián Becerra Benítez
- 171 **Campeonato Brasileiro pode fomentar o turismo e a economia**
Henrique Santos
- 175 **Futebol de camadas jovens e antirracismo**
Marcos Antonio Batista da Silva
- 180 **A crônica esportiva na formação de leitores-escretores**
Rodrigo Bittencourt

Artigos

- 186 **A presença feminina na liderança do futebol é realmente reconhecida?**
Beatriz Mitroff
- 194 **Lapsos de razão em meio à paixão (ou o contrário?)**
Isabelle Lima Barbosa
- 202 **Esporte Seguro no futebol de mulheres brasileiro: uma utopia ou há um caminho?**
Ludmila Mourão, Bárbara Pires
- 209 **Ancelotti e os filhos de Deus**
Carmen Rial, Lucas Cardoso da Silva
- 215 **Pensar e viver futebol: posições marginais no campo**
Rafael Willian Clemente
- 220 **A importância da família na formação de jovens atletas**
Rafaela Marques Rodrigues dos Santos
- 223 **Travelog 2: sobre camisetas, pernas ocultas e clérigos xiitas**
Carmen Rial
- 233 **Os clubes-empresas e a nova dinâmica do mercado do futebol**
George Lucas Ferreira Martins
- 237 **No coração esquecido do futebol**
Demétrio Marguti Coelho
- 242 **Por que falar sobre futebol na escola?**
Jovane Gonçalves dos Santos
- 249 **Entre el “aggro” y el “aguante”: violencia, fútbol y medios de comunicación**
Santiago Riera Sellanes, Alvaro Levin Olivera
- 257 **Mapeamento e análise de publicações sobre racismo no futebol veiculadas no Instagram**
Lucas Carvalho Silva de Jesus, Cristiano Mezzaroba
- 263 **Das sombras à ascensão: estaríamos, finalmente, vivendo uma “era de protagonismo” no futebol de mulheres?**
Gabriela Primeiro Goia

Artigos

- 266 **Depois que os holofotes se apagam: algumas lições sobre a Copa do Mundo de Clubes**
Luiz Henrique Zart
- 272 **Travelogue 3: Sérvia, Coreia do Sul e Bahia**
Carmen Rial

Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

30 de jan.

SOBRE O AUTOR:

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa é doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024 é um artigo de opinião, que evidencia as perspectivas do autor, mas não reflete os posicionamentos institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

CORRÊA, Marcos Vinícius Ferreira. Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.1, 2025.

Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024 © 2025 by Marcos Vinícius Ferreira Corrêa is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Opinião: Emancipação e consciência no The Best FIFA 2024

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

30 de jan.

No dia 17 de dezembro de 2024, acompanhamos de perto a cerimônia do Prêmio FIFA, um evento que vai muito além da simples entrega de títulos. Essa cerimônia se tornou um verdadeiro espetáculo de reconhecimento, representando a convergência de talento, superação e um profundo compromisso social. É nesse contexto que celebramos não apenas a excelência esportiva, mas também a capacidade do futebol de se tornar um instrumento poderoso de emancipação e consciência política. Dentre tantas premiações, algumas merecem o nosso visto cuidadoso e emocionado.

O primeiro nome que ecoa em minha mente é o de Vini Jr., escolhido como o Melhor Jogador da FIFA. Ao seu lado, percebo como sua jornada transcende as quatro linhas do campo. A luta contra o racismo que Vini enfrenta é um desafio monumental. Ele não é apenas um atleta; é uma voz de força e resistência. Sua presença é um ato de coragem que ressoa em milhões de corações, provando que o talento e a dignidade podem se sobrepor à discriminação. A FIFA deu um recado claro ao mundo: o respeito à diversidade é fundamental, especialmente em um país como o Brasil, que sempre foi um caldeirão de culturas e histórias.

A premiação de Marta, a verdadeira rainha do futebol, merece destaque especial. Ao longo de sua carreira, ela rompeu paradigmas e desafiou os estigmas que cercam o futebol praticado por mulheres. Marta não sabe apenas jogar; ela pintou sua história com as cores da luta pela igualdade, transformando o campo em uma sublime obra de arte. Sua determinação e talento abriram portas que antes pareciam intransponíveis, e sua conquista é um testemunho da evolução do esporte, onde cada drible se torna um passo em direção a um futuro mais justo.

Thiago Maia, laureado com o Prêmio *Fair Play*, exemplifica que a empatia e a solidariedade são fundamentais tanto dentro quanto fora do campo. Seu comprometimento em ajudar e salvar vidas de maneira voluntária na tragédia no Rio Grande do Sul vai além do que é esperado de um atleta. Thiago, do Inter, é um verdadeiro herói, que nos lembra de que a essência do futebol também reside na responsabilidade social. Ele é um farol de esperança, mostrando que, muitas vezes, os heróis do cotidiano são aqueles que se preocupam com o bem-estar dos outros.

E não posso deixar de mencionar Guilherme Gandra Moura, o torcedor Gui do Vasco, que foi reconhecido por sua paixão incondicional. Em um mundo que frequentemente fomenta a rivalidade, Guilherme ensina que o amor pelo futebol pode, e deve, unir. Seu exemplo é um chamado à solidariedade entre torcidas, uma mensagem poderosa de que a paixão pelo esporte pode superar qualquer divisão. Ele é a personificação de um discurso que, finalmente, foi ouvido e reconhecido no pódio da FIFA.

À luz de todas essas conquistas, recordo-me das palavras da Professora Carmen Rial, que, em uma entrevista fascinante, destacou a importância de uma perspectiva interdisciplinar no estudo do futebol. Ela mencionou que o INCT Futebol é uma rede que une acadêmicos de diversas disciplinas, como Antropologia, Sociologia e Comunicação, para analisar criticamente o impacto do futebol na sociedade. A pesquisa e a prática no esporte não precisam ser estanques; elas podem – e devem – dialogar. A abordagem interdisciplinar, como ela observou, é essencial para moldar políticas públicas que realmente incorporem o futebol como uma ferramenta de transformação social (Rial; Mezzaroba; Conceição, 2024).

Portanto, ao celebrarmos o Prêmio FIFA de 2024, devemos nos lembrar de que esse evento representa muito mais do que troféus e reconhecimentos. Ele é um testemunho do potencial do esporte de servir como uma plataforma de mudança. Vini Jr., Marta, Thiago Maia e Guilherme Gandra Moura são exemplos vivos de que o futebol pode, de fato, ser um agente de emancipação e consciência. Eles nos mostram que a verdadeira vitória vai além dos gols e troféus; é uma conquista para a humanidade.

Que esse espírito de transformação permaneça presente em nossos corações e que possamos, juntos, continuar a lutar por um mundo mais justo, onde o futebol seja, acima de tudo, um reflexo do que há de melhor na nossa sociedade.

E não posso deixar de mencionar Guilherme Gandra Moura, o torcedor Gui do Vasco, que foi reconhecido por sua paixão incondicional. Em um mundo que frequentemente fomenta a rivalidade, Guilherme ensina que o amor pelo futebol pode, e deve, unir. Seu exemplo é um chamado à solidariedade entre torcidas, uma mensagem poderosa de que a paixão pelo esporte pode superar qualquer divisão. Ele é a personificação de um discurso que, finalmente, foi ouvido e reconhecido no pódio da FIFA.

À luz de todas essas conquistas, recordo-me das palavras da Professora Carmen Rial, que, em uma entrevista fascinante, destacou a importância de uma perspectiva interdisciplinar no estudo do futebol. Ela mencionou que o INCT Futebol é uma rede que une acadêmicos de diversas disciplinas, como Antropologia, Sociologia e Comunicação, para analisar criticamente o impacto do futebol na sociedade. A pesquisa e a prática no esporte não precisam ser estanques; elas podem – e devem – dialogar. A abordagem interdisciplinar, como ela observou, é essencial para moldar políticas públicas que realmente incorporem o futebol como uma ferramenta de transformação social (Rial; Mezzaroba; Conceição, 2024).

Portanto, ao celebrarmos o Prêmio FIFA de 2024, devemos nos lembrar de que esse evento representa muito mais do que troféus e reconhecimentos. Ele é um testemunho do potencial do esporte de servir como uma plataforma de mudança. Vini Jr., Marta, Thiago Maia e Guilherme Gandra Moura são exemplos vivos de que o futebol pode, de fato, ser um agente de emancipação e consciência. Eles nos mostram que a verdadeira vitória vai além dos gols e troféus; é uma conquista para a humanidade.

Que esse espírito de transformação permaneça presente em nossos corações e que possamos, juntos, continuar a lutar por um mundo mais justo, onde o futebol seja, acima de tudo, um reflexo do que há de melhor na nossa sociedade.

Referências:

RIAL, Carmen; MEZZAROBBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. “O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país”: conversa com Carmen Rial. *Ambivalências*, São Cristóvão, SE, v. 12, n. 24, p. 351-371, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/n24p351>. Acesso em: 18 de dez. 2024.

Notas para pensar los sueños de los futbolistas juveniles

Federico Czesli

10 de fev.

SOBRE O AUTOR:

Federico Czesli é doutor em Antropologia Social pela Universidad Nacional de San Martín UNSAM (Buenos Aires, Argentina).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

CZESLI, Federico. Notas para pensar los sueños de los futbolistas juveniles. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.2, 2025.

Notas para pensar los sueños de los futbolistas juveniles. © 2025 by CZESLI, Federico. is licensed under CC BY-NC 4.0

Notas para pensar los sueños de los futbolistas juveniles

Federico Czesli

10 de fev.

Semanas atrás llevé a cabo la defensa de mi tesis de doctorado en Antropología de la Universidad de San Martín, en Buenos Aires. Se trata de un trabajo que analiza la formación de futbolistas y los factores que permiten que se desarrolle el “sueño” de convertirse en profesional. En este artículo, entonces, quisiera compartir algunos de los resultados del estudio.

Entre los objetivos de la investigación se procuró comprender cómo se produce la adopción del gusto por el fútbol y cómo surge la aspiración por convertirse en profesional; qué significaciones circulan en torno de la categoría “formación” y qué sueños y aspiraciones asocian los jugadores a la carrera futbolística. La metodología de investigación, en tanto, incluyó tres estrategias de construcción de datos: una observación participante entre 2019 y 2022 en las categorías juveniles del Club Atletico Excursionistas, 16 entrevistas en profundidad con juveniles de la categoría en 2002, cinco más con padres de los jugadores, y una encuesta autoadministrada con 39 preguntas orientadas a indagar sobre las condiciones socioeconómicas con las que atraviesan sus carreras.

En términos conceptuales el trabajo se estructuró a través de la teoría sociológica de Pierre Bourdieu y, a partir de esa perspectiva, se observó las relaciones entre los condicionantes y la capacidad de agencia de los juveniles. En este punto, fue inspiradora la propuesta de la antropóloga estadounidense Sherry Ortner, quien propuso que la agencia “no es una voluntad originaria o natural, sino que adopta la forma de deseos e intenciones específicos dentro de una matriz de subjetividad, de sentimientos, pensamientos y significados (culturalmente constituidos)” (Ortner, 2016, p. 131).

Esta concepción, que se complementa con una del sujeto como “un ser existencialmente complejo que siente, piensa y reflexiona, que da y busca sentido” (Ibidem, p. 130), me llevó a observar en el camino hacia el profesionalismo las intenciones de los jugadores, los esfuerzos por sobreponerse a las adversidades y las relaciones que establecen en el camino con el objetivo de alcanzar su propósito.

Hecha la introducción, presentaré a continuación tres de los resultados salientes:

1. Una multideterminación de factores contribuyen al apego

La etnografía realizada confirma algunos de los condicionantes para la promoción del apego de los niños al fútbol que son recurrentes en la literatura sobre la materia (Bertrand, 2012; Billet, 2010; Côté, 1999; Moraes; Rabelo; Salmela, 2004; Vianna Júnior, 2002; entre otros). Es central la influencia familiar, con especial énfasis en las figuras masculinas adultas (padres, tíos, hermanos mayores), que propician los primeros juegos con pelota, llevan al chico a la cancha o juegan ellos mismos. Esos partidos barriales, a los que los chicos asisten, establecen horizontes de referencia para los aspirantes, como propuso el sociólogo francés Julien Bertrand (2012).

Este tipo de experiencias familiares y vinculadas al género en la primera infancia propician la “adhesión inmediata”, que los niños se predispongan a “jugar el juego” y la “illusio”, es decir, la asunción de que la carrera tiene sentido, que las apuestas son importantes y dignas de ser perseguidas (Bourdieu, 2014, p. 40). Sin embargo, a partir de la lectura que Bernard Lahire realizó del trabajo de Bourdieu, se procuró poner en tensión la mirada bourdieana y complejizar el repertorio de condicionantes sobre la carrera.

Con ese horizonte, la etnografía mostró que además de la familia es central el ingreso a la escolita de fútbol, que en Argentina se denomina “el baby”. No solo porque allí se aprenden las bases de la técnica deportiva, sino porque también constituye un espacio de disfrute vinculado al fútbol y se trata del primer espacio de selección de los jugadores más aptos. Es así central el rol de esos primeros entrenadores, que suelen tener una conversación personal con los jugadores en las que les dicen que “les ven condiciones”, que los instan a esforzarse y que los llevan a clubes más importantes, en ocasiones afiliados a la AFA o a practicar en cancha de once.

Este ingreso a otros clubes genera la necesidad de una organización familiar que posibilite asistir a los numerosos entrenamientos, así como recursos económicos para solventarlo. En este punto aparecen centralmente las madres y abuelos –que son quienes acompañan a los aspirantes en los distintos clubes y que atraviesan con ellos la ciudad– más las relaciones entre familias, que se organizan para llevar y buscar a los chicos de los distintos clubes. Esta organización y los “sacrificios” realizados se convertirán, años más tarde, en uno de los factores de apego de los juveniles al fútbol, ya que piensan su carrera y sus esfuerzos como un modo

de reciprocarse lo hecho por sus familiares, idea que entra en vinculación con la propuesta de Ariel Damo sobre el don.

2. Promesas que son etiquetas

Además de la influencia masculina, la influencia de los entrenadores, el espacio de disfrute y la organización familiar, el estudio mostró otros factores que influyen en el desarrollo de la aspiración al profesionalismo. Uno de los aportes del trabajo consistió en observar la trama de relaciones que se establecen al interior de los clubes de baby. Las horas que pasan los niños entrenando y jugando en el club –que muchas veces se extiende a los fines de semana– generan vínculos de amistad y disfrute entre familias que constituyen lo que en la tesis he denominado un “micromundo” del club. En ese espacio los chicos talentosos se hacen conocidos y se habla de aquellos que se destacan en términos de “promesa”, de “proyecto”.

Se produce así una pequeña popularidad local que habilita la fantasía y mediante la cual los chicos van adquiriendo la sensación de que son excepcionales. Esta primera fama, que necesariamente se sostiene sobre éxitos deportivos, los ubica progresivamente en posiciones de prestigio. A partir de estas observaciones la tesis postula que los niños talentosos son “etiquetados” (Becker, 2009) como “cracks”, como “promesas”, y que este etiquetado involucra “emociones adheridas” (Ahmed, 2015).

La noción de “etiquetado” resultó productiva para pensar cómo se transforma el modo en que los jugadores se relacionan con su entorno, ya que familiares y adultos cercanos los observan a partir de esa posición. En tanto, la noción de “emoción adherida” de Ahmed permitió poner el centro en el jugador mismo, para pensar cómo a partir de ese etiquetado son los jugadores los que impulsan sus propias carreras y motorizan que sus familias se organicen para aprovechar “la oportunidad”. Estas observaciones posibilitaron correr el foco de la idea –recurrente en la opinión pública en Argentina– de que los niños adoptan la carrera por presión familiar o por una estructura de actores –clubes, familiares e intermediarios– que buscan sacar provecho de su talento.

En este sentido, el estudio propone que este etiquetado que se produce en la primera infancia tiene carácter performativo, entendiéndolo como capacidad generadora, motor de trayectorias, potencia “para crear realidades y construir mundos y no meramente ‘representarlos’” (Arfuch, 2018, p. 60). De manera similar, el trabajo observa que una serie de relatos familiares que asocian al jugador con su pertenencia originaria al fútbol (“iba a entrenar con la mamadera”, por ejemplo) también operan de manera performativa, ya que constituyen relatos desde los cuales los aspirantes dan sentido a sus trayectorias y porque posibilitan el apego a la práctica cuando

los juveniles deben enfrentar las adversidades deportivas.

3. La dimensión material y la contingencia de los sueños

En el estudio se despliega un análisis de los sueños de los futbolistas juveniles, y se establece un diálogo con diversas perspectivas teóricas que analizaron la influencia de las aspiraciones en el impulso hacia la acción de individuos y colectivos. A partir de los datos construidos y del relevamiento de perspectivas se propuso un debate con los antropólogos Marc Augé y Arjun Appadurai, no solo porque han influenciado muchos otros textos (para el caso del fútbol: Pimenta, 2008; ou Anjos; Saneto; Oliveira, 2012) sino porque ambos dotan a la capacidad de soñar de un potencial transformador.

En el caso de Appadurai, uno de sus ejes es “el trabajo de la imaginación”, a la que piensa como una energía cotidiana y parte estructural de la reproducción social. A diferencia de Bourdieu –de quien sostiene que posee una huella estructuralista y una agencia economicista que no le permiten ver la improvisación social (Appadurai, 2016)– encuentra en la imaginación un potencial emancipador, porque posibilitaría que “incluso la peor y más miserable de las vidas, las circunstancias más inhumanas y brutales, las desigualdades más duras y crueles actualmente estén abiertas al juego de la imaginación” (*Ibidem*, p. 69).

En paralelo, Augé (1998) propone que, en un contexto de globalización, las imágenes massmediáticas modificaron las condiciones de circulación y simbolización de representaciones colectivas, y propiciaron una tendencia a la homogeneización. Frente a dichas posiciones, se propusieron dos miradas: la necesidad de pensar “la dimensión material de la imaginación” y “la contingencia del sueño”.

Mediante la primera no hago referencia a que sea el origen socioeconómico de los jugadores el que condicione la imaginación –algo que se correspondería con la noción de *habitus*–, sino que es la evolución propiamente deportiva la que habilita imaginar objetivos alcanzables. Es decir que los juveniles eran conscientes de que competían en un club de que militaba en Cuarta categoría, que sabían que pegar el salto al profesionalismo no implicaba adquirir inmediatamente un buen pasar económico y que sus sueños se habían ido transformando progresivamente en función de esa posición específica. Esto implica que las aspiraciones tienen un correlato con la posición presente que ocupan, que no se sueña en abstracto sino que hay una vinculación con aquello que se considera factible y que la posibilidad de alcanzarlo toma la forma de aquello que lo material posibilita. Las aspiraciones precisan un relato posible para tornarse verosímiles.

En segundo lugar, en una carrera con altos niveles de incertidumbre como la futbolística, la etnografía mostró que los sueños de los juveniles son contingentes, es decir que se sostienen sobre una continua revalidación deportiva, partido a partido, temporada tras temporada y que se van transformando en función de los resultados deportivos. Inclusive, que las aspiraciones se ven más condicionadas por los resultados deportivos y la evolución en la carrera futbolística que por las condiciones materiales de origen de los juveniles.

Finalmente, el estudio muestra que, si bien la globalización y los medios masivos influyen sobre las imágenes con las que sueñan los jugadores, estas están mediadas por las relaciones locales. Las identificaciones con figuras adultas en la primera infancia, así como con otros juveniles con los que juegan en el barrio y que logran pasar a ser profesionales, constituyen insumos centrales en la configuración de experiencias y modos de hacer. Son, además, proveedoras de contactos que permiten darles continuidad a las carreras y de potenciales intermediarios o representantes.

Para cerrar, solo un dato más. Esta mediación local tiene en el caso argentino al “barrio” como nodo de significación central. El barrio –que debe ser pensado como territorio, como construcción que conjuga ámbito físico, actores y actividades al modo en que Rosana Guber (2013) piensa la noción de campo– es construido por los clubes como espacio de caos, de ausencia de orden y de disciplina. El ingreso a las juveniles y la adopción de la carrera futbolística, entonces, involucra una progresiva diferenciación de la imagen del jugador de barrio y de los jóvenes que “se pierden” en la esquina. En este punto la formación futbolística expresa una continuidad con el carácter social de los clubes –que en Argentina no son empresas sino asociaciones civiles sin fines de lucro– y “formar” es asociado no solo a disciplinar sino también a promover el ascetismo y la autodisciplina.

Referências:

AHMED, Sara. *La política cultural de las emociones*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

ANJOS, José Luiz dos; SANETO; Juliana Guimaraes; OLIVEIRA Andrea Anchieta. Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. *In: Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-147, jan./mar. 2012.

APPADURAI, Arjun. *El futuro como hecho cultural: ensayos sobre la condición global*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2016.

ARFUCH, Leonor. *La vida narrada: memoria, subjetividad y política*. Villa María: Eduvim, 2018.

AUGÉ, Marc. *La guerra de los sueños*. Barcelona: Gedisa, 1988.

BECKER, Howard. *Outsiders: hacia una sociología de la desviación*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

BERTRAND, Julien. *La fabrique des footballeurs*. París: La Dispute; Corps Santé, 2012.

BILLET, Eric. *La formation du footballeur amateur: socio-ethnographie de la construction du goût, des dispositions et des savoir-faire footballistiques*. Tese de doutorado (Université Victor Segalen Bordeaux 2), 2010.

BOURDIEU, Pierre. Cuestiones sobre el arte a partir de una escuela de arte cuestionada. *In: El sentido social del gusto: elementos para una sociología de la cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.

CÔTÉ, Jean. The Influence of the Family in the Development of Talent in Sport. *Sport Psychologist*, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

GUBER, Rosana. *El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

LAHIRE, Bernard. *El hombre plural: los resortes de la acción*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 1998.

LAHIRE, Bernard. *La construcción social de la singularidad: individuos, instituciones y socializaciones*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2023.

MORAES, Luiz Carlos; RABELO, André Scotti; SALMELA, John Henry. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *In: Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

ORTNER, Sherry. *Antropología y teoría social: cultura, poder y agencia*. San Martín: UNSAM Edita, 2016.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. *In: Ponto-e-Vírgula*, n. 3, p. 112-129, 2008.

VIANNA JÚNIOR, Newton Santos. *A influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis*. Dissertação de mestrado (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais), Belo Horizonte, 2002.

O futebol de mulheres no Instagram da confederação brasileira de futebol

Giovana Liz Silva Neves (UNEB)

Matheus Santana Fernandes (UNEB)

Ester Santos Silva (UNEB)

Talyta Fagundes Teixeira Silva (UNEB)

Ana Gabriela Alves Medeiros (UNEB)

14 de fev.

SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR:

Giovana Liz Silva Neves, Matheus Santana Fernandes, Ester Santos Silva e Talyta Fagundes Teixeira Silva são discentes do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus XII).

Ana Gabriela Alves Medeiros é Professora Adjunta do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus XII).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pelas autoras e pelo autor no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis.

COMO CITAR:

SILVA NEVES, Giovana; SANTANA FERNANDES, Matheus; SANTOS SILVA, Ester; FAGUNDES TEIXEIRA, Talyta; ALVES MEDEIROS, Ana Gabriela. O futebol de mulheres no Instagram da confederação brasileira de futebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.3, 2025.

O futebol de mulheres no Instagram da confederação brasileira de futebol
© 2025 by SILVA NEVES, Giovana; SANTANA FERNANDES, Matheus; SANTOS SILVA, Ester; FAGUNDES TEIXEIRA, Talyta; ALVES MEDEIROS, Ana Gabriela.
is licensed under CC BY-NC 4.0

O futebol de mulheres no Instagram da confederação brasileira de futebol

Giovana Liz Silva Neves (UNEB)

Matheus Santana Fernandes (UNEB)

Ester Santos Silva (UNEB)

Talyta Fagundes Teixeira Silva (UNEB)

Ana Gabriela Alves Medeiros (UNEB)

14 de fev.

A trajetória do futebol de mulheres no Brasil evidencia as complexas dinâmicas de preconceito, discriminação, resistência e superação que refletem a construção sociocultural de gênero e suas implicações simbólicas e práticas. As mulheres enfrentaram barreiras significativas, com a proibição da prática de esportes considerados “incompatíveis” com sua natureza, estabelecida pelo Decreto-lei nº 3.199 de 1941, vigente até 1979. Essa discriminação retardou o desenvolvimento da modalidade no país e resultou em consequências estruturais perceptíveis até os dias atuais (Goellner, 2021).

Ao analisar o cenário futebolístico nacional e o estatuto da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), observa-se que o principal objetivo da entidade é liderar, promover e fomentar a prática do futebol no Brasil. Isso é realizado por meio da gestão das Seleções Brasileiras de futebol de homens e de mulheres e da organização das competições nacionais, tanto profissionais quanto de base. No entanto, o futebol de mulheres foi negligenciado durante muito tempo. Essa conjuntura só foi aprimorada recentemente a partir de posicionamentos de entidades internacionais que administram o futebol, nomeadamente a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) (Martins; Delarmelina; Souza, 2023).

Diante desse contexto, é crucial considerar que, no cenário do futebol de mulheres, a Confederação Brasileira possui um histórico controverso de escândalos e fraudes, raramente mantendo mulheres em cargos de liderança e falhando em fornecer apoio às jogadoras (Almeida, 2019). Essa combinação de desenvolvimento tardio e gestão inadequada revela os desafios enfrentados pelo futebol de mulheres no Brasil e realça a necessidade de mudanças estruturais para combater a desigualdade no esporte.

Nesse contexto, destaca-se que os meios de comunicação desempenham

um papel crucial na difusão e conformação do esporte, em seus múltiplos contextos e atores sociais. No que tange especificamente ao futebol de mulheres, estudos têm revelado uma tendência sazonal e efêmera na abordagem do referido esporte nos meios midiáticos, em que a cobertura se restringe a competições internacionais, com foco na comparação com o futebol praticado por homens e na supervalorização da aparência física em detrimento do desempenho esportivo das atletas (Martins; Moraes, 2007).

Contudo, observa-se um aumento gradual na visibilidade do futebol de mulheres, demonstrando uma ampliação quantitativa e qualitativa dos meios midiáticos e dos temas abordados (Goellner, 2021). Acrescenta-se a este cenário a ascensão das redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter, que têm proporcionado uma maior interação, engajamento e mobilização de fãs, atletas, entidades e jornalismo esportivo, além de viabilizar a disseminação de informações em tempo real.

Isto posto, as redes sociais oferecem às instituições esportivas, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), uma plataforma poderosa para se conectar com os fãs, promover o esporte, compartilhar conteúdo relevante e exclusivo, bem como promover eventos relacionados à modalidade. Cabe salientar que dentre as quatro redes sociais em que a CBF está presente – Facebook, Instagram, X e YouTube –, o Instagram é a mais popular, contando com mais de 17 milhões de seguidores.

Nesse sentido, temos conduzido uma pesquisa de Iniciação Científica, visando identificar e analisar as representações do futebol de mulheres na conta oficial da CBF no Instagram, considerando o papel significativo da plataforma no engajamento, na formação de opiniões e na (des)construção de estereótipos de gênero. Ao focalizar a conta oficial da CBF, buscou-se compreender como a organização utiliza estrategicamente o Instagram para promover o futebol de mulheres e contribuir ativamente para a transformação do cenário esportivo em termos de igualdade de gênero.

Ancorada na abordagem qualitativa, a pesquisa desenvolveu-se a partir de uma etnografia virtual (ou netnografia). Sendo assim, para analisarmos as representações sobre o futebol de mulheres no contexto virtual, recorreremos à conta oficial da Confederação Brasileira de Futebol no Instagram: @cbf_futebol.

A partir da técnica de observação oculta, em que se é mantido o anonimato do/a pesquisador/a, foram selecionadas publicações e interações veiculadas no *feed* de notícias (fluxo de conteúdo visual e textual mostrado em bloco sequencial, considerado como uma “vitrine” do usuário) da CBF no *Instagram*. Cabe destacar que os usuários do *Instagram* não necessitam de autorização para acesso a informações, comentários e postagens da página da CBF.

Tendo em conta que a última edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino ocorreu em 2023, entre os dias de 20 de julho e 20 de agosto, a recolha dos dados foi realizada nos marcos de um recorte cronológico correspondente ao período de 19 de junho a 20 de setembro de 2023, abrangendo assim o período anterior, durante e após a maior competição internacional do futebol de mulheres.

Durante o processo de coleta dos dados, utilizou-se uma ficha de catalogação como ferramenta de seleção, registro e sistematização das informações. Uma vez recolhidos e organizados os dados, recorreremos à Análise do Discurso (Orlandi, 2009) para análise e interpretação das representações do futebol de mulheres na conta oficial da CBF no Instagram.

Considerando que a presente pesquisa encontra-se na fase de sistematização e análise dos dados, apresentaremos brevemente uma descrição das publicações catalogadas. Um total de 189 publicações foram identificadas e organizadas nos seguintes períodos: um mês antes da Copa do Mundo de 2023 (19 de junho a 19 de julho de 2023), o mês da competição (20 de julho a 20 de agosto de 2023) e um mês após o evento (21 de agosto a 20 de setembro de 2023).

No período que precedeu à competição, foram identificadas 77 publicações, incluindo a seleção de influenciadores digitais que acompanhariam a equipe brasileira, convocações de atletas, amistoso internacional, chegada das jogadoras à Austrália (um dos países sede da Copa), divulgações dos jogos, numeração oficial, imagens e vídeos de treinos, além da disputa de jogo/treino amistoso contra a China, no qual a equipe brasileira saiu vitoriosa. Também foram abordados vídeos curtos com a apresentação pessoal das atletas, realizados em parceria com a CBF TV.

Durante a Copa do Mundo, destacam-se 104 publicações, focadas principalmente nos treinos, informações sobre os jogos, como data, horário e onde assistir, e a cobertura dos jogos, com escalação, aquecimento, gols e resultados das partidas disputadas pela seleção brasileira. Contudo, o Brasil não conseguiu avançar na competição, sendo eliminado na fase de grupos. Assim, a última publicação neste período foi no dia 02 de agosto, compreendendo apenas 13 dias de cobertura.

Vale salientar uma publicação após a eliminação do Brasil com um comunicado do presidente da CBF, anunciando um aumento de investimento no futebol de mulheres, sobretudo nas categorias sub-15 e sub-17, e ressaltando a ampla cobertura jornalística da seleção brasileira, tanto no Brasil quanto na Austrália.

No último mês analisado, após a Copa do Mundo de Futebol Feminino, o Instagram da CBF apresentou apenas 8 publicações relevantes sobre o futebol de mulheres. Essas postagens incluíram a demissão da técnica Pia Sundhage e a contratação da nova comissão técnica liderada por Arthur Elias, entrevistas com a nova comissão técnica, e resultados de jogos da seleção brasileira na Liga de Desenvolvimento Sub-19 da CONMEBOL.

Uma pré-análise dos dados indica que, durante o período observado, as publicações no Instagram da CBF focaram na cobertura da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol Feminino, destacando aspectos jornalísticos, de entretenimento e interação com os seguidores. No entanto, após a eliminação do Brasil na competição, não houve publicações sobre o futebol de mulheres por quase um mês.

O Instagram da CBF consiste em uma ferramenta importante para a promoção e valorização do futebol de mulheres no Brasil, assim, consideramos que as narrativas de visibilidade e apoio poderiam ser intensificadas, especialmente durante eventos de grande destaque como a Copa do Mundo.

Referências:

ALMEIDA, C. S. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. *Movimento*, v. 27, jan./dez. 2021.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática, Goiânia*, v. 1, n. 10, p. 69-81, 2007.

MARTINS, M. Z.; DELARMELINA, G. B.; SOUZA, L. C. Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. *FuLiA/UFMG*, v. 8, n. 3, p. 59-81, 2023.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

Para os campeões da América, Ana e Dudu

Mariane da Silva Pisani

21 de fev.

SOBRE A AUTORA:

Mariane da Silva Pisani é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS). É vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Este texto é a adaptação de um artigo publicado originalmente na coluna Esportes Rebeldes do Brasil de Fato em 6 de dezembro de 2024.

COMO CITAR:

PISANI, Mariane. Para os campeões da América, Ana e Dudu. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.4, 2025.

Para os campeões da América, Ana e Dudu. © 2025 by PISANI, Mariane. is licensed under CC BY-NC 4.0

Para os campeões da América, Ana e Dudu

Mariane da Silva Pisani

21 de fev.

No texto a seguir, a autora conta como foi a experiência de acompanhar um casal de torcedores do Botafogo na final da Libertadores de 2024, em Buenos Aires.

Ana e Dudu são um casal apaixonado pelo Botafogo (imagem ilustrativa criada com DALL-E)



No dia 30 de novembro de 2024, a cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, recebeu a partida final da Copa Libertadores da América. Para os desavisados de plantão, a Libertadores é, talvez, o maior e mais importante torneio de clubes da América do Sul, uma vez que possui não apenas um elevado nível de competitividade esportiva, mas representa a paixão social e cultural pelo futebol que une o continente. Assim, mais do que um mero jogo, a final da Libertadores é um espetáculo que transcende fronteiras físicas e simbólicas.

Dessa forma, as equipes Botafogo e Atlético Mineiro protagonizaram uma disputa emocionante e histórica que certamente será lembrada por alguns lances como, por exemplo, a expulsão do jogador Gregore nos trinta primeiros segundos da partida ou o gol marcado por Junior Santos, nos últimos 30 segundos da prorrogação do segundo tempo. Diga-se de passagem, ambos são jogadores do Botafogo. De qualquer maneira, as emoções não ficaram restritas apenas ao campo, aos lances ou aos 22 jogadores, elas viajaram 38 horas, por três mil quilômetros, no coração do casal de torcedores botafoguenses Ana (30 anos) e Dudu (33 anos).

Ana e Dudu se conheceram no ano de 2021, durante a Pandemia de Covid-19. Inicialmente, conversaram por aplicativo de mensagens e, depois de

algum tempo, resolveram que era o momento de marcar o primeiro encontro presencial. Ele aconteceu ao ar livre, em um parque onde Ana costumava fazer suas caminhadas no final de cada dia. Ela me disse que, assim que eles se conheceram, “uma das primeiras perguntas que Dudu me fez foi para saber para qual time eu torcia. Eu parei, olhei e devolvi a pergunta na hora: para qual time você torce?”. O match estava feito: para além de outras questões em comum, ambos eram igualmente apaixonados e torcedores do Botafogo.

No dia 28 de novembro, dois dias antes da final, quando nos encontramos no Gambino Bar – bar temático brasileiro localizado na rua Carlos Gardel, em Buenos Aires – Ana e Dudu me contaram um pouco dos preparativos da viagem. Segundo eles, tão logo o Botafogo ganhou de 5 a 0 do Peñarol, em 23 de outubro, ambos sabiam que teriam que vir à Argentina para acompanhar de perto a final.

Como já haviam passado a virada de ano em terras portenhas, resolveram repetir a viagem de carro, percorrendo a distância entre Brasília, onde moram e trabalham, e Buenos Aires, onde assistiram a final. Ana relatou que gastaram, em cada ingresso, pouco mais de mil reais, fazendo a ressalva: “Eu não pagaria esse valor para assistir nenhum artista, seja brasileiro ou estrangeiro. Mas já pelo Botafogo...”. Absolutamente tudo vale a pena quando se trata do time do coração.

A viagem durou dois dias e foram feitas algumas paradas ao longo do caminho. Na fronteira que separa Brasil e Argentina, precisaram lidar com algumas “burocracias”. Os policiais argentinos informaram que aplicariam uma multa porque o carro do casal não possuía extintor de incêndio. Convém lembrar que, no ano de 2015, o Contran decidiu que os veículos de passeio brasileiros não precisam mais carregar o equipamento. Mas não parou por aí. Os policiais argentinos prosseguiram informando que tudo se “negocia”, oferecendo a oportunidade ao casal de contribuir espontaneamente com alguma quantia em dinheiro para evitar a aplicação da multa. Dudu, entre risos, falou que já sabia que isso aconteceria. Assim, por precaução, ele e Ana deixaram, cada um, três notas de 10 reais dentro da carteira. Depois de pagar 60 reais ao policial, foram liberados para entrar no país.

No dia 30 de novembro, sábado, nos encontramos outra vez. Fomos almoçar antes da partida, que iniciaria às 17h no Estádio Mês Monumental, que é o maior estádio da Argentina e da América do Sul, com capacidade para quase 85 mil lugares. O primeiro restaurante que escolhemos estava fechado, atendendo exclusivamente os torcedores do Atlético Mineiro. Caminhamos mais algumas quadras e nos sentamos em uma pizzaria simpática que atendia tanto atleticanos quanto botafoguenses. Ali almoça-

mos, conversamos e rimos um pouco antes da partida. Cada vez que um grupo de torcedores passava pela calçada fazia questão de gritar para dentro do estabelecimento, assim ora ouvíamos gritos de “Galo”, ora ouvíamos gritos de “Fogo”. Apesar das provocações entre torcedores brasileiros, a animosidade ficou por conta da vizinhança portenha que, de dentro dos seus apartamentos, atiravam baldes de água (assim esperamos!) nos torcedores brasileiros que caminhavam na calçada em direção ao estádio.

Desde que me mudei para Buenos Aires para fazer meu estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires, no começo de 2024, me propus assistir tantos jogos de futebol quantos fossem possíveis. Afinal, futebol (independente da equipe que joga) faz parte dos meus interesses particulares e também de pesquisa. Para esta final de Libertadores acabei comprando os ingressos mais baratos que encontrei e assim assisti à partida entre os torcedores do Atlético Mineiro. Pouco antes de nos separarmos para assistir ao jogo, perguntei a Ana e Dudu por que resolveram viajar tão longe e por tanto tempo só para ver o Botafogo jogar.

Ana explicou, evocando passagens, memórias e cenas que apenas um torcedor verdadeiramente apaixonado por seu time consegue compreender: “Eu, como botafoguense, vim porque a gente nunca viveu isso. Meu avô era botafoguense. Meu pai, que eu perdi na pandemia, era botafoguense. Acompanhar o Botafogo durante meus trinta anos de idade fez com que eu investisse tudo o que eu tinha para estar aqui nesse momento. Eu brinco com o Dudu que não há preço para ver a história sendo feita, e talvez hoje a gente veja nossa história sendo feita”.

Perguntei, então, quais eram as expectativas para o jogo e Ana seguiu falando: “Mari, são as melhores possíveis! E é uma expectativa de certeza da vitória, mas também certeza de que o que vivemos nos últimos três dias aqui, independente do resultado, é inesquecível. É uma coisa que eu vou desejar que meus filhos vivam, que meus netos e bisnetos vivam. Isso aqui não tem preço”, disse ela enquanto apontava para os demais torcedores do Botafogo. “É uma história que passa de pai para filho e para filha”, completou.

Nesse momento, Dudu, que também perdeu o pai botafoguense durante a pandemia, estava com lágrimas nos olhos. A emoção não o deixou falar ou sequer responder às minhas perguntas. Enquanto escrevo este texto, compreendo que, naquele momento, não eram necessárias quaisquer palavras para se comunicar ou se fazer entender. Os silêncios guardam verdades profundas. E como é próprio dos amores que se bem entendem em silêncio, Dudu concordou acenando a cabeça e, olhando para Ana, lhe deu um abraço e um beijo repletos de cumplicidade. Se aproximava a hora

de procurarmos nossos portões de entrada. Sorri, abracei-os e desejei um jogo inesquecível.

Felizmente, meu desejo se tornou realidade, pois, ainda que Gregore tenha sido expulso com apenas 30 segundos iniciais de jogo, a equipe conseguiu marcar três gols contra apenas um gol do Atlético Mineiro. Assim, pela primeira vez, o Botafogo sagrou-se campeão da Copa Libertadores da América, e Dudu e Ana puderam ver, diante dos seus olhos, a história botafoguense sendo feita.

Ao final da partida consegui encontrá-los e acompanhar as celebrações pela vitória até as 5h da manhã do dia seguinte. A cada grupo de torcedores botafoguenses que passavam por nós nas ruas de Buenos Aires, Dudu ou Ana faziam a mesma pergunta “Você é campeão da América?”. Ao que eram recebidos com abraços calorosos, gritos de “Fogo” e sonoras respostas: “Eu sou e você também!”.

Os momentos de celebração e as interações vividas nesse pós-jogo por si só dariam outro texto. Contudo, o que quero destacar aqui é que a história de Ana e Dudu não é apenas sobre viajar três mil quilômetros, passar alguns perrengues no meio do caminho e viver uma final exitosa da Copa Libertadores. O que já seria bastante. A história deles nos faz ir além, pois fala de conexões que somente o futebol pode proporcionar.

A primeira conexão que podemos destacar é aquela que diz respeito aos significados do torcer. Ser torcedor é mais do que acompanhar diariamente um time, comprar camisetas e/ou fazer parte de torcidas organizadas. Ser torcedor é também carregar consigo uma espécie de herança ou tradição familiar, que é passada e atravessa gerações, ou seja, de avôs-pais e avós-mães para netos-filhos e netas-filhas. Ana e Dudu trouxeram para Buenos Aires não apenas sua enorme paixão pelo Botafogo, mas também as memórias futebolísticas vividas em conjunto com seus pais e avós e tudo aquilo que elas representam na construção de suas identidades enquanto torcedores. Nas comemorações pós-jogo, inclusive, foi momento de relembrar as vezes em que eles assistiram partidas do Botafogo juntos com seus pais, seja através da televisão ou nos estádios.

Na experiência de Ana e Dudu, torcer para o Botafogo, na final da Libertadores em Buenos Aires, se tornou também ato de pertencimento, de amor, de memória, de conexão com o passado e com os familiares que já não estão mais presentes fisicamente. Por um lado, torcer foi o elo que os reconectou com partes das suas histórias pessoais, por outro lado, foi algo que os ligou a um propósito coletivo mais amplo. Quando Ana apontava para os outros botafoguenses na entrada do estádio, ela reforçava que o futebol não é apenas espaço de lazer, mas também local para criar uma

narrativa compartilhada que conecta o passado, o presente e o futuro de cada torcedor, unindo histórias individuais em uma grande trama coletiva.

Uma segunda conexão que emerge da experiência de Dudu e Ana é o pensamento de que o futebol é um esporte que transcende barreiras, sejam elas idiomáticas, culturais e até mesmo geográficas. Torcer pelos nossos times do coração é uma experiência de pertencimento que não se mede por distâncias percorridas ou recursos investidos. Quando Ana e Dudu cruzaram três mil quilômetros para ver o Botafogo disputar sua primeira final de Libertadores, eles não estavam apenas seguindo um time; estavam reafirmando o valor do que representa ser botafoguense – uma identidade que carrega histórias de vida, legados familiares e sonhos compartilhados. Essa jornada mostra que, para quem ama futebol, os conceitos de “longe” ou “impossível” deixam de existir.

Por fim, uma terceira conexão que podemos destacar, e que para mim é a mais importante, é que o futebol não é um mero esporte, mas antes um fenômeno cultural que carrega em si manifestações emocionais fortes e muito poderosas. O futebol possui linguagem única, capaz de transformar estádios e arquibancadas em territórios de conexão humana e celebração coletiva, assim nos oferece um espaço onde os sonhos, as histórias de família, as identidades individuais e as coletivas se entrelaçam. No abraço emocionado e silencioso de Dudu, é possível perceber uma síntese das muitas emoções vividas por torcedores e torcedoras: o amor nem sempre precisa se expressar através de palavras, às vezes, tudo o que o amor precisa é de uma bola rolando em campo, de fé, de uma pitada de loucura e de uma paixão inabalável.

Aos meus queridos amigos Ana e Dudu, Campeões da América, é tempo de Botafogo!

“Vamos todos cantar de coração”: Bolsonaro vai pra prisão... Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso!

Antonio Soares

27 de fev.

SOBRE O AUTOR:

Antonio Jorge Gonçalves Soares é Professor Visitante da UFRN, Professor Titular da UFRJ e membro do INCT Futebol. É doutor e mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Também é um dos editores do blog Bate-Pronto.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. “Vamos todos cantar de coração”: Bolsonaro vai pra prisão... Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso!. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.5, 2025.

“Vamos todos cantar de coração”: Bolsonaro vai pra prisão... Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso! © 2025 by SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. is licensed under CC BY-NC-SA 4.0

“Vamos todos cantar de coração”: Bolsonaro vai pra prisão... Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso!

Antonio Soares

27 de fev.

No texto a seguir, o autor aborda os significados por trás de uma manifestação da torcida do Vasco à presença do ex-presidente Bolsonaro em um dos jogos da equipe:



*Vamos todos cantar de coração
A cruz de malta é o meu pendão
Tu tens um nome do heroico português
Vasco da Gama, a tua fama assim se fez*

*Tua imensa torcida é bem feliz
Norte-sul, norte-sul deste Brasil
Tua estrela, na Terra a brilhar, ilumina
o mar*

*No atletismo, és um braço
No remo, és imortal
No futebol, és o traço
De união Brasil-Portugal¹*

Dedico este texto ao Silvio e à Leda, vascaínos aguerridos.

O processo de socialização como torcedor de futebol apresenta muitas possibilidades, mas, em geral, ele ocorre no seio familiar. Me tornei vascaíno por influência da socialização familiar. Neto de portugueses, cresci em uma família vascaína, desde meus avós paternos e maternos até meu pai. Acredito que fui ao meu primeiro jogo do Vasco por volta dos 10 anos de idade e devo ter ganhado minha primeira camisa aos 13. Costumava ir aos jogos com meu pai até os 15 anos, mas ele nunca permitia que usássemos a camisa cruz-maltina, pois sempre profetizava que “ir com a camisa do clube aos jogos era um bom estopim para arrumar confusão”. Depois, ia ao antigo “Maraca” com a galera do bairro, que tinha uma colônia de portugueses.

A socialização familiar no futebol é muito forte. Minha filha, hoje na adolescência, estuda em uma escola da Zona Sul do Rio de Janeiro e, em determinado momento, me perguntou qual era o meu time. Respondi: “sou um vascaíno meia tigela”. Como suas amigas já tinham times associados às preferências familiares, ela decidiu que também era, por reflexo, vascaína.

Pediu uma camisa, e, claro, eu comprei. Nunca foi a um jogo, nunca me pediu para levá-la, mas como todos seus colegas possuem um time, ela também arrumou um para chamar de seu.

Lembro-me das finais do Campeonato Brasileiro de 1974, quando o Vasco disputou o título em dois jogos no Maracanã. Abro um parêntese: nessa época, eu era um vascaíno de verdade. Até rezava, sem saber para quem, para o Vasco ganhar. Estava no Maracanã no primeiro jogo contra o Internacional. Começamos vencendo por 2 a 0, placar que garantiria a primeira conquista nacional do clube. No entanto, o Inter reagiu e empatou a partida, adiando o sonho do título.² Destaque-se que o time do Inter tinha na sua equipe Manga, Figueroa, Falcão, Paulo César Carpegiani, Ecurinho e Lula. Com isso, a decisão ficou para o confronto contra o Cruzeiro, que contava com um grande elenco, incluindo Palinha, Dirceu Lopes e Nelinho. Este último era um lateral de chute potente e cheio de efeito. Foi justamente com um desses chutes que Nelinho empatou o jogo, nos fazendo roer as unhas ao marcar um dos gols mais belos que já vi. A partida foi duríssima, pois o Cruzeiro tinha um time excepcional. Sempre que Dirceu Lopes dominava a bola no meio-campo e avançava, a torcida vascaína entoava em coro “é esse!”, temendo sua habilidade e pedindo que fosse parado a qualquer custo. Foi um jogo eletrizante. No fim, vencemos por 2 a 1 e conquistamos, pela primeira vez, o título de campeão brasileiro.³

Fui me “desvascainizando” a partir da era Eurico Miranda, um verdadeiro autoritário e pilantra, que esteve à frente da gestão do Vasco da Gama, como vice-presidente e presidente, entre 1986 e 2017. Ele era adorado pela maior parte dos vascaínos e odiado pelos torcedores dos demais clubes.⁴ Alguns flamenguistas, botafoguenses e outros rivais afirmavam que gostariam de ter um “Eurico” em seus clubes, por seu vínculo emocional com o time, seu estilo falastrão e seu chauvinismo clubístico em relação à nação vascaína. Foi justamente esse chauvinismo que me fez perder a emoção de assistir ao Vasco e de ir ao estádio. Como pesquisador do futebol e alguém politicamente comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, democrática e menos desigual, não poderia ser leniente com um líder autoritário como Eurico Miranda.

O Vasco, com sua história de identidade (Hobsbawm, 1997; 1998), consolidou-se como um símbolo da luta contra o racismo no futebol, apesar dessa narrativa frequentemente não explicar como seus dirigentes portugueses eram ativistas antirracistas (Soares, 1999). Para além dessa boa polêmica, o Vasco se tornou amplamente reconhecido como um marco da política antirracista no futebol na segunda década do séc. XX, e esse legado permanece até nossos dias. Assim, o Vasco da Gama é frequentemente retratado como um clube que rompeu barreiras raciais e sociais no futebol brasileiro, sendo valorizado tanto no cotidiano quanto em estudos acadêmi-

cos. Essa identidade foi reforçada no Carnaval de 1998, quando o clube foi homenageado pela Escola de Samba Unidos da Tijuca, que fez dele o enredo do desfile. No entanto, após onze anos consecutivos desfilando na primeira divisão do Carnaval, a Unidos da Tijuca foi rebaixada para o Grupo de Acesso, ficando na penúltima colocação ⁵, com um enredo que abordava a história do Club de Regatas Vasco da Gama, que, naquele ano, celebrava seu centenário (Soares, 1999). Até então, o Vasco, enquanto equipe de futebol, nunca havia sido rebaixado para a Segunda Divisão. No entanto, anos depois, o clube enfrentou quatro quedas para a Série B, em 2008, 2013, 2015 e 2020, o que, para os mais supersticiosos, fez com que a derrota da Unidos da Tijuca fosse interpretada, retrospectivamente, como uma antecipação dos maus presságios que o Vasco depois viveu no futebol.

Sua história antirracista também foi tema de uma proposta legislativa do vereador Antônio Pitanga, que, como vascaíno e ativista do movimento negro, defendeu a inclusão da trajetória antirracista do Vasco no currículo das escolas municipais do Rio de Janeiro, considerando-a um capítulo essencial na luta da população negra por igualdade no Brasil (Soares, 1999). ⁶ O feito central dessa narrativa está na conquista do Campeonato Carioca de 1923, quando o Vasco, com um time formado por negros, mestiços e brancos de origem humilde, superou as equipes da elite carioca, representadas por Fluminense, Botafogo, América e Flamengo, compostas majoritariamente por jogadores brancos de classes mais privilegiadas. Essa vitória teria sido um ponto de inflexão no futebol brasileiro, promovendo sua democratização. No entanto, segundo as versões mais difundidas dessa história, a conquista do Vasco não foi bem recebida pelos clubes tradicionais, que teriam reagido criando uma “liga branca” ou uma “suposta liga amadora”, para excluir o Vasco e seus jogadores negros e mestiços da competição de 1924 (Soares, 1999).

Não pretendo entrar nesse debate, embora já tenha escrito sobre esse campeonato e sobre as questões que confundem preconceito de cor, raça e classe no período do amadorismo marrom no futebol (Soares, 1999). O que realmente importa aqui é que meu processo de “desvascainização” vem sendo revertido por um novo processo de “revascainização”, impulsionado tanto pela bravura do Vasco, que, mesmo com um time limitado, luta com determinação, quanto pela carismática presença do jogador argentino Pablo Vegetti. Ele personifica o espírito aguerrido do Vasco que eu torcia e assistia nos anos 1970 e 1980, lembrando a garra de Miguel, Moisés, Fidelis, Alfinete, Zanata, Roberto Dinamite, Luís Carlos e do grande “arqueiro” argentino Andrada, também conhecido como “Él Gato” ⁷. Como esse goleiro salvou o Vasco! – embora, em alguns raros momentos, ele também protagonizava “frangos” incríveis.

A minha “revascainização” deu um passo a mais. No último dia 5 de feverei-

ro de 2025, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), indiciado pela tentativa de golpe, compareceu, com seu filho, o senador Flávio Bolsonaro (vestido com a camisa do Vasco), ao estádio Mané Garrincha (Brasília) para assistir ao confronto entre Vasco e Fluminense, válido pela 8ª rodada do Campeonato Carioca. Durante o jogo, um punhado de torcedores chamou o execrável de “mito”, mas uma forte turba vascaína gritou mais forte em coro: “Uh! Vai ser preso! Uh! Vai ser preso!”⁸. Esse foi mais um evento que ajudou a me reconectar com o Vasco e com os vascaínos.

Eurico Miranda e Bolsonaro pertencem à mesma estirpe autoritária. A diferença é que, enquanto o chauvinismo de Eurico pelo Vasco parecia genuíno, o de Bolsonaro é apenas voltado para angariar poder no campo da política, “empregar” todos os filhos nos parlamentos federais, estaduais e municipais e saquear o patrimônio público – além de rasteiras vantagens, como a venda de relógios pertencentes à União e a organização de esquemas de “rachadinhas” em proveito próprio. Não sei se Bolsonaro será preso, mas os indícios são fortes e justificariam uma longa estadia na cadeia. Caso a previsão venha a se cumprir, teríamos o prazer (como Vascaínos) de vê-lo atrás das grades com a camisa do Flamengo alternando com a do Palmeiras.

Viva o Vasco! Que sua história de identidade, para além de seu legado mitológico de clube antirracista, possa também assumir agora um caráter antifascista, consolidando uma nova fase de sua identidade histórica. Que o atual presidente, o ex-jogador Pedrinho⁹, aliado de Bolsonaro¹⁰, aprenda a entoar o coro a partir das evidências criminais e de sua torcida: “Vamos todos cantar de coração! Uh! Vai ser preso!”.¹¹

Referências:

HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1789 a 1914. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, E. *Sobre história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Antonio Jorge. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 119-129, jan./jun. 1999. Disponível em:

<https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2010/10/o-racismo-no-futebol-do-rio-de-janeiro-nos-anos-20-uma-historia-de-identidade.pdf>.

Acesso em: 18 de fev. 2025.

¹ Essas são as duas primeiras estrofes do hino do Vasco.

² Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=imCtEpyTnaM>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

³ Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=KxsKBRNakVs>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

⁴ Apesar de um documentário a seu respeito trazer uma parte que dá voz à família e a amigos que pintam a trajetória de Eurico com “lápis de cor”, ele também apresenta o traço autoritário, irascível e desonesto do cartola e ex-político. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/a-mao-do-eurico/t/5H7OQv9zs8/>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

⁵ Cf.: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2024/02/10/vasco-ja-foi-enredo-de-escola-de-samba-no-carnaval-relembre.ghtml>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

⁶ Cf.: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/com-a-voz-do-vascaino-antonio-pitanga-e-imagens-de-craques-vasco-homenageia-negros-mais-uma-vez.ghtml>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

⁷ “Arqueiro” é uma expressão, hoje desconhecida pelas novas gerações, para nomear a posição do goleiro. Andrada foi o goleiro que sofreu o milésimo gol de Pelé.

⁸ Cf.: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-ouve-vaias-e-uh-vai-ser-presno-no-jogo-do-vasco-em-brasilia>. Acesso em: 18 de fev. 2025. Vale assistir também o vídeo “Uh! Vai ser Preso”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWNDwAuQjXQ>. Acesso em: 26 de fev. 2025.

⁹ Cf.: <https://blogdopaulinho.com.br/2024/06/29/pedrinho-emporcalha-o-vasco-da-gama-com-os-irmaos-bolsonaro/>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

¹⁰ Cf.: <https://jovempan.com.br/eleicoes-2018/rio-de-janeiro/ex-jogador-pedrinho-vai-disputar-eleicao-pelo-partido-de-bolsonaro.html>. Acesso em: 18 de fev. 2025.

¹¹ Indico, por fim, o conhecimento de uma música feita, a partir do acontecimento, para o Carnaval de 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reimont/reel/DGBZZ4luqJ-/>. Acesso em: 26 de fev. 2025.

Tem gay jogando futebol na novela?

Vanrochris Helbert Vieira

11 de mar.

SOBRE O AUTOR:

Vanrochris Helbert Vieira é doutor em Ciências Humanas, área de concentração Estudos de Gênero, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também é mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é bolsista de extensão do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) e um dos editores do blog Bate-Pronto.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

VIEIRA, Vanrochris. Tem gay jogando futebol na novela? Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.6, 2025.

Tem gay jogando futebol na novela? © 2025 by VIEIRA, Vanrochris. is licensed under CC BY-NC-SA 4.0

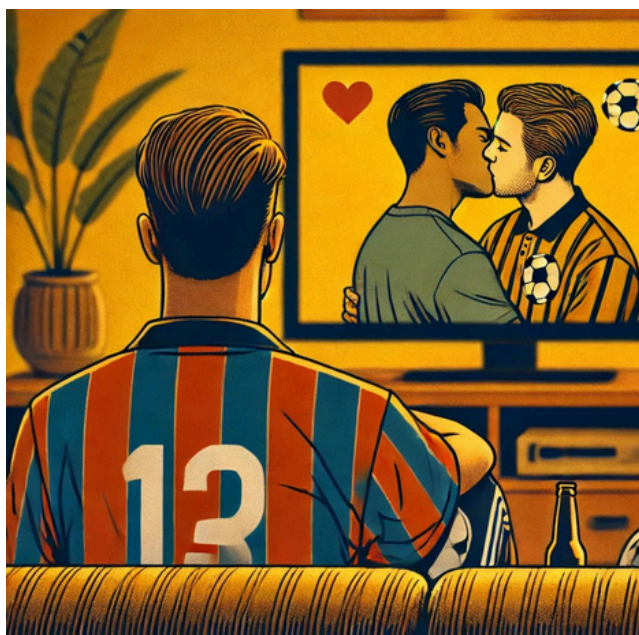
Tem gay jogando futebol na novela?

Vanrochris Helbert Vieira

11 de mar.

No texto a seguir, o autor apresenta uma proposta de pesquisa sobre futebol, telenovela e homoafetividade em telenovelas brasileiras e argentinas.

Você já viu um jogador de futebol gay na novela?
(imagem ilustrativa criada com DALL-E)



Um insight recente está me levando a desenhar uma pesquisa sobre futebol, telenovela e homoafetividade. Essa proposta surgiu a partir de uma reflexão sobre os estudos do futebol em outra mídia: o cinema. Com membro do INCT Futebol, tenho trabalhado no desenvolvimento de um banco de citações a partir dos webinários que temos promovido. Um deles foi o Cinema e Futebol Brasileiro. Nele, o professor Hamilcar Dantas Junior (UFS) demonstrou que o cinema no Brasil tem abordado o futebol ao longo das décadas de diversas formas. Eu ainda não havia assistido este webinar em específico, nem ao vivo nem depois – já que todos os webinários ficam disponíveis para serem vistos posteriormente no canal do INCT Futebol. Já aproveitando o banco de citações que está sendo realizado, no webinar em questão, o professor Hamilcar apontou:

Das peladas aos jogos mais importantes, tem sempre uma história. Todos que já jogaram sabem que quando termina a nossa pelada, a gente vai resenhar, e aquele drible que a gente deu – que nem foi lá grande coisa – se torna uma grande narrativa para tirar um sarro com o colega. De certo modo, entendo que cinema e futebol se

prestam à representação de algo, e isso se constitui como narrativa. Nesse sentido, eu acho que os dois se conciliam irremediavelmente.

Extraír as citações desse webinarío me fez pensar sobre as possíveis relações entre o futebol e outro tipo de produção audiovisual muito importante no país: as telenovelas. Essas narrativas televisivas são um tema com o qual eu guardo uma forte relação afetiva. Me lembro de assisti-las desde muito novo, na sala de casa, ao lado da minha mãe. A propósito, ela é ainda mais noveleira do que eu: todos os dias, a Dona Vanei vê as cinco novelas exibidas na programação da Rede Globo. Assistir à novela das nove com ela ainda é um ritual diário muito importante. Mesmo quando não gostamos da trama – como é o caso de *Mania de Você*, novela das nove atual –, ainda assim nos divertimos criticando os atores, a direção, o roteiro, etc.

Assim como o futebol, as novelas são conhecidas como um elemento importante da identidade cultural brasileira. Mais do que isso, esses são dois elementos importantes na identidade latina, ligando-nos fortemente a nossos países vizinhos. No entanto, apesar de eu, pessoalmente, ser um noveleiro confesso, não me veio à memória muitas novelas que tivessem tratado do futebol. Inicialmente, consegui pensar em apenas duas grandes referências para imaginar uma discussão sobre telenovela, futebol e homoafetividade. Na verdade, o meu interesse pelo futebol é recente, tendo começado no meu doutorado. Até então, eu não tinha afinidade com esse tema e, inclusive, sabia bem pouco sobre ele. O que me levou ao encontro com esse esporte foi a vontade de compreender o fenômeno de criação de times de futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Isso porque minhas pesquisas sempre estiveram voltadas para as formas de resistência de pessoas LGBTQIAPN+ em espaços tradicionalmente hostis, como a mídia televisiva e a religião cristã.

Minha pesquisa de doutorado, que, mais tarde, também se estendeu para um estágio pós-doutoral, foi realizada a partir do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. No entanto, minha graduação e meu mestrado são em Comunicação Social pela UFMG. Na minha graduação, inclusive, realizei uma iniciação científica na qual estudei os modelos de masculinidade presentes na telenovela *Ti-Ti-Ti* (Globo, 2010). Agora, tendo terminado meu estágio pós-doutoral e permanecendo no INCT Futebol, eu vinha pensando em como poderia direcionar minhas inquietações sobre o futebol para a minha formação enquanto comunicólogo, sem perder de vista as questões LGBTQIAPN+ que me são caras. A organização das citações extraídas do webinarío Cinema e Futebol Brasileiro me fez pensar novamente nas telenovelas.

O ponto de partida para a investigação

As duas novelas das quais me lembrei por trazerem discussões sobre futebol e homoafetividade são a brasileira Avenida Brasil (Globo, 2012) e a argentina Botineras (Telefe, 2009). Em Avenida Brasil, um jogador de futebol se sente atraído por um colega de equipe. No entanto, o tema é tratado nas entrelinhas, e os dois acabam formando um “trisal” com uma personagem feminina. Em Botineras, o relacionamento entre dois jogadores de futebol é explorado mais explicitamente, havendo até mesmo uma cena de sexo entre o casal – antes mesmo de a primeira cena de beijo entre dois personagens masculinos ter ido ao ar no Brasil (Amor à Vida, Globo, 2013).

Uma breve revisão de bibliografia sobre essa temática apontou para alguns trabalhos que já buscaram fazer um levantamento sobre representações do futebol em telenovelas, a maior parte deles no Brasil. Destaque para o de Mauro Alencar (2011) e o de João Biazotto e José Marques (2013). No entanto, as demais novelas identificadas a partir dessa revisão, aparentemente, tratam do futebol sem tocar no tema da homoafetividade. É surpreendente o número pequeno de abordagens sobre esse esporte em novelas encontradas por esses trabalhos, especialmente se compararmos com o rico cenário existente no cinema brasileiro, demonstrado pelo professor Hamilcar Dantas Junior. Entre as poucas novelas citadas nos trabalhos, destacam-se Irmãos Coragem (Globo, 1970), que tinha um jogador do Flamengo como um de seus personagens, e Vereda Tropical (Globo, 1984), que representava a ascensão de um jogador de um time de segunda divisão para o Corinthians.

Também desenvolvi um levantamento inicial para verificar a existência de outras novelas latinas que abordassem a temática do futebol e da homoafetividade. Não consegui realizar mais nenhuma identificação nesse primeiro momento, o que chama a atenção especialmente pelo fato de que ambas as novelas já conhecidas foram ao ar há mais de uma década. No entanto, coincidentemente (ou não), quando a escrita deste texto estava sendo finalizada, uma breve sequência envolvendo a presença de um jogador homo-orientado em uma pelada de futebol foi ao ar em Garota do Momento, atual novela das seis da Rede Globo. Essa abordagem, no entanto, foi bastante pontual, já que o futebol não é um tema recorrente na novela, nem faz parte da construção do personagem para além do episódio em questão. A seguir, apresentarei a minha proposta para identificação das relações entre futebol, telenovela e homoafetividade em um cenário ampliado de telenovelas brasileiras e argentinas. No entanto, essa cena também já está catalogada para a realização de uma análise complementar.

As potencialidades de buscar por essas representações em telenovelas

As telenovelas têm características narrativas e de recepção próprias, que fazem com que a linguagem delas e a do cinema tenham diversas diferenças. O nome “novela” liga essa trama à ideia de “novelo”. Isso porque a trama das novelas é um emaranhado de relações entre personagens e núcleos com um fio condutor que vai amarrando-os entre si. As novelas são herdeiras dos folhetins e dos melodramas. Dos folhetins, vem a organização da trama em capítulos. Essa é uma divisão diferente da proporcionada por episódios. Enquanto os episódios têm uma narrativa relativamente independente e construída em torno de si, os capítulos começam com um gancho – pausa em uma cena num momento de expectativa – e terminam com outro, realizando um recorte sem autonomia em relação ao restante da trama. Esse recorte é marcado por um elemento de suspense, reviravolta ou surpresa.

Dos melodramas, vem a divisão maniqueísta entre personagens “bonzinhos” (mocinhos) e “malvados” (vilões), além dos arquétipos e estereótipos reiteradamente explorados – como a gêmea boa e a gêmea má, a personagem dada como morta que ressurge surpreendendo a todos, o “golpe da barriga” dado pela vilã, a redenção do mocinho mulherengo ao se apaixonar pela mocinha, a mocinha pobre que fica rica e se vinga de todos os vilões, etc. Outra característica da novela é ser uma obra aberta muito influenciada pelos índices de audiência e pela recepção do público, o que, muitas vezes, faz com que a trama inicialmente planejada seja alterada ao longo da produção. Virtualmente, todas essas características podem dar pistas interessantes sobre as representações da homoafetividade no futebol: os jogadores gays são mocinhos ou vilões? A resposta do público durante a trama alterou a história deles? Quais expectativas estavam presentes nos ganchos das suas cenas?

Traçando uma proposta de recorte

Por enquanto, tenho apenas as inquietações que deram origem a essa proposta de pesquisa. Apesar de ainda não ter respostas sobre o tema, no entanto, gostaria de apresentar um projeto inicial de estruturação de como pretendo buscá-las. Suas linhas gerais estão demarcadas por um processo de reconhecimento desse terreno. Vários países latinos são grandes produtores de telenovelas, com destaque para o Brasil, o México e a Colômbia. No entanto, como *Botineras* é uma novela argentina, pensei em começar a desenhar uma proposta de investigação sobre telenovela, homoafetividade e futebol na América Latina a partir do Brasil e da Argentina. A Telefe – conhecida como Canal 11 antes de ser privatizada – é uma das principais produtoras de novelas na Argentina. Foi ela que veiculou *Botineras*. Porém, essa emissora tem uma produção de telenovelas muito

menor que a da Rede Globo, maior produtora de telenovelas no Brasil.

Até o momento, foi possível identificar que a Telefe/Canal 11 já produziu pelo menos 79 novelas¹. Diferentemente da Globo, essa emissora não as produz de forma contínua. Além disso, ela não disponibiliza em seu site uma lista com as novelas já produzidas. Assim, está sendo necessário fazer o levantamento delas em sites externos. Contudo, como elas são produzidas de forma descontínua, não é possível identificar facilmente a ausência de tramas ainda não identificadas. Na década atual, o índice de produção tem sido bastante baixo, com a identificação de apenas uma nova novela original, em 2022. Por outro lado, a Globo segue produzindo, ininterruptamente, pelo menos três novelas ao mesmo tempo. Elas são divididas entre diferentes faixas-horárias: a das seis, a das sete e a das nove – até a década de 2000, a última faixa era exibida mais cedo, às oito. Entre esses três horários, quanto mais tarde, maior a visibilidade. *Avenida Brasil*, por exemplo, é uma novela das nove.

Até hoje, a Globo já produziu 333 novelas originais para a TV aberta! Só no horário nobre (como é chamada a antiga faixa das oito e atual faixa das nove), já foram 97 tramas. A Globo produz novelas de forma sistemática desde a década de 1960. Já a Telefe/Canal 11, na Argentina, começou a produzir novelas de forma estruturada apenas na década de 1980. Considerando apenas as novelas das oito e das nove lançadas na década de 1980 em diante, a Globo já produziu 72 novelas. Acredito que essa seria uma possibilidade de recorte inicial de novelas brasileiras baseado em relevância e temporalidade. A ideia é, numa fase preliminar de pesquisa, identificar a possível presença de representações sobre futebol e homoafetividade no enredo dessas 72 novelas brasileiras e das 76 tramas da Telefe/Canal 11 produzidas no mesmo período já identificadas. Diferentemente da Globo, as novelas da Telefe/Canal 11 não são organizadas sistematicamente por faixas-horárias. Como exemplo, as 28 novelas já identificadas lançadas na década de 2000 foram exibidas em 8 diferentes faixas-horárias, vespertinas ou noturnas. Por isso, o recorte temporal seria o único inicialmente aplicado.

A partir disso, será possível investigar se há, em cada novela – além de *Avenida Brasil* e *Botineras* – alguma relação entre futebol e homoafetividade. A proposta é realizar essa avaliação por meio da leitura de textos de apresentação das novelas em três locais: nos sites das emissoras, em páginas da Wikipedia sobre cada uma – pois quase todas elas possuem – e em uma busca adicional online para verificar a existência de fontes complementares. Esta será uma pesquisa de caráter apenas explanatório para identificar as tramas, dentro desse recorte, que poderão ser posteriormente analisadas. A Globo tem um site específico para tratar de produtos passados, o Memória Globo, com informações sobre cada novela. A Telefe/Canal 11, por outro lado, não possui muita informação online sobre

seus produtos. No entanto, ela disponibiliza alguns links externos nos quais é possível ler mais sobre alguns deles.

A estratégia proposta permite a identificação da presença de representações de futebol e homoafetividade em telenovelas em um cenário amplo no Brasil e na Argentina. No entanto, ela também carrega algumas limitações, como a dificuldade de encontrar referências pontuais ao futebol nas tramas em que esse não é um tema central, como acaba de ocorrer em *Garota do Momento*. Além disso, deixa de fora, nessa busca inicial, novelas globais de outras faixas-horárias (como também é o caso de *Garota do Momento*) e novelas brasileiras e argentinas de outras emissoras. No entanto, o recorte realizado privilegia a relevância das emissoras e faixas-horárias, já englobando uma grande quantidade de tramas (148). Além disso, se a pesquisa se mostrar promissora, a busca poderá ser ampliada futuramente.

Referências:

ALENCAR, Mauro. Memória coletiva e memória histórica (e suas relações com o futebol e a telenovela). Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Caracas, n. 2, p. 106-115, 2011.

BIAZOTTO, João Evandro; MARQUES, José Carlos. O futebol na telenovela: uma análise sócio-política. Anais do 18º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista, 2013. p. 1-11.

¹ Interessante apontar que a Argentina possui um gênero chamado “telecomédia” que, por vezes, se sobrepõe à telenovela por ter características muito semelhantes. Por hora, estamos considerando telenovelas apenas as telecomédias que também são identificadas dessa maneira.

A cobertura midiática sobre o futebol de cegos no Brasil

Talyta Fagundes Teixeira Silva

Ester Santos Silva

Giovana Liz Silva Neves

Matheus Santana Fernandes

Ana Gabriela Alves Medeiros

18 de mar.

SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR:

Talyta Fagundes Teixeira Silva, Ester Santos Silva, Giovana Liz Silva Neves e Matheus Santana Fernandes são discentes do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus XII). Ana Gabriela Alves Medeiros é Professora Adjunta do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus XII).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SILVA, Talyta Fagundes Teixeira; SILVA, Ester Santos; NEVES, Giovana Liz Silva; FERNANDES, Matheus Santana; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. A cobertura midiática sobre o futebol de cegos no Brasil. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.7, 2025.

SILVA, Talyta Fagundes Teixeira; SILVA, Ester Santos; NEVES, Giovana Liz Silva; FERNANDES, Matheus Santana; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. © 2025 by A cobertura midiática sobre o futebol de cegos no Brasil. is licensed under CC BY-NC 4.0

A cobertura midiática sobre o futebol de cegos no Brasil

Talyta Fagundes Teixeira Silva

Ester Santos Silva

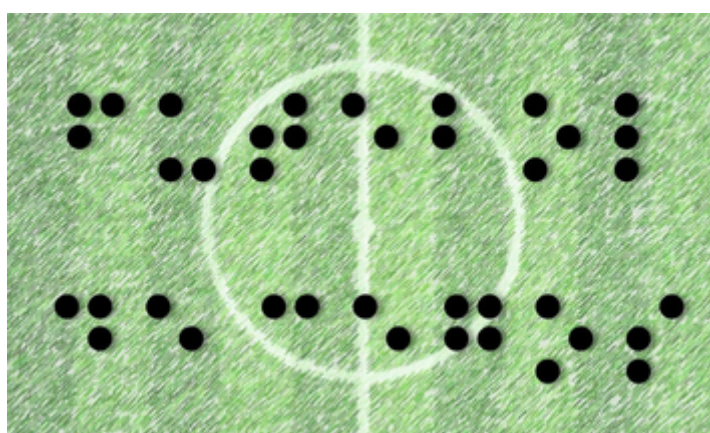
Giovana Liz Silva Neves

Matheus Santana Fernandes

Ana Gabriela Alves Medeiros

18 de mar.

No texto abaixo, as autoras e o autor discutem como o futebol de cegos é representado de 2004 a 2014 no portal de notícias do Globo Esporte.



A imagem traz a grafia em braille para “futebol de cegos”

O futebol de cegos, também conhecido como futebol de 5, é destinado especificamente para pessoas cegas ou com deficiência visual, praticado em quadras de futsal adaptadas ou em campos de grama sintética, com cinco jogadores, sendo, o goleiro o único com visão total. Os atletas são divididos em três classes, B1: cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância, B2: atletas com percepção de vultos, e B3¹: atletas que conseguem definir imagens. De todo modo, os atletas devem usar uma venda nos olhos para garantir a igualdade de condições.

Após décadas de iniciativas isoladas realizadas por diferentes países, em 1996, o futebol de cegos foi incorporado pela Federação Internacional de Esportes para Cegos. Esse fato corroborou para a realização das principais competições de futebol de cegos no contexto internacional, tais como a Copa do Mundo, cuja primeira edição ocorreu em 1998 na cidade de Campinas (SP), e a inserção da modalidade nos Jogos Paralímpicos, em Atenas 2004 (Oliveira; Vargas; Capraro, 2023).

O Brasil se destaca como a seleção mais bem-sucedida nessas competições, tendo conquistado medalha de ouro em todas as edições dos Jogos Paralímpicos e em 5 das 8 edições da Copa do Mundo (Robertes; Souza,

2022). Nesse cenário, a mídia esportiva brasileira tem desempenhado um papel crucial na divulgação dessas conquistas e na formação de percepções públicas sobre o esporte e seus praticantes.

Sabe-se que a relação entre mídia e esporte é caracterizada por uma simbiose, na qual ambos se influenciam mutuamente. A mídia, entendida como os meios de difusão de informação em massa, impulsiona a disseminação e o desenvolvimento de modalidades esportivas, enquanto também se beneficia da mercadorização do esporte (Santos; Souza, 2016).

No contexto do esporte paralímpico, o discurso midiático pode afetar na estigmatização ou desestigmatização das pessoas com deficiência, dependendo de como as retrata. Portanto, torna-se relevante investigar como o futebol de cegos é apresentado na mídia e quais narrativas predominam nas reportagens.

Desse modo, nossa pesquisa tem como objetivo analisar o discurso midiático acerca do futebol de cegos no Brasil, a partir das notícias do portal Globo Esporte. Busca-se entender como a mídia constrói narrativas sobre o esporte, quais aspectos são enfatizados ou negligenciados, e como essas representações podem impactar a percepção pública e o desenvolvimento da modalidade.

Nosso trabalho adota uma abordagem qualitativa com caráter de pesquisa documental, utilizando para análise dos dados a Análise de Conteúdo (Gil, 2017). Para tanto, foi utilizado como fonte de pesquisa o portal eletrônico Globo Esporte (ge.globo.com), mantido pelo site Globo.com, afiliado à rede de televisão aberta TV Globo. A escolha deste veículo se justifica pela qualidade da comunicação sobre o esporte brasileiro ao longo dos mais de 20 anos; sua relevância nacional, identificada a partir de sua popularidade entre brasileiros e brasileiras; e a disponibilidade de arquivos acessíveis online. Esses critérios garantem uma base sólida e representativa para a análise das notícias relacionadas ao futebol de cegos no Brasil.

Considerando que a primeira participação do futebol de cegos nos Jogos Paralímpicos ocorreu em Atenas 2004, quando o Brasil conquistou o título de campeão, demarcando um momento significativo na história deste esporte no país, selecionou-se o ano de 2004 como marco inicial para esta pesquisa, estendendo-a até o ano de 2024. A escolha desse período de vinte anos permite uma análise abrangente e contextualizada da cobertura midiática sobre o futebol de cegos, desde esse marco histórico até os dias atuais.

Durante o processo de coleta de dados, foi utilizado uma ficha de catalogação para relacionar, registrar e sistematizar as informações identifi-

cadadas. É importante destacar que foram excluídas matérias que apenas mencionavam o futebol de cegos/futebol de 5 sem que este fosse o foco principal da notícia, bem como aquelas que consistiam exclusivamente em vídeos e notícias com links inválidos. Assim, considerando que esta pesquisa está em andamento, o período aqui analisado consiste na primeira década, de 2004 a 2014, totalizando 42 publicações.

Para análise dos dados coletados, recorreu-se à Análise de Conteúdo, uma técnica que visa entender o que está escrito ou falado, buscando destacar indicadores que permitam concluir conhecimentos sobre as condições de produção e recepção das mensagens (Bardin, 2016). Em suma, essa técnica busca descrever de forma objetiva, sistemática e qualitativa o conteúdo da comunicação. A partir dos dados coletados foram estabelecidas, inicialmente, cinco categorias: Eventos internacionais, Eventos nacionais, Atletas, Apoio e Incentivo e Técnicas e táticas do jogo.

Na categoria Eventos Internacionais, foram identificadas 14 publicações (33,34%), que abordavam jogos preparatórios da seleção brasileira e competições internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol de Cegos e os Jogos Paralímpicos. A primeira matéria veiculada ocorreu no ano de 2010, coincidindo com a primeira notícia sobre futebol de cegos no portal do Globo Esporte. Este fato nos chama atenção, pois o Brasil já havia conquistado o título de campeão da Copa do Mundo em 1998 e 2000, e dos Jogos Paralímpicos de 2004 e 2008 (Robertes; Souza, 2022).

Nesse contexto, destacam-se relatos do tricampeonato e tetracampeonato do Brasil no Mundial, 2010 e 2014, respectivamente, e um único registro do tricampeonato nos Jogos Paralímpicos de 2012. Outro evento mencionado foi o Mundialito disputado na Espanha em 2013, com os principais times do mundo, onde o Brasil, representado pelo time ICB (Instituto de Cegos da Bahia), sagrou-se campeão.

A categoria Eventos Nacionais contou com 10 publicações (23,80%), destacando a participação de times do estado de Mato Grosso, Paraíba, Bahia e Pernambuco em competições como o Campeonato Centro-Norte, Copa Brasil, Taça Nordeste e Campeonato Regional Nordeste. Além disso, uma reportagem narra uma partida disputada entre um time composto por pessoas cegas e outro com pessoas vendadas, ocorrida na cidade de Presidente Prudente (SP) em referência ao Dia da Pessoa com Deficiência.

Na categoria Atletas, 9 publicações (21,43%) abordam uma variedade de assuntos protagonizados por atletas da modalidade em questão. Dentre eles, ressalta-se o relato do goleiro da seleção, Fábio, que foi alvo de críticas e comentários depreciativos, como “jogar contra cegos é fácil”. Além disso, são relatadas trajetórias de vida dos jogadores, destacando suas experiên-

cias além do esporte e como essas influenciaram suas jornadas até chegarem na seleção, bem como destacam jogadores que se tornaram fonte de inspiração para pessoas com e sem deficiência visual.

.Na categoria Apoio e Incentivo, foram encontradas 7 publicações (16,67%), abordando uma premiação conquistada pela seleção de futebol de 5 em 2013, uma homenagem pelos 10 anos do primeiro ouro em Jogos Paralímpicos, mensagens de apoio de personalidades de dentro e fora do esporte para os jogadores rumo ao Mundial de 2014, além de apelos de times nacionais por apoio e reconhecimento à modalidade.

Por fim, na categoria Técnicas e Táticas do Jogo, 2 publicações (4,76%) em 2014 abordam as possibilidades de treinamento dos jogadores para aprimorar o jogo e entrosamento em quadra.

Em síntese, a análise em andamento da cobertura midiática sobre o futebol de cegos no portal Globo Esporte revela um cenário diversificado, que cresceu durante os primeiros dez anos pesquisados. Desde os triunfos históricos da seleção brasileira em competições internacionais até as iniciativas de apoio e incentivo ao esporte. Essas representações na mídia podem contribuir significativamente para ampliar a conscientização e o reconhecimento desse esporte adaptado, fortalecendo seu impacto social e seu potencial transformador.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6ª ed. Editora Atlas, 2017.

OLIVEIRA, M. E.; VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. Revisão bibliométrica de artigos sobre futebol de cegos (2009-2022). *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 15, n. 61, p. 8-19, 2023.

ROBERTES, R; SOUZA, S. *Manual de iniciação ao esporte paralímpico: futebol de cegos*. Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022.

SANTOS, S. M.; SOUZA, D. L. O esporte paralímpico na ou da mídia? Uma revisão de literatura. *Anais do VIII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*, Criciúma-SC, 2016.

¹ Cf.: <https://cpb.org.br/modalidades/futebol-de-cegos/>. Acesso em: 17 de mar. 2025.

Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino

Mariane da Silva Pisani

25 de mar.

SOBRE A AUTORA:

Mariane da Silva Pisani é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS). É vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Este texto é a adaptação de um artigo publicado originalmente na coluna Esportes Rebeldes do Brasil de Fato, em 4 de fevereiro de 2025.

COMO CITAR:

PISANI, Mariane. Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.8, 2025.

PISANI, Mariane. © 2025 by Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino. is licensed under CC BY-NC 4.0

Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino

Mariane da Silva Pisani

25 de mar.

No texto abaixo, a autora relaciona um “chute-voadora” dado pelo jogador francês Eric Cantona, há trinta anos, com o trabalho de uma torcida antifascista do time argentino Vélez Sarsfield.

Bandeira da torcida antifascista argentina acompanhada pela autora. Imagem: Mariane Pisani



O futebol é um fenômeno que se desdobra para além das quatro linhas. Mais que um mero jogo disputado durante 90 minutos, a modalidade tem se apresentado como um espaço legítimo para disputas socioculturais, sejam elas de gênero, sexualidade, étnico-raciais, econômicas e/ou políticas. Portanto, não é de se estranhar que o futebol seja palco de ações, individuais ou coletivas, que oferecem resistência às desigualdades e aos avanços fascistas.

Entre as ações individuais, destaco que, no último dia 25 de janeiro, completaram-se 30 anos do famoso chute-voadora que o jogador Eric Cantona desferiu contra um torcedor que proferia insultos xenofóbicos. Já no que diz respeito às mobilizações coletivas, elejo a atuação de um grupo de torcedores(as) argentinos(as), integrantes da torcida organizada Vélez Antifascista, que, durante o ano de 2024, realizaram uma série de práticas de enfrentamento ao avanço ultraliberal do governo de Javier Milei.

Mas como é possível que esses dois universos, Eric Cantona e os torcedores do coletivo Vélez Antifascista, se cruzem? Para isso, precisamos voltar no tempo e apresentar partes dessas histórias:

O dia era 25 de janeiro de 1995, e entravam em campo, para disputar a 25ª rodada da Premier League, os jogadores de Crystal Palace e Manchester United. Em um lance da partida, o meio-campista francês Eric Cantona, que na época, jogava pelo Manchester, cometeu uma falta grave sobre Richard Shaw, sendo então expulso pelo árbitro.

Na saída, já em direção aos vestiários, Cantona realizou um feito que pode ser considerado um dos mais memoráveis de toda a sua carreira. Ele embalou uma corrida e aplicou um chute-voadora no torcedor Matthew Simmons, que, da arquibancada, proferia insultos xenofóbicos contra o jogador: “Volte para a França, seu francês filho da puta”, gritava Simmons antes de ser atingido pelo chute-voadeira e, em seguida, por socos.

Após o episódio, que, inclusive, nos brindou com a foto clássica, Cantona foi alvo de severas punições. Primeiro, foi sentenciado a duas semanas de cadeia, pena que acabou convertida em 120 horas de serviços comunitários. Depois, foi suspenso dos campos por nove meses. Por fim, foi obrigado a pagar uma multa de 20 mil libras esterlinas.

Mais tarde, descobriu-se que Matthew Simmons era ligado a partidos de extrema-direita e fascistas, como o National Front e o British National Party. Esses partidos, por sua vez, negavam o Holocausto, defendiam a supremacia branca e propunham o fim da imigração para o Reino Unido. Além disso, poucos anos antes do icônico chute-voadora, em 1992, Simmons havia sido condenado por agredir, com uma chave de fenda, um frentista imigrante nascido no Sri Lanka.

Com o passar do tempo, e com o passado de Simmons vindo à tona, Eric Cantona sempre fez questão de afirmar que nunca se arrependeu do chute-voadora. Em uma de suas declarações, chegou a dizer: “Eu deveria ter batido com mais força. Não me arrependo, foi uma sensação ótima”.

Quando perguntado sobre o melhor momento de sua carreira, Cantona respondia sem hesitação: “Foi quando dei o chute kung fu em um hooligan, porque esse tipo de gente não tem nada o que fazer em um jogo. Acredito que é um sonho para alguns dar um chute nesse tipo de gente. Então, eu fiz por eles, para que ficassem felizes. E eles falam até hoje sobre isso. Já vi muitos jogadores marcando gols, e todos eles sabem a sensação. Mas essa, de pular e chutar um fascista, não é algo que você encontra todos os dias”.

O fato é que Cantona tornou-se um símbolo mundial da luta antifascista no futebol, e seu chute-voadora se transformou em um dos momentos mais icônicos da história do esporte.

No início de junho de 2024, pouco menos de dois meses após minha mu-

dança para Buenos Aires, Argentina, fui convidada por minha supervisora de pós-doutorado, Verónica Moreira, para acompanhar os trabalhos de um coletivo de torcedores antifascistas do Club Atlético Vélez Sarsfield. Prontamente, aceitei o convite, e, no dia 18 daquele mesmo mês, após uma hora de deslocamento via transporte público, chegamos à Avenida Lope de Vega, onde encontramos os torcedores organizados em uma sede do Partido Comunista. Ao conversar com Mauro Villaruel, integrante do coletivo, ele prontamente me explicou a origem da organização.

“O coletivo e agrupação Vélez Antifascista surgiu no ano de 2018, a partir de um conjunto de torcedores do Vélez que passaram a se reconhecer como militantes durante o governo presidencial de Mauricio Macri (2015-2019). O objetivo, nesse momento, era formar um agrupamento a partir das arquibancadas para combater o fascismo e o capitalismo. Então, apareceu uma figura esportiva, José Luis Chilavert, que queria privatizar os clubes de futebol na Argentina, instalar ódio racial e separar a classe trabalhadora. Foi quando os torcedores do Vélez decidiram organizar o coletivo Vélez Antifascista, sabendo que já havia outros coletivos em outros clubes. Assim, o Vélez Antifascista se forma a partir de jornadas de lutas, de protestos nas ruas e na luta contra as repressões, buscando também a libertação de companheiros que estavam presos”.

Naquela noite, Verónica e eu pudemos acompanhar os torcedores cozinhando, embalando e distribuindo marmitas para os moradores do bairro. A ação, como soube mais tarde, havia sido previamente divulgada na página do Instagram (@velezantifascista), a partir de um card onde era possível ler: “Refeições Solidárias: todas as terças-feiras, a partir das 20h, entregamos refeições e assistência a moradores de rua e a qualquer pessoa que precise de um prato quente de comida”.

Na postagem seguinte, na mesma rede social, o coletivo de torcedores(as) pedia doações de verduras, alimentos não perecíveis, potes e talheres descartáveis e água mineral para dar continuidade aos trabalhos realizados todas as terças-feiras. Para Mauro, “o objetivo da Refeição Solidária é permanecer centrado na solidariedade e no trabalho no bairro, que está para além das arquibancadas. É uma forma de ver como os(as) torcedores(as) podem se organizar e ter empatia. É mostrar também a miséria do governo quando este esconde os alimentos ou quando não fornece comida ao povo que está em situação de necessidade. Nossa resposta foi nos organizarmos e conseguirmos os recursos necessários para poder ajudar as famílias que precisavam. No momento das ações da Refeição Solidária, o nosso coletivo cresceu, e isso foi o mais importante, pois conseguimos alcançar nosso objetivo, tanto no bairro quanto nas arquibancadas”.

As ações da Refeição Solidária continuaram por mais algum tempo até que a sede do Partido Comunista onde se encontravam semanalmente para preparar os alimentos não pode mais ser utilizada pelos torcedores do Vélez Antifascista.

No dia 23 de setembro de 2024, Verónica e eu fomos novamente convidadas para reencontrar nossos(as) amigos(as) Mauro, sua companheira Fiona e outros integrantes do Vélez Antifascista. O convite era para assistirmos, todos juntos, a uma partida do Vélez Sarsfield. E lá fomos nós.

Acredito que demos sorte, pois o Vélez ganhou, por 2 a 0, contra o Club Estudiantes de La Plata. Em determinado momento, conversando mais uma vez com Mauro, perguntei como ele percebia a aproximação entre futebol e a luta contra o fascismo.

“O que acreditamos no Vélez Antifascista é que o futebol, em suas raízes e ao nível mundial, é espaço constituído em sua grande maioria por trabalhadores. Assim, temos o sistema capitalista que explora os trabalhadores e também temos o futebol que é um esporte que deve ser vivido de forma coletiva e horizontal. Ao ter consciência disso, de que o futebol está presente na formação das classes trabalhadoras, e que nós também somos das classes trabalhadoras, sentimos a necessidade de seguir na luta, com ideias e com a vontade de seguir criando e lutando contra o fascismo e o capitalismo. Nós sabemos o que é compartilhar em todos os âmbitos da vida e, em toda a classe trabalhadora, podemos encontrar solidariedade. Infelizmente algumas pessoas se esquecem disso, mas outras não. Então, o futebol é algo popular, é algo do povo, da classe trabalhadora. É evidente que mantemos respeito aos nossos rivais, à sua cultura, seu bairro, sua história de vida. E, sobretudo, sabemos que é a partir do antifascismo que podemos englobar todas as lutas para o bem comum dos povos”.

A partir dessa experiência com os torcedores do Vélez Antifascista, foi possível perceber que a torcida não se limita ao apoio incondicional dentro dos estádios; sua atuação extrapola as arquibancadas e se fortalece nas ruas, onde a solidariedade se traduz em ações concretas. As Refeições Solidárias, organizadas pelos(as) torcedores(as), são um exemplo de como o futebol pode servir como ferramenta de mobilização popular. Em tempos de aprofundamento da desigualdade e de políticas de austeridade que ampliam a vulnerabilidade social, os membros do coletivo se articulam para garantir refeições quentes a quem mais precisa. O gesto de cozinhar e distribuir marmitas não é um ato de caridade, mas uma afirmação política: uma resposta coletiva à negligência estatal e à marginalização das camadas populares. Para os(as) torcedores(as) do Vélez Antifascista, essa rede de soli-

riedade não apenas alimenta corpos, mas também fortalece laços comunitários e cria espaços de resistência dentro e fora do campo.

O futebol sempre foi um palco de disputas, e torcidas mostram que ele pode ser um instrumento ativo de transformação social. Assim como Eric Cantona, que desafiou a xenofobia e o fascismo, torcidas como a do Vélez Antifascista se recusam a enxergar o esporte como um espaço apolítico.

Para Mauro, Fiona e seus companheiros(as) torcedores(as), o futebol pertence ao povo e deve ser defendido contra tentativas de mercantilização e instrumentalização por setores reacionários. O mesmo espírito combativo que se manifesta nas arquibancadas também se traduz em ocupação de ruas, protestos e ações comunitárias. A luta contra a precarização da vida e contra o avanço de políticas excludentes se faz tanto nos estádios quanto nos bairros populares, mostrando que o futebol, longe de ser apenas um espetáculo, continua sendo um território de disputa e resistência.

Para finalizar este texto, voltaremos ao dia 25 de janeiro de 2025, quando o Vélez Antifascista fez uma postagem em sua página do Instagram em homenagem aos 30 anos do icônico chute-voadora de Eric Cantona.

“Feliz aniversário de 30 anos do chute-voadeira mais importante da história do futebol e do antifascismo. Para nós, torcedores(as), que carregamos no coração esse momento glorioso, esse chute-voadeira histórico foi a justiça, onde nos vemos refletidos e também identificados. Hoje ele serve de inspiração para lutarmos contra o fascismo atual que estamos vivenciando no governo desse filho da puta (Javier Milei), para nos organizarmos nos estádios, nas ruas, nos bairros e onde pudermos. Porque o fascismo não se discute, se destrói”.

Além do poderoso texto compartilhado pelos(as) torcedores(as) do Vélez Antifascista, duas fotos da postagem chamam a atenção.

Na primeira foto é possível ver o Eric Cantona vestindo a camisa do Club Atlético Vélez Sarsfield. A foto, que foi capturada em 2001, retrata o treinamento para a partida de despedida de Diego Maradona, que ocorreu em 10 de novembro daquele mesmo ano. Além de Cantona, outros craques também vestiram a camisa do Vélez, como, por exemplo, Ciro Ferrara, Carlos “El Pibe” Valderrama, Hristo Stoichkov, René Higuita e Careca.

A segunda foto é uma tatuagem em preto e branco na perna de Mauro Villaruel. Ela retrata a icônica cena de Eric Cantona desferindo o chute-voadora contra o torcedor fascista. A imagem, por si só, reforça a ideia de como esse episódio transcendeu o esporte e se tornou um marco da resistência e luta política contra o fascismo.

A postagem no Instagram do Vélez Antifascista (@velezantifascista) sintetiza a forma como o futebol e a política se entrelaçam nas arquibancadas e nas ruas. Para além da celebração de um momento histórico do esporte, a mensagem e as fotos reafirmam o futebol enquanto espaço de resistência e enfrentamento ao fascismo, estabelecendo um elo entre o gesto de Cantona contra um torcedor de extrema-direita e a luta do Vélez Antifascista contra o avanço de políticas ultraliberais e autoritárias na Argentina. A publicação ecoa o sentimento coletivo de que a luta antifascista não é um debate abstrato, mas uma necessidade urgente, vivida no cotidiano, nas arquibancadas, nos bairros e em cada espaço onde a organização popular se faz presente e necessária.

Como afirmamos na primeira linha deste texto, o futebol é um fenômeno que se desdobra para além das quatro linhas. Afinal, ele é uma trincheira de luta, um espaço em que a memória, a ação política e a resistência podem se organizar e se expressar de forma coletiva.

Masculinidades tóxicas e proteção a vítimas de estupro no futebol

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

31 de mar.

SOBRE O AUTOR:

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa é doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. É advogado e professor universitário. Faz parte da equipe de pesquisadores do INCT Futebol e é presidente da Comissão OAB/SC Cidadã.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Em caso de violência contra a mulher, ligue 180 ou acione o canal de atendimento oficial via WhatsApp pelo número (61) 9610-0180. Em situações de emergência, ligue para 190.

COMO CITAR:

CORRÊA, Marcos Vinícius Ferreira. Masculinidades tóxicas e proteção a vítimas de estupro no futebol. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.9, 2025.

CORRÊA, Marcos Vinícius Ferreira. © 2025 by Masculinidades tóxicas e proteção a vítimas de estupro no futebol. is licensed under CC BY-NC 4.0

Masculinidades tóxicas e proteção a vítimas de estupro no futebol

Marcos Vinícius Ferreira Corrêa

31 de mar.

No texto a seguir, o autor comenta a recente absolvição do jogador Daniel Alves de um crime de estupro na Espanha. Ele também reflete sobre o que isso revela a respeito da relação entre masculinidades e futebol.

O jogador Daniel Alves foi absolvido pela Justiça da Espanha. Imagem: [GoodFon.com](https://www.goodfon.com)¹



A recente decisão do Tribunal Superior da Catalunha, que absolveu Daniel Alves da condenação por estupro, reacendeu em mim um sentimento de indignação diante da dificuldade de comprovação dos crimes contra a dignidade sexual. Essa decisão não apenas expõe a fragilidade probatória nesses casos, mas também revela como a estrutura do futebol reforça padrões de masculinidades tóxicas que perpetuam a impunidade e a descrença nas vítimas. Neste ensaio, proponho uma análise sobre a valorização do depoimento da vítima, os desafios da produção de provas e a relação entre a cultura machista do futebol e a dificuldade de responsabilizar agressores.

O valor do depoimento da vítima nos crimes de estupro

Os crimes contra a dignidade sexual, por sua própria natureza, ocorrem na clandestinidade, o que torna o testemunho da vítima uma das principais provas disponíveis. Como operador do Direito, reconheço que a doutrina e a jurisprudência, tanto no Brasil quanto em tribunais internacionais, enfatiza a importância do relato da vítima, desde que seja coerente e corroborado por outros elementos probatórios.

Segundo Fernando Capez (2022), “a palavra da vítima, nos crimes sexuais, assume um valor especial, pois tais delitos ocorrem em circunstâncias em que a obtenção de provas materiais é dificultada”. O Supremo Tribunal Federal (STF) e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) reiteram que, em crimes sexuais, o depoimento da vítima, se for firme e coerente, pode ser suficiente

para fundamentar uma condenação, como se observa o REsp 1.480.881/SP.

Futebol, masculinidades tóxicas e impunidade

O futebol tem sido historicamente um ambiente que exalta a virilidade, a agressividade e a dominação como símbolos de poder. As masculinidades tóxicas dentro desse universo favorecem um comportamento permissivo em relação a abusos cometidos por jogadores e outras figuras masculinas influentes. Como exposto por Connell e Messerschmidt (2005), o conceito de masculinidade hegemônica ajuda a compreender como determinados padrões de comportamento são normalizados dentro do esporte e usados para justificar práticas de violência e desrespeito às mulheres.

No caso de Daniel Alves, sua absolvição não pode ser analisada isoladamente, mas sim dentro desse contexto estrutural. Jogadores de futebol, frequentemente elevados ao status de ídolos, são muitas vezes protegidos por redes de influência e narrativas que minimizam ou desacreditam acusações contra eles. A ideia de que um homem poderoso e bem-sucedido não precisaria recorrer à violência sexual para obter relações íntimas ainda é amplamente disseminada, obscurecendo a realidade de que o estupro não tem a ver com desejo, mas com dominação e controle.

A decisão do tribunal espanhol, ao desconsiderar as contradições nos diversos depoimentos de Daniel Alves, evidencia um padrão de julgamento que favorece figuras públicas e reforça a percepção de que atletas estão acima da lei. O jogador alterou sucessivamente suas declarações: primeiro, negou conhecer a vítima; depois, admitiu estar com ela, mas negou contato físico; posteriormente, afirmou que houve sexo oral consensual e, somente após provas periciais detectarem sêmen, admitiu a penetração, alegando consentimento. Essa adaptação narrativa deveria ser considerada um elemento de desconfiança, e não um fator que beneficiasse o réu.

Jurisprudência e entendimento dos tribunais

No Brasil, o STJ tem consolidado a tese de que a palavra da vítima é relevante, quando coerente e sem contradições. O AgRg no HC 733.588/PR (STJ) reafirma que “nos crimes de natureza sexual, a palavra da vítima assume especial relevância, principalmente quando corroborada por outros elementos de convicção”.

O Supremo Tribunal Espanhol, em casos anteriores, também reconheceu que, em crimes de estupro, “a credibilidade da vítima deve ser analisada dentro do contexto do crime, evitando exigências probatórias que tornem inviável a condenação”. A mudança de entendimento na decisão de Daniel Alves me preocupa, pois abre um precedente perigoso para a efetividade da

proteção às vítimas.

O que o caso Daniel Alves nos diz?

A absolvição de Daniel Alves me leva a refletir sobre como a cultura do futebol influencia a percepção da justiça em crimes sexuais. As masculinidades tóxicas estruturadas nesse meio impedem que vítimas sejam ouvidas com credibilidade e promovem a impunidade de agressores. A dificuldade de produção de provas não pode se tornar um impeditivo para a responsabilização penal, sob pena de reforçar a cultura da impunidade. Defendo que o ordenamento jurídico deve equilibrar a presunção de inocência com a proteção às vítimas, evitando decisões que fragilizem ainda mais aqueles que já enfrentam barreiras para denunciar a violência.

Decisões como essa evidenciam que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer para que o sistema de justiça deixe de perpetuar desigualdades históricas e assegure às vítimas de estupro a proteção e a credibilidade que lhes são devidas.

¹ Licença: CC BY-NC 4.0

O futebol não inventou o mundo...

Victor Melo

10 de abr.

SOBRE O AUTOR:

Victor Melo é Professor Titular da UFRJ.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

MELO, Victor. O futebol não inventou o mundo. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.10, 2025.

O futebol não inventou o mundo...

Victor Melo

10 de abr.

No texto a seguir, o autor discute imprecisões históricas cometidas por alguns estudos do futebol, como a crença de que o Fluminense foi o primeiro grande clube do Rio de Janeiro e a de que o futebol foi o primeiro esporte a alcançar popularidade no estado.

Público assistindo a uma competição de remo no Rio de Janeiro em 1905.

Imagem1: PICRYL



Entre acadêmicos e não acadêmicos, entre pesquisadores e cronistas, entre iniciantes e experientes, entre gente que se dedica profissionalmente à investigação do futebol e outros que só ocasionalmente o citam em seus estudos, é quase uma unanimidade o fato de que o Fluminense foi o primeiro grande clube do Rio de Janeiro, uma expressão de uma elite burguesa que se organizava na cena pública.

Não se discute a relevância histórica da agremiação das Laranjeiras; contudo, ela não foi a primeira a ocupar um lugar de destaque na representação pública do esporte na cidade. Sem considerar alguns clubes de turfe do século XIX – como o Jockey Club e o Derby Club –, foi outra sociedade esportiva que se projetou, entre o final do século XIX e os primeiros anos do XX, como a mais importante da capital: o Clube de Natação e Regatas, atual Clube de Natação e Regatas Santa Luzia. Fundado em 1896, teve sua sede original em um barracão vizinho ao Passeio Público, demolido em 1905 para dar lugar às obras da Avenida Beira-Mar. Em 1907, o clube foi reinstalado na Rua de Santa Luzia, então situada à beira do litoral da cidade.

O Natação e Regatas não foi o primeiro clube de remo do Rio de Janeiro. Além do mais antigo Guanabareense e das agremiações anteriores (a primeira foi criada em 1851, a Sociedade Recreio Marítimo), surgiram antes dele o Clube de Regatas Botafogo (1894) e o Clube de Regatas do Flamengo (1895), sem falar nos dois fundados em Niterói (o Gragoatá e o Icaraí, ambos de 1895).

A grande importância do Natação e Regatas foi ter sido o primeiro a estruturar e promover competições naquela que era a área mais nobre da cidade – o Centro, que já se estabelecia como polo fulcral da vida social (boa parte da população vivia na região), econômica (os grandes negócios estavam por lá estabelecidos), política (as instituições da República se situavam nas redondezas) e cultural (a vida artística e divertida tinha suas principais iniciativas naqueles arredores).

O clube foi criado, integrado e liderado por gente das elites urbanas – isto é, não ligada diretamente à economia agrícola, mas sim ao comércio e às profissões liberais – que vivia na região central e frequentava as Praias da Lapa e do Boqueirão do Passeio, hoje não mais existentes em função das sucessivas obras, mas na época as pioneiras em um hábito que melhor se delineara desde os anos 1870, embora tenha raízes anteriores: os banhos de mar. Naquela faixa de litoral, foram abertas as primeiras casas de banho do Rio de Janeiro. No momento em que o Natação e Regatas surgiu, eram sete, depois transferidas para a Rua de Santa Luzia e São Cristóvão.

Com seus remadores e nadadores desfilando seus corpos musculosos pelas ruas da região mais importante do Rio de Janeiro, o Natação e Regatas rapidamente se integrou à dinâmica de uma cidade que cada vez mais ocupava a cena pública (Melo, 2001; 2022). No século XIX, uma peça de revista e um periódico de mesmo nome foram uma expressão do que ocorria: o Rio Nu. A capital se denudava simbólica e materialmente, e a agremiação náutica da Praia da Lapa assumia o protagonismo esportivo com seus eventos sempre animados, reconhecidos pela presença de muitas belas “jovens senhoritas”, outro sinal das mudanças em curso.

O Natação e Regatas rapidamente tornou-se a referência de clube esportivo, reconhecido como uma agremiação organizada, centro de formação de um modelo de juventude que se esperava poder conduzir o país ao progresso, expressão civilizada dos novos tempos. Pela sua sede, passaram grandes personagens da política, economia e cultura nacionais – basta dizer que teve dois presidentes da República como associados, Campos Sales e Nilo Peçanha.

Espalhada pela praia, ruas adjacentes e Passeio Público, a população comparecia em peso a seus eventos. Foi uma primeira ocorrência melhor delineada de massificação esportiva, relacionada àqueles dois esportes que efetivamente se constituíram em uma ruptura – a natação e o remo, que colocaram em definitivo o corpo no centro da cena.

Não surpreende que o primeiro clube de futebol da cidade tenha surgido em sua sede: o Rio Futebol Clube, criado dias antes do Fluminense. Da mesma forma, ali foi feita a primeira reunião das agremiações futebolísticas

do Rio de Janeiro no intuito de criar a Liga Metropolitana e o primeiro campeonato. A entidade foi fundada numa reunião no Fluminense, mas a primeira reunião foi feita no Natação e Regatas, que, aliás, já sediara as pioneiras União de Regatas Fluminense (1897), Conselho Superior de Regatas (1900) e a durante décadas poderosa Federação Brasileira de Sociedades de Remo (1902).

Por que esse clube é tão pouco citado? Por que estou trazendo esse tema à baila?

Nas últimas décadas, tenho tido a honrosa possibilidade de participar de muitas bancas de mestrado e doutorado, orientar dissertações e teses, fazer pareceres para revistas, assistir a palestras, entre outras ações, nas quais a história do ludopédio é o tema central. E não poucas vezes comecei minha avaliação, de forma irônica, dizendo: “o futebol não inventou o mundo”.

A desconsideração do Natação e Regatas e quase unânime consideração do Fluminense como pioneiro grande clube do Rio de Janeiro são, entre outras, expressões de duas ocorrências, a meu ver, no mínimo limitantes, se não equivocadas: encarar o futebol como um fenômeno extraordinário, sem o inserir profundamente na constituição do campo esportivo em terras fluminenses; não ter em conta claramente o cenário histórico no qual ele se estruturou.

O futebol é um fenômeno incrível, mas é parte de um processo de desenvolvimento do fenômeno esportivo. No Rio de Janeiro, faz parte do terceiro ou quarto momento de estruturação do campo, antecedido pelo turfe, remo, ciclismo, atletismo, um percurso que data pelo menos dos anos 1850, sem considerar algumas ocorrências pregressas, registradas desde a década de 1810. Uma das chaves de seu sucesso é ter se inserido num cenário em que a gramática esportiva já era conhecida e apreciada pela população.

Obviamente, vale referência que alguns clubes ligados ao remo tenham depois abraçado o ludopédio, caso do Flamengo e do Vasco. Citemos também aquelas agremiações de bairro dedicadas aos dois esportes que se uniram dando origem a uma sociedade única, caso do Botafogo e do São Cristóvão. Houve especulações de que o Natação e Regatas se uniria com o América e o Clube de Regatas Guanabara se uniria com o Fluminense, ambas ao fim não concretizadas. Essas ocorrências são tanto uma expressão do aumento da presença social do futebol quanto da ressonância e respeitabilidade lograda pelo remo.

Mais ainda, o ludopédio se estruturou num momento em que melhor se delineava o processo de massificação cultural e a conformação de um mer-

cado de entretenimento, em formação no Rio de Janeiro desde o quartel final do século XVIII, manifestas no decorrer das primeiras décadas do século XX na maior espetacularização dos eventos públicos, na popularização do cinema, no surgimento das emissoras de rádio, na melhor definição do que depois chamaríamos de forma imprecisa de música popular, no aperfeiçoamento de uma imprensa mundana. O futebol foi mais um desses fenômenos.

Ainda mais, não é possível compreender a popularização do futebol sem entender o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, o espraiamento do tecido citadino para os subúrbios, a melhoria relativa dos meios de transporte, a conformação de uma elite suburbana organizada em agremiações que, longe do mar, optavam por outros esportes. Quando observamos com acuidade essas ocorrências, vemos os limites das considerações de que o futebol foi da elite para o povo. Foi o povo que fez o futebol ser o que é, e a ideia de povo só se manifestou mais ampliada e intensamente nas décadas iniciais do século XX.

A propósito, volta e meia, leio que o futebol foi o primeiro esporte popular. Não foi. Antes dele, no início do século XX, o remo já o era. Lembremos também que, em 1890, havia no Rio de Janeiro cinco hipódromos funcionando simultaneamente, em geral, lotados (Melo, 2022). Podemos dizer que o ludopédio foi um dos primeiros em que a prática se tornou mais espraiada, e isso é um diferencial importante. Mas seguramente foi herdeiro da popularidade anterior de outras modalidades.

Tudo isso que argumento não tem nem um milímetro de tentativa de desmerecer a importância do futebol. De forma alguma. Trata-se apenas de ponderar que sem o considerar historicamente de forma mais apropriada, diminuímos nossa capacidade de reflexão sobre o tema, não usualmente recorrendo a ideias superficiais e verdades pouco sólidas, sustentadas mais no âmbito do discurso do que na comprovação empírica. Mais ainda, por essa carência de compreensão histórica mais aprofundada, corremos o risco de cair de forma incauta nos discursos da imprensa e mesmos nas narrativas clubistas sem a devida prospecção.

Talvez, então, valha a pena pensar um pouco nisso quando nos debruçamos sobre esse magnífico fenômeno: o futebol não inventou o mundo, é uma ocorrência histórica eivada de muitas peculiaridades, mas é bem mais ordinário do que alguns costumam considerar em seus estudos, alguns dos quais beiram um certo “ufanismo” com o tema.

Referências:

MELO, V. A. de. Cidade sportiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2001.

MELO, V. A. de. Cidade divertida: entretenimentos no Rio de Janeiro do século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

Dérbi multissituado em três atos

Gabriel M. M. Bocchi

Mariane da Silva Pisani

15 de abr.

SOBRE O AUTOR E A AUTORA:

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi é formado em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado, UNESP), mestre em Antropologia Social (USP) e doutorando em Antropologia Social (UFSCar). Desenvolve pesquisas nas subáreas da Antropologia Urbana e Antropologia das práticas esportivas. Atua como professor de Ciências Humanas na educação básica e como artista visual multilinguagens.

Mariane da Silva Pisani é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS). É vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

BOCCHI, Gabriel M. M.; PISANI, Mariane da Silva. Dérbi multissituado em três atos. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.11, 2025.

Dérbi multissituado em três atos © 2025 by Gabriel M. M. Bocchi, Mariane da Silva Pisani is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Dérbi multissituado em três atos

Gabriel M. M. Bocchi

Mariane da Silva Pisani

15 de abr.

No texto a seguir, Mariane e Gabriel relatam as emoções de acompanhar a final do Campeonato Paulista de 2025. Como antropólogos e corinthianos apaixonados, eles apresentam a vivência de torcida em diferentes espaços.



*Comemoração dos torcedores
no Bar do Biu (16/03/2025). Foto:
Gabriel M. M. Bocchi*

Antes de apresentar os relatos propriamente ditos, é necessário fazer algumas, ainda que breves, explicações. O nosso objetivo é que vocês, leitores(as), sejam situados(as) contextualmente nas cenas que serão narradas a seguir.

No ano de 2025, após cinco anos de espera, Corinthians e Palmeiras se encontraram novamente em uma final do Campeonato Paulista. Desde o ano de 2016, vigora, no Estado de São Paulo, a medida judicial da “torcida única”, que faz com que os jogos aconteçam sem a presença das torcidas visitantes. Assim, a primeira partida, realizada em 16 de março, aconteceu no Allianz Parque, com mando do Palmeiras e sem a presença dos(as) torcedores(as) do Corinthians. Já a segunda partida, ocorrida em 27 de março, aconteceu na Neo Química Arena, com mando do Corinthians e apenas para os(as) alvinegros(as).

O texto a seguir está dividido em três breves seções e se conecta a outro texto, postado no Ludopédio, “O dérbi e seus torceres: a final por um corinthiano e uma palmeirense”. A primeira e a segunda seções deste texto narram as experiências corinthianas vividas separadamente pelos autores no dia 16 de março em dois espaços distintos: no Bar do Biu, localizado no bairro de Pinheiros, cidade de São Paulo, Brasil; e no Gambino Bar, localizado no bairro Balvanera, cidade de Buenos Aires, Argentina.

A terceira e última seção narra a experiência compartilhada pelos autores no dia 27 de março, quando assistiram juntos à segunda partida da final na

Neo Química Arena. A partir deste exercício multissituado, buscamos valorizar os diferentes lugares e formas de torcer que um mesmo jogo pode proporcionar à experiência torcedora. Da mesma forma, os textos das três seções apresentam diferentes estilos narrativos, uma vez que refletem as subjetividades dos autores que se engajaram na experiência descritiva das partidas do Dérbi.

Sobre sentir-se em casa, mas saber não estar

(por Gabriel M. M. Bocchi)

O Bar do Biu, localizado no bairro de Pinheiros, em São Paulo, configura-se como relevante ponto de encontro para corinthianos da região. Embora o primeiro jogo da final do Paulistão tenha sido disputado na cidade *de casa* dos corinthianos, ele era “fora de casa” (em razão da “torcida única”). Assim, desde as três da tarde daquele domingo, o bar começou a ser ocupado por torcedores.

O local divide-se em quatro ambientes. A calçada é o marco zero. Depois dele, há o primeiro salão, com balcão e bar, geladeiras e televisão. O segundo tem mesas, cadeiras e televisão. No terceiro, há mesas, cadeiras e geladeiras. Às quatro e meia da tarde, quando cheguei, corpos com camisas do Corinthians ocupavam parcialmente o marco zero e o primeiro salão, enquanto, no segundo e no terceiro, predominavam pessoas sem vestes futebolísticas desfrutando das refeições que dão fama *extra futebol* ao restaurante, como feijoada e baião de dois.

Conforme a tarde caía – embora, para os torcedores presentes lá desde cedo, “o tempo não passa, não chega a hora!” – permanecia no bar apenas uma grande maioria de corpos com roupas majoritariamente pretas e brancas. Destaca-se: não foram poucos os que chegaram com uma blusa fechada ou trocaram uma camiseta “normal” por uma do Corinthians: é tido como perigoso transitar pela cidade com a camisa do time não mandante em dia de clássico! Outro perigo compartilhado para aquelas tarde e noite: o transporte público! “Eu sou chato, falo pra galera: dia que a gente não é mandante, não pode pegar transporte público! Mesmo sem camisa, a gente entrega!”.

O jogo, enfim, teve início. “Apaga a luz!”, gritavam alguns torcedores no primeiro salão e na calçada, a fim de evitar o reflexo de lâmpadas brancas sobre a tela do televisor. Se não é incomum que estádios tenham “pontos cegos” – sobretudo nos setores destinados aos “visitantes” – ali, aquelas lâmpadas (fundamentais para as cerca de doze pessoas que trabalhavam no bar, algumas com camisas do Corinthians) também o eram.

Ainda em relação aos consumos alicerçados no torcer, era visível que a con-

centração de torcedores em pé na calçada se dava pois fumavam enquanto se esticavam para enxergar a televisão e o jogo. No intervalo, um desses torcedores comentou: “Alguém conseguiu ver bem o jogo para fazer algum comentário do time?”.

No primeiro salão, apertados, cantando e performando, algumas dezenas de corpos virados na direção da televisão. Ainda neste, eram tocados três instrumentos de bateria de samba, um deles por Rogério, um dos donos do bar. Tanto na calçada quanto no salão de entrada, eram poucos os que não tinham em mãos um copo com cerveja e que não cantavam, pulavam, balançavam braços, etc.

O terceiro salão (com quadros referentes ao Corinthians) estava vazio de pessoas: sem televisor. Já o segundo salão era ocupado por pessoas sentadas em cadeiras. As mesas eram apoios para copos, garrafas e pratos simples. Silencioso, era possível ouvir a narração da transmissão televisiva, apesar do ruído musical vindo do outro salão.

O Bar do Biu atende a diferentes expectativas e formas de torcer. Na calçada e no salão de entrada, assiste-se ao jogo em pé, com bateria e músicas de arquibancada. No segundo salão, assiste-se ao jogo sentado em cadeiras. Como não pensar na própria setorização e diversificação nas formas de ação-torcer nos estádios? No intervalo, comentei essa leitura com Rogério, que revelou não ser inédita: “Na época do Pacaembu, a gente falava que aqui [primeiro salão] era arquibancada amarela e ali [segundo salão] a cadeira laranja ou a numerada”.

Foram dois banhos de cerveja naquela noite: o primeiro quando Yuri Alberto marcou o gol corinthiano, o segundo quando a vitória se confirmou. Rapidamente, sinalizadores luminosos foram acesos, instrumentos de bateria levados à rua. O trânsito veicular na Rua Cardeal Arcoverde interrompido por exaltados corpos trajados em alvinegro: cantar, dançar, abraçar, filmar. Cerca de dez minutos de vivaz intensidade: “Seremos! Seremos!”, gritava um rapaz abraçado a outros quatro, entre a calçada e a faixa por onde passam os ônibus em alta velocidade. Seremos campeões!



Diferentes ambientes do Bar do Biu (16/03/2025). Foto: Gabriel M. M. Bocchi

Se, para a chegada, foram necessárias ações de prevenção, elas também começaram a circular na dispersão: nas horas anteriores e posteriores ao jogo, os corinthianos eram visitantes e adversários na própria cidade. Uma segunda onda de lentidão no trânsito veicular da Cardeal Arcoverde se formou: uma fila de carros com motoristas acionados por meio de aplicativos.

Atrás de mim, ouvi a voz de Rogério distribuindo orientações: “Pessoal, vamos embora que já já eles vão descer!”. Os mandantes no estádio, dentro de algumas dezenas de minutos, passariam por ali em carros, motos e ônibus seguindo de volta para suas casas (literais), nas zonas Oeste e Sul. Observei o bar já esvaziado, similar à cena do ato de minha chegada, no meio da tarde. Fiquei atento para que Miguel, motorista acionado por mim às oito e quarenta e três da noite, não se complicasse bloqueando o trânsito na rua por muito tempo.

Domingo de Déربي em Buenos Aires

(por Mariane da Silva Pisani)

16 de março de 2025. Em primeiro lugar: dia de Corinthians. Em segundo lugar: primeiro jogo da final do Paulistão 2025, com Déربي e mando de campo do Palmeiras. Saí de casa às 17h40 e fui caminhando até o Gambino Bar, a aproximadamente 20 quarteirões de distância. O jogo começava às 18h30, e cheguei faltando 15 minutos para o início da partida.

O Gambino Bar localiza-se no bairro Balvanera, cidade de Buenos Aires, Argentina. Ele tem como temática o Brasil, assim, não é raro encontrar brasileiros sentados às mesas de toalhas verdes e amarelas, comendo feijoada e tomando caipirinha, enquanto acompanham as partidas de seus times. Essas partidas são transmitidas ao público em dois aparelhos: um dentro do bar e outro na calçada.

Ao chegar no estabelecimento, notei que estava lotado. As finais dos campeonatos estaduais por todo o Brasil fizeram com que os torcedores – brasileiros migrantes na Argentina – buscassem o espaço para acompanhar seus times do coração.

Do lado de fora, a maior parte das mesas era ocupada por flamenguistas e palmeirenses. Imediatamente, falei com Felipe, o garçom que já me conhece:

Felipe, por favor, só me arruma uma cadeira para sentar? Não preciso de uma mesa.

Prontamente ele me alcançou uma. Pedi permissão para um senhor flamenguista que estava sentado sozinho:

Posso colocar minha cadeira aqui no cantinho da sua mesa?

Com sua anuência, me posicionei e, daquele espaço, assisti à partida. Novamente, chamei Felipe:

Desce um litrão bem gelado, por favor?

As cervejas no Gambino Bar vêm com uma capa de proteção térmica decorada com os escudos de alguns times brasileiros. Recebi minha cerveja em uma capa com o escudo do Palmeiras. Rindo, virei-me para o garçom e disse:

Ô, Felipe, sem condições isso aqui, né? Dá até azar um negócio desses! Troca pra mim, por favor!

Ele, também rindo, pegou a garrafa e trocou imediatamente, dizendo:

Ih! Esqueci que você era corinthiana!

Esqueceu mesmo ou quis tirar uma ondinha? Nunca saberei.

Jogo em tela. Transcorre o primeiro tempo.

De um lado, o Palmeiras, mais ofensivo. De outro, Hugo Souza atento e sempre bem posicionado. Matheuzinho defende um chute alviverde quase em cima da linha do gol! Meu coração vai à boca. Mais ações ofensivas do Palmeiras, nenhuma com efeito. Minhas mãos suam. Fim do primeiro tempo. Uma amiga argentina chega para acompanhar o jogo comigo.

Felipe, por favor, outro litrão e mais um copo.

Inicia-se o segundo tempo. Dez minutos transcorridos. Assistência de Memphis e gol de Yuri Alberto. Gritos nas mesas vizinhas. Pela primeira vez, localizo outra torcedora corinthiana. Ela está posicionada atrás de mim. Nunca a vi na vida. Prontamente, me levanto e lhe dou um abraço. Sorrindo, ela me diz:

Ficou sabendo? Penduraram uma cabeça de porco em um poste perto do Allianz.

Rimos juntas. Abraço minha amiga argentina e digo eufórica:

Vai Corinthians, Verô!

Na televisão, nosso camisa 9, Yuri Alberto, manda beijinhos para a torcida rival. Silêncio no estádio palmeirense. O jogo continua. Mais algumas ofensivas alviverdes, sem nenhum efeito. Fim do Dérbi: Corinthians 1 x 0 Palmeiras.

Jogada inesquecível? Canetada do Carillo.

Na mesa ao lado, vejo que um torcedor acompanha, na tela do celular, a final



Cerveja servida no Gambino Bar (16/03/2025). Foto: Mariane S. Pisani

do Campeonato Baiano. Outro clássico: Bahia vs. Vitória. Busco contato visual, aponto para o celular e pergunto:

E aí?

Ele responde:

Deu Bahia.

Ele faz um sinal de comemoração, e eu retribuo. Felizmente, naquela noite, fomos ambos vencedores em nossos respectivos clássicos.

Neo Química Arena | Arena Corinthians

Mariane: 27 de março de 2025, dia de Corinthians. Desde a semana anterior, penso nesse dia com bastante hiperfoco. Não consegui dormir na noite anterior. Ainda que meu voo saísse somente às onze da manhã, às oito eu já me encontrava no saguão do Aeroporto Aeroparque Regional Jorge Newbery, Buenos Aires, Argentina. Finalmente, voltaria ao Brasil depois de um ano vivendo em terras portenhas por conta do pós-doutorado. Mas a verdade é que aquele momento não se tratava, em nada, de finalização de um ciclo de estudo e trabalho. Eu estava voltando ao Brasil para ver o Corinthians jogar a final do Campeonato Paulista. Um pouco entorpecida pela falta de sono, não acreditava plenamente que, em poucas horas, estaria dentro da Neo Química Arena.

Gabriel: Acordei às cinco da manhã e, como de costume às quintas-feiras, daria aulas de Sociologia das 7h às 17h. Como foi difícil a concentração para discutir com as turmas de Ensino Médio o “contrato social” para Rousseau! A chegada na escola, a entrada nas salas de aula, as pausas para cafés com colegas. Todos os momentos foram recobertos por diálogos que lembravam que “é hoje!”. Um colega, ao me ver saindo da escola com uma camisa alvinegra, afirmou: “Você vai no jogo! Será um dos quarenta e oito mil privilegiados!”.

Mariane: Pousei no Brasil, em São Paulo, às 14h. Passei correndo pela alfândega e imigração. Precisava deixar as malas – onde estava toda minha mudança – guardadas no maleiro do aeroporto e pegar um Uber até a Bela Cintra, onde ficaria hospedada. Depois de 1 hora de trânsito, cheguei ao hotel às 16h, onde pude finalmente tomar um banho. A ansiedade que estava comigo desde a noite anterior, que me impediu de dormir, não passava. Peguei o telefone e enviei uma mensagem para meu amigo Felipe agradecendo o ingresso. Infelizmente, ele precisaria dar aulas naquela noite e não poderia assistir a partida no estádio. Enquanto escrevia a mensagem, comia, desinteressada, algumas batatinhas fritas que recebi no voo. Entre um gole e outro de energético, pensava no jogo. Às 17h30, me vesti e saí do hotel. Às 18h15, encontrei Gabriel na Estação República. Dali partimos. Destino: Corinthians-Itaquera.

Gabriel: No final daquela tarde, atravessamos a cidade de São Paulo. Mariane da região da República até Itaquera, e eu da região de Pinheiros até o mesmo destino. Fomos juntos parte do caminho. O clima na cidade direcionava para o jogo. Pessoas com camisas do Corinthians caminhando pela Avenida Faria Lima, telões no metrô divulgavam a partida como meio para ação publicitária de um site de apostas, informes sonoros indicavam que haveria horário expandido no funcionamento do metrô, a fim de atender aqueles que poderiam sair da Arena Corinthians apenas após a meia-noite.

Mariane: A viagem até a Neo Química foi tranquila, tanto quanto possível. Pessoas entravam e saíam dos vagões. Muitas pessoas com camisas do Corinthians circulavam pelo espaço. Um jovem de uns 20 anos puxou assunto conosco, comentando sobre o jogo. Eu estava tão ansiosa que não dei atenção. Enquanto Gabriel conversava com ele, eu enviava uma mensagem para um amigo que estava em Artur Alvim. Tão logo chegamos à estação, descemos para encontrá-lo. Uma das primeiras coisas que vi, ao sairmos da estação, foi uma cabeça de porco pendurada em uma árvore. Não contive o riso. “Cadê o Roberto, hein? Ele já te mandou a localização?”, perguntei. Saímos em busca dele no meio da multidão.

Gabriel: Chegamos na região de Artur Alvim, próxima ao estádio, por volta das 19h. Torcedores e torcedoras já se concentravam antes da partida entre as dezenas de bares da região, como é comum. Estávamos com fome, mas, conforme ocorriam encontros com outros(as) torcedores(as) e éramos tragados por aglomerados festivos – com tambores, rojões, sinalizadores e até um porco assando no rolete –, nos esquecemos daquela necessidade fisiológica. Uma caminhada que normalmente consome dez minutos requereu mais de trinta: passamos por fervos, encontramos pessoas torcedoras conhecidas de longa data, compartilhamos ansiedades e desejos recobertos de certeza para aquela noite de jogo do Corinthians. “Hoje são quarenta e oito mil dentro e quarenta e oito mil fora!”, comentou um senhor com camisa dos Gaviões da Fiel. A noite já se mostrava diferente.

Mariane: Era uma verdadeira profusão de sons, barulhos, cheiros, cores e pessoas. Sinalizadores enchiam o ar de fumaça e luz vermelha. Rojões rasgavam o ar com fortes estampidos. Vozes, cantos, gritos em uníssono pelo Corinthians. Pouco a pouco, a ansiedade dava passagem à euforia.



Destino: Corinthians-Itaquera (27/03/2025).

Foto: Mariane S. Pisani



*Clima antes da final
(27/03/2025). Foto: Gabriel
M. M. Bocchi*

Mesmo em meio a um mar de gente, foi possível encontrar Roberto e seu irmão. Eles pareciam tão ou mais ansiosos que a gente. Robertinho nos contou que iria assistir ao jogo do lado de fora do estádio, em um telão montado em uma rua lateral. Felizes de nos encontramos todos, abrimos umas cervejas e brindamos ali mesmo.

Gabriel: O jogo tinha seu início marcado para 21h35. Contrariando os movimentos comuns de jogos ordinários – não uma final de Paulistão contra o arquirrival – cerca de uma hora e meia antes do apito inicial, agrupamentos de torcedores(as) corinthianos(as) partiram rumo ao estádio. Na rua do Ponto de Encontro dos Gaviões da Fiel, onde encontramos Roberto e Guilherme, permaneceram aqueles sem ingresso e que, como eles, assistiriam ao jogo dali em um telão. E eram muitos, não só ali, como nas demais ruas ao redor. Nunca havia visto aquela região com tanta gente.

Mariane: Entrar em um estádio para assistir a um jogo já é, por si só, um evento memorável. Se for uma final de campeonato, a emoção se intensifica. Se for um Dérbi, transforma-se no evento de toda uma vida. E se, para isso, alguém precisa percorrer quase 2.300 km, acredito que estamos diante de uma crise aguda de paixão. Era assim que eu me sentia naquele momento: movida pela paixão, movida pelo Corinthians. Para mim, não se tratava apenas de ver um jogo. Se tratava de viver louca e intensamente aquele momento histórico. À medida que caminhava em direção ao estádio, a emoção crescia e as palavras me faltavam. Pensamentos corriam livres: “E se der tudo errado?”, “E se der tudo certo?”, “Só marquem um golzinho só, pelo amor de Deus”, “E se não ganhar?”, “Tem que ganhar, não é possível!”, “É isso! Se o Corinthians ganhar vou tatuar o escudo!”. Essa última foi a promessa feita, comigo mesma, naquela noite.

Gabriel: Dos doze jogos em que a presença de torcedores do Corinthians foi permitida nesse Paulistão, estive presente em oito. Perdi dois jogos no interior e dois em casa. Nos últimos quatro anos, estive em cerca de noventa partidas. Conforme eu me aproximava da arquitetura branca iluminada do estádio, ladeado por milhares de outros(as) torcedores(as) ves-

tidos em preto e branco, sentia que eu estava ali naquela noite para buscar algo que era meu. Apertado entre pessoas em uma fila para verificação de ingressos, na calçada da Avenida Radial Leste, meu pensamento sobre o que sentia veio desta forma, e em *itálico*: estou indo buscar algo que é meu.

Mariane: Dentro do estádio, buscamos lugares para assistir ao jogo, mas era impossível simplesmente sentar e esperar o jogo começar. O coração batia acelerado, as pernas inquietas, os olhos não paravam de percorrer cada detalhe, as mãos se contorciam sem parar. Eu tentava contar a respiração 4-7-8, ao mesmo tempo em que cantava baixinho um ponto para Ogum: “Jorge sentou praça na cavalaria, e eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia”. Respiração e reza. O som das arquibancadas vibrava no meu peito, como se o meu corpo inteiro ressoasse junto com os cantos da torcida. A imensidão do campo, as luzes, os bandeirões das organizadas tremulando e os gritos que vinham de todos os lados transformavam o espaço. Depois de passar um ano morando na Argentina e aterrissar em Guarulhos às duas da tarde daquele dia, lembro que foi somente naquele momento que pensei: estou em casa. Segurei o choro.

Gabriel: Desde o ano de 2022, frequento mais o estádio do Corinthians do que as casas de minha mãe e meu pai. Naquela noite, estava com a atenção redobrada para as diversas diferenças que podem ser vividas naquele espaço. Aos poucos, tive a sensação de que estava tudo diferente. Novos bares em Artur Alvim, diferente esquema de segurança, orientações para mosaicos e demais condutas torcedoras. Em geral, o estádio fica cheio por volta da metade do primeiro tempo. Faltavam vinte minutos para o apito inicial e já não se via movimentação de entrada de torcedores. De fato, havia elementos que marcavam aquele jogo como uma excepcionalidade em relação aos demais.

Mariane: Foi marcado um pênalti para o Palmeiras! Minha vista fica nebulosa e meus joelhos enfraquecem. Quase caio no chão de tanta angústia. Prendi a respiração. Era o momento em que tudo poderia desabar ou se eternizar. Veiga ajeitou a bola com frieza, mas do outro lado estava Hugo, sereno e calmo. Era como se o peso da decisão não o esmagasse. Ele olhou firme, leu o corpo do batedor e, quando a bola saiu do pé, disparou para o canto direito com precisão. A luva encontrou a bola. Defesa. O grito do estádio veio como uma avalanche. Alguém me deu um esbarrão. Por sorte, consegui segurar meus óculos no ar e, assim, evitar que ele fosse pisoteado. Me virei para a moça que estava do meu lado e, juntas, como se fôssemos velhas conhecidas, nos abraçamos e gritamos.

Gabriel: Em geral, acompanho os jogos realizando anotações em um aplicativo de texto em meu aparelho celular. É um hábito etnográfico que me leva, por vezes, a não ver – mas sentir, por outras vias – lances relevantes

das partidas e também ser inquirido por colegas e amigos. Foi impossível fazê-lo em meio à catarse de emoções do jogo. Se tudo parecia diferente, os meus registros não fugiram a essa máxima. Como pensar em anotações estruturadas com a pressão alviverde que durou quase meio primeiro tempo? Como pensar nos temas, tópicos e subtópicos da tese in fieri com a bola na trave de Garro? O pênalti defendido por Hugo Souza? A expulsão de Félix Torres? Gravei áudios descrevendo sentimentos e percepções, é verdade, mas quem venceu o lugar em meu corpo naquela noite foi o torcedor do Corinthians que se forma há mais de trinta anos.

Mariane: Quase final de segundo tempo. Sinalizadores pipocavam nas arquibancadas e bombas explodiam dentro do campo. Em questão de minutos, uma nuvem espessa de fumaça cobriu o campo e já não se podia mais ver o gramado. Não era só o campo que desaparecia dos nossos olhos: era a própria lógica do jogo que se diluía, substituída pela paixão e loucura torcedoras. Nitrato de potássio. Pólvora. Do que será que são feitos sinalizadores e bombas? De emoções em estado bruto. De emoções em combustão. A torcida, longe de ser mera espectadora, assumiu papel central, interferindo diretamente no ritmo da partida. A massa alvinegra fez do caos um gesto tático: o jogo precisava acabar! Éramos um coletivo que empurrava o time e os jogadores até o limite, desafiando o controle do juiz e afirmando que o futebol, no fundo, pertence a quem o vive louca e intensamente de corpo inteiro.

Gabriel: Fazia muito tempo que eu não chorava daquele jeito. Lutava contra meus ímpetos afetivos-torcedores com o que ocorria naquele estabelecimento comercial-desportivo. Buscava concatenar o mar de sinalizadores acesos aos 45 minutos do segundo tempo com a bibliografia recente de estudos sobre futebol brasileiro. Aquele era um momento de outras entregas. “Acenderam cedo demais! Ele [o árbitro] vai dar quinze minutos de acréscimos!”, repeti isso algumas vezes, desesperado! A nuvem de fumaça dos fogos de artifício nos impedia de ver o campo e os lances do jogo, e até mesmo o telão que transmitia as filmagens ao vivo. Perdemos a noção do tempo, tão necessária para o regramento esportivo. Não era possível ver ou ouvir os acréscimos ao tempo de jogo dados pelo juiz. “Acho que quando deu 45 minutos, eram onze e meia da noite”, comentou um rapaz ao meu lado. É comum ver torcedores acionando cronômetros em celulares no instante em que o relógio do telão marca 45 minutos e é congelado. É comum em jogos ordinários. Ali, contudo, em meio à tensão da final, entre jogadores conflitando no gramado, com Memphis em cima da bola, não havia ninguém ao nosso redor utilizando este dispositivo de controle do tempo. Não houve percepção de tempo para marcar o tempo?

Mariane: Que aflição! Foram 20 minutos de prorrogação? Não sei, ninguém ao lado sabe. Ouço o apito final. É fim de jogo. Uma onda de alívio percorre

*A emoção no estádio
(27/03/2025). Foto: Gabriel
M. M. Bocchi*

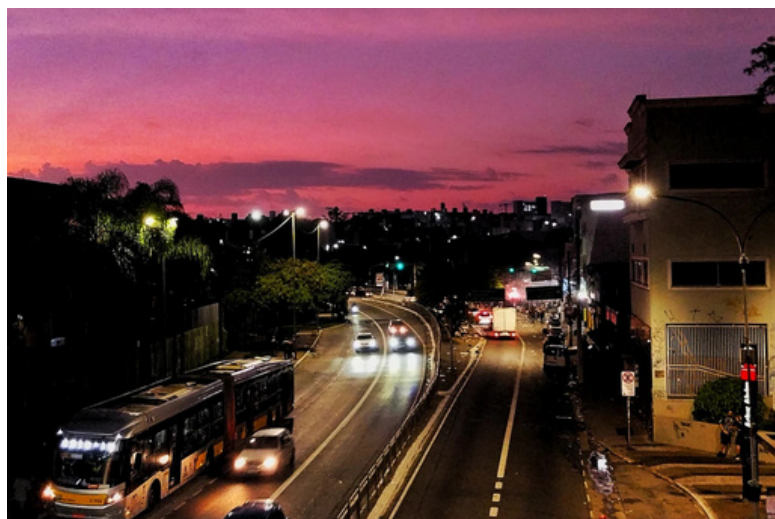


meu corpo, e, mais uma vez, os meus joelhos cedem. Quero me atirar ao chão e agradecer ao divino. Olho para o lado, Gabriel está chorando. Passo as mãos no rosto e percebo que eu mesma estou chorando. Não vi o momento em que as lágrimas começaram a cair. Tomo um gole de água e tento recuperar algum fôlego. Os sinalizadores e os sons da torcida ainda ecoavam no corpo, como se o jogo continuasse dentro de mim. Os torcedores não fazem o movimento de sair do estádio. Continuamos todos ali, cantando o hino do Corinthians, celebrando nossos jogadores, abraçando alegremente estranhos como se fossem velhos conhecidos. Acompanhamos a premiação e, na saída do jogo, reencontramos Roberto mais uma vez. Agora, acompanhado de outra amiga, Pâmela. Ainda que a Polícia Militar tenha tentado nos dispersar com sprays de pimenta, celebramos o título até às seis da manhã do dia seguinte com outros(as) torcedores(as) que também insistiram em ficar nos arredores do estádio. Durante a madrugada, entre risos, piadas e comemorações, lembro de dizer em determinado momento – talvez tenha sido um grito, tamanho estado de euforia: “Esse é o dia mais feliz da minha vida!”. E, de fato, foi. Tudo absolutamente valeu a pena.

Gabriel: Por volta da meia-noite, o título, que era dado como certo desde as 20h30 de 16 de março – “Seremos! Seremos!” – se confirmou. A felicidade plena pôde ser saboreada, ainda que como alívio. Não vi ninguém correndo para sair do estádio, como é comum ao término de jogos noturnos. Erguer a taça fazia parte do jogo. Sair com uma calma esfuziante, cantando, abraçando amigos e parentes, declarando que “amanhã é feriado!” também. A madrugada avançava em Artur Alvim. Uma e meia, duas, três, quatro da manhã. Caminhões servindo como plataforma para aglomerações de torcedores, bares lotados, caixas térmicas de vendedores ambulantes sendo esvaziadas. Todos os encontros com pessoas torcedoras que conheço há cerca de uma década, ou alguns meses, foram centralizados em abraços firmes e frases na primeira pessoa do plural, como: “Somos campeões!”. Não foi o Corinthians, fomos nós. “O Corinthians somos nós!”, é frase recorrente. Às quatro e meia, o metrô reabriu, e foi visível um pequeno êxodo. Pequeno, pois o volume de pessoas em celebração ainda bloqueava a Rua Doutor Luís Ayres e queimava sinalizado-

*Céu no amanhecer do dia
seguinte (28/03/2025).*

Foto: Gabriel M. M. Bocchi



res, pareciam infinitos! Quando partimos rumo à região central da cidade, às seis da manhã, o céu já estava em tom rosa azulado por conta do nascer do sol. O metrô, cheio de trabalhadoras(es), foi palco de bate-boca entre quem queria silêncio para cochilar e dois madrugadores festivos corinthianos. Mudamos de vagão. “Será que a gente acha uma feijoada por essas horas?”.

Mariane: Quando cheguei no hotel, por volta das nove da manhã, dois últimos pensamentos me atravessaram enquanto encostava a cabeça no travesseiro: “Bendita seja a hora que entrei no avião em Buenos Aires para assistir a essa final” e “Preciso providenciar a tatuagem do escudo do Corinthians”. Depois de mais de 30 horas acordada, finalmente fechei os olhos e, sorrindo, dormi o sono dos campeões.

Do estádio às ruas: torcedores contra a violência do Estado na Argentina

Mariane Pisani

24 de abr.

SOBRE A AUTORA:

Mariane da Silva Pisani é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS). É vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Este texto é a adaptação de um artigo publicado originalmente na coluna Esportes Rebeldes do Brasil de Fato, em 17 de março de 2025.

COMO CITAR:

PISANI, Mariane. Do estádio às ruas: torcedores contra a violência do Estado na Argentina. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.12, 2025.

Do estádio às ruas: torcedores contra a violência do Estado na Argentina. © 2025 by PISANI, Mariane. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Do estádio às ruas: torcedores contra a violência do Estado na Argentina

Mariane Pisani

24 de abr.

No texto a seguir, a autora relata uma manifestação de aposentados contra o governo Milei que contou com o apoio de torcedores(as) de diversos times argentinos.



Torcedores(as) de diversos times saíram às ruas em protesto na Argentina. Foto: Mariane Pisani

No final de 2023, Javier Milei assumiu a presidência da Argentina e, desde o início de seu governo, uma série de medidas neoliberais e de empobrecimento da população foram adotadas. Os(as) aposentados(as) argentinos constituem a parcela mais atingida e vivem uma verdadeira crise humanitária. Atualmente, mais de 60% dos aposentados(as) no país possuem uma renda abaixo da linha da pobreza, recebendo um salário de 279 mil pesos (aproximadamente 1.350 reais). O custo de vida, devido à alta inflação que assola o país, está na casa de 1.200.000 pesos (cerca de 5.800 reais) mensais. Assim, o valor da pensão não cobre 30% dos gastos estimados. Além da inflação desenfreada, alguns programas de seguridade social também foram cortados no governo de Milei. Em dezembro de 2024, o fornecimento gratuito de medicamentos de uso contínuo para aposentados(as) foi cancelado.

Desde o início de 2025, aposentados(as) têm se reunido todas as quartas-feiras, na Praça do Congresso da Nação, para protestar por dignidade. A polícia argentina, por sua vez, tem empregado força extrema para reprimir e dispersar os manifestantes. No dia 5 de março, torcedores do Club Atlético Chacarita Juniors se juntaram aos aposentados e, mais uma vez, todos foram duramente reprimidos com cassetetes e spray de pimenta. Na sexta-feira, 7 de março, a Coordenação de Torcedores (@coorddehinchas) e a Coordenação de Futebol Feminista (@coorfutfem) lançaram uma convocatória conjunta em suas redes sociais, chamando torcedores(as) – independentemente do clube – para comparecer à manifestação da sema-

na seguinte, marcada para o dia 12 de março, às 17h, em frente ao Congresso da Nação. De imediato, torcedores(as) dos clubes Tigre, Deportivo Merlo, Ferro, River, Boca, Independiente, Racing, San Lorenzo, Vélez, Huracán, Lanús, Banfield, Gimnasia La Plata, Chacarita, Chicago, Estudiantes de Caseros, Temperley, Almirante Brown, All Boys, Atlanta e Excursionistas responderam ao chamado.

Se o governo e a polícia se prepararam para reprimir, os torcedores também estavam organizados para resistir. Em um cenário onde a política institucional falha em proteger os mais vulneráveis, foram os setores historicamente criminalizados – as torcidas organizadas – que assumiram a linha de frente da defesa popular. A narrativa oficial sempre tentou associar torcedores a violência e desordem, mas foi exatamente essa capacidade de articulação coletiva, construída nas arquibancadas, que garantiu a segurança de muitos aposentados e trabalhadores naquele dia. O futebol, para eles, nunca foi apenas um jogo, mas um espaço de pertencimento e mobilização. Neste texto, todas as pessoas que se manifestaram e conversaram comigo terão suas identidades preservadas por motivos de segurança.

Logo após a convocatória conjunta das Coordenações de Torcedores e Futebol Feminista, fui adicionada a um grupo de mensagens instantâneas, composto majoritariamente por torcedores(as) de um clube da capital bonaerense. Até o dia da manifestação, o grupo contava com mais de 60 pessoas. Desde o início, percebi que ali havia torcedores(as) de torcidas organizadas, mas também torcedores(as) autogestionados, ou seja, não agremiados a nenhuma torcida.

Desde o começo, ficou claro que o principal objetivo era deixar de lado a rivalidade clubística e, juntos(as), proteger os(as) aposentados(as) da ação truculenta da polícia. Um dos organizadores reforçava diariamente: “As rivalidades clubísticas devem ficar da ‘porta de casa para dentro’. O ato de quarta-feira merece respeito, somos o punho da classe trabalhadora.”

Outra organizadora orientava para que ninguém comparecesse sozinho(a) e sugeria que todos(as) enviassem seus dados pessoais (nome completo e número de identidade) e mantivessem um contato de confiança na discagem rápida do celular para qualquer emergência.

Durante a semana, algumas medidas de segurança e proteção foram articuladas:

“A ideia é que cuidemos uns dos outros e respeitemos os torcedores de outros times. Vamos formar um cordão de isolamento ao redor dos(as) aposentados(as). Sabemos que é uma passeata pacífica, mas também devemos estar atentos às agressões da polícia.”

“Levem sacos de leite. Em caso de gás lacrimogêneo, não passem água nos olhos, pois arde mais – usem leite.”

“Molhem panos com leite e coloquem sobre os olhos e a boca.”

“Se possível, levem luvas, máscaras e óculos de proteção.”

“Vou levar um kit de primeiros socorros para casos de ferimentos por balas de borracha.”

“Levem uma troca de roupa, caso a polícia use jatos de água ou tinta.”

“Cuidado com infiltrados. Se virem alguém de calça jeans, tênis branco, pochete e cabelo curto, é policial disfarçado.”

“Planejem rotas de fuga caso a polícia avance. Não fiquem sozinhos(as) ou desgarrados(as) em nenhum momento.”

“Mulheres, amarrem os cabelos.”

“Não se exponham na frente da polícia.”

“Filmem tudo o que for possível.”

“Se forem presos(as), gritem seus nomes.”

“Mantenham a calma. Não corram.”

Enquanto os(as) torcedores(as) organizavam uma manifestação pacífica e segura, a Ministra da Segurança Nacional, Patricia Bullrich, postava em suas redes sociais que as torcidas envolvidas no ato eram barras bravas, ou seja, grupos violentos de torcedores organizados. Com esse pretexto, autorizou que a polícia empregasse medidas de repressão para garantir a “ordem e a segurança pública”.

No dia da manifestação, antes de sair de casa, acompanhei atentamente as redes sociais e vi no perfil @elgritodelsur um vídeo em que vários(as) torcedores(as) explicavam os motivos de sua presença na manifestação e o apoio aos aposentados(as). Algumas declarações:

“As torcidas e os torcedores fazem parte do povo, e esse governo não gosta do povo.”

“Esse governo se mete com os velhos, com os trabalhadores, com as mulheres, com as prostitutas, com as trans. Não sei para quem Milei quer governar, mas nós não temos nada a ver com ele.”

“Porque você vai ser aposentado, eu vou ser aposentado, todos vamos ser aposentados um dia.”

“Os aposentados são nossa gente, eles lutaram para que nós pudéssemos ter um futuro, por isso todos os torcedores estão aqui para defendê-los.”

“Estamos aqui porque temos avós, porque vamos ser aposentados um dia, e porque esse governo não é mais possível.”

“Eu estou aqui pela minha família, o que ganham de aposentadoria não chega até o fim do mês, tiraram os remédios deles.”

“Nos idosos e nas crianças não se toca, por isso estamos aqui apoiando.”

Segura de que seria uma manifestação pacífica, saí de casa por volta das 16h30. A caminhada da minha casa até o Congresso da Nação leva aproximadamente vinte minutos e, no caminho, na esquina das avenidas Callao e Corrientes, encontraria uma amiga para seguirmos juntas. Dali, seriam apenas mais quatro quadras até chegarmos à Praça do Congresso e nos encontrarmos com os(as) torcedores(as).

Caminhamos, minha amiga e eu, uma quadra e encontramos vendedores ambulantes, com os quais cada uma comprou um lenço branco com os dizeres:

“Aposentados em luta! Temos que ser muito cagões para não defender os aposentados” – Diego Maradona.

A frase foi proferida pelo ídolo argentino em 1992, durante uma manifestação dos(as) aposentados(as) em defesa de seus direitos. Mais adiante, também foi possível ver um motorhome todo decorado com as cores azuis e estampado com imagens de Maradona. Além disso, muitas pessoas vestiam camisas de seus clubes e seguravam cartazes onde se lia, em clara alusão à declaração da ministra Patricia Bullrich:

“Somos torcedores! Não somos barras bravas!”

Seguimos nossa caminhada. Na esquina entre Callao e Juan Perón, o cheiro de gás lacrimogêneo estava forte, e era possível ver e ouvir pessoas espirrando e tossindo. De longe, ouvíamos os barulhos dos tiros de bala de borracha, sempre constantes e ritmados. Assustada, abri o grupo de mensagens instantâneas. Alguns dos(as) torcedores(as), que estavam duas quadras à nossa frente, na Praça do Congresso, informavam que a polícia estava atacando torcedores(as) e aposentados(as) com gás lacrimogêneo, balas de borracha e cassetetes.

Decidimos percorrer uma rua paralela e continuar caminhando em direção

à Praça do Congresso. Quando estávamos na rua Rodríguez Peña, fomos cercadas por um grupo de policiais de motocicleta e precisamos nos esconder atrás de uma banca de jornal para evitar os disparos de bala de borracha e gás lacrimogêneo, que eram efetuados sistematicamente. Todas as lojas estavam fechadas, os(as) trabalhadores(as) do lado de dentro, assustados(as), e nós, do lado de fora, na rua, apavoradas.

Escondidas entre a banca de jornal e um mercadinho, víamos, pelo reflexo do vidro, os policiais passando: enquanto um dirigia a motocicleta, o outro ia na garupa, de pé, apontando a arma para todos(as) nós. Parecia uma caçada: de um lado, a força estatal, representada pela polícia; do outro, aposentados(as), torcedores(as), manifestantes, crianças, mulheres e trabalhadores(as). A sensação era de que ninguém estava seguro(a).

Retrocedemos. Voltamos para outra esquina, agora entre Avenida Corrientes e Rodríguez Peña. Ouvi um barulho de tiro. Quando me virei, vi um destacamento de policiais, com armas em punho, fazendo um contorno para alcançar os manifestantes pelas costas. Eles estavam decididos a não deixar ninguém chegar perto da Praça do Congresso.

Decidimos que, por nossa segurança – afinal, éramos duas mulheres, sendo uma estrangeira –, não era mais possível permanecer ali ou mesmo participar da manifestação. No caminho de volta para casa, percorrido inteiramente a pé, passamos por ônibus da polícia que levavam manifestantes presos(as). Encontramos uma aposentada, também recuando. Conversamos com ela. Entre indignação e coragem, ela nos disse: “Sobrevivemos aos anos 1970. Iremos sobreviver a esse governo também.”

Ao chegar em casa, ligamos a televisão e abrimos as redes sociais. Até a madrugada, foi possível acompanhar, por meio das filmagens dos(as) manifestantes e jornalistas, as atrocidades cometidas pela polícia argentina:

- Uma aposentada de 81 anos foi golpeada na cabeça por um policial. Ao cair desmaiada, ele lhe deu as costas e seguiu sua caminhada.
- Um policial jogou um revólver no chão e, deliberadamente, afastou-se da arma.
- Viaturas foram abandonadas com as portas abertas no meio da rua. Pouco tempo depois, uma delas foi incendiada.
- O fotojornalista Pablo Grillo, ao se abaixar para tirar uma fotografia, foi atingido na cabeça por uma bomba de gás lacrimogêneo. Ele foi levado às pressas ao hospital, com traumatismo craniano e perda de massa encefálica. Até o fechamento deste texto, segue lutando por sua vida.
- Crianças de colo foram atacadas pela polícia com spray de pimenta.
- Pessoas caminhando nas calçadas foram agarradas pelas costas por policiais e levadas presas.

- Adolescentes e crianças saindo da escola técnica foram presos(as).
- A polícia atirou nos pés de uma mulher que estava parada no ponto de ônibus.
- Idosos exibiam os ferimentos provocados pelas balas de borracha.
- Pessoas algemadas estavam caídas sobre as calçadas, gritando seus nomes para as câmeras.
- Mais de 120 pessoas foram detidas.

A violência do Estado contra manifestantes não é novidade na Argentina. Da última ditadura militar (1976-1983) até as repressões de governos democráticos, a força policial tem sido um dos braços mais brutais da manutenção da ordem. O que se viu no dia 12 de março, no entanto, não foi apenas a dispersão de um protesto: foi a criminalização explícita da organização popular, um ataque direto àqueles que representam a resistência. Torcedores(as) e aposentados(as) tornaram-se alvos porque desafiam a narrativa oficial de que não há alternativa ao projeto neoliberal de Milei. Quando o Estado precisa recorrer à força para silenciar demandas legítimas, não há dúvida de que o medo está do outro lado.

Enquanto a polícia espalhava o caos e o medo, nas redes sociais, a ministra Patricia Bullrich afirmava que os(as) torcedores(as) não estavam ali para defender os aposentados(as) e publicou:

“Eles foram armados até os dentes para gerar caos e violência. Vamos denunciar penalmente todos os responsáveis. Pediremos a expulsão de todos os imigrantes presos. Levaremos ao Congresso a ‘Ley Antibarras’. A máfia do futebol termina aqui. Na Argentina, manda a lei, não os barras bravas e nem a esquerda.”

O que aconteceu naquele dia escancara o paradoxo da repressão estatal: enquanto a Ministra da Defesa tentava justificar a brutalidade da polícia alegando um suposto risco representado pelos torcedores, foram justamente esses mesmos torcedores que garantiram que o protesto fosse organizado e protegido. “Vamos formar um cordão de isolamento ao redor dos aposentados”, “se virem infiltrados, fiquem atentos”, “não deixem ninguém sozinho” – eram essas as palavras trocadas antes do ato. Enquanto o governo tentava pintar os manifestantes como criminosos, a realidade mostrava algo muito diferente: eram as mesmas pessoas que vibram nos estádios, cantam em coro por seus clubes e conhecem as ruas como poucos que estavam ali para defender quem mais precisava.

Assim, enquanto a ministra Patricia Bullrich tentava distorcer os acontecimentos e criminalizar os manifestantes, nas ruas, a violência do Estado era real, brutal e indiscriminada. A repressão não diferenciava torcedores, aposentados ou trabalhadores; todos eram alvos. Foi nesse ce-

nário de caos e resistência que conversei com uma das torcedoras que participou do ato, e suas palavras traduzem a indignação e a coragem daqueles que enfrentaram a fúria policial naquela tarde.

“Estávamos bastante preparadas, pois achávamos que haveria uma manifestação com muitas pessoas – e assim foi. Também tomamos cuidado para proteger uns aos outros e, se possível, ajudar quem precisasse. Levamos máscaras, luvas, um kit de primeiros socorros e tínhamos pontos estratégicos para nos abrigarmos. A princípio, a manifestação foi tranquila, pelo menos do lado dos manifestantes. Mas o governo ocupou todas as ruas com barreiras policiais e caminhões-pipa, que jogavam água na gente. Pouco depois de algumas horas de concentração, a repressão começou. Eles começaram a lançar spray de pimenta e gás lacrimogêneo. A ideia deles era nos separar e dispersar a manifestação para as ruas laterais. Foi caótico ver idosos chorando, crianças sufocando por causa do gás. Não bastasse isso, mandaram até caminhões de bombeiros para nos reprimir! Foi uma loucura, as pessoas corriam para todos os lados, algumas atropelando outras! Optamos por resistir e ficar o máximo possível. E essa é a palavra-chave: RESISTIR! RESISTIMOS PELOS APOSENTADOS, POR NÓS E POR AQUELES QUE VIRÃO. É vergonhosa a resposta da Ministra da Segurança e todo o circo que montaram contra nós, o povo argentino. É lamentável!”

Não é coincidência que, diante da escalada autoritária do governo de Javier Milei, os(as) torcedores(as) tenham sido os primeiros a se levantar. O futebol sempre pertenceu ao povo, e qualquer tentativa de arrancá-lo desse lugar é recebida com resistência. Dos cantos de arquibancada que desafiam os poderosos às torcidas que transformam estádios em espaços de luta, o esporte segue sendo um refúgio para aqueles que não têm medo de contestar. Se os governos veem no futebol um território a ser controlado, os torcedores o veem como um espaço que deve ser defendido. E o dia 12 de março foi mais uma prova disso.

12 de março de 2025 vai ficar para sempre marcado na minha vida como um lembrete brutal de que a violência do Estado não precisa de justificativas, apenas de um inimigo designado. Os inimigos, naquele dia, foram os(as) aposentados(as), os(as) torcedores(as), os(as) trabalhadores(as), as mulheres, as crianças. As cenas lamentáveis que se repetiam rua após rua – pessoas em fuga, comerciantes fechando as portas, policiais em motocicletas avançando sobre manifestantes, o cheiro de gás lacrimogêneo impregnando o ar e o som das balas de borracha cortando o tempo – reforçam o despreparo e o autoritarismo do governo Milei. Mas, se a repressão tinha método, a resistência tinha memória e, mais ainda, tinha história. Porque resistir não é um ato de improviso, é um aprendizado que se faz coletivo, que é passado entre gerações de torcedores que sabem que

o futebol, como o seu próprio país, é território em disputa.

Foi no futebol que muitos ali forjaram sua primeira experiência de luta. Para esses torcedores, a arquibancada sempre foi um espaço de pertencimento e, ao mesmo tempo, de enfrentamento. Aprenderam cedo a organizar suas fileiras, a proteger seus companheiros, a reconhecer as estratégias da polícia e a transformar o canto em protesto. Naquele dia, a rivalidade clubística ficou da porta para dentro, como diziam no grupo de mensagens, porque na rua a luta era uma só. E eles e elas estavam preparados(as). Cada instrução trocada nos dias anteriores fazia parte de um código coletivo de resistência.

A união entre aposentados(as) e torcedores(as) vem como um lembrete: as ruas não pertencem às elites, nem ao fascismo, nem aos governos autoritários. A rua é do povo e o futebol também. E quando o povo se levanta, quando os(as) torcedores(as) rompem o cerco da repressão para defender suas famílias, seus bairros, seus idosos, a memória dos mortos e seus futuros, eles provam que o futebol não é apenas um jogo: é um campo de disputa política.

Não há símbolo mais forte ou movimento mais poderoso do que as novas gerações tomando as ruas para defender aqueles(as) que antes estiveram ali por eles. Os(as) mesmos(as) que décadas atrás resistiram às ditaduras, que sobreviveram às políticas de miséria, que viram amigos(as) desaparecerem e que agora, mesmo debilitados(as), ainda levantam suas vozes contra um governo que quer reduzi-los ao silêncio.

O medo que a polícia e o governo argentino tentaram impor naquela tarde não venceu. Na próxima quarta-feira, estaremos na Praça do Congresso novamente. Até porque, se a violência do Estado foi meticulosamente planejada, a resposta foi dada. Ela ecoou nos gritos dos(as) torcedores(as), nas faixas erguidas no meio do gás lacrimogêneo, no compromisso firmado dias antes para proteger os(as) aposentados(as).

O governo pode tentar apagar as imagens, criminalizar os manifestantes, reforçar o discurso da ordem, mas não pode mudar os fatos: no dia 12 de março, os(as) torcedores(as) tomaram as ruas e, com suas camisetas, suas paixões, seus cantos, lembraram à Argentina que ela ainda é um país que resiste. O futebol é parte fundamental que constitui esse povo e, como a história já provou, nenhuma ditadura e nenhum ditador sobrevivem para sempre quando o povo ocupa as ruas.

Bruna, presente!

Caroline Soares de Almeida

7 de mai.

SOBRE A AUTORA:

Bruna Oliveira da Silva graduou-se em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo (USP) e cursou mestrado no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da USP.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

Este texto é uma adaptação da apresentação realizada pela autora no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro, realizado de 5 a 7 de agosto de 2024, em Florianópolis. O resumo original do trabalho pode ser acessado nos anais do evento : https://www.inctfutebol.com.br/_files/ugd/87bf92_697c72024af642cd83bb14_4aa4d8b3b9.pdf

Em caso de violência contra mulher, ligue 180 ou acione o canal de atendimento oficial via WhatsApp pelo número (61) 9610-0180. Em situações de emergência, ligue para 190.

COMO CITAR:

SILVA, Bruna Oliveira da. Corote e Molotov: o lazer e a luta do povo de rua. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.13, 2025.

Corote e Molotov: o lazer e a luta do povo de rua. © 2025 by SILVA, Bruna Oliveira da. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Bruna, presente!

Caroline Soares de Almeida

7 de mai.

Bruna Oliveira da Silva, no I Encontro do INCT Futebol. Imagem: Fábio Machado Pinto



Corote e Molotov: o lazer e a luta do povo de rua é o título do trabalho apresentado por Bruna Oliveira da Silva no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias Futebolísticas e no IV Simpósio de Futebol do NAVI. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo, ela era graduada em Lazer e Turismo pela mesma instituição. Há poucos dias, no mês passado, Bruna foi brutalmente assassinada. Sua partida precoce e violenta representa uma perda irreparável para a pesquisa social brasileira, mas seu legado permanece vivo na força de seu compromisso com as lutas populares, os direitos humanos e os saberes construídos nas margens da sociedade.

Sua pesquisa parte da prática do futebol de várzea entre pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, com foco na experiência do time amador “Corote e Molotov” e da comunidade “Maloca”, nome atribuído pelos próprios moradores ao local onde vivem no bairro da Mooca, em São Paulo. Acompanhando de perto a organização dos jogos, Bruna observou como essa coletividade cria redes de apoio, vínculos sociais e formas de resistência por meio do futebol. Utilizando entrevistas e observação participante, o estudo mostra como o esporte, quando vivenciado em experiências auto-organizadas, pode fortalecer laços comunitários e afirmar direitos básicos como moradia, dignidade e convivência.

A pesquisa destaca que, embora existam equipamentos de lazer na cidade, o acesso a esses espaços continua profundamente desigual. Entre precarie-

dades e exclusões, o “Corote e Molotov” surge como uma iniciativa de vida coletiva, em que o lazer se entrelaça com a luta por justiça social. Bruna nos mostra que o futebol de várzea, nesse contexto, não é apenas prática esportiva: é encontro, solidariedade, construção de identidade e disputa por reconhecimento.

Ao registrar essas vivências, Bruna nos convida a refletir sobre o valor das iniciativas autogestionadas e sobre a urgência de escutar vidas marginalizadas, em situação de extrema vulnerabilidade social, sobre as alternativas que esses grupos podem criar fora das estruturas institucionais. Seu trabalho permanece como referência e testemunho de uma trajetória comprometida com transformações sociais construídas a partir do cotidiano, da escuta e da coletividade. Sua memória seguirá viva nos campos, nas ruas e nos espaços onde se luta por dignidade e por um outro modo de viver a cidade.

Como uma homenagem a Bruna e para difundir o trabalho realizado por ela, iremos apresentar, abaixo, uma adaptação para o blog Bate-Pronto do resumo do trabalho apresentado por ela no I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro.

Bruna, presente!

Corote e Molotov: o lazer e a luta do povo de rua

Bruna Oliveira da Silva (USP)

A inacessibilidade ao lazer de qualidade decorrente de diversas barreiras sociais, políticas e econômicas é uma realidade enfrentada por muitos, especialmente os menos privilegiados, mesmo sendo um direito garantido constitucionalmente.

Ao criar um ambiente de lazer, o futebol de várzea emerge como um exemplo significativo de organização e senso comunitário, refletindo aspectos sociais e culturais presentes nos bairros periféricos. Alcançando, também, os indivíduos em situação de rua daquelas regiões.

Atualmente, a dinâmica desse futebol ultrapassou as margens do rio Tietê (São Paulo) e conta com ferramentas facilitadoras de sua expansão, como a economia colaborativa e as redes sociais. Apesar de não haver um levantamento quantitativo preciso, é possível observar o crescimento expressivo de times na grande metrópole.

A pesquisa aqui apresentada volta-se para o time “Corote e Molotov”, fundado em 2016, no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo. O estudo visa

analisar a dinâmica dos jogos realizados pelo time, explorando como as atividades auto-organizadas contribuem para o grupo e seus membros, além de examinar a relação do grupo com a cidade.

Uma abordagem etnográfica é proposta para compreender melhor o pensamento dos participantes acerca da importância do time para a comunidade. Documentar essas narrativas é crucial para preservar essa expressão cultural.

O futebol de várzea é uma atividade muito expressiva, em que o lazer é amplamente trabalhado, por se tratar de algo organizado pela comunidade. Apesar do tom de “brincadeira” atribuído ao amadorismo, é possível notar traços culturais locais, representatividade e sentimento de pertencimento. Ele está imerso em uma história, em contato com pessoas que, junto com sua identidade, gírias e costumes, organizam os jogos sem influência das grandes corporações, com o único propósito de criar um cenário lúdico.

Através do futebol de várzea, a população expressa sentimentos, mobilizando não só os jogadores, mas também quem participa desse contexto, quem reside próximo, quem simpatiza com as questões políticas do bairro, oferecendo solidariedade nas relações sociais e com o espaço.

Para os brasileiros, o futebol é referencial de lazer. A partida se torna deleite para jogadores, familiares, amigos e torcedores. O futebol de várzea tornou-se símbolo de lazer das classes populares, pois esse contato difundiu a modalidade, promovendo a participação dos sujeitos.

É nesse contexto que o time “Corote e Molotov” surge, em uma tentativa de garantir não só o lazer de qualidade a uma população preterida, mas o acolhimento dos sujeitos que compõem essa população. Logo na entrada do local em que os integrantes do time se reúnem, há um cartaz que chama a atenção para quem ocupa aquele local: a população em situação de rua e ex-trabalhadores da Alcântara Machado¹.

O cartaz deixa claro que aquele é um espaço de uso e manutenção coletiva e que as ações ali realizadas possuem um caráter de entidade autônoma que tende a estimular a cidadania daqueles que vivem na Maloca (nome que foi atribuído ao lugar pelos moradores)². Nesse local, considerado lar, independentemente de diferentes tipos de doações, os moradores conseguem manter uma estrutura sólida familiarizada, sem vícios assistencialistas.

O time nasceu, portanto, desse cenário coletivo, contando com diversas ações que visam a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. A própria Maloca é uma alternativa para a população em situação de rua do entorno,

na questão do residir, cedendo um espaço para que os sujeitos montem uma casa com seus pertences e familiares. O uso do espaço é discutido em assembleias gerais, o que reafirma o protagonismo dos indivíduos presentes nessa engrenagem de apoio mútuo. Vale ressaltar que tudo que ocorre na Maloca é planejado sem nenhuma influência partidária.

Analizando o espaço, é possível dizer que, através dele, o morador em situação de rua está inserido em um processo transformador, pois conta com espaços de recursos básicos, além de espaços de convivência, lazer e eventos. Esse local demonstra como o espaço pode ser utilizado para fazer com que minorias sociais se reconheçam como parte da sociedade, mesmo com a tentativa do Estado de tirá-los do que eles próprios construíram (laços afetivos, política autônoma no trabalho coletivo, cooperação).

Esse caráter crítico e de reconhecimento da posição do sujeito periférico na sociedade pode ser visto na imagem a seguir:

Nos relatos obtidos, pode-se perceber a convicção dos jogadores em dizer que o time é movido pelo sentimento de disputa e o zelo em informar que estão jogando por um motivo: lutar pelo direito do morador em situação de rua. Como torcedores, eles se entristecem ao dizer que já perderam para muitos times de “playboys”, relatando o preconceito que passaram dentro de campo e as barreiras existentes de locomoção, como o valor do transporte público.



“Paz entre nós. Guerra ao sistema”.

Imagem: Bruna Oliveira da Silva

Na conversa com os jogadores, comissão técnica, e na própria pesquisa de campo, notei a resistência dos participantes em dizer que o que eles faziam era um ato de lazer. Atribuo isso ao fato de que a luta do morador em situação de rua é longa e constante. Sempre são colocados à prova e estão engajados no papel de afirmar que são cidadãos e que, como qualquer minoria social, devem ter seus direitos assegurados e serem reconhecidos como parte integrante da sociedade que está em busca de seus ideais e objetivos.

Observar os movimentos que carregam consigo uma história de luta diária, que impõem suas necessidades através de suas práticas, é dar maior visibilidade à organização que representa os cidadãos que passam desper-

cebidos pelo poder público.

Por fim, é possível afirmar que a luta por direitos através do lazer é uma forma de emancipar o sujeito, como o exemplo do time Corote e Molotov, que, nascido de um local onde se prioriza o bom funcionamento de forma autônoma, se transformou em uma atividade que, através do lazer, passou a dedicar-se aos interesses de um todo, minimizando os efeitos negativos que a cidade impõe ao cotidiano dos indivíduos.

¹ Importante via de ligação entre o Centro e a Zona Leste. Embaixo do viaduto, vivem famílias que fazem a estrutura funcionar, tornando-o um espaço de moradia, convivência e acolhimento.

² Ver vídeo sobre a Maloca, da Revista Vaidapé, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nPdIb-V6MfQ>. Acesso em: 18 de out. 2023.

A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro

Daniel Machado da Conceição (UFSC/INCT Futebol)

Beatriz de França Alves (UFS)

Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

13 de mai.

SOBRE OS AUTORES E A AUTORA:

Daniel Machado da Conceição é doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura e Bacharelado pela UFSC. Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Membro do INTC Futebol.

Beatriz de França Alves é graduada em Educação Física – Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física (GEPESCEF).

Cristiano Mezzaroba é doutor em Educação (UFSC), mestre em Educação Física (UFSC) e licenciado em Educação Física e Ciências Sociais (UFSC). Professor do Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde atua também no Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha “Tecnologias, Linguagens e Educação”). Coordenador da Linha “Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas” do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da; ALVES, Beatriz de França; MEZZAROBA, Cristiano. A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.14, 2025.

A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro © 2025 by CONCEIÇÃO, Daniel Machado da; ALVES, Beatriz de França; MEZZAROBA, Cristiano. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro

Daniel Machado da Conceição (UFSC/INCT Futebol)

Beatriz de França Alves (UFS)

Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

13 de mai.

No texto a seguir, os autores e a autora comentam os polêmicos boatos sobre a camisa vermelha da seleção de futebol masculino, refletindo sobre seus significados.

A polêmica camisa vermelha da seleção (imagem ilustrativa criada com DALL-E)



Acompanhar postagens e memes que recebemos cotidianamente por meio de sites ou redes sociais nos coloca em contato com um intenso e exponencial universo discursivo que expõe as múltiplas, difusas e diferentes vozes da sociedade contemporânea. Quando o assunto é o futebol, então, temos uma exacerbação das paixões e dos afetos. Isso porque, nesse caso, está envolvida a dimensão das relações clubísticas, hoje em dia muito mais intensas se comparadas com a que a torcida brasileira teve (e tem) com a seleção brasileira de futebol masculino.

Aqui, abrimos um parêntese mais que necessário: as transformações dos tempos nos fazem usar a complementação “masculino” para especificarmos a qual futebol estamos nos referindo na frase acima. Isso revela a necessidade de separar o que consideramos quanto às seleções brasileiras de futebol: a masculina, cada vez mais perdendo relevância e interesse, e a feminina, cada vez mais gerando atenção e mobilizando novos afetos para quem outrora não sabia da existência e da qualidade do futebol feminino brasileiro. Fechamos nosso parêntese e seguimos com a discussão pretendida: refletir sobre a atual polêmica, no Brasil, quanto às possíveis novas cores do uniforme da seleção brasileira.

Desde nossos tempos de escola, somos ensinados sobre o significado das cores da bandeira brasileira, seja nas aulas de Educação Moral e Cívica (EMOCI) ou Organização Social e Política Brasileira (OSPB) – inserções curriculares decorrentes das ideias militares nos espaços educativos – ou em qualquer outro componente curricular. É comum aprendermos que a cor verde corresponde às grandes extensões territoriais de matas ¹, que o losango na cor amarela representa as riquezas naturais ², o círculo azul representa o céu do Rio de Janeiro no momento da Proclamação da República, e o branco – na faixa em que temos o lema positivista “Ordem e Progresso” – representa a paz e a união entre os estados brasileiros.

É sempre de bom-tom desconfiar do senso comum: nossa bandeira não tem essas cores por essa simbologia tão óbvia. Vamos aproveitar, então, a polêmica envolvendo a cor vermelha no nosso uniforme da seleção de futebol para discutir sobre nossas cores e suas simbologias. Assim, em meio a mais uma polêmica, fruto de questões ideológicas bastante intensas no Brasil atual, podemos fazer disso algo pedagógico: aprender sobre nossos símbolos, nossa história e nosso momento atual!

Diferentemente do que aprendemos, as cores da bandeira brasileira são referências à monarquia e às poderosas famílias dos primeiros governantes brasileiros, e não a questões relacionadas à natureza ou às nossas riquezas naturais. Numa rápida pesquisa na internet ³, aprendemos que a versão oficial da bandeira foi adotada em 15 de novembro de 1889, após a chamada “Proclamação da República”. Nela, o verde representa a Dinastia Bragança (à qual Dom Pedro I pertencia) e o amarelo representa a Dinastia Habsburgo (da Imperatriz Leopoldina, esposa de Dom Pedro I). Lembremos, também, imersos no doentio universo ideológico que tomou conta e bestializou boa parte do Brasil, que o nome do nosso país se deve ao grande número de árvores denominadas “pau-brasil”, em que a palavra “brasil” (com “b” minúsculo) significa “vermelho como brasa”.

A seleção brasileira de futebol também foi vinculada aos símbolos nacionais com um entendimento quase certo. A Era Vargas e a Ditadura Militar souberam aproveitar essa representação para visibilizar as grandes vitórias e conquistas da seleção brasileira de futebol ao longo do século XX como sendo conquistas do Estado brasileiro. Os títulos mundiais e a exuberância da seleção de 1970 na Copa do Mundo, exibida em cores, eternizam a imagem do belo, da criatividade e de uma nação tropical soberana e conquistadora. A camisa amarela da seleção brasileira foi alçada ao patamar de símbolo nacional a partir da simbologia atribuída a ela. Embora essa marca tenha sido impulsionada por políticas governamentais, é a figura do atleta Pelé que foi se configurando como grande responsável por consolidá-la no mundo.

A “amarelinha” chamou a atenção com grandes jogadores, de várias épocas, com seus lances magistrais: Garrincha, Pelé, Rivelino, Sócrates, Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e tantos outros. Nós, brasileiros e brasileiras, e o mundo, acostumamo-nos a ver jogos da seleção e automaticamente temos como representação o verde-amarelo.

Entretanto, a extrema-direita tem se apropriado das cores e do uniforme da seleção brasileira ⁴, principalmente com a identificação dos símbolos nacionais cooptados pelo movimento político atualmente conhecido como “bolsonarismo”. Fruto das ideias nacionalistas, dos valores conservadores cristãos (?) e de um moralismo questionável, ele articula “Deus, Pátria e Família” como lema nacional. Desde então, algo estranho tem acontecido à seleção brasileira de futebol masculino. Sobre isso, sugerimos a leitura do interessante texto publicado aqui no Bate Pronto, [A amarelinha é de quem? O “dessequestro” da camisa da seleção](#), de Marcelo Alves de Resende e Leda Maria da Costa.

Com o bolsonarismo e a retomada e intensificação de certos valores conservadores, houve uma reapropriação de uma versão da bandeira antiga, com a valorização da Monarquia e, respectivamente, dos valores coloniais impostos à sociedade ⁵.

Nesse atual contexto, os motivos do baixo desempenho da seleção masculina podem ser azar, baixa competitividade ou, até mesmo, um nível futebolístico abaixo do de outras seleções, tanto sul-americanas quanto europeias, asiáticas e africanas. Inclusive, tudo isso implica na dificuldade em ter uma boa sequência de vitórias, que tem se mostrado nos dois últimos anos, a ponto de a classificação para a próxima Copa do Mundo (2026) estar sendo conquistada penosamente. Muito recentemente, em uma crônica, Tostão, outra grande figura histórica do futebol, adjetivou esse futebol como medíocre.

A seleção brasileira masculina, com seu uniforme verde-amarelo, não joga bem, não consegue vitórias convincentes e, no momento de escrita deste artigo, estava na quarta posição nas Eliminatórias, empatada com 21 pontos com a seleção do Paraguai e com 1 ponto a mais que a seleção da Colômbia – sendo que somente as 6 primeiras classificam-se diretamente para a Copa de 2026, e a sétima colocada disputará uma repescagem. Certamente, conseguirá a classificação, mas de uma forma nunca pensada em relação às dificuldades encontradas desta vez.

Eis que, em abril de 2025, começam a surgir “burburinhos” em portais de notícias e nas redes sociais, supondo que a empresa Nike, patrocinadora oficial do material esportivo da seleção brasileira, estava procurando alternativas para as cores do uniforme da seleção. E, supostamente, “vazam”

imagens de camisetas da seleção na cor vermelha. Trata-se, antes de tudo, de uma simples estratégia de marketing para vender mais camisas, como habitualmente os clubes de futebol realizam com novos uniformes temáticos, além de uma reação à queda nas vendas do uniforme número um da seleção, ou até mesmo de uma provocação para atender à polarização na política brasileira, que reverbera em diversas esferas do social. Independentemente dessas questões, o interesse da empresa é vender, estando pouco preocupada com o debate político ou a simbologia da camisa da seleção.

No entanto, uma guerra discursiva toma conta das redes sociais. Pessoas e políticos ligados à ideologia de direita/extrema-direita acham um absurdo e protocolam reclamações no Congresso Nacional contra a “nova cor” no uniforme da seleção. Jornalistas e narradores ficam indignados com essa possibilidade, alegando ser interferência do atual governo brasileiro, de centro-esquerda, vinculando o vermelho às cores do PT, partido do presidente Lula.

Impressiona que, apesar de a polêmica criada em torno da cor do uniforme da seleção causar tanta indignação e discussões acaloradas, não temos visto a preocupação e as discussões sobre o futebol ruim, relações comerciais e os graves problemas de corrupção da CBF, inclusive, recentemente divulgados pela Revista Piauí ⁶. Além do fato da constante troca de técnicos da seleção e a falta de sequência ou convicção na proposta de trabalho, a ponto de que, no momento da escrita destas reflexões, início de maio de 2025, a seleção brasileira de futebol masculino não possuía técnico. Fazendo uma analogia à maneira como um narrador esportivo faz as chamadas para as transmissões do Campeonato Brasileiro de futebol masculino, ao dizer que o futebol é o “puro suco do entretenimento”, poderíamos dizer em relação à polêmica da cor vermelha no uniforme da seleção brasileira de futebol: é o puro suco da ideologia de extrema-direita brasileira!

Sem assunto, os “futebólogos” que estão na imprensa, política e religião, assim como ex-atletas, dirigentes, torcedores(as), entre outros(as), movidos por paixões ideológicas, opinam nos mais diversos veículos de mídia e de comunicação, repercutindo nas redes sociais cada vez mais tóxicas e disseminadoras de desinformação. Ninguém questiona que o “manto sagrado do futebol brasileiro”, que supostamente representa a diversidade de uma nação, não é acessível ao povo. O valor de uma camisa oficial da seleção equivale, em média, a 30 ou 40% do valor do salário mínimo nacional.

Para boa parte da população brasileira, a verdadeira questão é: compro alimentação para meus filhos, pago aluguel, adquiero um medicamento,

conserto o automóvel, opto por momentos de lazer – indo ao teatro, ao cinema, ou mesmo adquiro livros – ou compro a camisa da seleção?

O mais estranho nesse contexto é ver tanta gente se mobilizando pela cor da camisa e esquecendo os outros problemas mais urgentes. Essa discussão escancara o quanto os símbolos nacionais foram apropriados por interesses ideológicos. Uma camisa que um dia representou para o mundo a cultura ampla e diversa de um povo multicultural, hoje virou campo de disputa política, representando somente um lado da população (diga-se, aqueles que podem comprar a camisa da seleção).

E isso mexe diretamente com a nossa identidade cultural, ainda mais quando um símbolo como a camisa da seleção brasileira deixa de representar e aglutinar toda uma nação, significando que perdeu sua força de unir as pessoas. Em vez de ser algo que aproxima, vira motivo de brigas e desentendimentos. É como a bandeira, o hino e o futebol, que antes eram símbolos de um povo, mas hoje parece ter um “dono” – alguém ou alguma composição político-partidária com poder de manipular uma massa de cidadãos. Ser brasileiro virou uma disputa e, nesse jogo, quem gritar mais nas redes ou na política ganha a partida. De um lado, a torcida veste a camisa verde e amarela, do outro, a vermelha. E, no meio disso tudo, a gente vai perdendo e fragmentando os sentidos que realmente nos unem e poderiam ser elementos imateriais (um sentido de pertencimento comum) com foco na transformação social. Incluindo a melhoria de todos os indicadores de um país que, apesar de ser a 10ª economia mundial, ocupa a 84ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (dados divulgados no começo de maio de 2025).

Nas redes sociais, esse debate ficou em alta pois, de um lado, tem quem defenda a “nova” camisa vermelha, e de outro, tem quem veja nisso um absurdo. E no meio da tal polêmica, muita gente lembra que o que realmente importa é o futebol, é a seleção em campo, independentemente da cor que ela veste. Tem torcedor dizendo que, seja vermelha ou amarela, a camisa não muda o amor pela seleção e muito menos resolve ou piora os problemas da equipe e do país. E faz sentido: já tivemos camisas vermelhas na nossa história, e várias seleções pelo mundo usam cores que não estão necessariamente na bandeira, por exemplo, Itália e Alemanha.

No fim das contas, talvez o problema não esteja na cor da camisa, mas na forma como deixamos os símbolos virarem ferramentas de separação, segregação e exclusão, quando poderiam cumprir seus propósitos de serem espaços de encontro. A futilidade do debate sobre a cor da camisa apenas afirma que o momento vivido no país está muito aquém das expectativas do povo. Para o torcedor, o que importa é o preço da camisa, do ingresso e

o desempenho da equipe. A polêmica sobre a cor vermelha é apenas mais um exemplo da estupidez que parte dos brasileiros (e de muitas instituições) revela em relação às ideologias políticas.

¹ O desmatamento, os incêndios propositais, o próprio desequilíbrio climático e as consequências aos grandes biomas, como Amazônia e Pantanal, mereceriam uma atualização a essa argumentação.

² A mineração, a invasão dos territórios indígenas, a intoxicação dos povos originários, a poluição do solo e dos rios também merecem atualização.

³ Disponível em: <https://www.politize.com.br/cores-da-bandeira-do-brasil/>. Acesso em: 12 de mai. 2025.

⁴ Obviamente, aqui estamos fazendo uma afinidade forçada, apesar dos fatos serem verdadeiros.

⁵ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/09/07/simbolo-nacional-conheca-a-historia-da-bandeira-do-brasil.htm>. Acesso em: 12 de mai. 2025.

⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-extravagancias-sem-fim-da-cbf/>. Acesso em: 12 de mai. 2025.

Torcidas no estádio: deleites, seduções, violências

Alexandre Fernandez Vaz (UFSC)

20 de mai.

SOBRE O AUTOR:

Alexandre Fernandez Vaz é Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

VAZ, Alexandre Fernandez. Torcidas no estádio: deleites, seduções, violências. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.15, 2025.

A polêmica da camisa vermelha da seleção brasileira: futebol e ideologia em estado puro © 2025 by Torcidas no estádio: deleites, seduções, violências. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Torcidas no estádio: deleites, seduções, violências

Alexandre Fernandez Vaz (UFSC)

20 de mai.

No texto a seguir, o autor reflete sobre as emoções evocadas pelas torcidas nos estádios de futebol, e sobre as visões da mídia e da academia sobre elas.

*As torcidas nos estádios
são potentes em
emoções. Imagem:
Anderson Bueno
Pereira¹*



A frequência a estádios mostra um jogo de futebol que é muito diferente daquele visto na televisão. Enquanto os futebolistas se movimentam em coreografias e equívocos que ficam ausentes na telinha, a bola (alvo permanente das câmeras principais da partida) está, pelo efeito de aproximação das tantas lentes disponíveis para a filmagem, quase sempre enquadrada e muitas vezes próxima de nossa visão, o que seria impossível se estivéssemos no local do acontecimento. Isso ocorre mesmo que não nos desloquemos um mísero metro da poltrona da sala, da mesa do bar ou do telefone celular. Ir a campo, portanto, é uma experiência singular para o olhar, em sua captura e interação com o que acontece frente a cada espectador.

A visão, no entanto, não é o único sentido desafiado pelo desfrute que o espetáculo futebolístico proporciona. Sentar na arquibancada – e frequentemente dela se levantar – supõe sons, cheiros, toques e mesmo sabores muito próprios, fazendo com o que cada pessoa componha, a seu modo, a experiência coletiva que, de certa forma, configura o que Walter Benjamin (2013) chamou de recepção tátil, o mergulho profundo em um ambiente que afeta os sentidos humanos, colocando o sujeito em uma relação muito particular com o ambiente. Se quisermos pensar em outro registro, igualmente interessante mas algo perturbador, as massas no estádio ajudam a construir a utopia da obra de arte total, aquela proposta por Richard Wagner, cujo desiderato esportivo foi encontrado nas pretensões arquitetônicas e ritualísticas dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936 (Alkemeyer, 1996).

O esporte não é o mesmo na ausência de espectadores e torcedores. Como se não bastasse nossa própria vivência para saber disso, os meses de pandemia de Covid-19 deixaram tudo ainda mais claro. Não é casual, portanto, que as transmissões televisivas eventualmente coloquem sons de torcida como fundo dos eventos, sugerindo a construção de uma atmosfera que fora dos estádios poderá ser ao menos imaginada. A coisa chega a tal ponto que na Argentina – um país muito, muito apaixonado pelo futebol –, quando uma emissora não tem os direitos de exibição de imagens durante a transmissão de uma partida, mostra-se as torcidas durante praticamente todo o seu desenrolar, ao contrário daqui, em que, com frequência, em canais de YouTube, aparecem na tela narradores e comentaristas.

Os torcedores, portanto, fazem parte do evento, não apenas por sua presença ao redor do campo de jogo, mas pela maneira como se comportam. Equipes com grande número de aficionados, como o Corinthians Paulista, costumam reunir algo em torno de 40 mil pessoas em todas as suas contendas, mesmo em noites que antecedem dias laborais. Nesses rituais em que muitos parecem entrar em transe, já são mais escassas as invasões ao campo, mas o estádio permanece como palco de situações incríveis. No ano passado, uma cabeça de porco foi arremessada no gramado, em partida contra o Palmeiras, cuja torcida, há poucas semanas, devolveu a afronta atirando cabeças de galinha. O suíno é o animal que simboliza a equipe da Pompeia, enquanto a referência à ave se deve ao fato de o gavião representar o clube da Zona Leste. Se, no primeiro caso, temos uma ressignificação de um símbolo antes pejorativo, no segundo, a ofensa se dá por um mecanismo misógino: a inferioridade dos corintianos estaria no fato de eles serem, de fato, fêmeas.

O ímpeto no interior do estádio é forte e certos grupos se destacam, seja por suas faixas afirmativas (Autistas da Fiel, por exemplo), bandeirões (como é o caso de Gaviões da Fiel, Camisa 12 e Coringão Chopp), coreografias ou cânticos, no mais das vezes entoados sem pausa durante o jogo. Ver uma torcida organizada em ação é algo espetacular e que chega a emocionar. Ao menos parte delas representa o que costumamos chamar de movimento social, aquelas entidades da sociedade civil que atuam coletivamente em torno de um conjunto de identificações. Reivindicam, com isso, reconhecimento social, aglutinando pessoas e vivendo uma vida que vai para além da devoção ao time. Gaviões da Fiel, Mancha Alviverde e Independente, respectivamente de Corinthians, Palmeiras e São Paulo, são igualmente grandes escolas de samba. Vários estudos acadêmicos têm sido feitos sobre o tema e com eles muito se aprende. Há que se considerar, portanto, ainda mais em um país como o Brasil, a importância política e comunitária dessas agremiações.

Outra face desse mesmo processo, no entanto, não é tão bonita nem tão

nobre. No começo deste ano, foram vários os conflitos entre torcidas organizadas. No Recife, a catastrófica batalha entre adeptos do Santa Cruz e do Sport; em São Paulo, mesmo em partida com torcida única, corintianos e são-paulinos se digladiaram perto do Morumbi, estádio do Tricolor; em Florianópolis, no primeiro clássico do ano, partidários de Avaí e de Figueirense protagonizaram cenas lamentáveis nas cercanias da Ressacada, casa do primeiro. Sim, eram poucas pessoas, se compararmos com a massa de torcedores ou mesmo com a de filiados às organizadas, mas isso não vale como atenuante, já que o pequeno número representa instituições que apenas como exceção penalizam seus arruaceiros. O comportamento violento é algo não apenas aceito, mas valorizado, sinal de bravura e de sacrifício em favor do pertencimento e da fidelidade a sabe-se lá que fantasia.

Na ânsia de defender as organizadas, muitos de nossos pesquisadores preferem fechar os olhos frente ao evidente fato de que elas são depositárias e promotoras, também, de tremenda violência. Sim, o sensacionalismo de certa imprensa, assim como a inabilidade (para usar aqui uma palavra bastante acanhada) da Polícia Militar, estigmatizam e criminalizam os movimentos sociais, e os torcedores acabam também sendo vítimas disso. Mas, basta ir a um estádio para observar o tanto de chauvinismo, misoginia e homofobia que não são apenas expressão de indivíduos, mas de grupos que, não raro, entoam mantras que evocam a bestialização e o estupro (crime hediondo e arma de guerra das mais terríveis, empregada, aliás, por ocasião do clássico recifense).

Os coletivismos são sempre perigosos, e ainda vale o que Sigmund Freud (1993), há um século, escreveu sobre a dissolução subjetiva na massa, esse processo tão tentador quanto regressivo. Seria bom que as pesquisas acadêmicas olhassem para isso mais de perto, questionando a simpatia que muitos de nós temos em relação a certa criminalidade. “Seja marginal, seja herói”, escreveu Hélio Oiticica há cinco décadas. O elogio do que está à margem, do que é esquecido e calado, não é o mesmo que defender o êxtase da violência, tampouco se deixar cair na sedução da precariedade. Mais deleite estético e menos elogio à identificação com o agressor, por favor.

Referências

ALKEMEYER, Thomas. Körper, Kult und Politik: von der “Muskelreligion” Pierre de Coubertins zur Inszenierung von Macht in den Olympischen Spielen von 1936. Frankfurt: Campus, 1996. 554 p.

BENJAMIN, Walter. Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit. Organização de Burkhardt Lindner. Stuttgart: Reclam, 2013. 117 p.

FREUD, Sigmund. Massenpsychologie und Ich-Analyse. Frankfurt am Main: Fischer, 1993. 168 p.

¹ Licença: CC BY-SA 4.0. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Final_Paulist%C3%A3o_2017.jpg.
Acesso em: 19 de mai. 2025.

Camisa vermelha da seleção brasileira e os novos capítulos da disputa pelos símbolos nacionais

Marcelo Alves de Resende (UERJ)

28 de mai.

SOBRE O AUTOR:

Marcelo Alves de Resende é doutorando e mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde também se formou jornalista pela Faculdade de Comunicação Social (FCS). Possui mais de 10 anos de experiência em organizações e veículos como Alerj, Esporte Interativo e LANCE!. Autor do livro “7 a 1 nos jornais do Brasil”. E-mail: mar.marceloresende@gmail.com

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RESENDE, Marcelo Alves de. Camisa vermelha da seleção brasileira e os novos capítulos da disputa pelos símbolos nacionais. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.16, 2025.

Camisa vermelha da seleção brasileira e os novos capítulos da disputa pelos símbolos nacionais © 2025 by Marcelo Alves de Resende is licensed under CC BY-NC 4.0

Camisa vermelha da seleção brasileira e os novos capítulos da disputa pelos símbolos nacionais

Marcelo Alves de Resende (UERJ)

28 de mai.

No texto a seguir, o autor insere a polêmica sobre a camisa vermelha da seleção em um contexto maior de “sequestro” da camisa verde e amarela por parte da extrema-direita no Brasil.

Reapropriação da camisa verde e amarela. Imagem: Marcelo Resende (editado com DALL-E)



Os anos de 2024 e 2025 trouxeram novos capítulos na disputa pelos símbolos nacionais, especialmente em relação à bandeira do Brasil e à camisa verde e amarela da seleção brasileira de futebol, sinônimo de sucesso brasileiro no mundo. A discussão mais recente partiu da divulgação, por parte da imprensa esportiva, de que a nova camisa número 2 da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 2026 seria vermelha, notícia que gerou grande repercussão no público – no ambiente digital e fora dele – e na imprensa. O debate sobre o vermelho foi desde questões políticas até a clubística, o que levou a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) vir a público negar que confeccionaria o uniforme vermelho e que a nova peça seguiria o estatuto da entidade, que define que as cores da roupa devem seguir as do país. De maneira sucinta, em nota, a CBF disse que “reafirma o compromisso com seu estatuto (os padrões nas cores amarelo tradicional e azul serão mantidos) e informa que a nova coleção de uniformes para o Mundial ainda será definida em conjunto com a Nike”.

A escolha da camisa vermelha

De acordo com notícia publicada pelo jornal O Globo em 29 de abril¹, dia em que a novidade veio à tona, a escolha do vermelho não teria nenhuma referência à política – seria esdrúxulo pensar, em termos de campanha de comunicação, um conceito que gera racha político entre os brasileiros. A

ideia considerou quesitos comerciais e publicitários, seguindo o lançamento de uniformes da fornecedora Nike, patrocinadora da CBF e da marca Jordan, que seria estampada no uniforme brasileiro.

O jornalista Diogo Dantas, autor da matéria no site do jornal carioca, disse que o uniforme vermelho não teria sido unanimidade dentro da própria confederação. Existiam os defensores de um terceiro uniforme, sem substituir os atuais verde e amarelo (principal) e azul (reserva). No entanto, a Nike não cria terceiro uniforme para nenhuma seleção, porque poderia prejudicar as vendas dos outros dois. O fato é que a camisa foi aprovada, como inicialmente publicado pelo site estrangeiro especializado em uniformes Footy Headlines. A ideia da Nike de fazer o terceiro uniforme prevaleceu, com o aval de Ednaldo Rodrigues, presidente da CBF.

A repercussão da camisa vermelha da seleção brasileira

Instituto de consultoria e pesquisa, a Quaest realizou um levantamento nas redes sociais sobre a discussão da suposta camisa vermelha, considerando os dias 28 e 29 de abril, nas plataformas X (ex-Twitter), Instagram, Facebook, Reddit, Tumblr e YouTube, além de sites de notícias². O estudo demonstrou que houve forte rejeição à mudança das cores para o vermelho: 90% dos comentários foram negativos e 10% positivos. A pesquisa disse que foram 24 milhões de menções ao tema, com média de 43 milhões de visualizações e 13 milhões de menções. Números que confirmam a celeuma em torno do assunto na população.

Em editorial intitulado “Não tem cabimento a seleção brasileira usar camisa vermelha”, o jornal O Globo criticou a possibilidade de uma camisa vermelha para a seleção brasileira, afirmando que “respeito à tradição é essencial”, lembrando as discussões políticas e chamando a atenção para a “polarização” em torno do uniforme do Brasil, capturado por bolsonaristas: “Pode-se argumentar que o pau-brasil, de coloração avermelhada, está na origem do nome do país. Mas não era preciso muita sofisticação para prever o efeito explosivo da mudança num país polarizado, onde a camisa amarela da seleção foi adotada como uniforme por bolsonaristas, e o vermelho é a cor tradicionalmente associada ao PT do presidente Luiz Inácio Lula da Silva”, disse o veículo.

A suposta camisa vermelha foi assunto de representantes no Congresso Nacional. O G1 destacou falas de parlamentares sobre o tema³. Filho de Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro defendeu o verde e amarelo, posicionando-se contra a camisa vermelha: “sempre foi verde e amarela, as cores da nossa pátria. Mudar isso não faz qualquer sentido. É uma afronta a tudo o que sempre representou o orgulho do nosso povo!”. O mesmo veio do posicionamento do deputado federal Arthur Maia, do União Brasil, par-

tido de direita: “A seleção é um dos mais expressivos símbolos do nosso país e obviamente que as cores devem estar relacionadas com a bandeira nacional: o verde, o amarelo e o azul-celeste, como sempre atuou a nossa gloriosa seleção canarinho”. O portal também destacou a crítica de Randolfe Rodrigues, do PT, de esquerda: “As cores da nossa seleção não são uma ‘identidade ideológica’; elas representam o que nos distingue no mundo. As cores de uma seleção têm relação com a identidade nacional. Qualquer cor diferente do verde, amarelo, branco e azul não se justifica.”

O G1 destacou a fala de três parlamentares de espectros políticos diferentes: um da extrema-direita, outro de centro-direita e outro de esquerda. Os três contrários à camisa vermelha. De esquerda, Randolfe Rodrigues criticou uma possível ideologização dos símbolos nacionais. Marcelo Resende (2024) lembra que retirar qualquer ideologização, em vez de significá-la com discursos populares, ligá-la ao povo brasileiro, deixa os símbolos nacionais livres para serem sequestrados novamente. Deixá-los abertos sem sentido unificador abre portas para futuras segregações sociais, como aconteceu com o sequestro bolsonarista.

A disputa política pelos símbolos nacionais

A suposta nova camisa vermelha da seleção brasileira não ficou apenas na discussão pelas cores, mas caminhou especialmente para o que essas cores representariam, levando ao debate político. Como apresentou Marcelo Resende (2024), a camisa da seleção brasileira e demais símbolos nacionais, como a bandeira e o hino, foram sequestrados pelo bolsonarismo (Guedes e Almeida, 2019), campo da extrema-direita no Brasil, num processo que envolveu diversos eventos políticos na década passada: o aparecimento de Jair Bolsonaro em programas de TV (CQC, Superpop e Programa Pânico); as Jornadas de Junho; a contestação do resultado das eleições de 2014 por Aécio Neves (PSDB); o processo do golpe parlamentar que retirou Dilma Rousseff da presidência; Sergio Moro, Lava-Jato e Vaza-Jato; a retirada de Lula da disputa das eleições de 2018, etc. Processos políticos que culminaram na ascensão de Jair Bolsonaro, que os aproveitou para se apropriar dos símbolos nacionais para o seu movimento político e vencer as eleições presidenciais em 2018. O bolsonarismo, como aponta Marcelo Resende (2024), tem uma idealização de país a partir da lógica patriarcal e neoliberal, com discursos que são contrários a minorias sociais, como mulheres, LGBTQIAPN+, negros, povos originários e pobres. Ou seja, grupos que estariam alijados dos símbolos nacionais.

Marcelo Resende (2024) mostrou como o campo progressista se posicionou em relação ao uso da amarelinha a partir da Copa do Mundo de 2018. Havia uma ideia contrária ao uso, representando o afastamento da esquerda e daqueles que não gostariam de ser identificados como bolsonaristas. Para o

mundial daquele ano, passou a acontecer uma ressignificação, com o uso de camisas do Brasil alternativas, inclusive na cor vermelha (não oficial), ou até mesmo verde e amarelo com dizeres “Não sou bolsominion”, com o número 13 de Lula, do Partido dos Trabalhadores, e outras opções. Em 2022, novamente ano de Copa do Mundo e eleição – com a volta de Lula à disputa política, houve uma mudança mais significativa da esquerda sobre os símbolos nacionais. Em campanha para o pleito de outubro, Lula passou a se associar ao verde e amarelo brasileiro e a defender as cores do país, chegando a afirmar em evento na Uerj, em março de 2022, que “blusa e bandeira do Brasil não são desse fascista”⁴, em referência a Jair Bolsonaro.

IMAGENS DO ANO Como os fotógrafos da Folha retrataram 2022



outubro
Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao lado do vice Geraldo Alckmin (PSB) e da mulher, Rosângela Silva, discursa para eleitores em 31 de outubro, após consolidar a vitória em 2º turno para ser o 39º presidente do Brasil, tendo recebido 60.345.999 votos (50,9% dos votos válidos) na disputa contra Jair Bolsonaro (PL), que obteve 58.206.354 votos (49,1%) Paulo Bergamini - 30 out. 22, Protagonia

Imagem: Folha de S.Paulo
(02/12/2022)

9º lai
@osasqueenb

Quase escrevendo isso na minha camisa amarela pra usar no jogo hj



Imagem: X 12:06 AM · 24 de nov de 2022

O ano de 2022 produziu posicionamentos da imprensa, de empresas e de artistas pela retomada dos símbolos nacionais, relacionando-os à Copa do Mundo que seria disputada 15 dias depois do segundo turno das eleições. Ludmilla, Anitta e Djonga defenderam o uso da amarelinha para retirá-la da exclusividade da extrema-direita, enquanto marcas como Vivo, Nike e Adidas realizaram campanhas publicitárias com o enfoque no popular, na favela, nos povos originários, na família reunida novamente para assistir ao Brasil na Copa – depois de se separar por brigas políticas. Isto é, grupos afetados pelo discurso de ódio – nas redes, na imprensa ou por falta de políticas públicas – do bolsonarismo. Pelo lado da imprensa, houve uma discussão constante sobre a politização da amarelinha durante a Copa, especialmente na fase de grupos. Com as vitórias nos jogos iniciais, os jornais chegaram a cravar (jargão jornalístico que atesta) que a camisa verde e amarela havia sido retomada, o que se mostrou uma análise precipitada, pois ainda vemos uma disputa aberta pelos símbolos nacionais. Mas houve um fomento desse debate na imprensa que surgiu por causa do futebol e da seleção brasileira na Copa do Mundo.

Estreia promove o resgate da camisa amarela

Torcedores deixaram de lado o clima tenso e exaltado da disputa eleitoral e foram às ruas com as cores da seleção para acompanhar o jogo contra a Sérvia; no Catar, brasileiros fizeram festa e tomaram arquibancadas do estádio

A pós dois meses de uma comissão eleitoral tensa, com ânimos exaltados e incômodos da bancada do Borel representando apenas um lado da disputa, a estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo do Catar foi benévola de esportes políticos. Difícil se reunir em uma reunião usando um mecanismo: o câmbio cambaleante.

Se a paixão nacional é o futebol, nada mais simbólico do que, em certo ponto de deixar rivalidades de lado, vestir as cores de um país inteiro. Foi esse o premissa de muitos torcedores que decidiram ir à rua usando a camiseta e as variações.

O primeiro jogo do Brasil na Copa ergueu a vontade de alguns brasileiros em retomar o nome da camisa amarela após o modo de associação a partidos políticos ou ao por recibo de agitação. A aposentada Teresa Cristina Ferreira não usava a camisa da seleção desde o período das eleições — Parei de usar (camisa do Brasil) por causa das acontecimentos políticos. Mas agora eu voltei, não pretendo mais parar de vestir a camisa do Brasil. 22.

Vestir verde e amarelo "com orgulho", aliás, foi de festa feita pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), horas antes do time de Tite entrar em campo no estádio de Lusail. Depois da vitória contra Sérvia, ele apareceu ao lado da futura primeira-dama, Rosângela da Silva, a filha mais velha do atual campeão do

"Hoje começa a disputa pelo hexa. Vamos usar nos na camisa verde e amarela, vestir lá a com anito repulsa e acompanhar a seleção. Nossa camisa tem no cores de nossa bandeira, que representa 215 milhões de brasileiros e brasileiras. Vamos torcer juntos pelo Brasil", escreveu Laila.

Amante do Parque
Madureira, na Zona Oeste — onde torcedores se reúnem para assistir à partida.

Capacidades
 Investimentos em
 treinamento de alto nível
 nos atletas de elite



Deixar sujar. Por que? Mais de 5 milhões de toneladas de plástico são descartadas no Brasil por ano

po», independentemente do resultado nas urnas: «Sou brasileiro e sinto isso porque sou brasileiro».

Na Fan Fest não anula de Copacabana, a maioria do público que acompanhava o jogo também vestia as cores do país. A produtora de eventos Danica Handlin, 44 anos, também nasceu no Rio de Janeiro.

FESTA-NOCATAR

Se os cores do Brasil tomam conta das ruas do Rio não foi muito diferente no Catar. No jogo com maior público da primeira fase (88.103 torcedores), o clima antes de a bola rolar mudava-se de verde para

—Depois desses quatro turnos, todo fôlego me foi difícil, mas não me coube a ver o jogo de outra forma. São os cores do meu país.

—A influência digital? Thelma Gonzaga, 20, só de bilho não se vinga do jogo. Ela se juntou com o irmão, o irmão com a irmã, e os quatro se tornaram uma família. Ela decidiu não ser seguidora.

—A gente tem que se desapegar de alguns pensamentos. A bilha do Bra-

ço, por exemplo, não pode ser considerada um jogo de azar. É uma coisa diferente. É uma coisa que a gente não pode perder se não quiser. É uma coisa que a gente não pode perder se não quiser. É uma coisa que a gente não pode perder se não quiser.

A cidade de Luanã foi tomada de verde, amarelo e vermelho cantando os hinos e fazendo muita festa da vitória do Brasil. Já os cores não se formaram na cantata e até houve tensões e chagados durante o jogo.

Como a vitória afetou os jogadores? Neymar ficou muito feliz, acabou se juntando ao jogador de futebol, e a Hino Nacional foi cantado em alto e bom som. (Colômbia) Thiago Fernando, de Doha

SUIÇOS FALAM EM REDOBRAR ATENÇÃO, MAS DEIXAM PISTAS

Próximo adversário do Brasil vence e prega respeito ao time de Tite

RENAN BARNABINO
Enviado especial
renan.barnabino@epjonline.com.br
 2004

A Suíça deu o primeiro passo, mas sabe que tem muito a melhorar. Esse era o dilema dos jogadores após a vitória sobre Camarões por 1-0, em Al Wabesa, na abertura do Grupo C, o mesmo do Brasil — as equipes se enfrentam segunda, às 13h (de Brasília).

— O primeiro jogo é importante, não dá condições. Queríamos estar mais difi-

[illegible]

Seon Nasta, floricel în Corneles, Emboldo comenarogaj pe Suiza

mar as jogadas desse time, que milita numa bela perspectiva, mas é suficientemente jovem. O gol saiu de uma grande bola cruzada: Frenk encontrou Shaqul, que cruzou para a finalização de Ebi, que não conseguiu por ternidade com Camero.

Milcunio foi um dos dezesseis indivíduos,

Imagem: O Globo (25/11/2022)



Imagem: Luva de Pedreiro

Divas pop entram na retomada dos símbolos nacionais

Em 2024, novos posicionamentos de grupos minoritários, notadamente da população LGBTQIAPN+, deram novos capítulos para a disputa dos símbolos nacionais. Em maio, Madonna realizou o primeiro megashow gratuito na praia de Copacabana dentro do projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro de ter um evento do tipo a cada ano. Por ser declaradamente feminista e defensora dos direitos LGBTQIAPN+, Madonna recebeu críticas conservadoras por causa de sua apresentação com forte teor sexual no palco para 1,6 milhão de pessoas. Em dado momento, a cantora contou com a presença da drag queen Pabllo Vittar e de jovens negros de favelas cariocas vestidos de verde e amarelo no show, associando as cores e os símbolos do país a grupos minoritários, que não estão representados pelo discurso político do bolsonarismo. O feito fez com que a Parada SP, que organiza a maior parada LGBTQIAPN+ da América Latina, convocasse o público a ir de camisa do Brasil para o evento a ser realizado naquele ano na Avenida Paulista, o que aconteceu. A deputada trans de esquerda Erika Hilton (PSOL), por exemplo, esteve na passeata e defendeu o uso dos símbolos nacionais pelo seu grupo político.



Imagem: Ludmilla/X (11/09/2022)



Ressignificação da amarelinha na Parada LGBTQIAPN+ de São Paulo, em 2024.

Imagem: Marcelo Resende

*Pablllo Vittar e Madonna.
Imagem: Manu
Scarpa/Brazil News*

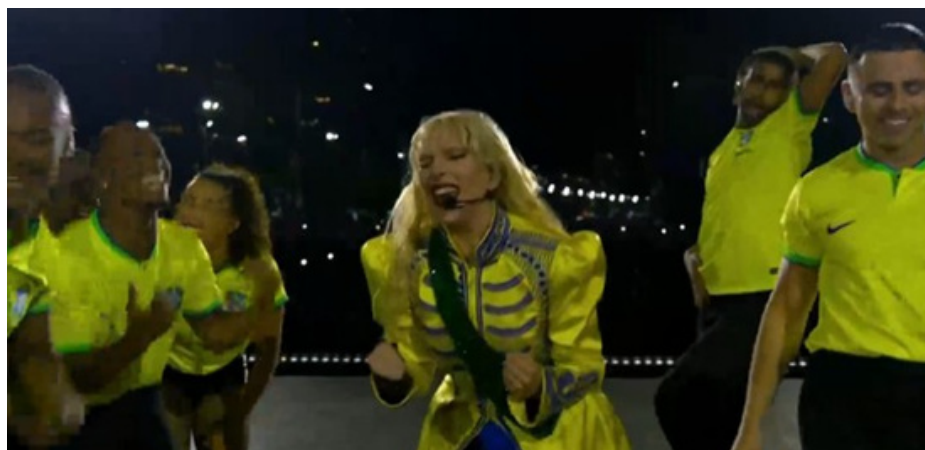


Em 2025, foi a vez de Lady Gaga promover o resgate dos símbolos nacionais em megashow para 2,1 milhões de pessoas em Copacabana. Assim como Madonna, Gaga também é militante feminista e defensora da população LGBTQIAPN+, que forma boa parte de suas bases de fãs. Em sua apresentação, também colocou a bandeira do Brasil no palco e dançarinos com a camisa amarelinha da seleção brasileira. No público, também havia fãs de verde e amarelo, ressignificados ou não. Um deles foi um fã que colocou o número 24 nas costas da camisa, número do animal veado no jogo do bicho do Rio de Janeiro, estigmatizado pelo discurso LGBTfóbico. Em artigo para a Folha de S.Paulo, Leonardo Lichote escreveu que houve a retomada da camisa pelos corpos desviantes de uma sociedade regradada pela masculinidade hegemônica, que celebra o bolsonarismo: “vestida com uma farda verde e amarela, ela (Lady Gaga) foi cercada por bailarinos com a camisa da seleção brasileira – reafirmando a reconquista definitiva do uniforme pelos transgressores, como Madonna havia feito um ano antes”⁵.

*Fã de Lady Gaga usou camisa do
Brasil com número 24.
Imagem: Marcelo Resende*



Lady Gaga com a amarelinha em show em Copacabana. Imagem: Globoplay



Apesar dos novos acontecimentos, ainda é cedo para afirmar que houve um resgate dos símbolos nacionais pela população brasileira, desassociando-os da extrema-direita. Em 2023, pouco mais de dois meses depois de Lula vencer as eleições, apoiadores de Jair Bolsonaro invadiram Brasília e depredaram a Praça dos Três Poderes vestidos com os símbolos nacionais. Em março de 2025, Jair Bolsonaro pediu anistia para os vândalos que destruíram Brasília dois anos antes, em ato também em Copacabana que contou com a presença do verde e amarelo. A disputa segue em andamento, e o ano de 2026 promete capítulos importantes com ano de eleição presidencial e Copa do Mundo, num cenário diferente do que ocorreu em 2022 e 2018, principalmente porque, até o momento, Jair Bolsonaro está inelegível, o que é um baque para o campo da extrema-direita.



Bolsonaro na Avenida Atlântica, em Copacabana, no Rio. Imagem: Alexandre Cassiano/O Globo

Referências

GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. Cuadernos de Aletheia, La Plata, n. 3, 2019.

RESENDE, Marcelo Alves de. A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol. 2024. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/21920>. Acesso em: 4 de mai. 2025.

¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/diogo-dantas/coluna/2025/04/entenda-como-camisa-vermelha-da-selecao-foi-escolhida-e-por-que-ela-ja-nasceu-sem-ser-unanimidade-na-cbf.shtml>. Acesso em: 4 de mai. 2025.

² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/selecao-brasileira/camisa-vermelha-da-selecao-tem-forte-rejeicao-nas-redes-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 4 de mai. 2025.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2025/04/29/camisa-vermelha-da-selecao-brasileira-de-futebol-vira-briga-politica-nas-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 4 de mai. 2025.

⁴ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/30/interna_politica,1356730/lula-sobre-bolsonaro-blusa-e-bandeira-do-brasil-nao-sao-desse-fascista.shtml. Acesso em: 4 de mai. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/05/lady-gaga-sela-retomada-do-verde-e-amarelo-pelos-transviados-no-brasil.shtml>. Acesso em 4 maio 2025.

Museus de futebol, memória e aprendizado: uma passagem pelo Mês Monumental, do River Plate

Hamilcar Silveira Dantas Junior (UFS)

Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

5 de jun.

SOBRE OS AUTORES:

Hamilcar Silveira Dantas Junior é Professor Titular do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais da Universidade Federal do Sergipe (PPGCINE/UFS). Licenciado em Educação Física (UFS), mestre em Educação (UFS) e Doutor em Educação (UFBA), com estudos nos campos de História da Educação, Educação Física e Cinema.

Cristiano Mezzaroba é doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Coordenador do GEPESCEF – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física da UFS. Coordenador da linha “Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas” do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; MEZZAROBA, Cristiano. Museus de futebol, memória e aprendizado: uma passagem pelo Mês Monumental, do River Plate. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.2, n.17, 2025.

Museus de futebol, memória e aprendizado: uma passagem pelo Mês Monumental, do River Plate © 2025 by DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; MEZZAROBA, Cristiano. is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Museus de futebol, memória e aprendizado: uma passagem pelo Mês Monumental, do River Plate

Hamilcar Silveira Dantas Junior (UFS)

Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

5 de jun.

No texto a seguir, os autores relatam como foi a experiência de visitar o museu do River Plate, em Buenos Aires.

*Experiência Mês
Monumental. Imagem:
Cristiano Mezzaroba*



Era manhã do dia 17 de abril de 2025, e havíamos feito uma programação para visitarmos o Espacio Memoria y Derechos Humanos, ex-ESMA (antiga Escola Superior de Mecânica da Armada), na região norte da cidade de Buenos Aires, Argentina. Durante a ditadura militar na Argentina, era esse o lugar onde aconteciam as torturas, prisões e violências de toda ordem, inclusive contra mulheres grávidas, cujos bebês, após o parto em centros clandestinos de detenção, eram sistematicamente retirados e entregues ilegalmente a famílias ligadas ao regime, apagando deliberadamente sua identidade e origem. Esse brutal período ocorreu entre 1976 e 1983, após um golpe militar a partir do qual se estima que mais de 30.000 argentinos(as) tenham sido torturados(as) e assassinados(as) pela violência estatal. O local em questão foi convertido em espaço de visita e de memória desde 2004. Em 2023, o Museu da ESMA se tornou Patrimônio Mundial da Unesco (ONU).

Desde dezembro de 2023, quando o atual presidente Javier Milei tomou posse, organizações sociais e espaços de memória como esse têm sofrido ações sistemáticas de enfraquecimento e de negacionismo histórico. Em governos de extrema-direita, esse é um tipo de ação bastante comum realizada contra ambientes que reivindicam transparência em relação às atrocidades cometidas pelo Estado. Nesse caso, isso ocorre em um país re-

conhecido, tanto na América Latina quanto no mundo, como uma nação que encarou a verdade da ditadura militar e procurou culpabilizar seus responsáveis. Em um primeiro movimento, o Governo Milei demitiu uma série de funcionários e diminuiu sensivelmente os vencimentos dos que permaneceram em seus cargos. Em medida recente, abriu o sigilo dos documentos dos militares julgados pelas ações de violência na época da ditadura, não para dar transparência, mas para demonstrar que eles teriam sido injustiçados, por combaterem o “terrorismo” comunista na Argentina.

Quando chegamos ao portão de entrada do Espaço de Memória, vimos que ele estava fechado, sem nenhuma informação sobre qual seria o horário de atendimento naquela semana. Acontece que, para além do contexto anteriormente apresentado e do fato de que estávamos em um dia útil, era uma véspera de feriado, o da Sexta-feira Santa. Um funcionário do local nos informou que o espaço só reabriria na segunda-feira seguinte, após a data religiosa. A Argentina é um país com grande predomínio de católicos.

Naquele dia, fazia parte dos planos seguir da ESMA ao Estádio Mâs Monumental (Estádio Monumental Antonio Vespucio Liberti), também conhecido como Monumental de Nuñez, do grandioso River Plate. Esse clube e o Boca Juniors são os maiores e com maior torcida em Buenos Aires e na Argentina. Atualmente, o Mâs Monumental tem capacidade para 85.000 torcedores, sendo o maior estádio da Argentina e da América do Sul. Ele foi palco, no final de 2024, do jogo decisivo da Libertadores entre os clubes brasileiros Atlético/MG e Botafogo/RJ. Do ESMA ao Monumental, são 2,5 km de distância, uma caminhada de 20 a 30 minutos, em um espaço geográfico que revela a aproximação e o entrelaçamento entre futebol, história, política e cultura. Mais uma comprovação do quanto futebol e política estão muito relacionados!

Durante o período repressivo, a ESMA foi o órgão de detenção e tortura não oficial da ditadura argentina. Em meio à Copa do Mundo de 1978, os gritos de dor abafados na ESMA se confundiam com os gritos de alegria que emanavam do Monumental enquanto a seleção comandada por César Luís Menotti ia vencendo suas partidas e se sagraria Campeã do Mundo. O cenário de terror e a profunda perversão dos que comandavam a tortura na ESMA foram amplificados na tarde e na noite do dia 25 de junho de 1978. Segundo a socióloga Graciela Daleo, ela e outros presos torturados foram levados em um carro para assistir às celebrações da conquista do Mundial pelas ruas de Buenos Aires. A tortura nunca é apenas física, ela é também emocional e simbólica.

Fundado em 26 de maio de 1938, o Monumental foi sede da final da Copa do Mundo de 1978 entre Argentina e Holanda, com a vitória dos hermanos pelo placar de 3x1. O estádio passou por uma ampla reforma de outubro de 2020

até a véspera da final da Libertadores de 2024, com a retirada da pista de atletismo e a implementação de um gramado híbrido, que, de tão belo e bem cuidado, parece artificial. Atualmente, é possível fazer a visita guiada completa. O ingresso Museo + Estadio Tour Full é o mais caro. Ele envolve o passeio pelas arquibancadas e pelo gramado, passando pelo vestiário da equipe visitante e finalizando com o museu do clube. Pode ser feita também apenas a visita ao museu, com valor do ingresso mais barato. Outra opção é o passeio que contempla o museu e as arquibancadas, chamado Museo + Visita Express.

O Museo River foi fundado em 9 de novembro de 2009 e possui mais de 3.500 metros quadrados de extensão. Ele conta com vários ambientes muito bem pensados e diversos recursos tecnológicos. Na parte inicial do passeio, por exemplo, simula-se um verdadeiro “túnel do tempo”, cronológico e linear, do começo do século XX até os dias atuais.

A partir do corredor principal, temos acesso a portas que conduzem a décadas específicas. Cada uma das pequenas salas que se abrem contém telas com sistemas de som, apresentando cada contexto histórico, tanto no que se refere aos principais acontecimentos da Argentina quanto aos grandes marcos mundiais. De forma geral, essas salas contêm alguns elementos em comum. Um deles são os quadros com dados dos jogadores, contendo informações quantitativas das competições, com ênfase nas vitórias e conquistas. Outro são seleções de objetos e peças que marcaram o ambiente cultural da Argentina e do mundo naquele momento. Em todos esses ambientes, há uma televisão transmitindo imagens e sons, com vídeos curtos – em torno de 5 minutos cada – abordando aspectos econômicos, culturais, sociais, políticos e esportivos da Argentina e do mundo em relação à década em questão.

Em seguida, chega-se à sala dos troféus, com a materialização das principais conquistas do clube, inúmeras vezes campeão argentino, quatro vezes campeão da Libertadores e campeão mundial de clubes em 1986. Continuando o passeio pelos corredores do museu, temos um pequeno auditório com projeção de cinema, contendo também fotos e maquetes dos estádios já utilizados pelo clube. Além disso, é possível ver, na sua forma original, os assentos de madeira da primeira versão do estádio.

Essas abordagens interativas e multimidiáticas convergem com o que o historiador britânico Paul Connerton entende como movimentos de enraizamento da memória das sociedades. Neles, as cerimônias comemorativas e as práticas corporais seriam os elementos centrais do que o autor denomina como “sedimentação da memória social corporal”. Os espaços museológicos de futebol, de modo específico o Museu do River Plate, adotam essa dinâmica: a celebração ritualística dos eventos, das con-

quistas e dos heróis. A memória se solidifica à medida que afeta os sentidos do público que interagem com as imagens e os sons, se inebriando corporalmente com os símbolos materializadores da memória afetiva, social e coletiva.

A pedagogização da história tem fins de enraizamento da memória. A estrutura dos museus de futebol não fala apenas aos seus torcedores e apaixonados. Ela busca dar uma dimensão épica à existência do clube e aos sujeitos que o construíram com a finalidade de sedimentar, no imaginário coletivo, a relevância social do clube e da sua história.

Outro espaço que chama a atenção no Museu e que faz refletir sobre o quanto o nosso olhar constata permanências e valores é o dedicado aos presidentes do clube. Evidencia-se, ali, o quanto o futebol é uma prática marcada por uma cultura machista. Enquanto espaços pedagógicos, mas também espaços de poder, os museus refletem uma tendência de normatizar gênero e sexualidade, demarcando o desviante ou o diferente pela exclusão e o silenciamento. Historicamente, o futebol foi um espaço do masculino, cada vez mais aberto ao feminino dentro das quatro linhas. Não obstante, no quadro de dirigentes, são exceções muito óbvias as mulheres que ocupam cargos de gestão, ou mesmo Presidência dos clubes. Em uma cultura do patriarcado, os retratos de gestores que ocupam as paredes dos museus, que dão nomes a salas ou mesmo a estádios, são sempre de homens (brancos), os demarcadores da força, pujança, potência e virilidade.

Um dos ecos desse movimento pode ser visto nas lojas de souvenirs, anexas aos museus, que se mantêm exclusivamente vendendo materiais esportivos: camisas, bonés, shorts, agasalhos, flâmulas. Ainda que já existam uniformes exclusivos para o público feminino, eles são mimetismos dos masculinos. Por seu turno, não há opções de artesanato, fotos, postais, livros ou quaisquer outros produtos que façam alusão a uma cultura menos enraizada no poder do clube, um poder masculino, Monumental.

Por fim, entendemos que esses espaços museológicos do futebol têm uma função marcadamente pedagógica que precisa ser incentivada. Sobretudo, precisa ser mediada por ações educativas e um olhar crítico de historiadores, antropólogos e professores de Educação Física.

¹ Pode-se ler sobre o tema em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/avos-da-praca-de-maio-acusam-milei-de-tentar-fechar-museu-da-memoria-da-ditadura/>. Acesso em: 2 de jun. 2025.

² Pode-se ler sobre o tema em: <https://veja.abril.com.br/mundo/por-que-milei-derrubou-sigilo-de-documentos-militares-da-ditatura-na-argentina/>. Acesso em: 2 de jun. 2025.

³ Ver o filme *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor – Argentina*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cCb_UjiskbA&t=2324s. Acesso em: 2 de jun. 2025.

Senna: o nascimento de um herói brasileiro

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

12 de jun.

SOBRE A AUTORA:

Carmen Rial é Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas e coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (Navi). É coordenadora-geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. Senna: o nascimento de um herói brasileiro. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.18, 2025.

Senna: o nascimento de um herói brasileiro © 2025 by RIAL, Carmen is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

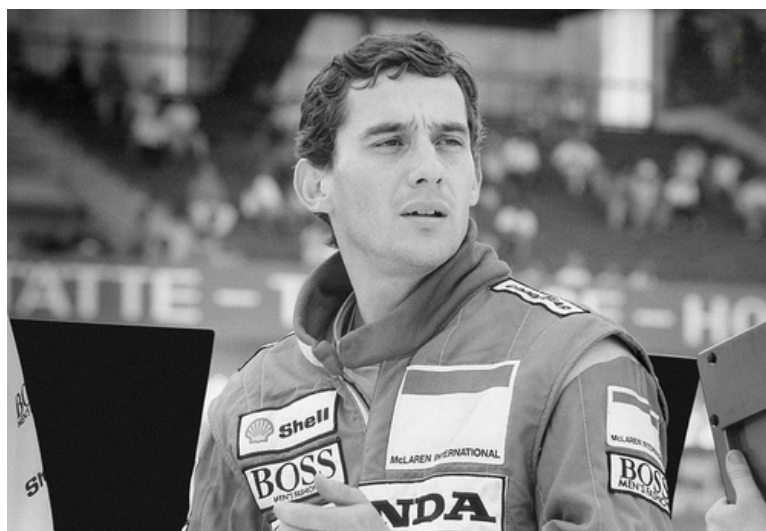
Senna: o nascimento de um herói brasileiro

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

12 de jun.

No texto a seguir ¹, a autora reflete sobre a morte de Ayrton Senna e sobre os significados que ela carrega para o entendimento do sentimento nacional no Brasil.

A morte de Senna representou um acontecimento marcante na vida de milhões de brasileiros(as). Imagem: [Wikimedia Commons](#) ²



Para o meu irmão, Fernando, que tudo sabe de Fórmula 1

A morte de Senna, na pista de Ímola, nos fornece pistas para refletir sobre alguns temas significativos. O primeiro deles, evidente, é o que relaciona Senna ao sentimento nacional. A nação moderna não pode ser tomada como a soma de indivíduos, ela é um “indivíduo coletivo”. Ela apresenta-se como algo autônomo, independente dos indivíduos que a compõem. E, por isso, permite que a identifiquemos com um indivíduo real, com seus atributos, sua personalidade. Pensar nos atributos do indivíduo eleito para ser emblema da nação (Abreu, 1994), como foi o caso de Senna, pode nos ajudar a entender como a nacionalidade foi representada no momento.

Senna era a certeza de um reconhecimento público, mundial, de nossa competência enquanto brasileiros. Para mim, Senna já era signo de Brasil bem antes de sua morte. Durante os anos em que vivi em Paris, a vitória de Senna era a única chance de ler “Brasil” nas manchetes dos jornais. Isso porque nosso país, que tanto encantou os franceses nos anos 1960 e 1970, esteve ausente por completo da mídia nos anos 1980 e 1990, mais interessada nos movimentos do Leste Europeu e da Ásia do que na América Latina. A vitória de Senna nas pistas no domingo era a chance de ouvir o hino nacional na TV francesa, no momento do podium, e implicava uma confraternização telefônica com a extensa rede de estudantes brasileiros na

cidade. Ela trazia a certeza de que o Brasil estaria na contracapa do *Libération* na manhã seguinte, recebendo loas do nosso jornal preferido, em um estilo literário incomparavelmente mais sutil e arguto do que o palavreado repetitivo de jornalistas esportivos especializados. Significava, além disso, que o padeiro da esquina não se limitaria ao seu “bonjour, mademoiselle” de sempre e faria algum comentário (“le brésilien, anh, ulalá”).

Vitorioso, no volante de um dos carros mais rápidos do mundo, ele desconcertava. Obrigava os europeus a pensar que o Brasil poderia ser admirado também pelo domínio da máquina, dos computadores. Era fácil nos situar enquanto o país do futebol, das mulatas e do carnaval. Isso me incomodava: só práticas ligadas ao corpo, ao prazer, nos mantendo num lugar paradisíaco. E, com isso, mantendo a sua posição superior, de adultos diante de crianças alegres e inconsequentes. Mais difícil era encontrar um lugar para um Brasil vitorioso numa competição onde o que está em jogo é a manipulação de um máximo de racionalidade – a engrenagem do motor, as subtilezas da informática, um cérebro incumbido de reger esse todo.

O país que Senna ostentava era o Brasil moderno, inebriado pela vertigem da velocidade. País de máximo da perícia técnica, economia de percurso, que buscava a teleologia da bandeira quadriculada para alcançar a glória da volta final. Era, ao mesmo tempo, o Brasil tropical imaginado e o Brasil pós-moderno. Corpo e razão não são díades irreconciliáveis no nosso país, e Senna dava mostras disso na pista, vencendo exatamente as competições em que o corpo era mais solicitado do que a máquina. Não se dizia que era perfeito na chuva, nas condições mais adversas? É preciso muito jogo de corpo para conciliar, como ele o fez, coisas tão irreconciliáveis como o cheiro da gasolina e as orações, a troca de pneus em segundos e a concentração mística, o diálogo com Deus e os debates políticos nas reuniões da Fórmula 1...

Essa teatralidade mística/nacional – os dois polos morais do seu discurso – unia as pessoas dando sentido à nação, a isso que Anderson (1983) chama de uma comunidade imaginária.

O Brasil se conectou em torno de Senna como se conecta em torno de poucos emblemas nacionais. De fato, os símbolos nacionais são uma presença recente no nosso país, que, durante muitas décadas, viveu a ambiguidade de se querer nacional de um lado e de se querer regional de outro. A história mostra isso. Se é verdade que o Império buscou a unificação, a centralização, a Primeira República foi descentralizadora: administrativa e simbolicamente. Tivemos um movimento nacionalista moderno, a Semana de 22. Mas, alguns anos mais tarde, em 1926, foram de novo as oligarquias locais que tiveram voz com o manifesto regionalista do

intelectual Gilberto Freyre. Nunca é demais lembrar que a hegemonia do nacional no Brasil é recente, data do Estado Novo e foi imposta a fogo, literalmente – me refiro à cerimônia da queima das bandeiras regionais e hasteamento, em seu lugar, de 21 pavilhões nacionais, comandada por Getúlio Vargas, ao som do hino nacional regido por Villa Lobos (Oliveira, 1994).

A nação, esse indivíduo coletivo abstrato, precisa de caras, de rostos. A construção de um herói é a construção de um lugar de memória (Nora, 1984). Se faz isso com monumentos de bronze e se faz com homens – raramente com mulheres. É interessante observar a construção do seu mito. Morto, ele é quase santificado: Caruso desenha uma charge em que aparece como um Cristo crucificado em um protótipo da Williams. Dele se sabe a proximidade com Deus. Dele se contam milagres (histórias de visitas a doentes no hospital, de doações caridosas mantidas em segredo, de projetos educacionais). O processo de transformação em emblema nacional passa por um expurgo do que é mais humano e a sua consagração enquanto mártir, eleito por Deus. Senna não era um piloto comum, e isso ajuda a explicar a sua eleição como símbolo nacional.

Esse novo modelo de piloto, capaz de atitudes zen para com a sua profissão e declarações do tipo “quero expandir os meus limites, busco a perfeição” e “minha competição é comigo próprio, não com os outros” fugia totalmente ao perfil do esportista, geralmente um modelo de superficialidade. Algo estava errado, algo não era normal. A paixão pelo trabalho e não pelas mulheres levou à interpretação fácil de falta de virilidade: cria-se, assim, um paradoxo: o homem mais veloz do planeta, o que domina a máquina número 1, não era visto como totalmente homem, uma ambiguidade sexual que ajuda a aproximá-lo do sobre-humano.

Não se pode dizer, porém, que Senna tenha sido um símbolo nacional erigido sob o auspício do governo. O Estado não fez construir um autódromo em cada centro urbano – como os militares fizeram usando o futebol e espalhando estádios monumentais em todo o lugar onde o partido político Arena quis se implantar.

A Rede Globo ajudou sim nessa construção do herói: lhe deu um hino – os acordes musicais que saudavam suas vitórias – e lhe deu um sobrenome: Ayrton Senna do Brasil. A televisão efetivamente importa. Mas daí a pensar que ela provocou essa comoção nacional, é uma explicação muito fácil. “O povo está nas ruas?” “Porque a rede Globo assim o quis.” E podemos dormir tranquilos, certos de que nenhuma verdade foi abalada. Estranhos intelectuais e jornalistas que permanecem de costas para a rua e vivem o Brasil apenas como negatividade. Poucos têm a humildade de Arnaldo Jabor, que, em uma coluna, reconheceu ter “perdido a festa”, não ter enten-

dido, ou melhor, ter entendido muito tarde o significado da morte de Senna. Seria um reducionismo pensar que o povo brasileiro chorou a morte de Senna por causa da televisão. O que não significa diminuir o uso publicitário da imagem de Senna, como fez o Banco Nacional ou a Globo com um comercial institucional disfarçado antes do Jornal Nacional.

Creio que a importância da televisão, no caso, se localiza em um outro ponto, do qual a sociologia e a antropologia ainda não retiraram as implicações que poderiam. A Fórmula 1 hoje é um esporte televisivo por excelência. As câmeras são transportadas nos próprios automóveis. Cada piloto é um caçador de imagens e, sendo assim, Senna provavelmente filmou sua própria morte, numa sequência que foi mantida secreta até agora. Além disso, corre-se em um não lugar (Augé, 1992), numa pista que está em Tóquio ou no Rio, mas poderia estar nos confins da Austrália, e não haveria diferença. E, o que é uma novidade: corre-se para um público formado por telespectadores. Ao contrário de esportes mais “arcaicos” como o futebol e o vôlei, nas corridas, o torcedor é um quase ausente do espetáculo: alguns dos autódromos acolhem multidões, mas não se vê “ondas” nas arquibancadas, não se ouve gritos de incentivo durante as provas, e a torcida nunca pede a substituição de um piloto. O barulho dos motores abafa as manifestações humanas. Realiza-se, assim, o sonho da TV americana que, uma vez, propôs às equipes de basquete reembolsá-las com quantia equivalente ao que elas deixariam de lucrar, devido ao desaparecimento de seus torcedores dos estádios. Na Fórmula 1, nem mesmo no momento do podium, a imagem destaca a torcida: são os corredores que monopolizam a atenção das câmeras. Senna parecia compreender que a plateia estava do outro lado: repetidas vezes dirigiu o jato do champanhe para o olho da câmera, como se quisesse banhar a todos os telespectadores.

Assiste-se, assim, ao que Virilio (1993) chama de uma desregulamentação do espaço público em benefício da recepção a domicílio, a deserção do espaço público em favor da telepresença. A transmissão ao vivo, em cadeia planetária, ao mesmo tempo que multiplica por milhões o número de assistentes, desvaloriza a presença real das pessoas. Assistimos ao declínio do espaço público e dos seus numerosos equipamentos: teatros, grandes salas de espetáculo, estádios e outros lugares que necessitavam da presença efetiva – coletiva e simultânea – de um grande número de espectadores. A Fórmula 1 realiza, assim, a previsão de Virilio: um espécio de estádios vazios, ocupados por painéis publicitários.

A morte de Senna nos leva também a refletir sobre outro tema: a morte e o modo como a expurgamos de nossas vidas. Sim, porque no Brasil estamos acostumados a nos livrar rapidamente dos corpos mortos, nossos velórios são curtos. Sob a alegação de que o calor poderia deteriorar o cadáver, nós

tratamos de enterrar nossos entes queridos em menos de 24 horas, obedecendo a uma prescrição legal. Não é assim na França, onde um velório pode durar até uma semana, e não é assim em inúmeras outras sociedades. Nós chegamos até a afastar as crianças dos mortos. A morte de Senna, como antes a de Tancredo Neves, foi diferente, teve tempo para ser vivida. E esse é outro aspecto importante se quisermos entender o seu significado: sofremos plenamente a dor da perda, alguns sofreram mais do que com a perda de um parente, confessaram para as câmeras de TV.

Esse corpo, de Senna, que viajou por países, que foi transportado de um aeroporto a outro, mostrando até com a morte o quanto ficou pequeno o nosso planeta, esse corpo foi realmente velado. Tivemos tempo de chorá-lo. Amanhecemos no dia seguinte repensando o Brasil, pois, devemos reconhecer, a perda de um objeto amado implica em um voltar-se para si mesmo, um movimento narcisístico de autorreflexão.

Isso não quer dizer que tenha sido fácil aceitar essa morte. Senna morreu na pista, jovem e executando um trabalho ³. Difícil pensar em uma morte que possa ter sido pior para os brasileiros nos anos recentes – e isso em um país em que morrem 50 mil jovens no trânsito todos os anos (1 a cada 15 minutos), que é campeão mundial em acidentes de trabalho, em que os números do feminicídio são assustadores, em que há um genocídio de jovens negros em curso... Como tão bem mostrava o antropólogo Thomas (1985, 1991), especialista em morte, toda sociedade elege o que considera “mortes boas” e “mortes más” – aquelas que são menos e mais sofridas pelos vivos.

Nossa sociedade aceita como “boa”, como “natural” a morte dos velhos, dos que “viveram muito” – aí se diz: “ele descansou”. Noutras culturas, a morte na guerra de jovens, em plena saúde, é que é tida como “boa” (por exemplo, os que fazem a jihad, a guerra santa dos muçulmanos, ou os kamikazes japoneses). Senna morreu no auge de sua celebridade e juventude; pessoas assim, no Brasil, não morrem: não quebram o lado simbólico que nos une a elas. Foi assim com Elis Regina, cuja morte física encheu Porto Alegre de pichações metafísicas: “Elis vive”.

A morte de Senna pode ser lida também – e foi assim que parte do público a leu – como um sacrifício: uma oferenda, no caso, uma mensagem aos que controlam o mundo da Fórmula 1 – os dirigentes da Fisa, os patrocinadores – que, em busca de uma maior audiência, haviam feito crescer o risco nos circuitos. Quiseram aumentar a emoção do espéculo. Fazer valer de novo a capacidade humana num show que a precisão tecnológica tornara previsível. Mas acabaram gerando máquinas indirigíveis. Como em um sacrifício, a morte do piloto que mais se preocupava com isso parece propor um pacto: em troca do corpo, a volta da segurança nas pistas.

A morte “não boa”, o sacrifício involuntário, emocionou apaixonadamente milhões de torcedores que permaneciam silenciosos nos seus domicílios. Se viu celebrações na Itália, coroas de flores na Inglaterra, lágrimas no Japão e na Índia, e eu não me surpreenderia se ouvisse falar de homenagens no Sri Lanka, onde Elvis Presley, por exemplo, tem um numeroso fã-club. Trata-se de uma morte global. Mas se viu sobretudo o nacionalismo, o “nascimento de uma nação” – como disse, com exagero, a irmã de Senna durante o enterro. Um nacionalismo que se expressa nas vitórias esportivas – foi assim na Copa de 1970 – que se expressa em manifestações políticas e na dor. O que há de particular, de brasileiro, nessa expressão? A alegria. O tom solene da passeata política deu lugar à festa. Agora, é o enterro que se transforma em festa. Mantém-se a dignidade, mas a rigidez na passagem do féretro dá lugar ao aplauso, ao aceno, à corrida ao lado do carro fúnebre. Em vez do minuto de silêncio, ouvimos o festivo “olé, olá, Senna a, Senna a” das arquibancadas dos estádios. Ao invés de discursos, vemos jogadores comemorando o gol da seleção com mímicas. Piadas foram feitas ⁴. Um artista homenageia a outro com arte; no Brasil, com arte e manhã.

Como diz DaMatta (1994), o povo é generoso com os seus heróis. Ele acha que o povo também enviou uma mensagem. Algo como: “Se vocês – elite, políticos – forem como Senna, nós vamos chorar da mesma maneira por vocês”. Ele era consistente, competente, diz DaMatta. “Tudo o que nossas elites não demonstram ser. Ter orgulho dele é orgulhar-se do Brasil, amá-lo é amar o Brasil”.

DaMatta sugere que ele corresponde à figura do “malandro” por vencer nas situações mais difíceis. De fato, como os brasileiros, Senna sabia os “jeitinhos”, tirar um proveito da pista que nenhum computador previa. Como foi o caso quando, numa manobra inédita, usou a passagem dos boxes para realizar uma ultrapasse, levando a Federação Internacional de Automobilismo a criar uma regra impondo um limite de velocidade nesse trecho. Mas isso é a marca do bom piloto, do que sabe ser competente no seu ofício, e não creio que seja esse o traço que fez de Senna um herói. Sua trajetória fora das pistas ajuda a construí-lo enquanto um herói, personagem mítico, capaz de suscitar muitas interpretações ao público. Ele se distingue dos outros pilotos na sua vida privada. Não passava suas folgas a bordo de iates luxuosos na costa de Mônaco, não era um playboy como a maioria dos seus colegas. Ao invés dos iates, a casa. Ao invés da Cote d'Azur, Angra dos Reis. Senna contrapõe a vertigem da velocidade nas pistas a um lugar de repouso, como diria Bachelard, de captação de energia e não de dispêndio, uma fortaleza de solidão, aos pés da montanha, isolada pelo mar, onde ele chega voando de helicóptero. Tal qual o super-homem, ele recupera forças, numa casa-caverna onde guarda seus brinquedos, pequenos milagres da tecnologia: o jet-ski, a lancha, o helicóptero.

O episódio da morte de Senna nos faz pensar também no que Maffesoli (1992) se refere como a transfiguração do político nas sociedades contemporâneas. Para ele, a vida social (nacional ou internacional) não repousa mais sobre a simples razão mecânica, sobre considerações geopolíticas ou econômicas, mas, explodindo com tudo isso, da origem a uma ordem outra, uma razão interna em que vale paixão, sentimento, razão não-instrumental. Desse modo, o “contrato social”, sobre o qual se erigiu a modernidade, dá lugar a solidariedades orgânicas feitas de atrações e repulsões, de identificações afetivas e de emoções compartilhadas. Ou seja, do lugar ao sentimento de pertencer – a um grupo, a um povo, a uma nação – de se fundir, na festa ou no funeral. De fato, o último parágrafo da *Transfiguração do Político*, que me permito citar, resume bem o espírito do Brasil nessa morte: “Mais do que uma união plena, uma união do projeto, a solidariedade que nasce é resultado de uma união em falta... uma comunhão de solidões que, pontualmente vivem a tragédia da fusão.”

¹ Era para este texto ter sido publicado no dia 1 de maio, quando do aniversário da morte de Senna. Mas esqueci de enviar aos editores. Ele foi elaborado para apresentação na mesa redonda “A construção de heróis nacionais no imaginário brasileiro”, promovida pela Pós-Graduação em Sociologia Política e o curso de Sociologia da UFSC, em 1994, ano da morte de Ayrton Senna. Agradeço à Prof.^a Tamara Benakouche pelo convite para participar dessa mesa. Foi mantida aqui a redação original, incluindo apenas as notas de rodapé. Por isso, o seu tom coloquial. Agradeço a Adiléia Bernardo (1998) que escreveu longamente sobre Senna, e que levou adiante algumas das ideias daqui, acrescentando muitas (e melhores) outras.

² Instituto Ayrton Senna/Flickr. [CC BY 2.0](#).

³ Como bem observou a socióloga Luzinete Simões, sua morte foi um acidente de trabalho.

⁴ O Prof. Márcio B. S. de Oliveira (UFPR) relatou algumas piadas: “Se Senna sobrevivesse, ele também chegaria a ser tetra... tetraplégico” e “Senna chegando ao céu perguntou a São Pedro se Ratzenberger já estava lá. ‘Não’, respondeu São Pedro, ‘O corpo não foi liberado ainda’. E Senna, exultante: ‘Tchan, tchan, tchan...cheguei primeiro!’”

Entre a paixão e o lucro: impactos da SAF na identidade dos clubes brasileiros

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

20 de jun.

SOBRE A AUTORA:

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos é licenciada em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisadora do Grupo de Estudos Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (FACED/UFBA) e colaboradora do Grupo de Psicologia do Esporte da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SANTOS, Rafaela Marques Rodrigues dos. Entre a paixão e o lucro: impactos da SAF na identidade dos clubes brasileiros. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.19, 2025.

Entre a paixão e o lucro: impactos da SAF na identidade dos clubes brasileiros © 2025 by Rafaela Marques Rodrigues dos Santos is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Entre a paixão e o lucro: impactos da SAF na identidade dos clubes brasileiros

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

20 de jun.

No texto a seguir, a autora discute os desafios para a implementação das SAFs sem perder a história e a identidade dos times.

O equilíbrio entre a identidade e o lucro na era SAF é um desafio (imagem ilustrativa feita com DALL-E)



O futebol, mais do que um esporte, é uma manifestação cultural que mobiliza paixões, constrói identidades coletivas e atravessa gerações. No Brasil, essa dimensão cultural sempre esteve intrinsecamente ligada aos clubes de futebol, que funcionam como símbolos locais e nacionais. Do mesmo modo, esse esporte sempre esteve profundamente enraizado em aspectos culturais e sociais que transcendem o campo de jogo. Contudo, a crescente profissionalização do futebol mundial e a necessidade de adaptação a um mercado altamente competitivo levaram à implementação de novos modelos de gestão, como a Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

Os clubes não são apenas entidades esportivas, mas verdadeiros símbolos de identidade para suas comunidades, mobilizando paixões e laços que atravessam gerações. Tradicionalmente organizados como associações civis sem fins lucrativos, esses clubes criaram uma relação direta com seus sócios e torcedores, marcada pela participação coletiva nas tomadas de decisões.

Contudo, com o aumento da competitividade no cenário esportivo global e os desafios financeiros enfrentados por diversas instituições, tornou-se evidente a necessidade de uma modernização nas estruturas de gestão.

Nesse contexto, a criação do modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF) representa uma ruptura significativa com o passado associativo, introduzindo uma lógica empresarial e novos atores no comando dos clubes.

A Sociedade Anônima do Futebol (SAF) é um modelo jurídico criado pelo Congresso Nacional em 6 de agosto de 2021, por meio da Lei 14.193/2021, sendo conhecida como “Lei da SAF”. Inspirado em práticas internacionais, a SAF permite que clubes adotem uma estrutura empresarial, tornando-se sociedades anônimas, estimulando a transformação das associações civis sem fins lucrativos – formato dos principais clubes tradicionais – em clubes-empresa.

Diferentemente do modelo tradicional de associação civil sem fins lucrativos, a SAF busca sanar dívidas, atrair novos investimentos e modernizar a gestão dos clubes. Embora essa mudança traga novas possibilidades econômicas, também gera desafios relacionados à manutenção dos valores históricos, culturais e à preservação da identidade clubística, visto que mexe com a própria relação histórica do futebol.

Este texto busca analisar como a implementação das SAFs tem impactado na relação entre as associações tradicionais, seus torcedores e a identidade dos clubes, abordando os desafios e potencialidades dessa nova estrutura. Compreender essa relação é fundamental para avaliar se é possível alinhar tradição e modernidade sem comprometer a essência dos clubes, que são patrimônios afetivos de seus torcedores.

Do clube associativo à SAF

Os clubes de futebol brasileiros surgiram, em grande parte, como associações civis sem fins lucrativos, onde os sócios-torcedores possuíam voz ativa nas tomadas de decisões juntamente à gestão. Esse modelo fomentou uma relação simbólica e emocional entre os torcedores e o clube, que ia além do aspecto competitivo, moldando uma relação carregada de amor e paixão.

Com a profissionalização crescente e a globalização do futebol, muitos clubes enfrentaram crises financeiras e estruturais. A lei que criou a figura da SAF permitiu que os clubes se transformassem em empresas, atraindo maiores investimentos privados e buscando efetivar uma gestão “mais profissional” para alcançar o sucesso, o que não necessariamente significa seu cumprimento apenas por ser SAF.

Porém, a transição para o modelo SAF nem sempre significa a extinção das associações que historicamente comandaram os clubes. Em muitos casos,

essas associações mantêm participações acionárias relevantes e, “teoricamente”, devem continuar desempenhando um papel importante na preservação de valores históricos e culturais. Essa coexistência cria uma dinâmica complexa entre os interesses empresariais e as tradições associativas.

Uma das principais vantagens em manter a porcentagem ligada às associações é garantir a preservação do elo histórico e cultural com a comunidade torcedora. As associações devem atuar como “guardiãs” da identidade do clube, garantindo que decisões empresariais respeitem tradições e valores consolidados ao longo de décadas, como a história do clube, o escudo, a identidade e a relação clube-torcedor-comunidade.

No entanto, também surgem tensões e desafios nessa relação. A lógica empresarial imposta pela SAF prioriza resultados financeiros e performance esportiva, enquanto as associações frequentemente valorizam aspectos imateriais, como a preservação do patrimônio histórico e a manutenção de uma gestão democrática.

O principal interesse de um clube ao se tornar uma empresa é a profissionalização da gestão. Seu objetivo central é maximizar os lucros por meio de uma administração eficiente, capaz de captar investimentos, atrair patrocinadores e otimizar diversas fontes de receita, como direitos de transmissão, bilheteira, venda de produtos licenciados, merchandising e outras. Isso transforma, gradualmente, a relação de torcedor para consumidor.

SAF: conflito de identidade e desafios para manter a paixão

Sabe-se que a principal finalidade das mudanças possibilitadas pela Lei da SAF está ligada ao apoio aos clubes para resgate financeiro, considerando que os clubes do futebol brasileiro, em sua maioria, apresentam dívidas milionárias e problemas financeiros (Soares et. al., 2022. p. 5).

Em muitos clubes, principalmente aqueles que enfrentam dívidas severas, gestão ineficiente e dificuldades financeiras, a adoção do modelo SAF pode ser vista como uma solução para a sustentabilidade e o futuro do clube. Para os torcedores, isso pode ser interpretado como uma maneira de recuperar o clube de uma possível falência ou de um cenário de insustentabilidade financeira, o que provoca um sentimento de esperança.

Apesar desse modelo surgir como uma “salvação” para os problemas que ultrapassam os 90 minutos em campo, deve-se observar a relação de paixão entre clube-torcedor. Esta que sempre foi destacada pelo antigo modelo que regia os clubes e é considerada um dos patrimônios mais importantes

de um clube de futebol. Isso porque a identidade de um clube advém da sua relação, participação e construção com a própria torcida ao longo da história, e mudanças que possam afetar esse laço podem ser visualizadas tanto como positivas quanto como negativas.

Um clube ser adquirido por um investidor que possua capital para sanar os problemas e garantir estabilidade financeira pode ser visto como a solução ideal ou, até, como garantia de sucesso absoluto. Isso porque, finalmente, ele obteria recursos para dedicar-se à performance esportiva e, conseqüentemente, alcançar resultados. Contudo, pensar nas mudanças e no quanto elas podem afetar a própria relação do clube com o torcedor é um ponto relevante, considerando que a transformação do clube em uma entidade puramente comercial – que prioriza e visa somente o lucro e a performance – pode reduzir o sentimento de pertencimento e as emoções genuínas dos torcedores, que muitas vezes enxergam o clube como algo mais do que uma simples empresa.

A principal preocupação dos torcedores é que a transformação em SAF possa resultar em uma mercantilização excessiva do futebol, em que o clube seja tratado como uma mera empresa cujo objetivo principal é gerar lucros, e não representar uma comunidade, uma cultura ou uma história. Principalmente quando a sua gestão vem marcada e controlada por investidores estrangeiros, gerando uma possível desnacionalização e comprovando que a prioridade de um clube-empresa é apenas o lucro, e não a manutenção da sua identidade.

[...] A lei preocupou-se em encontrar uma fórmula para resolver as eternas dívidas dos clubes, não em associar o novo modelo institucional a um projeto de desenvolvimento econômico e esportivo do futebol brasileiro, sequer cuidando de manter o nosso futebol sob controle de investidores nacionais. Antes pelo contrário... (Dantas; Leo, 2023, p. 143)

A desnacionalização abre uma questão importante relacionada à aquisição de clubes nacionais por investidores estrangeiros: como manter a preservação da identidade e cultura do clube sem criar um vazio emocional entre o clube e sua torcida?

Quando clubes nacionais são adquiridos por investidores internacionais, a desconexão emocional entre o clube e seus torcedores pode ser um risco significativo, especialmente quando as decisões de gestão se afastam da realidade local e dos valores históricos do clube.

Como afirmam Marcos Dantas e Luiz Leo (2023), “é como indústria que precisamos olhar para o futebol, sem mais romantismos”. Nos modelos de gestão de clubes controlados por investidores estrangeiros, frequenter-

te os torcedores perdem poder de decisão. A tradicional gestão associativa, em que os torcedores, através das associações, podiam influenciar as decisões do clube, é substituída por um modelo mais corporativo. Isso significa que o torcedor deixa de ter voz ativa no futuro do clube, com decisões sendo tomadas de forma centralizada por investidores, empresários ou diretores que não necessariamente possuem uma conexão emocional com o clube.

Manter a identidade cultural do clube enquanto se busca crescimento global e sucesso financeiro é um desafio complexo. Muitas vezes, os investidores estrangeiros vêm com a intenção de maximizar lucros, e isso pode levar a mudanças estratégicas que não consideram adequadamente o sentimento de pertencimento dos torcedores.

A SAF e o seu impacto na formação educacional de jovens atletas

A implementação da SAF nos clubes de futebol traz mudanças profundas que não se limitam apenas à gestão financeira e à profissionalização administrativa. Um dos aspectos fundamentais afetados por essa transformação é o processo educacional de jovens atletas em formação, especialmente nas categorias de base. Esses jovens representam o futuro esportivo dos clubes e a forma como são preparados reflete diretamente na construção de suas identidades esportivas e pessoais.

A preocupação com a formação integral dos atletas vem ganhando destaque crescente nos clubes de futebol contemporâneos. Não se trata apenas de desenvolver as habilidades técnicas dentro de campo, mas também de proporcionar uma formação educacional, emocional e social que prepare esses jovens para os desafios da vida esportiva e pessoal. Com a chegada da SAF, essa abordagem tende a se fortalecer ainda mais. A lógica empresarial que acompanha esse novo modelo de gestão, incentiva uma visão estratégica sobre a base, considerando-a uma “joia” para o clube: “O futebol e os esportes em geral ainda seguirão sendo instrumentos voltados à formação educacional, através do desenvolvimento integral do indivíduo, bem como da sua formação para o exercício da cidadania e do lazer” (Dantas; Leo, 2023, p. 145).

Contudo, é importante pontuar que a preocupação com a formação educacional dos atletas em formação não pode ser resumida apenas ao cumprimento das obrigações escolares. Contabilizar a frequência escolar ou acompanhar o rendimento são fatores importantes e que contam muito para o nível de aprovação final daquele atleta, além de contribuírem bastante para os resultados e avaliações de um clube formador. Afinal, um bom atleta também precisa ir bem na escola.

O futebol, em seu lugar de prática esportiva imediatista, exige e necessita de resultados. Afinal, como seremos os melhores em formação de atletas se não temos o nível máximo de aprovação escolar?

É possível que um atleta de futebol em formação compreenda todas as suas obrigações, inclusive escolares, afinal, sua rotina exige disciplina e cumprimento de regras. E a escola, sim, acaba entrando no fluxo do cumprimento de regras. Afinal, no novo cenário exigido pelo futebol, em que cada vez mais os clubes têm se tornado empresas e, evidentemente, o lucro e os bons resultados são os pontos que mais contam, especificamente nas categorias de base, o desenvolvimento educacional influenciará, sem dúvidas, o desempenho em campo, ainda que lhe custe punições.

Entretanto, é importante destacar que “o fato de um time se converter em clube-empresa e ser administrado por profissionais não significa que o seu sucesso esteja garantido” (Proni, 1998, p. 247). Para se tratar de formação de atletas e desenvolvimento humano, é necessário falar sobre juventude e humanização, ponto que se perde em grande tendência, visto que, como qualquer outra empresa, a prioridade é o lucro e o aumento de resultados, ignorando todo o caminho processual que exige, em sua teoria, a prática esportiva do futebol.

Outro ponto relevante é a necessidade de preservação da identidade clubística no processo formativo. Quando jovens atletas crescem dentro de um clube que valoriza sua história e tradições, eles passam a incorporar esses valores em suas trajetórias profissionais. Isso fortalece a ligação com a torcida e ajuda a manter viva a cultura do clube, mesmo em um cenário de modernização e exigências mercadológicas.

Portanto, é imprescindível que a SAF não veja a formação de atletas apenas como um negócio, mas como um processo educativo integral que respeite a dimensão cultural do futebol. A continuidade dessa prática contribuirá para preservar os elementos simbólicos que tornam cada clube único e garantem sua relevância tanto no cenário esportivo quanto social.

Referências:

DANTAS, Marcos; LEO, Luiz. Futebol-empresa: o capitalismo chegou, afinal, no futebol brasileiro. Revista Eptic, São Cristóvão, SE, v. 25, n. 1, p. 129-148, 2023.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa. 1998. 275f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SOARES, Bruno Pinto et al. A sociedade anônima do futebol (SAF): disposições introdutórias e constituição. In: SOUZA, Gustavo Lopes Pires de; RAMALHO, Carlos Santiago da Silva (Orgs.). Sociedade anônima do futebol: primeiras linhas. Belo Horizonte: Expert, 2022. p. 13-36.

Ritualizando a (des)crença: reflexões sobre o Mundial de Clubes

Rafael Willian Clemente (UFRRJ)

27 de jun.

SOBRE O AUTOR:

Rafael Willian Clemente é doutor em Ciências Sociais (PPGCS/UFRRJ), tendo pesquisado as relações de torcedores não organizados no “novo Maracanã” e a produção da história e memória na perspectiva urbana. É professor de História e Sociologia.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

CLEMENTE, Rafael Willian. Ritualizando a (des)crença: reflexões sobre o Mundial de Clubes. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.20, 2025.

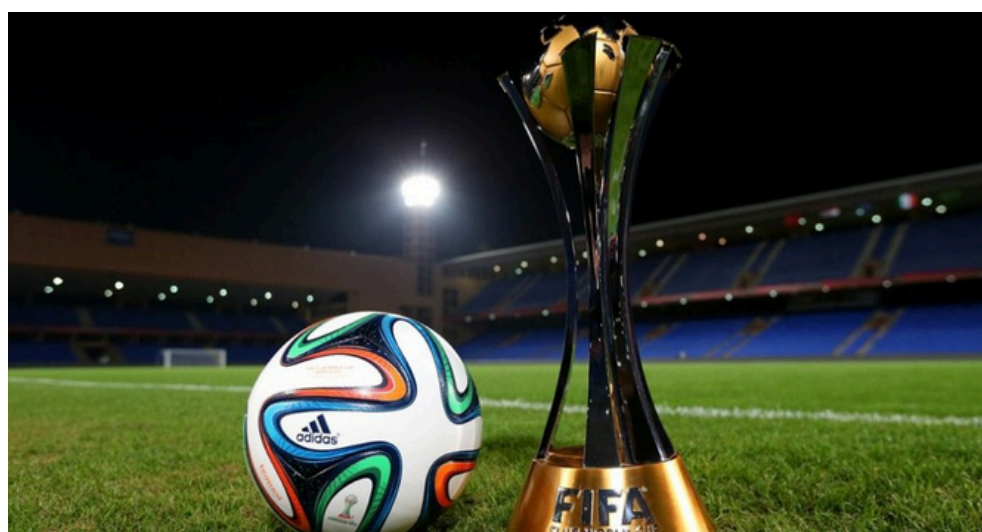
Ritualizando a (des)crença: reflexões sobre o Mundial de Clubes © 2025 by Rafael Willian Clemente is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

Ritualizando a (des)crença: reflexões sobre o Mundial de Clubes

Rafael Willian Clemente (UFRRJ)

27 de jun.

No texto a seguir, o autor reflete sobre as potencialidades trazidas pelo Mundial de Clubes da FIFA:



A FIFA organiza, em 2015, a maior edição da Copa do Mundo de Clubes. Imagem: [Digital-News](#)¹

Eu, no alto de minha ressabiada arrogância contra a “Dona FIFA”, imaginei a Copa Mundial de Clubes como um torneio de verão em terras yankees. “Fim de feira” para europeus, pré-temporada para jogadores reservas e recém-contratados, oportunidade para americanos disputarem torneios contra o velho continente, vitrine para craques latinos e seus empresários na negociata com o “mundo árabe” ou europeu. Fui contrariado!

Estou positivamente surpreso e preso à televisão sob o mantra hipnótico do qual a próxima partida? A bem da verdade, quem ama futebol é inebriadamente encantando no rolar da bola. O canto da sereia soa aos ouvidos, salta aos olhos dos que vivem e convivem nas sociedades onde o jogo, o esporte – e, em nosso caso, o futebol – une, reúne, aparta, faz sociabilidades e conflitos. É necessário tal encantamento. Sem essa categoria, nossa vida seria mesquinha, dura e rígida. Quiçá sofreríamos de apatismo crônico ou violência exacerbada sob as mínimas pressões. Mas, não será isso o que estamos vivendo enquanto uma sociedade que vem sendo educada no esquecimento da ritualização de seus convívios materialmente físicos e somente encena uma vida nas redes midiáticas?

A vida ritualizada deveria ser mais suave, ou não?! E a cultura de arquibancada pode orientar caminhos. Fato é: encantamento não é sinônimo de uma postura acrítica. Encantar-se é também sensibilizar-se diante de um time de semiprofissionais neozelandeses e seu imenso déficit no quesito saldo de gols, diante de três agremiações históricas do futebol mundial. Podemos ler de forma caricata tal participação ou transformá-la em uma análise mais crítica em torno das globalizações, mundializações e diferenciações proferidas pela ideia de progresso. Mas, também, acessar o evento pela ótica caleidoscópica da cultura local. Aliás, o futebol, em seu caminho de massificação não concluído, é recente por aquelas bandas do Pacífico. Acontece que, ainda assim, lá estavam os jogadores – e torcedores nas arquibancadas, por lá chamados de supporters.

Das várias nomenclaturas criadas para denominar o indivíduo ou a indivíduo que exerce uma paixão por uma agremiação, o italiano tifosi e o brasileiro torcedor(a) são os que mais remontam às dores dessa relação de aproximação com um objeto devocional. O tifo é uma doença severa. Torcer, um gesto reflexivo da paúra mental. Ato que requer força física.

No seio desses grupos, há diferentes intensidades, e mesmo legitimações, sobre “o que é torcer de verdade”. Ou seja, é um espaço de disputa entre grupos que se unem para um mesmo fim, sob um mesmo “guarda-chuva”, mas de maneiras diversas. Portanto, há convívios. Esses convívios, às vezes conflitivos, como se mostrou nas arquibancadas estadunidenses entre representantes parisienses e botafoguenses, são parte do espetáculo que é o evento jogo, o evento futebol. A ritualização dos convívios – em suas sociabilidades e conflitos – é encenada por esses agentes autoclassificados como organizados, barras, ultras, supporters, fans. A depender do seu local de origem e da construção de suas identidades.

As arquibancadas do Mundial de Clubes, nesse novo formato, exibem as interseções das mundializações e globalizações culturais e econômicas. As influências recíprocas entre grupos estão à mostra para o mundo ver. Ultras orientais e europeus em interação simbólica sob faixas penduradas, bandeirões e bandeirinhas, ritualizações da festa. Barras argentinos e organizados brasileiros – as mãozinhas jogadas bambas ao alto por palmeirenses e tricolores cariocas – gesto típico de argentinos e uruguaios – que o digam. As arquibancadas disputam – simbolicamente e indiretamente sempre disputaram – com o jogo em si, onde está o verdadeiro espetáculo. Quem domina o quê. Óbvio dizer da dialética entre ambos. É uma via de mão dupla que se retroalimenta.

Longe de onde “a bola corre mais que os homens”, os que ficaram por torcer em solo tupiniquim aparentam uma camaradagem para com seus pares nacionais e regionais que estão na disputa. Rivals em campo, estão ti-

midamente mais próximos, numa espécie de sentimento anti-hegemônico para com os clubes europeus. Porque escrevo isso? Dos jogos de rivais locais, assisti todos próximos a um misto de torcedores. Longe dos estádios, mas também das Fan Fest, o ambiente heterogêneo determinava um ar de simpatia entre alvinegros, rubro-negros e tricolores. Claro, por se tratar de uma ritualização, é evidente que algumas provocações estão sempre à mostra. “Torci para todos, menos pro Flamengo. Esse, não”, dizia um cruzmaltino em alto e bom som, galhofante, diante do televisor e de um grupo rubro-negro. “Hoje é porco, hein! É Brasil! Hoje é Brasil!”, anunciava o tricolor e sua simpatia momentânea pelo alviverde paulistano.

A ritualização da festa está também na crença, quase sobrenatural, dos momentos que o futebol oferece aos seus. O impossível, a lógica, o cartesianismo podem ser superados nesse espaço. Todo torcedor já passou por isso. Em alegria ou tristeza, um gol no último minuto. Uma arrancada, um passe errado, um time que se comprometeu com simples garra perante a qualidade técnica do adversário e fez o domínio do esquema tático alheio. O orgulho externado da capacidade de jogar e garantir resultados em níveis tão diferentes de um mesmo jogo. A lógica do mercado, mas também a lógica de utilizações tecnológicas mais funcionais para potencializar o talento. O garoto que saiu franzino dos campos de terra, dos times empresariais, dos campeonatos de menor valor, aparece parrudo, sobrando em físico após ser testado e lido em laboratórios físico-nutricionais.

Embora tudo isso, lá estão os párias. Dentro e fora das quatro linhas. Muitos e muitas em busca de experiências shoppinificadas e mercantis. Outros pela loucura de acompanhar seu objeto devocional. Com menor “torcida legítima” nas arquibancadas, europeus se garantem pela superioridade econômica de seu futebol. Podem comprar e alugar os pés de obra de qualquer lugar do mundo. Surgindo craques no Senegal ou um artilheiro finlandês, o poder do dinheiro tende a imperar. Mas é futebol. E a bola sempre pode surpreender os mais céticos, os mais ricos e também os que dão de ombros, achando que será apenas um torneio de verão. [1] CC BY-NC-SA 4.0.

Recomendações de leitura:

O texto de Rafael Willian Clemente toma como base as referências a seguir, que são fontes recomendadas para o desenvolvimento de uma maior compreensão sobre o tema:

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa: Diffel, 1992.

FLORENZANO, José Paulo. Um cálcio diverso: partidas políticas e torcidas ultras. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo B. (Org.). Hooliganismo e Copa de 2014. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David (Orgs.). Football in neo-liberal times: a marxist perspective on the European football industry. Londres: Routledge, 2016.

MAUSS, Marcel. Sociologia & antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEARSON, Geoff. An ethnography of English football fans: cans, cops and carnivals. Manchester: Manchester University Press, 2012.

Drops de viagem – Paris, junho de 2025

Carmen Rial (INCT Futebol/UFSC)

Miriam Grossi (INCT Futebol/UFSC)

4 de jul.

SOBRE AS AUTORAS:

Carmen Rial é Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É coordenadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (Navi). Também é coordenadora-geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro.

Miriam Grossi é Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É coordenadora editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidade. Também é coordenadora da IUAES Commission of Global Feminisms and Queer Politics.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Drops de viagem – Paris, junho de 2025. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.21, 2025.

Drops de viagem – Paris, junho de 2025 © 2025 por Carmen Rial, Miriam Grossi é licenciada sob CC BY-NC 4.0

Drops de viagem – Paris, junho de 2025

Carmen Rial (INCT Futebol/UFSC)

Miriam Grossi (INCT Futebol/UFSC)

4 de jul.

No texto a seguir, as professoras Carmen Rial e Miriam Grossi contam as novidades sobre futebol apreendidas na última viagem delas a Paris.

As autoras registraram em fotos sua viagem a Paris. Imagem: Carmen Rial e Miriam Grossi



As futebolistas ganham o espaço público

No corredor do metrô de Paris, uma surpresa: um anúncio das camisas da seleção “azul”, os Bleus – denominação da seleção francesa. Que a Federação Francesa de Futebol publicize as camisas de sua seleção não é nada inédito. Vi centenas de publicidades com Kylian Mbappé e Cia. A novidade está em ter as jogadoras anunciando, sem que houvesse qualquer motivo especial. Não estamos no ano da Copa do Mundo e nem havia algum evento delas na cidade. Havia um amistoso contra a seleção brasileira, em Grenoble, na semana – em que as brasileiras começaram ganhando por 2 a 0 e levaram a virada no segundo tempo. O jogo não foi transmitido pela TV e, como os outros jogos preparatórios para a Eurocopa, recebeu uma cobertura moderada da imprensa escrita.

Anúncios assim vi muitos em Washington DC, da equipe local de mulheres, o Washington DC Spirit, bem mais conhecida do que a equipe masculina. E não apenas nas estações de trem e no metrô, mas também na rua, em outdoors enormes.

Claro que a iniciativa da FFF não tem como objetivo único a valorização do futebol de mulheres, que acaba sendo um efeito colateral da publicidade. O alvo está em estender o público consumidor de futebol – e, no caso, de camisas de futebol – à outra metade da população: as mulheres. Será que veremos algo assim no Brasil em breve?

Embaixador do Brasil na França

Muitos jogadores brasileiros passaram pelas equipes da França. A lista é grande, e eu mesma (Carmen), a partir de 2004, pude conversar com vários deles – que atuavam em Lille, Nancy, Paris, Lyon e Monaco (outro país, mas a mesma Liga 1). Alguns se radicaram na França, assumindo cargos no jornalismo esportivo – como Sonny Anderson (Lyon, Monaco), que se tornou comentarista na rede de televisão Bein Sport – ou postos de direção em clubes – como Juninho Pernambucano (e mesmo Sonny Anderson por um tempo), em Lyon. Mas nenhum deles tem hoje a projeção de Raí, eleito pelo PSG o melhor jogador do clube de todos os tempos¹.

Nunca conversei com Raí, embora, para a anedota, possa dizer que, retornando de um pós-doc em 1998, quase compartilhamos um container de viagem com ele. Raí estava deixando, depois de 5 anos, o Paris Saint Germain e buscava alguém para dividir um container com a mudança da família, conforme nos disse o vendedor. Ainda que tenha partido há 28 anos, Raí continua sendo requisitado como a cara do futebol brasileiro e, metonimicamente, do Brasil na França, sempre que necessário. E não por seus feitos futebolísticos, embora tenha ganhado todo o respeito nos cinco anos em que foi capitão no PSG, na era pré-Qatar.

Lembro particularmente de um jogo em que o PSG precisava ganhar por uma diferença de 5 gols para passar de fase na Liga dos Campeões, e Raí, cérebro do time, comandou a equipe numa vitória épica. Ou seja, Raí deixou o PSG, mas não deixou Paris ou a França. Concluiu, em 2024, aos 59 anos, um mestrado em Política Pública pela conhecida faculdade de Ciências Políticas, a Sciences Po², uma das mais respeitáveis instituições de ensino no país. Mas, segundo ele, não para fazer política, mas para “renovar sua paixão por ciências humanas e política”³ e aplicar os conhecimentos do curso nos projetos sociais em que se insere. Também me lembro particularmente de ele ter recebido o primeiro prêmio Sócrates da FIFA, há dois anos.



Jogadoras estampam a campanha com as camisas da seleção. Imagem: Carmen Rial e Miriam Grossi

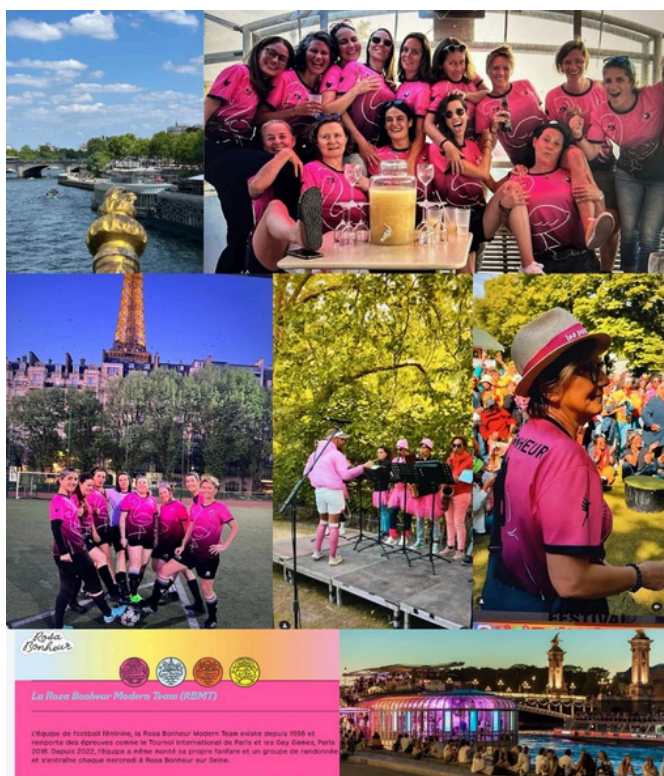
Ele é tão a cara do nosso país por lá que, em 2025, no ano France-Brasil, foi escolhido para anunciar as atividades previstas no Paris Plages, programa cultural de atividades de verão organizado pela Prefeitura de Paris, na beira do Rio Sena. A reportagem mostra a “Paris de Raí”, em que ele fala dos lugares que gosta de frequentar, dos parques onde faz piquenique com amigos e de seu desejo de mergulhar no Sena, neste ano em que o rio estará despoluído e novamente banhável, após décadas poluído.

*Raí é o rosto do
Brasil na França.
Imagem: Carmen
Rial e Miriam
Grossi*



Futebol e lésbicas

Quem atravessa o Sena pela ponte Alexandre III talvez nem note um curioso flamingo rosa de plástico inflável sobre uma das peniches, barcos restaurantes atracados no cais. E, se notar, nem vai imaginar que ali se reúne o Rosa Bonheur Time Moderno, time formado por mulheres lésbicas que, como se lê no seu card de divulgação, “existe desde 1998 e já venceu competições como o Torneio Internacional de Paris e o Gay Games ⁴, Paris 2018”. O time está vinculado à rede de bares Rosa Bonheur, que homenageia a pintora lésbica Rosa Bonheur (1822-1899), conhe-



*O vibrante time Rosa Bonheur Time
Moderno. Imagem: Carmen Rial e
Miriam Grossi*

cida por suas pinturas em óleo de animais em estilo realístico (*animalière*). A equipe “treina” todas as quartas-feiras no bar Rosa Bonheur sur Seine, o restaurante-bar que fica no barco atracado no Port des Invalides. Além do time, elas organizam sua própria torcida e um grupo de caminhadas. Rosa Bonheur, a pintora que desafiava as convenções de gênero no século XIX, provavelmente, jamais chutou uma bola.

Mundial de clubes: ninguém sabe, ninguém viu

Se depender da imprensa francesa (ou espanhola, pelo que vi acessando os principais jornais de lá), esse será o mais invisível dos mundiais já organizados pela FIFA. Não há transmissão de jogos. Enquanto se preparam para as longas jornadas cobrindo o Tour de France de bicicleta nos canais públicos e prometem o de tênis de Wimbledon nos pagos, estão transmitindo os do campeonato europeu de homens sub-19. O rúgbi continua, claro, como tradicionalmente, aos sábados. Porém, do mundial de clubes, nada nos jornais televisivos, nem sequer o anúncio do resultado dos jogos.

O jornal *l'Équipe* dedicou algumas linhas ao retorno de Démbélé contra o Inter Miami, mas com a intenção de projetar uma futura eleição ao *Ballon d'Or* mais do que avaliar seu impacto potencial na equipe do PSG, que continua na disputa do que seria o seu quinto título da temporada. E o mesmo acontece com os jornais espanhóis, mesmo os de Madrid, que desconhecem solenemente o torneio, dedicando notinhas à participação do Real Madrid e do desclassificado Atlético. Ainda assim, enviaram repórteres aos States, em bem menor número do que os italianos (*La Gazzetta dello Sport* ⁵).

Quem, de fato, desconsiderou totalmente o torneio foi a imprensa inglesa. Prova de que o torneio que interessa aos europeus é a Liga dos Campeões? Tendo a pensar que é mais a prova de que, no sistema futebolístico atual, o campo jornalístico é central. Um torneio que não tem direitos de transmissão vendidos para as televisões num continente tende a ficar invisível em todas as suas mídias. É a circulação circular da informação de que fala Bourdieu, em que uma pauta alimenta outra, sem a preocupação da redundância. A FIFA, que recebeu 1 bilhão de dólares da DAZN – que, por sua vez, pagou com dinheiro da Arábia Saudita, de onde são seus proprietários – e usou o recurso para pagar os clubes com prêmios superiores aos de qualquer outro evento que tenha patrocinado, vai ter que repensar a estratégia de mídia.

De qualquer modo, na luta contra a UEFA pela liderança do futebol na Europa, a FIFA avançou bem. Tudo indica que em poucos anos esse torneio será mais importante não apenas em comparação com a Liga dos Campões

da UEFA, mas também com a Copa do Mundo da FIFA. O sentimento de pertencimento clubístico parece pouco a pouco superar o pertencimento nacional, presente na Copa.

Futebol de várzea em Paris???

“Você tem entre 15 e 17 anos? Quer jogar futebol de rua? Venha participar de um torneio de futebol excepcional na Place du Châtelet! Em parceria com o PUC, equipes de 4 jogadores(as) se enfrentarão em um campo ao ar livre para disputar a vitória – e encerrar o dia em grande estilo com uma cerimônia de premiação ao final do torneio” Isso é o que se lê na publicidade do programa Festival des Places organizado pelo Théâtre de la Ville. O programa, que ocupou a Place du Châtelet por todo o domingo, 22 de junho, incluía também atrações musicais como o DJ Major Tom.

Futebol em plena praça de Chatelet, uma das mais centrais da cidade, que tem dois teatros: o de la Ville (que aparece como um dos organizadores da brincadeira) e o de Chatelet! Nada mal.



*Convite para torneio de futebol de rua em Paris.
Imagem: Carmen Rial e Miriam Grossi*

Novas contratações

O INCT Futebol passa a ter duas “correspondentes” em Paris: a antropóloga Andrea Eichenberger (fotógrafa e doutora em Etnologia – Université Paris 7 e École Supérieure de Photographie EFET) e a socióloga Camila Gui Rossati (doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora-associada do Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain – CRBC/EHESS). Elas passam a integrar nosso time e vão, inicialmente, pesquisar imigrantes brasileiras que jogam futebol, com o projeto “Mulheres brasileiras, imigrantes e boleiras: um olhar sobre as práticas de futebol comunitário na França por meio da fotografia colaborativa”. Em breve, teremos notícias delas.

Andrea Eichenberger e Camila Gui Rossati são as “correspondentes” do INCT Futebol em Paris. Imagem: Carmen Rial e Miriam Grossi



Marinette – o filme

Na TV aberta, horário nobre, assisto a um filme sobre a mais importante futebolista francesa: Marinette Pichon. O filme *Marinette* (2023) ⁶, dirigido por Virginie Verrie, se baseia na biografia *Ne jamais rien lâcher* e narra a trajetória dessa figura central na história do futebol francês. Nascida em 1975, ela rompeu barreiras ao tornar-se a primeira jogadora da França – entre homens e mulheres – a atuar profissionalmente nos Estados Unidos. É também detentora dos recordes de gols e convocações pela seleção francesa.

O roteiro percorre três décadas de sua vida, desde uma infância difícil, marcada pela violência doméstica de um pai que não a queria jogadora, até o auge da carreira internacional. Começou cedo, protegida pela mãe, e aos cinco anos já despontava como promessa no Saint-Memmie Olympique. Ingressou na Women’s United Soccer Association (WUSA), em que defendeu o Philadelphia Charge nas temporadas de 2002 e 2003. Foi eleita a melhor jogadora da liga norte-americana e artilheira em dois anos consecutivos, além de conquistar o título de “Most Valuable Player” em 2003.

De volta à França, atuou pelo Juvisy FCF e seguiu como peça-chave da seleção nacional entre 1994 e 2006, até se aposentar aos 31 anos. Marinette construiu, contra todas as probabilidades, uma das carreiras mais marcantes do futebol mundial, mas está longe de poder ser considerada, como no filme, a maior de todos os tempos.

Quando Marta merecerá um filme?

¹ Raí foi eleito como o maior jogador na história do clube, com 24,78% dos votos, em uma eleição para celebrar o aniversário de 50 anos do Paris Saint-Germain. Ela contou com votos de 2.500 pessoas, entre ex-jogadores (30% dos eleitores), jornalistas (30%) e sócios da agremiação (40%). O brasileiro ficou bem à frente do bósnio Susic - 344 jogos e 86 gols entre 1982 e 1991, com 14,18%. Ronaldinho Gaúcho apareceu em terceiro lugar, seguido de Ibrahimovic. O português Pauleta ficou em quinto, e Neymar em sexto. Ver: <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/psg-elege-rai-como-maior-jogador-sua-historia-r10-neymar.html>. Acesso em: 29 de jun. 2025.

² Ver: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/sao-paulo/rai-conclui-mestrado-em-politica-publica-na-franca-diplomado/#goog_rewarded. Acesso em: 29 de jun. 2025.

³ Ver: <https://www.sciencespo.fr/fr/actualites/rencontre-avec-le-footballleur-rai-nouveau-diplome-de-sciences-po-executive-education/>. Acesso em: 29 de jun. 2025.

⁴ Ver: <https://rosabonheur.fr/a-propos/>. Acesso em: 29 de jun. 2025.

⁵ Ver, por exemplo: <https://www.gazzetta.it/calcio/coppa-mondo-club/01-07-2025/al-hilal-manchester-city-4-3-inzaghi-ai-quarti-del-mondiale-per-club.shtml>. Ou também: <https://www.gazzetta.it/Calcio/Serie-A/Inter/30-06-2025/autaro-dopo-inter-fluminense-chi-non-vuole-restare-qui-se-ne-deve-andare.shtml>. Acesso em: 1 de jul. 2025. [6] Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=PCffF20fGHc>. Acesso em: 30 de jun. 2025.

“O cemitério do futebol está cheio de favoritos”?

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

10 de jul.

SOBRE A AUTORA:

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos é licenciada em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É pesquisadora do Grupo de Estudos Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (FACED/UFBA) e colaboradora do Grupo de Psicologia do Esporte da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SANTOS, Rafaela Marques Rodrigues dos. “O cemitério do futebol está cheio de favoritos”. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.22, 2025.

“O cemitério do futebol está cheio de favoritos”? © 2025 por Rafaela Marques Rodrigues dos Santos está licenciado sob CC BY-NC 4.0

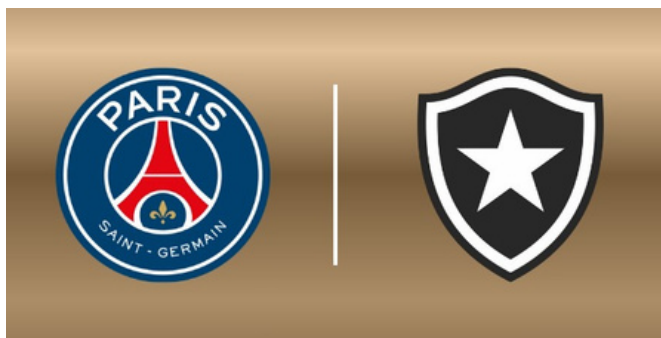
“O cemitério do futebol está cheio de favoritos”?

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

10 de jul.

No texto a seguir, a autora reflete sobre a vitória do Botafogo sobre o Paris Saint-Germain no Mundial de Clubes da FIFA.

O Botafogo venceu o PSG na fase de grupos do Mundial de Clubes da Fifa (imagem ilustrativa)



A frase dita pelo técnico do Botafogo, Renato Paiva, após o surpreendente triunfo no Mundial de Clubes sobre o Paris Saint-Germain – um dos clubes mais ricos e midiáticos do mundo – poderia soar apenas como uma provocação de pós-jogo. No entanto, ela expressa uma das verdades mais sólidas e fascinantes do futebol: favoritismo não garante resultado e, às vezes, pode até ser um obstáculo.

Antes mesmo do jogo, os memes, matérias jornalísticas, apostas e todo o universo esportivo já desenhava o cenário. De um lado, um time em reconstrução, em busca do encaixe perfeito, com um treinador que ainda busca estabilidade e reconhecimento no futebol brasileiro. Do outro, uma potência europeia, orçamento estruturado, atletas consagrados e visibilidade global. A previsão era quase unânime. Tudo apontava para uma vitória parisiense.

O futebol vive da imprevisibilidade. O que aconteceu naquele jogo foi a pura magia futebolística em estado bruto.

Para um jogo como aquele, o famoso “arroz com feijão” parecia bastar para manter o Botafogo firme em campo. A partida expôs o quanto o futebol ainda é capaz de surpreender, independentemente de análises prévias, rankings ou estatísticas. A equipe brasileira entrou em campo com estratégia, postura competitiva e disposição para disputar cada centímetro. Não foi apenas uma atuação digna, foi uma demonstração de que, quando bem preparado, o “azarão” pode competir em alto nível, mesmo diante dos gigantes.

Esse tipo de confronto reforça que o futebol não é apenas o que se vê nos 90 minutos. É preparação, bastidores, ambiente, mentalidade. É o discurso que antecede, a postura que se assume, o peso da camisa, a identidade e o desejo coletivo de fazer história. O jogo começa muito antes do apito inicial e continua reverberando muito depois do apito final. Quem reduz o futebol ao tempo regulamentar ignora tudo que o torna vivo.

A fala de Paiva é um lembrete disso. Os “favoritos” caem não apenas por subestimar o adversário em campo, mas por acreditar que vencer é automático e esquecer que o futebol é imprevisível por natureza. E, muitas vezes, profundamente injusto com os que apenas confiam no que são e não no que fazem.

O triunfo da equipe brasileira sobre o PSG não é uma exceção absoluta na história recente, mas é mais um capítulo que reafirma que o futebol continua escapando das tentativas de controle total. Entre o planejamento e o resultado, há sempre uma margem para o imponderável.

Ao longo da história, inúmeros confrontos mostraram que a hierarquia construída fora de campo nem sempre se impõe dentro dele. E isso diz muito sobre a força coletiva, emocional e simbólica do futebol. As grandes vitórias que rompem com a lógica do favoritismo não são meras “reviravoltas”. São afirmações de que o jogo pertence a quem o disputa com intensidade, organização e coragem, independentemente do tamanho do escudo no peito. Nesse sentido, cada vez que um “não favorito” vence, o futebol se renova e reafirma seu caráter popular, dinâmico e essencialmente humano.

É imutável. O futebol vive do inesperado. E é justamente isso que encanta, mobiliza e emociona tanto. Em tempos de análises milimétricas e narrativas “concluídas” com antecedência, o jogo insiste em lembrar que ali, dentro de campo, nem sempre o previsível se confirma.

A frase “o cemitério do futebol está cheio de favoritos” é mais do que uma provocação. É um convite à humildade analítica. Porque, no fim das contas, o futebol continua sendo decidido por quem entra em campo, não por quem apenas parece mais forte.

No fim das contas, é isso que mantém o futebol vivo: ele nunca está sob controle. E ainda bem que não está.

Treinta años después de la patada de Cantona: fútbol, fascismo y los peligros de la banalización

Bastián Becerra Benítez (UV)

15 de jul.

SOBRE O AUTOR:

Bastián Becerra Benítez é sociólogo pela Universidad de Valparaíso (UV). É presidente e pesquisador da Corporación de Estudios Sociológicos del Fútbol (Chile). Também é torcedor e sócio da Corporación Santiago Wanderers.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

BECERRA BENÍTEZ, Bastián. Treinta años después de la patada de Cantona: fútbol, fascismo y los peligros de la banalización. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.23, 2025.

Treinta anos depois da patada de Cantona: futebol, fascismo e os perigos da banalização © 2025 por Bastián Becerra Benítez está licenciado sob CC BY-NC 4.0

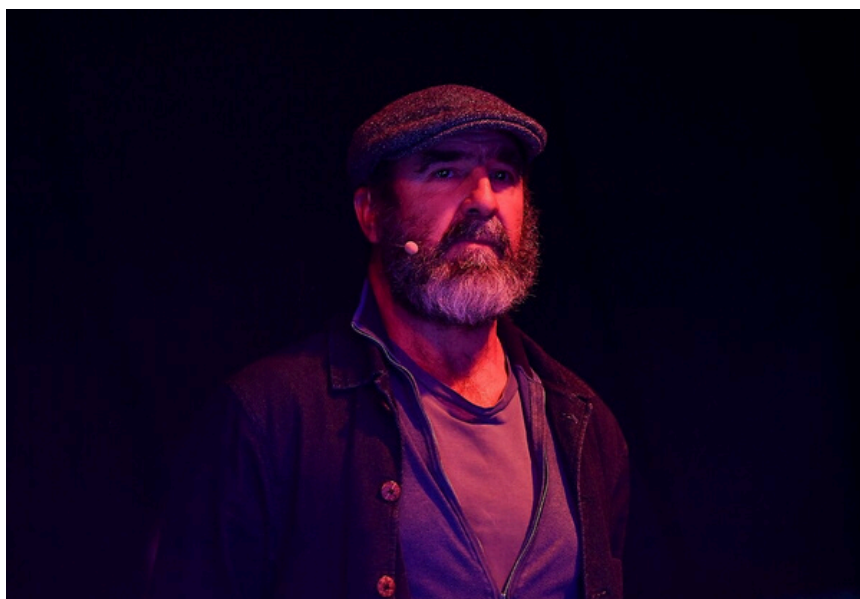
Treinta años después de la patada de Cantona: fútbol, fascismo y los peligros de la banalización

Bastían Becerra Benítez (UV)

15 de jul.

No texto abaixo, o autor reflete sobre o que a “voadora” desferida por Eric Cantona contra um torcedor do Crystal Palace, em 1995, ainda pode nos dizer sobre a luta antifascista no futebol.

A “voadora” de Cantona foi um marco para o movimento antifascista no futebol. Imagem: [Wikimedia Commons](#)¹



En enero de 1995, Eric Cantona interrumpió el orden. No fue con un pase filtrado ni con una jugada de lujo. Fue con una patada. Una patada con los dos pies por delante, dirigida no a un rival dentro del campo, sino a un hincha del Crystal Palace que lo insultaba desde la tribuna. Un hincha que no solo le gritaba, sino que lo cargaba con insultos racistas y xenófobos. Cantona, ya expulsado del partido, se giró, saltó la valla publicitaria y lo atacó. Esa patada le costó nueve meses de suspensión, una multa importante y un proceso mediático donde se le exigió pedir disculpas públicas. Lo hizo, aunque más tarde diría que lamentaba no haber golpeado al hincha más fuerte.

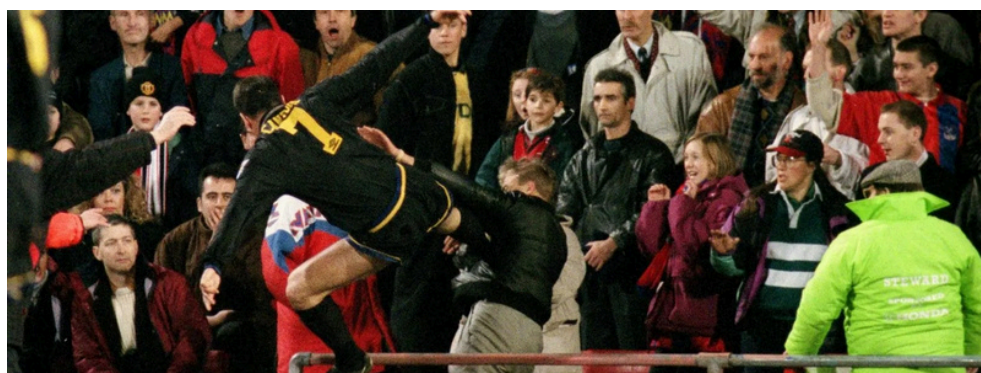
Treinta años después, ese acto de insurrección sigue generando análisis. No es fácil de catalogar, menos aún cuando el fútbol profesional se ha convertido en un espectáculo completamente reglado, donde toda expresión que se salga de los márgenes establecidos es castigada. Pero la patada de Cantona no fue una reacción sin sentido, como se apuraron en decir muchos medios. Fue un gesto que incomodó porque reveló algo más profundo: la normalización del odio, el racismo permitido desde las galerías, la impunidad de quienes agreden verbalmente desde el supuesto “derecho

a la pasión". En tiempos donde las derechas se expanden en múltiples frentes, con narrativas autoritarias que avanzan tanto en las instituciones como en los espacios cotidianos, volver sobre esa escena resulta necesario. No para glorificar la violencia física, sino para abrir una discusión sobre el tipo de violencia que el fútbol tolera o a veces incluso promueve. Y también, para pensar en las formas que tiene el antifascismo de expresarse en un campo de juego.

El fútbol siempre ha sido un espejo político. En dictaduras, se convirtió en arma de propaganda, y en democracia, no ha dejado de ser un dispositivo ideológico poderoso. Tanto la Italia fascista como la Alemania nazi lo usaron para proyectar una imagen de superioridad nacional, de disciplina colectiva, de cuerpo "puro" y fuerza racial. En América Latina, los estadios fueron utilizados como centros de detención, como el caso del Estadio Nacional o el estadio Playa Ancha de Valparaíso en Chile, el Monumental de River en Argentina durante el mundial de 1978, entre otros casos. No es casual: el fútbol moviliza multitudes, genera identidades, crea relatos que se graban en la memoria popular, instrumentalizarlo, siempre ha sido una tentación para el poder.

Pero, así como ha sido un espacio de control, también ha albergado resistencias. Desde jugadores que se negaron a dar el saludo nazi, a Pinochet o Piñera – en democracia –, hasta hinchadas que homenajearon a detenidos desaparecidos, pasando por clubes que en su origen fueron obreros, migrantes y disidentes. El fútbol popular, en sus expresiones más sinceras, ha sido muchas veces refugio y espacio de lucha. No en todos lados, claro. El fútbol no es intrínsecamente antifascista, pero puede serlo. Depende de quién lo habita, de cómo se lo vive, de los vínculos que genera y del sentido que se le imprime.

A "voadora" de
Cantona.
Imagem:
Action Images



El gesto de Cantona, si se lo observa detenidamente, no fue solo una respuesta individual. Fue también una señal de que el orden institucionalizado, ese que normaliza el racismo y castiga la rebeldía, podía ser interrumpido. Y eso molesta. Porque el fútbol profesional, convertido en industria global, se ha esmerado en maquillar sus violencias estructurales con campañas de marketing, con lemas vacíos proyectados antes del pitazo

inicial. “Say no to racism”, dicen los letreros de FIFA y UEFA, mientras jugadores racializados siguen recibiendo insultos semana tras semana. El orden de cosas sigue intacto. Se castiga más a quien reacciona que a quien provoca. Se penaliza el cuerpo rebelde, no la palabra odiosa. No se trata de idealizar a Cantona. Su trayectoria tiene claroscuros, como la de cualquier figura pública. Pero sí es posible detenerse en lo que su patada provocó: un cortocircuito. Porque cuando un jugador responde al insulto racista, deja de ser solo futbolista y se convierte en un sujeto político. Y eso incomoda. Al mercado, al periodismo deportivo más conservador, a las dirigencias que prefieren jugadores obedientes antes que pensantes. El fútbol profesional, hoy más que nunca, se cuida de las voces críticas. Por eso, las figuras que se pronuncian sobre Palestina, sobre violencia de género, sobre racismo o sobre el ascenso de la ultraderecha – como el caso de Mbappé en la pasada Eurocopa – reciben rápidamente una respuesta disciplinadora. “No te metas, juega nomás”.

En tiempos donde las redes sociales se han convertido en campo de batalla, el antifascismo también se reinventa. Ya no está solo en la barricada física o en la consigna del estadio: también circula en posteos, en campañas de memoria, en colectivos que organizan campeonatos populares, en clubes autogestionados que se reconocen como antirracistas, anti patriarcales, disidentes. Pero junto con esa expansión, también crece el peligro de la banalización. Hay cuentas en redes que se presentan como antifascistas, pero que reducen el gesto político a una estética o a una consigna descontextualizada. El antifascismo no es una moda, es una posición política que exige coherencia, memoria y vínculo con los territorios.

Hoy, la figura de Cantona es recordada por algunos como un ídolo romántico de ese fútbol retro, por otros como un personaje excéntrico. Pero su gesto sigue abierto. No por la patada en sí, sino por lo que evidenció: que, frente al odio estructural, la reacción puede ser cuerpo, puede ser interrupción, puede ser disidencia y en ese marco, preguntarse por el fútbol antifascista no es una nostalgia ni una utopía, sino una necesidad. Porque si el fútbol deja de ser espacio de crítica, si se transforma solo en consumo y espectáculo, entonces pierde su potencia transformadora.

Las experiencias de fútbol antifascista hoy son diversas. En Europa, clubes como el St. Pauli levantan esa bandera desde hace décadas, con una hinchada comprometida con luchas sociales, feministas y antirracistas. En América Latina, también hay ejemplos valiosos: equipos que nacen de tomas de terreno, campeonatos autogestionados donde juegan migrantes, mujeres y/o disidencias sexuales. Hinchadas que no toleran cánticos machistas ni xenófobos, que pintan murales con nombres de luchadoras y luchadores populares, que llevan al estadio la memoria de los que ya no están. No son gestos menores. Son formas de construir otro fútbol, uno

donde la política no sea solo bandera de campaña, sino una práctica cotidiana.

Treinta años después de esa patada, la pregunta sigue vigente: ¿qué hacemos frente al odio? ¿Cómo habitamos el fútbol sin reproducir las lógicas del poder que queremos combatir? ¿Cómo construimos espacios que sean verdaderamente populares, abiertos y seguros para todas, todes y todos? No existe una sola respuesta, pero sí hay una certeza: el antifascismo en el fútbol no se declama, se practica y se construye en la cancha, en la galería y en la memoria.

Que la patada de Cantona no quede como anécdota. Que nos recuerde que hay momentos donde callar es ser cómplice, que nos enseñe que incluso en la cancha, la historia puede cambiar de rumbo con un gesto, con un cuerpo que se niegue a obedecer.

¹ Web Summit. CC BY 2.0.

Campeonato Brasileiro pode fomentar o turismo e a economia

Henrique Santos

24 de jul.

SOBRE O AUTOR:

Henrique Santos é jornalista, administrador e especialista em Gestão do Esporte.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SANTOS, Henrique. Campeonato Brasileiro pode fomentar o turismo e a economia. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.24, 2025.

Campeonato Brasileiro pode fomentar o turismo e a economia © 2025 por Henrique Santos está licenciado sob CC BY-NC 4.0

Campeonato Brasileiro pode fomentar o turismo e a economia

Henrique Santos

24 de jul.

No texto abaixo, o autor defende que os jogos devem ser pensados como forma de facilitar a presença de público nos estádios e nas cidades.

Em 2024, a Série A do Campeonato Brasileiro se iniciou em um sábado, 13 de abril. As demais divisões – segunda, terceira e quarta – começaram um pouco depois (entre 19 e 28 de abril). Até o início daquele mês, a CBF ainda não havia divulgado as tabelas desmembradas com datas e horários das partidas envolvendo os times das séries B, C e D. Para nós, de Florianópolis, eram os jogos que envolviam Avaí e Figueirense. Mas também, abrangendo o cenário catarinense, incluía-se o Brusque e o Chapecoense, bem como o Concórdia, o Barra e o Hercílio Luz.

Ao longo de cada temporada, a CBF muda paulatinamente sua programação de datas e horários. Sem ter essas definições, torcedores e administradores como eu sonham que a CBF faça uma tabela pensada no público, torcida visitante, turismo, serviço e fomento da economia. Planejando os jogos para momentos propícios em relação a tudo isso, o que inclui partidas entre times de cidades próximas aos finais de semana, por exemplo. No primeiro jogo de 2024, um sábado, houve Criciúma versus Juventude, às 18h30, no estádio Heriberto Hulse, possibilitando que os torcedores visitantes pudessem sair da Serra Gaúcha rumo ao sul de Santa Catarina para ver o jogo e, além disso, consumir nos shoppings, bares e restaurantes, hospedando-se nos hotéis da região, etc.

Na realidade da Grande Florianópolis, envolvendo Avaí e Figueirense, menciono os confrontos entre times de cidades próximas possíveis de fomentar o turismo e a economia locais: Avaí versus Coritiba (aqui e no Paraná) e Caxias versus Figueirense (no Rio Grande do Sul). Essas duas partidas são capazes de levar centenas de torcedores aos estados vizinhos, caso sejam realizadas em dias e horários propícios, como sábado ou domingo.



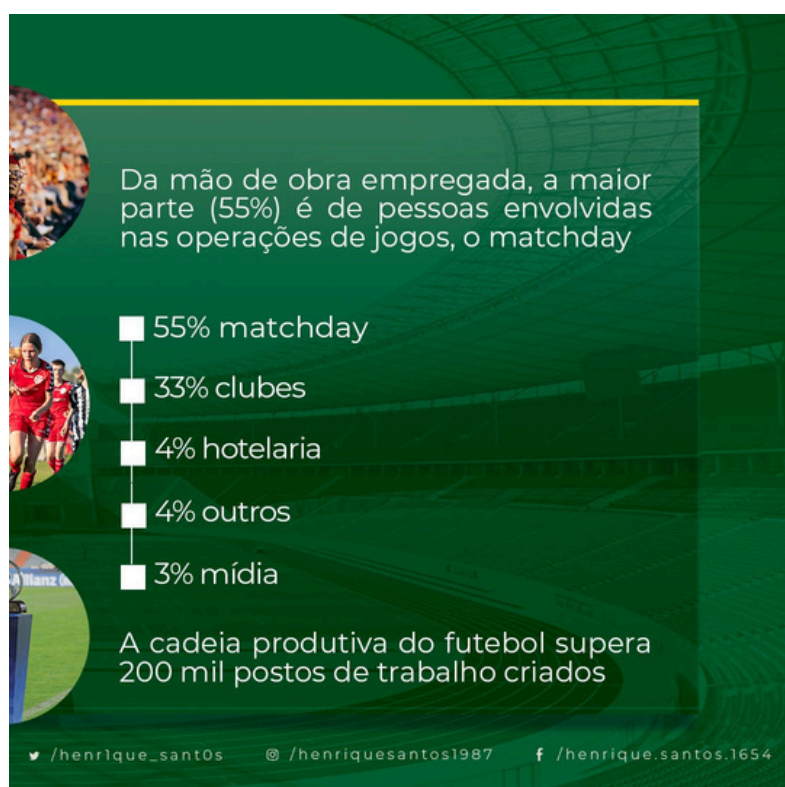
Qual é o papel da CBF no incentivo à economia e ao turismo? (imagem ilustrativa)

Em 2009, fui ver Figueirense versus Paraná e Figueirense versus Juventude em Curitiba e Caxias. Viagens relativamente curtas e que envolveram hospedagem, alimentação, consumo em shopping, etc. Numa delas, a família foi junto. E, mesmo não indo ao jogo, estiveram na cidade só por causa dele.

Obviamente, sei que o calendário não permite colocar todas as rodadas focadas no turismo, e que nem todos os times têm a mesma necessidade de criação de demanda. Em 2024, foi o caso do Santos na Série B, por exemplo. Certamente, ele foi o grande player da segunda divisão, levando mais facilmente maiores públicos aos estádios.

No entanto, dentro do possível, a CBF deveria pensar em tudo o que movimenta um jogo de futebol e lidar com o todo (turismo, comércio, serviços, economia), ao invés de focar somente na audiência da televisão/internet/pay-per-view. Gustavo Hazan, analista da Ernst & Young e CBF, argumenta:

Para cada 1% de aumento da taxa de ocupação média dos estádios do Campeonato Brasileiro, seriam gerados aproximadamente R\$ 4 milhões em todo o campeonato, isso desconsiderando um provável e natural incremento do ticket médio. Realizamos o mesmo exercício para a geração de empregos nos estádios, onde poderiam ser gerados aproximadamente 8 mil novos empregos diretos no matchday, um aumento de 14% de postos de trabalho nos estádios utilizados na Série A.



Cadeira produtiva do futebol. Imagem: Henrique Santos

Em 2024, a revista Forbes destacou a previsão de economistas de que a turnê da cantora Taylor Swift seria capaz de aumentar o PIB de Cingapura em mais de US\$ 200 milhões (quase R\$ 1 bilhão) por, entre outros motivos, um aumento de 10% nas reservas de hotéis, demanda de voos ao país e toda a geração de receita nos seis shows que a cantora estadunidense faria para 55 mil pessoas cada.

Nesse caso, a turnê de Taylor Swift envolveu negociação entre a cantora e o governo local, garantindo que o único país do Sudeste Asiático na etapa da “Eras Tour” fosse Cingapura. Por cases como esse, considero que seria inteligente que o poder público tivesse a iniciativa de solicitar à CBF uma tabela dirigida para fomentar o turismo e aquecer a economia em razão do futebol.

Futebol de camadas jovens e antirracismo

Marcos Antonio Batista da Silva (PUC/SP)

29 de jul.

SOBRE O AUTOR:

Marcos Antonio Batista da Silva é psicólogo e doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Realizou pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

No Brasil, o racismo é crime inafiançável e imprescritível, previsto na Lei nº 7.716/1989, com pena de reclusão de um a cinco anos. Se você for vítima de racismo, denuncie pelo Disque 100 ou pelo 190.

COMO CITAR:

SILVA, Marcos Antonio Batista da. Futebol de camadas jovens e antirracismo. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.25, 2025.

Futebol de camadas jovens e antirracismo

Marcos Antonio Batista da Silva (PUC/SP)

29 de jul.

No texto abaixo, o autor fala sobre a importância de uma educação antirracista para a formação de jovens futebolistas.

O combate ao racismo é um desafio central no esporte.

Imagem: [Fora do Eixo/Flickr](#)¹



O racismo é um problema persistente e prejudicial que afeta muitos aspectos da sociedade, incluindo o futebol juvenil. Propõe-se, neste texto, abordar estratégias para combater o racismo no futebol de crianças, adolescentes e jovens (formação de base, camadas jovens), incluindo também o futebol feminino.

Por um lado, o futebol, como um dos esportes mais populares do mundo, tem o poder de unir pessoas de diferentes culturas e origens. Por outro, no entanto, o racismo nesse esporte tem se manifestado por práticas que incluem xingamentos, insultos, sinais e/ou gestos, resultando em consequências hostis para jogadores negros, imigrantes, mulheres, entre outros grupos. Esses atos ocorrem em estádios de futebol, quadras desportivas e recintos desportivos, mas também fora deles, com práticas racistas na internet (redes sociais), dirigidas a praticantes diretos ou indiretos das partidas de futebol. Apesar de legislações vigentes, o racismo, o preconceito e os atos discriminatórios com relação à raça ainda precisam ser efetivamente combatidos na internet (Silva, 2017; 2023).

No futebol juvenil, é essencial dialogar com crianças, adolescentes, jovens e suas famílias sobre a importância da diversidade e do respeito mútuo, criando um ambiente inclusivo e livre de discriminação. O racismo no futebol pode ter efeitos devastadores sobre os jogadores de futebol, das mais variadas categorias. Pode afetar a autoestima, o desempenho e o bem-estar emocional dos atletas, como tem sido discutido por Lourenço et

al.(2024) e Colella (2021). Além disso, o racismo pode criar um ambiente hostil que impede o desenvolvimento saudável e a integração social dos jovens. Portanto, é crucial abordar essa questão de maneira eficaz e proativa.

Compreende-se que a educação formal (escolas, universidades) e a educação não formal (clubes de futebol, “escolinhas de futebol”) são uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo. É fundamental educar os jovens jogadores, treinadores e pais sobre o impacto do racismo e a importância da diversidade. Isso pode ser feito através de palestras, oficinas e materiais educativos que promovam a compreensão e o respeito mútuo.

Clubes, “escolinhas de futebol” e organizações desportivas devem propor e implementar políticas e regulamentos contra o racismo, por meio da criação de códigos de conduta que proíbam qualquer forma de discriminação, preconceito ou racismo, além de aplicar medidas disciplinares para aqueles que violarem tais políticas. Mas só punir não é a questão: é preciso também (re)educar as pessoas e oferecer apoio psicológico aos atletas profissionais e jovens jogadores que sofrem o racismo.

Ressalta-se a importância de psicólogos do campo do esporte, da psicologia social e da psicologia clínica, para auxiliar nessa demanda e contribuir com a compreensão da temática, envolvendo jogadores(as), crianças, jovens e famílias, para lidarem com o impacto emocional do racismo, fornecendo estratégias para superar esses desafios. Outro ponto importante é envolver a comunidade, especialmente a local (clubes da cidade), na luta contra o racismo, visando criar um ambiente mais inclusivo e solidário. Isso poderá incluir, ainda, organizações de eventos comunitários que promovam a diversidade e a inclusão. Assim como a colaboração de escolas, clubes da cidade e outras instituições, para travar o racismo no futebol, especialmente de jovens em formação.

A colaboração do campo educacional poderá ocorrer por meio de propostas de oficinas temáticas sobre racismo no futebol juvenil, com o objetivo de educar os participantes sobre a importância da diversidade e do respeito mútuo, além de fornecer ferramentas práticas para combater o racismo, como, por exemplo: introduzir o tema, discutir sobre o impacto do racismo no futebol juvenil, ressaltar a importância da diversidade e da inclusão, propor jogos e atividades que promovam a compreensão e o respeito mútuo, realizar dinâmicas de grupo para discutir experiências pessoais e estratégias para combater o racismo. Esses momentos de reflexão sobre o impacto do racismo e a importância de agir contra ele contribuem para um ambiente mais inclusivo na sociedade e no mundo do futebol.

É fundamental desenvolver planos de ação em escolas e clubes de futebol,

especialmente envolvendo as camadas jovens do futebol no que tange a implementação de práticas antirracistas no futebol juvenil, propondo metas e estratégias para promover a diversidade e a inclusão em espaços de educação formal e não formal. Isso envolve mudanças curriculares, especialmente no que tange a cursos de Educação Física, entre outros. Entende-se que a inclusão de temas relacionados ao racismo e à diversidade no currículo escolar é fundamental.

Soma-se, a esse tema, o desenvolvimento de projetos educacionais que promovam uma educação antirracista. Ressalta-se importância do envolvimento da formação de professores (cursos de licenciaturas) cuja capacitação inclua os estudos das relações étnico-raciais para lidar com questões de racismo e diversidade, por meio de recursos e materiais educativos para apoiar a educação antirracista, como propõe as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (Brasil, 2024). Muito embora essa legislação esteja em vigor, ainda encontramos universidades em que as disciplinas relacionadas a questões raciais são ofertadas em componentes curriculares optativos (Silva, 2023).

No que tange à educação não formal, é importante pensar acerca da criação de programas extracurriculares que promovam a diversidade e a inclusão. Programas que levem estudantes universitários a promover a disseminação do conhecimento produzido nas mais diversas áreas das ciências, estimulando debates críticos em torno dos avanços e desafios do combate ao racismo no futebol, visando uma sociedade mais justa, inclusiva e com equidade. É importante organizar eventos e atividades que incentivem a participação de jovens de diferentes grupos étnico-raciais e camadas sociais, por meio de parcerias com outras instituições (“escolinhas de futebol”, clubes, dentre outras), visando promover a educação antirracista.

Combater o racismo no futebol juvenil é uma tarefa complexa, mas essencial para criar um ambiente inclusivo e saudável para os jovens jogadores. Através da educação, das políticas públicas, do apoio psicológico e do envolvimento da comunidade, podemos promover a diversidade e o respeito mútuo no futebol. As oficinas temáticas e as práticas pedagógicas para a educação formal e não formal são ferramentas valiosas para alcançar esse objetivo. Juntos, podemos construir um futuro onde o futebol seja um espaço de união e equidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 27 de jun. 2025.

COLELLA, Fabrizio. *Who benefits from support? The heterogeneous effects of supporters on athletes' performance by skin color*. 2021. Disponível em: https://fabriziocolella.com/workingpapers/football_racism/. Acesso em: 27 de jun. 2025.

LOURENÇO, Iuri de Lima *et al.* Análise de estresse percebido, resiliência e autoestima em jogadores de futebol profissionais e de categorias de base (sub-20) atuantes no município do Rio de Janeiro. *RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 16, n. 64, p. 18-26, 2024.

SILVA, Marcos A. B. Pedagogia, práticas pedagógicas e educação antirracista. *Currículo sem Fronteiras*, v. 23, 2023.

SILVA, Marcos A. B. Racismo institucional: pontos para reflexão. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 3, n.1, p. 127-136, 2017.

¹ Debate Participatório - Racismo no Futebol 30/08/2014. [CC BY-SA 2.0](#).

A crônica esportiva na formação de leitores-escritores

Rodrigo Bittencourt (SEEDUC/RJ)

7 de ago.

SOBRE O AUTOR:

Rodrigo Bittencourt é presidente do Movimento Trabalhista pela Educação (MTPE) no Município do Rio de Janeiro. Professor da rede estadual do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) e da rede municipal de Japeri/RJ (Semed/Japeri). É licenciado em Letras (UVA/PROUNI), especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Básica (PROPGPEC/CP II) e mestre em Língua Portuguesa (PROFLETRAS/UFRJ).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

BITTENCOURT, Rodrigo. A crônica esportiva na formação de leitores-escritores. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.26, 2025.

A crônica esportiva na formação de leitores-escritores. © 2025 por BITTENCOURT, Rodrigo. é licenciado sob CC BY-NC 4.0

A crônica esportiva na formação de leitores-escretores

Rodrigo Bittencourt (SEEDUC/RJ)

7 de ago.

No texto a seguir, o autor, que é professor de ensino básico, conta como utilizou as crônicas esportivas para gerar nos alunos o interesse pela prática da leitura.



*Como o futebol pode ajudar a incentivar a leitura?
(imagem ilustrativa feita com Dall-E/Pixelcut)*

Segundo uma pesquisa¹ do Instituto Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria), realizada entre 30 de abril e 31 de julho de 2024, a nossa sociedade teve uma perda de aproximadamente sete milhões de leitores no último quadriênio. A pesquisa ouviu 5.504 entrevistados por meio de visitas domiciliares realizadas em 208 municípios brasileiros.

Um fato a ser destacado nesse levantamento são as obras lidas pelos entrevistados. Em primeiro lugar, está a Bíblia. O primeiro cânone – obra tida como de relevante valor estético para críticos literários – é Dom Casmurro, de Machado de Assis, que aparece somente na décima terceira posição. Além disso, a pesquisa aponta que a escola tem perdido espaço como fomentadora de leitura. Segundo os pesquisadores, há uma queda no índice de entrevistados que apontam a escola como local de engajamento leitor.

Esses dados mostram que a tradição escolar de utilizar o cânone como principal ou única ferramenta de indução à leitura tem dado errado. Na esteira desse problema, ainda há o esvaziamento do ensino literário Brasil afora que, em muitas redes, costuma ser reduzido a componentes desconectados dentro da disciplina de língua portuguesa ao longo da educação básica.

O direito à leitura (em especial, a literária) ainda é violado pelas poucas opções de bibliotecas públicas não-escolares em espaços periféricos, como a populosa região da Baixada Fluminense, local onde leciono como professor de língua portuguesa e de literatura na educação básica (ensinos fundamental e médio) há alguns anos.

Inquieto com essa situação, desenvolvi uma série de oficinas de leitura e escrita, que foram objeto da minha dissertação de mestrado sob o título “Cronistas meritienses: a crônica esportiva na formação de leitores-escreitores”. Construí essa pesquisa-ação com alunos de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental em um colégio estadual, situado em São João de Meriti/RJ, no primeiro semestre letivo de 2024. Ela foi defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no mesmo ano.

Percebi que, para muitos desses alunos, o cânone é tido como algo “chato” e difícil demais de ser compreendido. Sendo assim, conversei com eles e percebi que algo popular seria atrativo. A partir daí, o caminho se daria através do futebol, mais precisamente, explorando crônicas esportivas literárias, de autorias diversas (incluindo autoras), de Luís Fernando Veríssimo a cronistas desconhecidos do grande público.

A crônica é um gênero textual “genuinamente carioca”, pois permite a leveza da coloquialidade, a observação do cotidiano urbano, a monumentalização do “simples”, o trânsito entre outros gêneros. Também permite o diálogo entre a ficção, que é um traço constitutivo da literatura, e o registro fiel dos fatos, que é uma característica dos textos jornalísticos. Dito isso, a crônica é um gênero com potencialidade para servir de porta de entrada para a leitura e a escrita de outros gêneros.

Além disso, o ensino da crônica está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos currículos mínimos de várias redes de ensino, dentre elas, a fluminense. Ele aparece em diversos livros didáticos e paradidáticos que identifiquei ao longo da minha pesquisa.

A partir do momento em que a crônica tem o futebol como tema, ela é classificada como crônica esportiva, um gênero que nasce no jornalismo, mas que chega à literatura nacional através de Nelson Rodrigues e ganha a adesão de outros ícones dessa arte, como Carlos Drummond de Andrade, Marcelo Moutinho, Clarice Lispector e outros. É notório que o futebol é um esporte que desperta paixões, mobiliza pessoas e compõe a nossa formação identitária. O futebol é citado em diversas produções literárias do Brasil, que é tido como o “país do futebol”.

Ao longo da minha adolescência e da minha infância, por exemplo, eu me lembro de ler o noticiário esportivo para tomar ciência de diversos campeo-

natos de futebol, inclusive de alcance internacional. Eu costumava comprar jornais específicos sobre futebol ou lia com mais atenção os cadernos esportivos de grandes veículos de imprensa. Assim como outros milhões de brasileiros, o futebol faz parte da minha experiência leitora.

Resumidamente, a minha sequência didática é composta por oficinas que estão distribuídas em atividades de leituras, de escrita e de retextualização de crônicas esportivas. As crônicas selecionadas têm características, autores e contextos históricos diversos, fato que tende a ampliar o repertório dos alunos participantes e ratificar a diversidade desse gênero.

Para desmistificar o senso comum de que o futebol seria um espaço exclusivamente masculino e engajar a participação das alunas, outro recurso explorado é o da potencialidade feminina em algumas crônicas selecionadas, seja pela autoria e/ou pela presença de personagens femininas com destaque.

Aliás, houve boa participação feminina, que representou 41,3% das autorias (considerando duplas e produções individuais), durante a oficina de escrita, dado que confirma a possibilidade de uso do futebol como uma ferramenta ampla de ensino da crônica na ambiência escolar. Além disso, na minha análise, as duas melhores crônicas foram elaboradas por alunas.

Na revisão por pares, etapa seguinte à produção da versão final das crônicas esportivas discentes, para fomentar uma consciência metacognitiva, a correção respeitou a formação autoral. Dessa forma, as duplas corrigiram crônicas de outras duplas tendo como referência norteadora as seguintes perguntas: O texto é majoritariamente narrativo? O texto aborda um tema esportivo? É possível identificar elementos ficcionais e/ou características de uma crônica jornalística? É possível concluir que há semelhança com alguma crônica lida em sala de aula? O texto contém observações do cotidiano urbano?

Segundo a revisão discente, todas as crônicas estão adequadas, ou seja, cumpriram as características desse gênero. Alguns alunos chegaram a elogiar as produções revisadas, situação que mostra a qualidade das publicações e a forma respeitosa como o trabalho foi conduzido por eles. Ao final dessas oficinas, os alunos-cronistas ficaram felizes com os resultados obtidos e confessaram que jamais tinham participado de experiência similar até então.

Também promovi a circulação das crônicas esportivas dos alunos além da ambiência escolar de caráter avaliativo. Publiquei as obras em um blog² nomeado com o mesmo título da minha dissertação. Dentro dos marcos legais em vigor, ocultei a identidade dos alunos-cronistas, que são menores

de idade. Cabe destacar que, desde a primeira oficina, os alunos participantes sabiam dessa proposta de circulação extraescolar, inclusive com repercussão no referido blog, e aprovaram a ideia.

Os resultados que obtive nas oficinas que compuseram este trabalho mostraram que o gênero textual crônica esportiva é uma alternativa bastante eficaz de leitura e de escrita na escola, visto o engajamento com o futebol dos alunos participantes.

Considero a escola como um local de ampliação de repertório e que o ensino literário contribui nesse sentido de maneira a potencializar a formação dos alunos em leitores críticos e capazes de se posicionarem nos diversos espaços sociais por meio de leituras e de produções textuais.

Sendo assim, as oficinas construídas nesta pesquisa-ação permitiram que os alunos-cronistas utilizassem o futebol, que faz parte do dia a dia deles, a partir de uma percepção literária, com criação de subjetividade correlacionada aos espaços de tensão social.

Além disso, a retextualização exigiu de todos uma postura criativa nesse processo, pois foi necessário um exercício de extensão de conhecimento, que resulta na fusão da manutenção de algumas características constitutivas do texto-fonte (a crônica esportiva escolhida) com as marcas autorais de cada jovem cronista, que tem as suas vivências e as deposita na construção do seu novo texto.

Por fim, espero que este trabalho seja útil às professoras e aos professores de língua portuguesa e de literatura, provocando uma reflexão sobre o uso do futebol como um instrumento de ensino da literatura, em especial, a partir da retextualização de crônicas esportivas.

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

² Disponível em: <https://sites.google.com/prof.educa.rj.gov.br/cronistas-meritienses/?pli=1&authuser=1>. Acesso em: 16 de nov. 2024.

A presença feminina na liderança do futebol é realmente reconhecida?

Beatriz Mitroff (UERJ)

13 de ago.

SOBRE A AUTORA:

Beatriz Mitroff é bacharel em Direito e mestranda em Ciências Sociais, pesquisadora vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em direitos da mulher, investiga temas como violência de gênero com enfoque na mulher torcedora de futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

MITROFF, Beatriz. A presença feminina na liderança do futebol é realmente reconhecida? Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.27, 2025.

[A presença feminina na liderança do futebol é realmente reconhecida?](https://www.inctfutebol.com.br/post/a-presenca-feminina-na-lideranca-do-futebol-e-realmente-reconhecida) © 2025 by [Beatriz Mitroff](#) is licensed under [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International](#)

A presença feminina na liderança do futebol é realmente reconhecida?

Beatriz Mitroff (UERJ)

13 de ago.

No texto abaixo, a autora discute a ocupação de cargos de destaque no futebol por Michelle Ramalho e Kelly Key para refletir sobre os desafios que as mulheres ainda enfrentam para ocupar posições de liderança nesse esporte.

*Michelle Ramalho é a atual vice-presidente da CBF.
Imagem: Instagram/Michelle Ramalho*



Em julho de 2025, a cantora brasileira Kelly Key foi oficialmente nomeada presidente do Kiala Futebol Clube, clube angolano fundado por ela e seu marido, Mico Freitas. O fato chamou a atenção por se tratar de uma mulher, brasileira e artista, assumindo a liderança de um clube de futebol em Angola, sendo, segundo suas próprias palavras, a única mulher nessa função em toda a África. Em paralelo, no cenário brasileiro, a eleição de Michelle Ramalho Cardoso como primeira mulher a ocupar a vice-presidência da Confederação Brasileira de Futebol também rompeu paradigmas dentro de uma instituição historicamente marcada pela exclusão feminina de seus quadros diretivos.

A partir desses dois casos, se abre uma porta para a discussão sobre os modos como a presença de mulheres em cargos de liderança no futebol desafia a estrutura simbólica e institucional patriarcal desse campo. Ainda que distintas em contexto e trajetória, a nomeação de Kelly Key e a presença de Michelle Ramalho na composição da chapa eleita na CBF representam rupturas importantes na lógica de gênero do futebol, ao mesmo tempo em que enfrentam resistências que se expressam sob forma de violência simbólica e silenciamento.

Bourdieu (2002) denomina como violência simbólica a imposição de significados e categorias que naturalizam relações de dominação, especialmente no campo da cultura e do poder. No futebol, essa violência é reiterada por normas não escritas que associam autoridade, competência e liderança a atributos masculinos, produzindo exclusão sistemática das mulheres em posições de decisão (Goellner, 2005).

A violência de gênero, abordada por Rita Segato (2003), opera também pelo silêncio e pela invisibilidade. A exclusão simbólica não exige agressões explícitas: ela se realiza na recusa do reconhecimento, na desautorização da palavra e no apagamento dos feitos. A dificuldade de ambas – Kelly Key e Michelle Ramalho – em terem suas lideranças plenamente legitimadas revela a persistente resistência à presença feminina em espaços de comando como o futebol.

O caso de Kelly Key ilustra essa dinâmica: embora fundadora e dirigente executiva do Kiala FC, sua autoridade é frequentemente deslegitimada. A própria cantora relata que, em reuniões, os interlocutores tendem a se dirigir ao seu marido, ignorando sua posição formal (ESPN, 2025). De forma semelhante, a eleição de Michelle Ramalho como vice-presidente da CBF foi celebrada como marco histórico, mas cercada de discursos que a tratam como exceção ou concessão, e não como resultado de trajetória política e institucional legítima.

Michelle Ramalho é advogada, administradora de empresas e presidente da Federação Paraibana de Futebol desde 2018. Em 2017, atuou como auditora do STJD, defendendo clubes como o Treze. Em 2019, ocupou o posto de chefe de delegação da Seleção Brasileira feminina na Copa do Mundo, repetindo a função nas Olimpíadas de Paris em 2024. Em 2025, foi eleita vice-presidente da CBF, integrando a chapa “Futebol para Todos” liderada por Samir Xaud, com mandato previsto até 2029.

Sua vice-presidência não deveria representar apenas um gesto simbólico, merece ser reconhecida e debatida como um avanço institucional que pode abrir caminhos para a inserção de mais mulheres em cargos estratégicos no futebol brasileiro (Globo Esporte, 2025). Ainda assim, a posição de vice-presidente frequentemente sofre com a invisibilização por parte da sociedade e da própria estrutura esportiva, que tende a concentrar a atenção e a autoridade na figura presidencial. A presença de Michelle, embora formalmente registrada, pode ser negligenciada por muitos que não reconhecem o poder simbólico e político da vice-presidência, reforçando, assim, o padrão de desvalorização dos espaços ocupados por mulheres, mesmo quando legalmente instituídos.

Do mesmo modo, no tocante às ações sociais afirmativas, Kelly Key utiliza

sua visibilidade pública para atuar como gestora e educadora social. O Kiala FC oferece aos seus atletas, além do treinamento esportivo, alimentação diária, alojamento, cursos técnicos e apoio psicológico. A proposta do clube vai além do campo: atua na formação de sujeitos e na transformação social, promovendo cidadania por meio do esporte (O POVO, 2025; FOLHAMAX, 2025).

Em ambas as situações, observa-se o que Castoriadis (1982) denominaria como uma prática política instituidora, isto é, uma ação que rompe com o instituído, com a ordem social vigente, e propõe novas significações sociais capazes de reconfigurar o imaginário coletivo. No caso de Kelly Key e Michelle Ramalho, essa prática se materializa na inserção ativa de mulheres em posições historicamente reservadas aos homens, como a presidência de um clube de futebol ou a vice-presidência da CBF. Ao assumirem esses lugares, elas desafiam o status quo e abrem brecha para instaurar novos significados para a presença feminina no futebol, deslocando o campo simbólico que o associa quase exclusivamente ao masculino.

Castoriadis distingue o instituído – as normas, papéis e representações sociais já consolidadas – da instituição do novo, que é um movimento criador, espontâneo e político, capaz de fundar outras formas de organização do mundo. Ao ocuparem cargos de poder e atuação efetiva no esporte, essas mulheres exercem justamente esse papel instituidor: não se limitam a atuar dentro das regras pré-estabelecidas, mas, com sua própria presença, as transformam, produzindo rupturas nas significações dominantes que estruturam o campo esportivo e político.

Esse movimento também ecoa o que Joan Scott (1995) chama de “história da desigualdade de gênero”, uma história marcada por exclusões sistemáticas, silenciamentos e legitimações de hierarquias entre homens e mulheres. Quando Kelly Key e Michelle Ramalho ocupam esses espaços, reivindicam reconhecimento institucional e produzem fissuras nas normatividades de gênero que sustentam o poder masculino no futebol. Através da visibilidade de suas trajetórias, questionam-se os sentidos hegemônicos de autoridade, competência e pertencimento, mostrando que tais atributos não são naturais ou essencialmente masculinos, mas histórica-



Kelly Key à frente do Kiala Futebol Clube. Imagem: Instagram/Kelly Key

mente construídos.

A atuação dessas mulheres se insere em um movimento contra-hegemônico e instituidor de novos sentidos, que busca deslocar as fronteiras do que é possível e legítimo para as mulheres dentro do universo esportivo. Trata-se de uma ação que, embora ainda minoritária, carrega uma potência transformadora: a de reimaginar o futebol como espaço plural, democrático e igualitário.

Ainda que ambas representem conquistas significativas para a presença feminina no esporte, o tratamento midiático evidencia a persistência de um silenciamento estrutural e de uma leitura calcada em um olhar masculinizado. Kelly Key, por exemplo, apesar de gerir um clube africano com resultados concretos e impacto social evidente, tem sua atuação quase ignorada pelos grandes veículos da imprensa brasileira. Quando mencionada, costuma aparecer em chamadas superficiais, reduzindo sua gestão à curiosidade de “celebridade que virou dirigente”, enquanto as decisões administrativas, os programas de base e os indicadores de sucesso do Kiala FC são relegados a notas de rodapé (UOL, 2025). Além de refletir o desinteresse, chama-se a atenção para a forma como a mídia esportiva, historicamente dominada por profissionais, narrativas e imagens produzidas sob uma lógica masculina, invisibiliza a competência e o esforço de mulheres em cargos de comando, privilegiando sempre a figura do “homem no comando” como protagonista legítimo do futebol.

Esse tipo de apagamento revela o que Angela Davis (2016) identifica como o duplo apagamento que afeta mulheres negras em posições de liderança: ao gênero soma-se a raça e, no caso de Kelly Key, também o deslocamento geográfico-cultural (uma brasileira atuando na África). Já Michelle Ramalho, embora tenha sido reconhecida em veículos esportivos, foi inserida em narrativas que a retratam como “exceção bem-comportada”, reforçando a ideia de que a ocupação feminina do poder é uma anomalia institucional, e não um direito político.

Ao falar de Kelly Key e Michelle Ramalho Cardoso, é possível ter um olhar de que o ingresso de mulheres em posições de liderança no futebol não ocorre sem resistência. As formas de violência simbólica, deslegitimação, silenciamento e relativização da competência continuam a operar para manter a estrutura patriarcal do esporte.

No entanto, ambas evidenciam uma inflexão histórica. Elas inauguram uma nova narrativa, que rompe com a lógica de que o futebol é um espaço naturalmente masculino, e abrem caminhos para outras mulheres ocuparem espaços de decisão. Mais do que símbolos, são agentes de transformação que enfrentam, com estratégias distintas, os mecanismos de

ão de um dos campos mais resistentes à equidade de gênero.

Referências

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESPN. Kelly Key conta como criou time em Angola e revela inspiração em Leila Pereira. ESPN, 12 de jul. 2025. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/15416734/kelly-key-counta-como-criou-time-angola-revela-inspiracao-leila-pereira-palmeiras-chora-falar-kiala-fc. Acesso em: 14 de jul. 2025.

FOLHAMAX. Kelly Key vira presidente de time de futebol em Angola. FOLHAMAX, 14 de jul. 2025. Disponível em: <https://www.folhamax.com/curiosidades/kelly-key-vira-presidente-de-time-de-futebol-em-angola/500828>. Acesso em: 14 de jul. 2025.

GLOBO ESPORTE. Michelle Ramalho é eleita primeira vice-presidente da CBF. Globo Esporte, 10 de abr. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2025/04/10/michelle-ramalho-e-eleita-primeira-vice-presidente-da-cbf.ghtml>. Acesso em: 14 de jul. 2025.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 81-102, jan. 2005.

O POVO. Kelly Key revela planos do Kiala FC e parceria com o Flamengo. O POVO, 14 de jul. 2025. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/agencia/jogada10/2025/07/14/dona-de-clube-em-angola-kelly-key-revela-planos-pro-futuro-e-acordo-com-flamengo.html>. Acesso em: 16 de jul. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEGATO, R. L. Las estructuras elementales de la violencia. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

UOL. Kelly Key reflete sobre ser única mulher a presidir clube em Angola. UOL, 10 de jul. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2025/07/10/kelly-key-reflete-sobre-ser-unica-mulher-a-presidir-time-em-angola.htm>. Acesso em: 16 de jul. 2025.

Lapsos de razão em meio à paixão (ou o contrário?)

Isabelle Lima Barbosa (UFPA/INCT Futebol)

19 de ago.

SOBRE A AUTORA:

Isabelle Lima Barbosa é da Amazônia, nortista, natural de Belém do Pará, onde reside. Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal do Pará. Bolsista de Iniciação Científica do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

BARBOSA, Isabelle Lima. Lapsos de razão em meio à paixão (ou o contrário?). Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.28, 2025.

Lapsos de razão em meio à paixão (ou o contrário?). © 2025 by Isabelle Lima Barbosa is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Lapsos de razão em meio à paixão (ou o contrário?)

Isabelle Lima Barbosa (UFPA/INCT Futebol)

19 de ago.

No texto abaixo, a autora faz um relato antropológico crítico sobre uma experiência vivida em um estádio do Pará, marcada por machismo, homofobia, mas também por orgulho regional e paixão pelo futebol.

Mosaico realizado pela torcida do Paysandu, em partida contra o Vila Nova, pela Série B, no Manguirão, 24/11/2024. Foto: José Luís Totti/Ascom/Paysandu



Sempre fui levada a entender que o futebol é totalmente atrelado à paixão daqueles que torcem pelo time do coração. Na verdade, carrego esse sentimento no peito desde criança, levando em conta o meu fascínio antigo e duradouro pelo esporte. Então, quem sou eu para negar o caráter passional da coisa toda? Discordar não é minha intenção, até seria hipocrisia, mas o que tenho exercitado é ampliar o olhar para além de enxergar um bando de loucos em um mero momento de entretenimento. E, novamente, não que não seja. Só não é esse o ponto. Para ilustrar o que tenho observado sobre o assunto, reuni nesse texto reflexões espontâneas, feitas por mim, a partir de uma partida que acompanhei no estádio.

Divaguei bastante, um detalhe leva a outro, que abre discussões e interrogações até quase perder o fio da meada que as originou. Bem, no mínimo dentro de mim, ao final, tudo se funde subjetivamente; se desmembrar, temos três partes: território, sexualidade e gênero.

Território – Partida em casa, peça licença para entrar

Campeonato Brasileiro da Série B, 14ª rodada, o Paysandu (PA) recebia a Ferroviária (SP), na “Curuzu”, em Belém do Pará. Nada como um toró¹ para dar as boas-vindas ao adversário. No protocolo dos hinos, notei que o do estado do Pará foi cantado pela torcida com ênfase bem maior que o nacio-

nal. Achei interessante, já que vejo essa questão do pertencimento e identidade regionais fortemente associados ao futebol, fazendo deste um símbolo da cultura paraense. Afinal, se pouco há de relevância nacional atribuída aos clubes do Norte do país, lidos como “regionais”, faz sentido haver um recorte territorial no sentimento de orgulho também.

Vale destacar que, embora exista tal vínculo, é comum haver torcedores paraenses fanáticos por mais de um clube. Normalmente, quem nasce no Pará torce para Paysandu ou Remo e por mais algum do Rio de Janeiro ou de São Paulo, um de cada estado até, fora os times estrangeiros. Eu, por exemplo, além de bicolor², sou vascaína e são-paulina. Tem quem ridiculari-

ze. Hoje compreendo que não é indecisão ou esperteza ser “poliamorosa” ao torcer. As temporadas da dupla Re-Pa nem sempre são preenchidas por torneios longos e almejados. Há anos não disputam a Série A nem avançam muito na Copa do Brasil. No Brasileirão 2025, a “elite”, não há sequer um representante nortista; juntando cariocas e paulistas, são dez de vinte. Libertadores? Só uma participação alviceleste, sem título, mas comemorada como se fosse – vencemos o Boca Juniors na La Bombonera³. Sem contar o mais primordial: nossos jogos raramente são televisionados.

Operada por uma emissora pública do estado, há somente uma transmissão garantida em canal aberto, a do Campeonato Paraense, capaz de alcançar picos de audiência que ultrapassam 40 pontos na capital. O Parazão é o carro-chefe da TV Cultura do Pará, que produz chamadas especiais mesclando o esporte aos nossos ritmos, ao nosso vocabulário, aos nossos cenários, ao nosso cotidiano, tonificando o entrelaçamento que citei antes.

Times com sangue nos olhos, cobrados, enquanto em outros lugares algumas rodadas dos estaduais parecem ser encaradas como pré-temporada para dar ritmo a jogadores da base. O motivo é lógico, clubes do eixo sul-sudeste acumulam competições grandes e desdobram-se entre



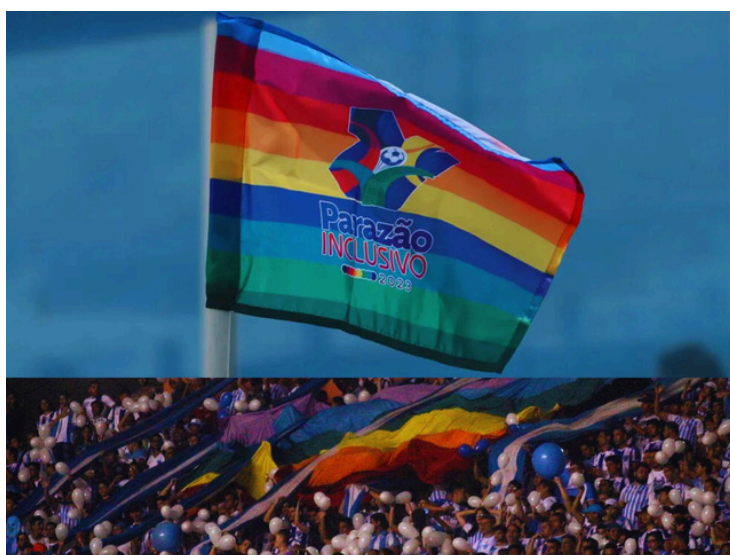
Torcedores do Paysandu, em partida contra a Ferroviária, no estádio Leônidas Castro, “Curuzu”, Série B de 2025. Na imagem superior: torcida organizada por bairros da Região Metropolitana de Belém – Cabanagem, Canudos, Paar, Terra Firme. Nas imagens inferiores: símbolos territoriais (Pará/Brasil) sendo vinculados ao clube. Fotos: José Luís Totti/Ascom/Paysandu

elas. Agora, imagina, para um apreciador do futebol, não ter um time para torcer em um Mundial? Não ter um time para admirar e assistir na Globo? Quem não quer se sentir representado? O caso do futebol ilustra o que ocorre em qualquer editoria quando o tópico é diversidade regional: sobreposição de alguns em detrimento de muitos. Desigualdades de visibilidade e oportunidades, que são inversamente proporcionais à entrega da torcida, que lotava o estádio em uma segunda-feira, para ver o último colocado; mas também não encontro contradição sendo um gol do Paysandu contra a Ferroviária na Cidade das Mangueiras^[4] comemorado por um torcedor na mesma proporção que o próprio comemora um marcado pelo Bruno Henrique (FLA) contra o Chelsea na Filadélfia. O que se quer é torcer, o que não exclui o pensar sobre onde se torce.

Sexualidade – Refletir dois segundos nem é tão difícil assim, acredite!

Com a intensidade da chuva, antes mesmo do apito inicial, também chegaram os primeiros gritos homofóbicos, dirigidos ao árbitro e motivados pelo atraso. Como já se espera, após a bola rolar, as falas agressivas continuaram. Qualquer marcação indesejada ou jogada frustrada era seguida de comentários associando o lance à homossexualidade. Postura padrão nas arquibancadas.

Percebo, analisando a expressão corporal dos autores (unicamente homens) ao redor, que, ao se utilizarem da homofobia como meio para diminuir alguém no gramado, sentem-se aliviados, satisfeitos. A depender do teor, caso busquem ser “cômicos” (haja vista as “piadas” homofóbicas), também ficam na expectativa de serem validados por outros homens. Validação que ocorre em uma troca de olhares entre um que está fileiras abaixo e outro que está mais acima, que nem se conhecem, mas se sinalizam de algum modo, riem entre si, conectam-se, reforçam-se, firmam um pacto de homem-para-homem. Aconteceu mais de uma vez, é um hábito. Nem depende da escalada da raiva,



Bandeiras do arco-íris em alusão ao Orgulho LGBTQIAPN+. A primeira no gramado de jogo pelo Campeonato Paraense (2023); a segunda exibida por torcedores do Paysandu na arquibancada do Mangueirão (2017). Incluir garante que o espaço seja acolhedor? Fotos: Rodolfo Valle e César Magalhães/Agência Pará

na qual esta cresce até explodir na forma de insulto; manifestam-se a qualquer momento, até gostam quando paira certo silêncio, pois assim sua voz violenta ecoa e ganha o protagonismo que parece buscar desde o princípio.

Aparentemente, todo esse contexto os faz sentir-se mais homens, depositando a confirmação ou não da própria masculinidade em tais atitudes. Quando são ignorados ou, principalmente, coibidos, é como se o ciclo da agressão não se fechasse. É raro, mas acontece. A exemplo, um menino, de cerca de dez anos, acompanhado de um rapaz de no máximo vinte, quando ouviu do mais velho algo como “vai embora para tua casa, seu juiz v*ado”, logo retrucou com “huumm, isso aí é LGBTfobia”. A criança nem aparentava ter a intenção de corrigir, não se expressou em um tom duro, pelo contrário, talvez estivesse apenas refletindo consigo ou lembrando um aprendizado prévio construído no dia a dia. Fiquei surpresa, pois o provável seria que reproduzisse aquilo que tanto estava ouvindo. Ele fez, de forma simples, o que muitos marmanjos fazem parecer difícil: parou e pensou por dois segundos. O acompanhante permaneceu calado e assim era um poeta. Ambos estavam localizados atrás de mim. Aquela resposta do garoto me soou como um respiro diante da ignorância. Era 30 de junho, dois dias depois da data internacional que celebra o orgulho LGBTQIAPN+.

Gênero – Se não for pela consciência, que seja pelo embaraço

Situações como a do tópico anterior relacionam-se ao fato de estádios de futebol serem espaços, sobretudo, marcados pela hegemonia heteronormativa, que também é pilar do machismo estrutural. No entanto, apesar de, naquele momento, ver-me rodeada majoritariamente por homens, é nítido o aumento da presença feminina nas arquibancadas da Curuzu. “Os ingressos promocionais para mulheres nos jogos dentro de casa estão dando resultado” – pensei.

O efêmero pensamento de satisfação deu lugar à nova indignação pessoal, quando percebi rapazes ao meu lado, igualmente indignados, mas por motivo oposto: as “bicolindas”, grupo de líderes de torcida do Paysandu, que fica à beira das quatro-linhas, estavam fora da visão deles. Não é surpresa aquelas mulheres com roupas curtas e coladas serem tratadas como “parte do show” incluída no valor do ingresso, só não imaginava o nível da importância que lhes é conferida, a ponto de provocar resmungos masculinos generalizados caso não estivessem à vista. Inclusive, já se tratando de mulheres presentes no campo, além das “bicolindas”, era raro visualizar outras. Contei duas, da imprensa, e uma terceira, atuando como bandeirinha – que, quando indicou um impedimento, imediatamente foi chamada de “sapatão” por um torcedor.



Parede externa da Curuzu, que homenageia torcedoras do Paysandu: “lugar de mulher é onde ela quiser”. Abaixo, uma bandeira da Torcida Organizada Fúria Bicolor, estampada com personagens femininas, durante a mesma partida contra a Ferroviária. Realmente basta querer-estar para frequentarmos estádios de futebol? Fotos: José Luís Totti/Ascom/Paysandu

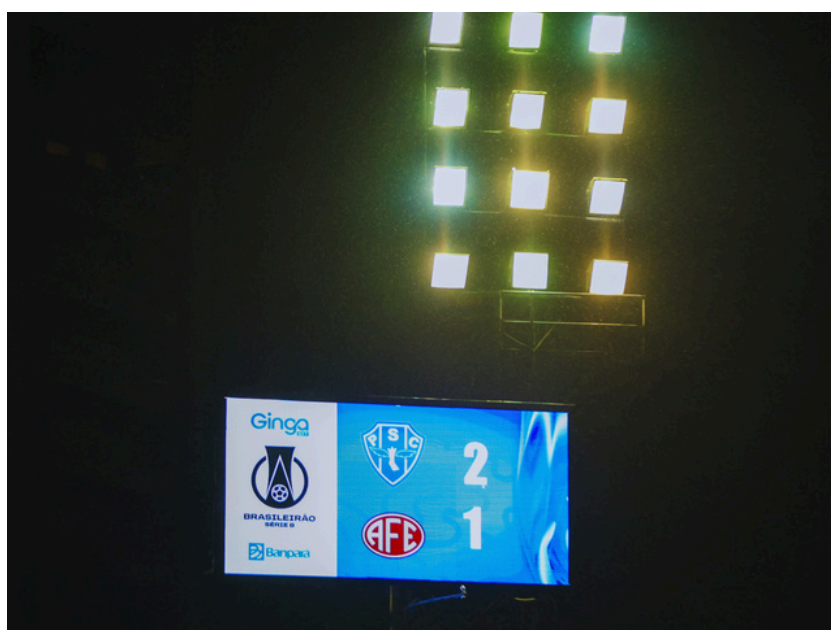
Novamente, atentei-me a um diálogo alheio. Fofoqueira, estudante de comunicação que sou. Para contextualizar, durante o intervalo da partida, foi realizada uma dinâmica com alguns sócios-torcedores no gramado, em que cada pessoa deveria chutar em direção à baliza, como num pênalti. Vencia quem finalizasse o mais próximo da linha do gol sem que a bola a ultrapassasse. Uma mulher ganhou a brincadeira. O prêmio era uma camisa oficial do Papão^[5]. Eis que ouço: “égua, perderam pra uma mulher? tá fod#”. Nem se faz necessário identificar aqui o gênero do emissor. O colega dele retrucou: “cara, coragem falar isso com tantas mulheres ao teu redor, não tá vendo?”. Quebra de expectativa: um brother o contrariou. Silêncio constrangedor. O principal constrangido tentou se justificar, e só piorou, alegando que para uma mulher certamente seria mais difícil chutar uma bola, se comparado a homens, que têm isso como hobby. Mudaram de assunto. Mas, para mim, o assunto se destrinchou, algo fez mais sentido. A promoção de ingressos para mulheres e consequente aumento desse público nos estádios não se restringe a estimular o interesse futebolístico e diversificar espectadores. O simples estarmos-presentes, mesmo sem dizer uma palavra, intimidou. É provável que, na ausência de torcedoras por perto, a frase não seria contestada e o papo-cueca fluiria com naturalidade. Que se envergonhem, portanto.

Conclusão – Quando tudo se funde

A chuva não dava trégua, natural da nossa região. Em resumo, eu estava ensopada, encoberta apenas pelas inúmeras manifestações machistas e homofóbicas, que, assim como a chuva, não cessavam. É aquilo: pessoas que integram a comunidade LGBTQIAPN+ e mulheres, no geral, quando ocupam os estádios de futebol, estão no front diante dos discursos de ódio dos quais são alvo. Individualmente, vivenciar este lado do jogo nos ofende e fere. Contudo, avaliando por uma perspectiva coletiva de resistência, o próprio ato de grupos-alvo adentrarem espaços assim, por mais rudes que estes sejam, ainda representa uma forma de contrapor, a conta-gotas, o comportamento social que ali vigora.

Segue o jogo, metade do segundo tempo. Paysandu amargando a lanterna e perdendo mais uma, os sudestinos levavam os três pontos. Mas só acaba quando termina. O placar, além do restante, fazia eu me perguntar constantemente se foi uma escolha acertada ter ido. Era a minha primeira vez sozinha na Curuzu. Saí de casa para pegar uma gripe, ver meu time perder e me sentir atacada? Me arriscando em vão? Ali era o meu lugar mesmo? Se não tivesse ido e quisesse acompanhar pela TV, precisaria ser assinante de plano plus premium. Na rede aberta, restaria assistir Manchester City e Al Hilal. Ah, pelo menos vestiria roupas sequinhas e sem lidar com os caras inconvenientes ao pé do ouvido. A Curuzu era mesmo o meu lugar? Sim, era – viramos o placar e vibrei, apaixonada, sob àquela chuva persistente. Sou paraense, mulher, bissexual, e, óbvio, bicolor, de corpo e alma lavados.

*Placar final da partida.
Tem vezes que virar o
jogo é urgente. Há luz
no fim do túnel? Fico na
torcida. Foto: José Luís
Totti/Ascom/Paysandu*



¹*_Gíria paraense com significado de chuva muito forte, marca do estado.*

²*Outra maneira de se chamar torcedores do Paysandu.*

³*Copa Libertadores da América de 2003, Paysandu venceu por 1 a 0, gol de Iarley, na Argentina.*

⁴*Apelido dado à cidade de Belém (PA).*

⁵*Apelido dado ao Paysandu.*

Esporte Seguro no futebol de mulheres brasileiro: uma utopia ou há um caminho?

Ludmila Mourão (UFJF)

Bárbara Pires (UFJF)

28 de ago.

SOBRE AS AUTORAS:

Ludmila Mourão é graduada em Educação Física, com mestrado e doutorado em Educação Física & Cultura pela Universidade Gama Filho. Pós-doutora pela Universidade do Porto, FADEUP. Professora do programa de pós-graduação em Educação Física da FAEFID/UFJF. Pesquisadora de mulheres no esporte e de gênero e sexualidade, com interesse em diferentes áreas, como educação, lazer e política. É líder do Grupo de Estudos Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq). E-mail mouraoln@gmail.com.

Bárbara Pires é atleta, treinadora e pesquisadora do futebol e futsal de mulheres. É bacharela, licenciada e mestra em Educação Física pela UFJF e doutoranda do programa de pós-graduação em Educação Física da FAEFID/UFJF. É pesquisadora no Grupo de Estudos Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq). E-mail barbarabepler@gmail.com.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

MOURÃO, Ludmila; PIRES, Bárbara. Esporte seguro no futebol de mulheres brasileiro: uma utopia ou há um caminho?. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.29, 2025.

Esporte Seguro no futebol de mulheres brasileiro: uma utopia ou há um caminho? © 2025 by Ludmila Mourão e Bárbara Pires is licensed under CC BY-NC 4.0

Esporte Seguro no futebol de mulheres brasileiro: uma utopia ou há um caminho?

Ludmila Mourão (UFJF)

Bárbara Pires (UFJF)

28 de ago.

No texto a seguir, as autoras falam sobre a importância de ações em torno da conscientização e implementação de ambientes de trabalho seguros para mulheres do futebol.

Seleção de mulheres protesta contra assédio do ex-presidente Rogério Caboclo em 2021. Foto:

Richard Callis/SPP/CBF



Iniciamos este texto exaltando e reverenciando instituições, pesquisadoras e pesquisadores que se preocupam com a propagação da temática do “Esporte Seguro” no Brasil. Podemos citar o trabalho do Comitê Olímpico do Brasil com o Programa Esporte Seguro e os cursos disponibilizados pelo Instituto Olímpico Brasileiro¹, a Joanna Maranhão na organização intitulada “Sport & Rights Alliance”² e o Lucas Machado, responsável pelo perfil no Instagram (@esporte.seguro)³. Entretanto, dentro das quatro linhas gramadas do nosso futebol de mulheres, essas discussões ainda não estão em voga como deveriam (Pires, 2023).

Para continuarmos o diálogo, se faz necessário conceituar o “Esporte Seguro”, sabendo que, assim, começaremos na mesma página. Esse termo diz respeito a propiciar um ambiente seguro de prática esportiva, configurado pelos seus responsáveis, certificando que as pessoas envolvidas – principalmente atletas – se sintam protegidas de qualquer risco físico, emocional e psicológico.

Na prática, podemos postular um ambiente esportivo seguro da seguinte

forma: a) requer ações de prevenção de lesões (e posterior suporte à lesão, se ela acontecer); b) combate às violências do esporte (assédio e/ou abuso sexual, assédio moral, violência psicológica, física, de gênero, negligência e bullying); c) procura garantir um ambiente livre de discriminações, quanto às diferenças de gênero, raça, classe social, religião e/ou orientação sexual.

Depois dessa breve definição, te convidamos a perpassar pela história do futebol de mulheres brasileiro e refletir sobre algumas das suas particulares que permeiam questões culturais e sociais.

O futebol chegou ao nosso país no final do século XIX e, desde então, o Brasil passou a ser reconhecido como o “país do futebol”. Nessa direção, a construção da identidade brasileira e a massificação do futebol no Brasil, sendo até considerado esporte nacional, era um espaço representativo dos homens nacionais, não das mulheres. Assim sendo, perante a sociedade patriarcal, escravocrata, militarista e higienista brasileira do século XX, o futebol não era passível de ser apreciado, discutido e muito menos protagonizado por mulheres, de modo que o cognome “país do futebol” não dizia ou referenciava sobre elas (Silva, 2023).

Privações e estigmas permeiam o futebol de mulheres desde a sua criação, vide o período de proibição (1941-1979) e a tentativa de controle social e político do que os corpos das jogadoras poderiam ser capazes ou não de fazer (Almeida; Almeida, 2020). Além disso, depois do período de regulamentação da modalidade, o corpo da mulher atleta – saudável e observado como sexualmente atrativo – começou a ser valorizado pela mídia, principalmente. Desde então, os corpos das mulheres atletas são sexualizados, objetificados e erotizados por parte dos espectadores e imprensa (Rial; Almeida, 2024).

Em outro aspecto, considerando que força, virilidade, agressividade e coragem são características valorizadas no jogo de futebol, e esses atributos são tidos como prerrogativa do universo masculino, as meninas e mulheres que praticavam futebol tinham (e ainda têm) as suas sexualidades colocadas em suspeição, sendo atribuído a elas o estereótipo da homossexualidade (Kessler, 2020).

De outro modo, o futebol de mulheres também se destaca como sendo um espaço homossocial para mulheres lésbicas ou bissexuais (Yamamoto, 2024). Entretanto, a homofobia ainda existe no cenário esportivo e, por diversas vezes, ela é protagonizada por personagens que ocupam posições de poder, como familiares das atletas, treinadores/as, membros da comissão técnica e gestores/as.

Mesmo que haja, essencialmente, possibilidade de mobilidade nas relações

de poder (Foucault, 2022), as atletas não estão imunes a experiências violentas de assédio e abuso físico, sexual e emocional (Stirling; Kerr, 2009). Como implicante ponto de atenção, o futebol no Brasil foi constituído em um espaço masculinizado e masculinizante, logo, a maior parte dos personagens envolvidos no futebol de mulheres brasileiro ainda são homens. Sendo assim, além da relação hierárquica e desigual entre treinadores, gestores e outros membros da comissão técnica, ainda temos em questão a relação patriarcal entre homem-mulher.

Quando eu, Bárbara, trabalhei como treinadora de futebol nos Estados Unidos da América em 2017, me deparei com uma gama de cursos e diversas recomendações de prevenção ao abuso e assédio às crianças e adolescentes. A partir de então, comecei a me atentar mais acerca dessa questão e realizei diversos cursos como: “Esporte Seguro”, “Safeguarding”, “Prevenção ao abuso e assédio” e “Criando um ambiente seguro no esporte”. Todos são gratuitos, mas estão disponíveis somente em inglês em plataformas online como a U.S. Center for SafeSport⁴; Athlete 365 by IOC⁵; Safe To Compete⁶ e FIFA Guardians⁷.

No nosso idioma, dois cursos são disponibilizados no site do Comitê Olímpico do Brasil (COB)⁸: “Prevenção e Enfrentamento ao Abuso e Assédio” e “Abuso e Assédio Fora de Jogo”. O primeiro é direcionado a treinadores/as de modalidades esportivas; o segundo contém uma linguagem acessível e é dedicado a jovens atletas.

Sendo assim, gostaríamos de evidenciar dois problemas: 1) a maior parte dos cursos disponíveis sobre prevenção de abuso e assédio no esporte está em língua inglesa e não possui traduções para o português, o que pode torná-la inacessível para grande parte dos/as treinadores/as de futebol no país; 2) o futebol não está diretamente ligado ao COB, mas sim à Confederação Brasileira de Futebol, construindo assim, uma dificuldade para a ampla divulgação dos cursos e documentos norteadores para treinadores/as e atletas.

No que concerne à Confederação Brasileira de Futebol, o que nos remete ao assunto é o afastamento do ex-presidente Rogério Caboblo, por assediar moral e sexualmente uma funcionária da CBF em 2021, e o posterior protesto das então atletas da Seleção Feminina de Futebol, conforme ilustrado na foto que inicia este texto. O afastamento foi decretado pela Comissão de Ética do Futebol Brasil, mas uma liminar foi concedida pela Justiça do Rio de Janeiro em 2024 e a suspensão foi anulada.

É neste cenário do futebol brasileiro permeado por complexidades que envolvem questões culturais e sociais que estamos a caminhar dois passos para frente e, logo depois, cinco para trás. Dito isso, ainda há muito o que

avancarmos em debates, problematizações, discussões e aprendizados no que diz respeito à implementação de políticas de “Esporte Seguro” no universo do futebol de mulheres brasileiro, principalmente dentro da Confederação que o rege.

No entanto, influenciada pela coragem das protagonistas do jogo, que não se calaram na referida situação envolvendo o mais alto escalão da Confederação, é vital seguirmos lutando, intentando e sonhando com um futebol mais justo, igualitário, seguro e saudável para meninas e mulheres de todo Brasil.

Referências:

ALMEIDA, Caroline Soares de; ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 31, p.168–191, 2020.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, set./dez. 2020.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Relações interpessoais entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline S. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. ALCEU, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 84-119, jan./abr. 2024.

SILVA, Giovana Capucim e. Nação, masculinidade e o futebol de mulheres no início do século XX. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis (Org.). Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023. p. 183-207.

STIRLING, Ashley E.; KERR, Gretchen A. Abused athletes’ perceptions of the coach-athlete relationship. Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics. Londres, Inglaterra, v. 12, n. 2, p. 227-239, mar. 2009.

YAMAMOTO, Débora Cajé. Entre treinadoras e atletas, sexualidade e geração em times de formação no futebol praticado por mulheres. In: XXXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, São Paulo. Anais... São Paulo: RBA, 2024.

¹ Cursos do IOB. Disponível em: <https://www.cob.org.br/cultura-educacao/cursos-do-iob>. Acesso em: 7 de jul. 2025.

² Site da organização. Disponível em: <https://sportandrightsalliance.org>. Acesso em: 7 de jul. 2025.

³ Você pode conhecer a página pelo link: <https://www.instagram.com/esporte.seguro/>. Acesso em: 7 de jul. 2025.

⁴ Confira a página oficial do Safe Sport. Disponível em: <https://safesporttrained.org/#/dashboard>. Acesso em: 23 de nov. 2024.

⁵ Página oficial dos cursos. Disponível em: <https://www.olympics.com/athlete365/learning>. Acesso em: 7 de jun. 2025.

⁶ Acesso a todos os cursos. Disponível em: <https://www.safetocompete.org>. Acesso em: 7 de jun. 2025.

⁷ Página oficial do curso da FIFA. Disponível em: <https://safeguardinginfootball.fifa.com>. Acesso em: 7 de jun. 2025.

⁸ Página oficial com diversos cursos do IOB. Disponível em: <https://www.cob.org.br/cultura-educacao/cursos-do-iob>. Acesso em: 7 de jun. 2025.

Ancelotti e os filhos de Deus

Carmen Rial (INCT Futebol/UFSC)

Lucas Cardoso da Silva (INCT Futebol/UFSC)

2 de set.

SOBRE A AUTORA E O AUTOR:

Carmen Rial é professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É coordenadora-geral do INCT Futebol e do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

Lucas Cardoso da Silva é de Santa Catarina, natural de Tijucas e reside em Florianópolis. Graduando em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de iniciação científica do INCT Futebol e vinculado ao Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen; SILVA, Lucas Cardoso da. Ancelotti e os filhos de Deus. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.30, 2025.

Ancelotti e os filhos de Deus © 2025 by Carmen Rial e Lucas Cardoso da Silva is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Ancelotti e os filhos de Deus

Carmen Rial (INCT Futebol/UFSC)

Lucas Cardoso da Silva (INCT Futebol/UFSC)

2 de set.

O texto abaixo traz uma reflexão sobre a religiosidade no futebol brasileiro contemporâneo, marcado pela presença da fé evangélica, o que pôde ser visto na recente convocação da Seleção Brasileira.

*A religiosidade
presente nas postagens
de jogadores
convocados para a
Seleção Brasileira.
Imagem:
Instagram/Fabrizio
Bruno*



Que a religião é parte integrante do mundo do futebol, não há novidade nisso. A novidade desse século é a predominância de evangélicos entre os futebolistas brasileiros, que antes se dividiam entre católicos, seguidores de religiões afro-brasileiras ou evangélicos. Como tenho mostrado há anos (Rial, 2012), as manifestações religiosas públicas por meio de mídia de grande alcance no futebol brasileiro têm uma história mais recente: iniciam-se (e me corrijam se vocês têm uma lembrança mais antiga) quando Jairzinho ajoelhou-se agradecendo a Deus por um gol na Copa do Mundo de 1970. Sendo essa a primeira Copa transmitida ao vivo no país, e essa a primeira celebração que demonstrava fé, temos aí a origem do que se tornou um tópos repetido em comemorações de gols, ou em posts diversos nas redes sociais.

A presença da religião entre os futebolistas, porém, antecede o gesto público de Jairzinho – como mostra, por exemplo, a estátua de Nossa Senhora Aparecida encontrada no armário de Pelé, que permaneceu fechado por mais de cinquenta anos nos vestiários do Santos e foi aberto por ocasião de sua morte. O catolicismo era, e continua sendo, a religião oficial dos clubes, alguns dos quais mantêm capelas em seus estádios – e não apenas no Brasil, visitei uma no Camp Nou e outra no velho estádio

Metropolitano na Espanha. E as práticas do candomblé, embora silenciosas, persistem – como pude constatar ouvindo o programa Sala de Redação da Rádio Gaúcha, no qual os jornalistas presentes relataram em detalhes a história do Pai Danilo, acionado pelo Internacional e pelo Grêmio, em busca de proteção¹.

A recente chamada de Ancelotti para os últimos jogos da seleção nas eliminatórias mais uma vez transformou-se em palco para os convocados demonstrarem sua fé. Alguns, como Alessandro Ribeiro (Lille), foram discretos e postaram nas redes sociais apenas figurinhas (emojis).

Andrey Santos (Chelsea) foi direto: “Glória a Deus por mais uma convocação”. Caio Henrique (AS Monaco) escreveu: “Deus é bom o tempo todo, todo tempo Deus é bom. Que sentimento poder voltar a representar meu país!”. E Fabrício (Cruzeiro)²: “Toda honra e glória a Deus, que conduz meus passos. [...] Vamos juntos, sempre com fé!”. Já Kaio Jorge (Cruzeiro) postou: “Deus é Fiel” e: “[...] nunca estive sozinho: Deus e minha família sempre me sustentaram e me fortaleceram. Olho para trás com gratidão e sigo em frente com fé, foco e dedicação, certo de que o melhor ainda está por vir.”

Outros preferiram incluir citações de passagens bíblicas nos agradecimentos. Foi o caso de Douglas Santos (Zenit): “Estou muito feliz com essa convocação, e sempre será um prazer servir à Seleção Brasileira. Só tenho a agradecer a Deus por essa oportunidade!! ‘Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.’ Mateus 6:33”. Ou Hugo (Corinthians), que foi mais prolixo, escrevendo: “E todos hão de ver o quão grande é o meu Deus. Gratidão a Deus³, a minha família, minha namorada, meus amigos, ao Corinthians⁴, a Fiel torcida, e a todos que fazem parte desse momento especial na minha vida!!! Convocado pra seleção brasileira, glória a Deus. Pátria amada Brasiilll”, também: “Honra e glória sempre a quem é digno, Jesus você é o motivo de tudo, te amo!! E todos hão de ver quão grande é o meu Deus⁵ Gratidão por mais uma convocação, o sonho continua.”⁶ e, ainda: “Jesus é o motivo!!”⁷ Além das citações de passagens bíblicas, podemos notar, em publicações de jogadores como Lucas Paquetá (West Ham), tatuagens características de cunho religioso: “Deus preparou tudo” (em seu pescoço) ou, até mesmo, frases escritas nos equipamentos, como na luva de Hugo Souza (Corinthians) “Deus é fiel”⁸.

O crescimento dos evangélicos no mundo do futebol brasileiro corresponde ao que aconteceu no país e constitui um dos fenômenos religiosos mais marcantes das últimas décadas. Em 1980, os evangélicos eram cerca de 6,6% da população brasileira; em 2000, somavam 15,4%; chegando a 22,2% em 2010, segundo dados do IBGE. E continuam crescendo: estimativas do

Datafolha (2020) apontam que aproximadamente um terço da população brasileira já se identifica como evangélica, o que corresponderia a cerca de 65 milhões de pessoas. Mas a velocidade do seu crescimento está diminuindo, o que indica que talvez estejam próximos de atingir o seu teto, ainda que outras previsões indiquem que superarão os católicos em 2030. A adesão ao neopentecostalismo por parte dos jogadores, conforme me disseram os que contatei, ocorre frequentemente pela influência de laços familiares ou de pares futebolistas.

A “fé” dos futebolistas lhes proporciona benefícios. Ela estabelece fronteiras morais entre o “bem” e o “mal” e age no sentido de afastar os adeptos das “tentações” associadas a estilos de vida considerados nocivos às suas trajetórias profissionais. Assim, a religião estrutura o cotidiano por meio de uma cosmologia que orienta condutas, delimitando o que é permitido e o que deve ser evitado, ao mesmo tempo em que fomenta a autodisciplina diária e o monitoramento constante do corpo e das emoções. Entre os efeitos dessa ética religiosa, destacam-se a obediência, a disciplina pessoal, o autocontrole, a autoconsciência e a reflexão crítica, atributos dos quais os fiéis se tornam beneficiários. Além disso, a religião oferece narrativas e rituais que inserem os indivíduos em uma visão de mundo compartilhada – aquilo que Geertz (1973) designa como “cosmologia” – substituindo referenciais anteriores. Trata-se menos de uma explicação científica ou racional do que de um quadro simbólico de orientação das práticas sociais. Ao mesmo tempo, o pertencimento religioso promove transformações significativas, abrindo espaço para novas experiências e oferecendo uma leitura alternativa do mundo que reconfigura de modo profundo a existência e práticas (Asad, 1993) dos indivíduos.²

Uma coisa é certa: se Ancelotti continuar deixando de fora de sua lista Paulinho (Palmeiras) e suas comemorações de gols homenageando Oxóssi, os posts bíblicos e as celebrações de joelhos e com sinais da cruz continuarão prevalecendo. Mas não esperem o mesmo da parte do treinador da seleção. Apesar de ser um católico formado por salesianos, devoto de Dom Bosco e do Padre Pio, Ancelotti já declarou:

“Nunca rezo pelo futebol. Deus tem coisas melhores e mais importantes para fazer. O nosso é um jogo, e depende de nós; se treinamos bem, tudo andarás como previsto. Deixemos que Deus se ocupe de outras coisas. Eu creio Nele e rezo todos os dias, mas para as coisas ao meu redor, não para o futebol”. (Ancelotti, 2014).

Referências

ANCELOTTI, Carlo. Carlo Ancelotti, metódico e católico: “nunca rezo pelo futebol”. *Aleteia*, 3 de jul. 2014. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2014/07/03/carlo-ancelotti-metodico-e-catolico-nunca-rezo-pelo-futebol/>. Acesso em: 26 de ago. 2025.

ASAD, Talal. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

DATAFOLHA. Católicos representam 50% dos brasileiros; 31% são evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. *Folha de S.Paulo*, 13 de jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/catolicos-sao-50-dos-brasileiros-evangelicos-31-e-10-dizem-nao-ter-religiao.shtml>. Acesso em: 16 de ago. 2025.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins. Fontes, 1996.

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 9, n. 2, 2012, p. 128-159.

¹ Pedro Ernesto Denardin, César Cidade Dias, Leonardo Oliveira, José Alberto Andrade, Cristiano Munari, Luciano Potter e Adroaldo Guerra Filho, programa do dia 18 de março de 2025. “O Renato [treinador do Grêmio] depois da conquista, foi da Copa do Brasil, ele fez aqueles dois jogos contra o Atlético utilizando uma camisa verde, não sei se vocês lembram? Aquela camisa foi doada pelo pai Danilo. [...] O Renato pagou ele em 2016 e 2017”. Também: “O Inter quis tanto esse Gauchão, tanto, que juntou o presidente que não se fala, trouxeram o D'Alessandro já no ano passado, e o D'Alessandro enlouqueceu o vestiário, e pagaram o pai Danilo”. Um diretor do Inter, atendendo pedido do fisicultor Paulo Paixão, foi quem contatou o Pai Danilo para perguntar sobre a questão da dívida. “Segundo ele, era de 35 mil reais e 10 mil para o material (pipoca, porque a pipoca tem um efeito, e balas de mel, 5 mil balas de mel.” O Inter pagou e ganhou o campeonato gaúcho, depois de 7 anos sem título.

² O post completo estende os agradecimentos a outros protagonistas de sua vida: “Toda honra e glória a Deus, que conduz meus passos. Essa conquista é também da minha família, que está sempre ao meu lado, me apoiando em cada desafio. No @cruzeiro, encontrei a força do grupo, o trabalho sério dos meus companheiros, a confiança do nosso presidente e do nosso técnico. Orgulho imenso de representar o clube e agora novamente o meu país. Vamos juntos, sempre com fé!”.

³ Em letras maiúsculas, no original.

⁴ “Corinthians” em maiúsculas, no original.

⁵ Tudo em maiúsculas, no original.

⁶ “O SONHO CONTINUA!!!”, no original.

⁷ “JESUS É O MOTIVO!!”, no original.

⁸ Tudo em maiúsculas, no original.

⁹ A religiosidade dos jogadores pode ser entendida como um “fato social”, que ultrapassa a dimensão individual para estruturar formas coletivas de conduta e pertencimento (Durkheim, 1996).

Pensar e viver futebol: posições marginais no campo

Rafael Willian Clemente (UFRRJ)

11 de set.

SOBRE O AUTOR:

Rafael Willian Clemente é doutor em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ, em que pesquisou torcedores não organizados e sua relação com o estádio do Maracanã.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

CLEMENTE, Rafael Willian. Pensar e viver futebol: posições marginais no campo. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.31, 2025.

Pensar e viver futebol: posições marginais no campo © 2025 by Rafael Willian Clemente is licensed under Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International

Pensar e viver futebol: posições marginais no campo

Rafael Willian Clemente (UFRRJ)

11 de set.

No texto a seguir, o autor comenta a relação entre violência e futebol na América Latina a partir do confronto entre as torcidas do Independiente e do Universidad de Chile, ocorrido na Argentina, durante jogo da Copa Sul-Americana.

A relação entre futebol e violência na América Latina segue uma trajetória repetitiva. Imagem ilustrativa criada por IA



Mais uma noite de futebol pela América Latina. Copa Libertadores, Copa Sul-Americana, campeonatos nacionais e regionais. Outra noite em que o “sangue latino” ferve – e escorre – nas arquibancadas, proporcionando um espetáculo digno dos horrores e do terror presentes nas mais dantescas obras cinematográficas do gênero. Desta vez, o palco do descabido evento foi o estádio Libertadores de América, situado em Avellaneda (Buenos Aires/Argentina), onde uma parte dos torcedores do Club Atlético Independiente (C.A.I.) protagonizaram junto aos adversários da Universidad de Chile (La U), aos olhos inoperantes de diversas autoridades da aérea de segurança pública, atos brutais de violência e desumanidade, no dia 20 de agosto de 2025.

Feita a conjuntura, não quero, porém, nesse resumido espaço, tratar da gravidade dos fatos. Eles já circulam na mídia esportiva especializada, nos espaços imagéticos das redes sociais de informação. Não pretendo tampouco reafirmar caminhos simplistas ou mesmo complexos para cuidar, amenizar, resolver um problema estrutural das sociedades. Esse percurso já foi feito por estudiosos, entidades torcedoras, intelectuais renomados e comprometidos com a causa em suas mais diversas áreas de atuação das ciências humanas e sociais. Quero é mencionar o ciclo que tende a se repetir – e a redundância é necessária ao efeito de ênfase – nos dias – quiçá semanas – seguintes a acontecimentos desse tipo.

As cenas da violência ganham o mundo. Repercutem em periódicos de toda América e também da Europa. As entidades nacionais detentoras da organização (sic) do futebol, encampadas nas personas dos seus “cartolas”, se manifestam em forma de notas de repúdio ou em discursos ético-morais, imperativos de sanções imediatas. Os clubes, governos e outros tantos membros dos poderes aproveitam a onda para se afirmarem como detentores do civilismo contra a barbárie e mesmo como vítimas de uma turba descontrolada. Prometem políticas, sanções, caça aos “criminosos” e “bandidos travestidos de torcedores”. Uma fala recorrente. Um péssimo teatro. Bem possível a punição – justa, digna de passagem – de alguns personagens; sejam torcedores, autoridades imediatas que tenham se imiscuído das suas ações. Mas eis que o ciclo se encerra. Os jogos seguem, a vida segue e ninguém inserirá nesse ciclo vicioso e altamente rentável os mencionados estudiosos do tema. Ninguém procurará “os universitários”. E, se isso acontecer, será, tão somente, para alguma entrevista, algum texto opinativo, encomendado no calor do momento para que se afirmem velhas verdades.

Nenhuma intelectual, professoras universitárias, membros de inúmeros laboratórios de pesquisa, comporão grupos de atuação para aprimorar, realizar, analisar políticas públicas para o enfrentamento da delicada situação estrutural e estruturante do nosso futebol, das nossas cidades e países. O ciclo do capital financeiro não é capaz de encomendar um novo trabalho sob tais mazelas. Não é mesmo capaz de aproveitar-se de inúmeras pesquisas já realizadas e publicadas sob uns poucos cliques. Nas terras do tango, o sociólogo Pablo Alabarces é uma voz, dentre tantas, com trabalhos de excelência sobre as hinchadas, a violência urbana e as relações com outras esferas do poder. Puxando o tom do samba, podemos citar Bernardo Borges, Rosana Teixeira, Mauricio Murad e mais uma gama de sociólogos, antropólogos, historiadores; mas também juristas, especialistas em segurança pública e relações internacionais, que se debruçam sobre as temáticas do futebol, dos esportes em geral, entrecortados pelas questões da sociedade; visto que o esporte é a sociedade. Dela não está apartado. É parte. Reflexos côncavo e convexo dela. Mas tendo a crer, como parte desse time reserva que não será tão logo escalado, que a surdez seletiva dos donos do poder (da bola) é parte do jogo.

A aparente confusão, a crise constante, ela não é aleatória, esporádica. Ela é sistêmica. É fio condutor. E é nela e por ela que os meandros se fazem e se refazem. O ciclo, por nós julgado pernicioso, é uma corrente nessa engrenagem financeira, exploratória, administrativista, falsamente meritocrática – se usarmos o conceito como em seu nascedouro. Nesse modelo, em que o dinheiro suplanta as emoções – e logo incentiva por elas a incivilidade em vez da educação das ações e reações – opera o aparente caos. Mas é só aparência. Ele é organizado para e por uma parcela, no âma-

go de um processo de *modus operandi*.

Esse modelo não excluiu totalmente tipos de torcedores das arquibancadas – sejam violentos ou pobres –, como no modelo financista e segregador da Inglaterra e de muitos campeonatos europeus. Também não criou um meio de manter torcedores populares nos estádios, dando a eles um lugar confortável e digno para que, com segurança, demonstrassem suas paixões ao seu clube de coração, de fervor, de devoção. A causa é demasiadamente complexa. Mas, se, na escalação, se contasse com a ciência e um projeto público sério e comprometido de um futebol total, com arquibancadas cheias, preços justos, ambientes confortáveis, seguros e respeitáveis, transporte público em qualidade e quantidade, os capitalistas ganhariam ainda mais, os torcedores sofreriam menos e uma sociedade capaz de refletir sobre suas mazelas, seus problemas e soluções poderia ser, pelo esporte, pelo futebol, repensada.

Mas, bem possível, que justiça e capitalismo num mesmo texto, numa mesma frase e com sentidos compartilhados em comum seja tão somente o que nomeamos de falsa salsa. “A revolução virá das arquibancadas”, estendia uma faixa poética num campo qualquer. Enquanto isso, os senhores da bola arquitetam novas e velhas formas de arbítrio. E a América Latina sangra.

Referências:

Ver: https://www.clarin.com/deportes/cronologia-horror-avellaneda-paso-paso-enfrentamiento-barras-independiente-universidad-chile_0_WmkbwznFs3.html#google_vignette. Acesso em: 21 de ago. 2025.
Também: <https://www.latercera.com/el-deportivo/noticia/escandalo-y-horror-en-avellaneda-graves-incidentes-obligan-a-suspender-el-partido-entre-independiente-y-la-u/>. Acesso em: 21 de ago. 2025.

A importância da família na formação de jovens atletas

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

18 de set.

SOBRE O AUTOR:

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos é licenciada em Pedagogia e atualmente cursa o mestrado em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua como pesquisadora no Grupo de Estudos Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (FACED/UFBA) e colabora com a Linha de Pesquisa “Clubes, Formação, Carreira e Migração de Futebolistas”, do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SANTOS, Rafaela Marques Rodrigues dos. A importância da família na formação de jovens atletas. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.32, 2025.

[A importância da família na formação de jovens atletas](https://www.inctfutebol.com.br/post/a-importancia-da-familia-na-formacao-de-jovens-atletas) © 2025 by [Rafaela Marques Rodrigues dos Santos](#) is licensed under [Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International](#)

A importância da família na formação de jovens atletas

Rafaela Marques Rodrigues dos Santos (UFBA)

18 de set.

No texto a seguir, a autora discute o papel que a família das crianças em fase de formação esportiva tem no cuidado de seus direitos e experiências com o futebol.

O impacto da formação esportiva na infância deve ser encarado com responsabilidade.

Imagem: Pixnio



A família exerce um papel central na formação de jovens atletas. É, em muitos casos, no seio familiar que os primeiros sonhos ganham forma, no qual os valores de respeito, dedicação e responsabilidade começam a ser construídos. O incentivo vindo de pais e responsáveis é muitas vezes o primeiro motor que movimenta a criança em direção ao esporte. Porém, esse mesmo ambiente familiar que pode impulsionar também pode oprimir, quando não compreende a especificidade da infância e os reais sentidos do processo formativo no futebol. Formar um atleta não é apenas desenvolver técnica e tática, é, sobretudo, formar um sujeito, uma pessoa em sua integralidade. E essa formação exige tempo, cuidado, escuta, empatia e, principalmente, sensibilidade para lidar com as emoções, os erros e as descobertas que fazem parte da trajetória de qualquer criança.

Recentemente, a Federação Paulista de Futebol (FPF) anunciou uma medida que, apesar de impactante, revela o esgotamento diante de atitudes recorrentes e violentas nas arquibancadas: os jogos das categorias sub-11 e sub-12 do Campeonato Paulista, por duas rodadas, acontecerão com portões fechados, ou seja, sem a presença do público. A decisão foi tomada diante do comportamento inaceitável de muitos adultos, em especial, pais e responsáveis, que, ao invés de oferecerem apoio emocional às crianças, passaram a protagonizar cenas de descontrole, agressividade e ofensas verbais durante as partidas. A medida é dura, mas sintomática. O futebol de base tem sido contaminado por uma lógica que distorce o papel dos adultos e compromete a experiência esportiva dos pequenos atletas.

Em muitas arquibancadas do país, tornou-se comum ouvir xingamentos como “burro!”, “animal!”, “faz alguma coisa!”, direcionados a crianças que ainda estão em fase de aprendizado, experimentação e descoberta. Tais insultos, quando partem justamente daqueles que deveriam representar acolhimento e segurança, geram impactos profundos. A pressão exagerada, o medo de errar, o bloqueio emocional e a perda do prazer pelo jogo são apenas alguns dos efeitos desse comportamento. Quando a expectativa dos adultos se sobrepõe ao tempo da criança, rompe-se o espaço do brincar, que é – ou deveria ser – essencial ao esporte nessa fase. A formação de um jovem atleta deve estar atravessada pelo lúdico, pela liberdade de improvisar, pela diversão, que permite aprender com leveza. Sem isso, o futebol se transforma em mais um ambiente de exigência e frustração.

É preciso lembrar que o futebol de base não é apenas um espaço de rendimento ou vitrine para o futuro profissional. Ele é, sobretudo, um território educativo, no qual valores como solidariedade, disciplina, coletividade e respeito são tão ou mais importantes do que o resultado do jogo. É ali que as crianças aprendem a lidar com vitórias e derrotas, com conflitos e cooperação, com limites e potencialidades. Esse processo só se sustenta se houver uma rede de apoio que compreenda o que está em jogo. Pais e responsáveis precisam se reconhecer como parte ativa desse projeto educativo, não como técnicos paralelos, nem como torcedores exaltados, mas como adultos comprometidos com a saúde física e emocional de seus filhos e filhas.

Suspender o público das arquibancadas não é uma solução definitiva, mas um chamado à reflexão. É necessário que clubes, federações e projetos de base invistam na formação contínua das famílias, promovendo encontros, rodas de conversa e pactos de convivência que envolvam todos os sujeitos desse processo. Educar para o esporte também significa educar os adultos para que saibam ocupar seu lugar com responsabilidade. A presença da família deve ser incentivo, apoio, colo. Não peso, pressão ou ameaça. Criança não é produto, não é projeto de carreira, não é extensão de frustrações adultas. Criança precisa de tempo para ser criança, mesmo que esteja com a bola nos pés.

Formar atletas é, antes de tudo, formar pessoas. E isso não se faz com gritos, xingamentos ou imposições. Isso se faz com cuidado, com afeto e com respeito aos processos de crescimento. Que o futebol da infância volte a ser um território de sonho e não de medo, de construção e não de cobrança, de alegria e não de vergonha. Que os estádios, quadras e campos sejam espaços de escuta, de vínculo e de pertencimento. Porque o verdadeiro gol da formação é aquele que permite à criança continuar amando o jogo e a si mesma, enquanto aprende a jogar.

Travelog 2: sobre camisetas, pernas ocultas e clérigos xiitas

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

24 de set.

SOBRE A AUTORA:

Carmen Rial é professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É coordenadora-geral do INCT Futebol e do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. Travelog 2: sobre camisetas, pernas ocultas e clérigos xiitas. Bate-Pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.33, 2025.

Travelog 2: sobre camisetas, pernas ocultas e clérigos xiitas © 2025 by Carmen Rial is licensed under Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International

Travelog 2: sobre camisetas, pernas ocultas e clérigos xiitas

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

24 de set.

No texto abaixo, a autora relata suas descobertas em torno das relações entre o futebol, sujeitos e lugares encontrados em Istambul, na Turquia, e em Doha, no Qatar, em sua passagem recente pelas cidades.

As camisas de futebol são um produto de destaque nos mercados de Istambul. Foto: Carmen Rial



Torcedor de clube x torcedor de futebolista?

Como sabemos, a gentrificação dos estádios, transformados em arenas, e o aprofundamento da mercantilização do futebol tiveram um impacto grande nas identidades dos espectadores. Com a entrada na era neoliberal, a crescente presença do futebol no mediascape impulsionou a ascensão dos clubes globais, transformando a geografia das emoções. O público apaixonado, disposto a roer as unhas pelo time local com o qual se identifica fortemente, ainda existe, mas hoje divide espaço com um torcedor mais fleumático – interessado em selfies, Lay's e cerveja tanto quanto nos passes e chutes dos jogadores do seu time.

Poderíamos distinguir, simplificadamente, de um lado, os torcedores tradicionais, que se veem como sócios do clube – uma identidade enraizada no vínculo recíproco e inquebrantável entre torcedor e instituição – e, de outro, os consumidores, cujas lealdades são mais frágeis. Para estes últimos, a relação com o clube é relativamente mais instrumental: querem sobretudo vitórias e podem mudar de time ou acompanhar aqueles que oferecem resultados positivos.

Considero particularmente útil a classificação proposta pelo sociólogo britânico Richard Giulianotti (2002), pois ela fornece maior clareza e estrutura. O autor distingue entre:

- Supporters (torcedores): caracterizados por solidariedade densa, identidade enraizada e relações subculturais;
- Fans: cuja identidade é marcada, mas mediada pelo produto e com menor intensidade;
- Consumers (consumidores), subdivididos em Followers e Flâneurs: relações virtuais, identidade cosmopolita e solidariedade tênue.

O importante aqui é compreender que essas categorias não funcionam como caixas rígidas, mas como pontos em um continuum de identidades torcedoras. Esse continuum evidencia diferentes graus de envolvimento emocional com os clubes, que vão de laços profundamente enraizados até formas mais ocasionais, instrumentais ou mesmo estéticas de apego.

Há uma frase no artigo de Giulianotti (2002) que aponta para a possibilidade de torcedores deixarem de ser fiéis a um clube para o ser a um atleta em particular. Ele não desenvolveu a ideia, mas ela está lá, e essa é uma tendência que vejo ocorrer com cada vez maior frequência: torcedores de Messi, de Cristiano Ronaldo, de Neymar. Seguidores nas suas redes sociais – estão entre os maiores “influencers” do mundo – mas também seguidores dos clubes por onde andam pelo planeta. Pois bem, esses torcedores têm agora uma camiseta que cristaliza sua paixão, num bric-à-brac de diferentes clubes por onde rodaram, com escudos irmanados e igualizados, pois o que conta realmente é o nome do jogador. O habitus (no sentido originário de vestimenta mais do que na sua acepção maussiana ou bourdiana) revela essa tendência. Sporting, Manchester United, Real Madrid, Juventus, Al-Nassr e seleção de Portugal, ainda que tenham grandes diferenças, ocupando lugares díspares no sistema futebolístico, têm o mesmo espaço na geografia têxtil, pois o que conta mesmo é o nome Cristiano Ronaldo.



*Proximidades do Büyük Çarşı
(grande bazar) de Istambul.
Foto: Carmen Rial*

*Mercado (souk)
de Doha.
Foto: Carmen Rial*



Nadadoras invisíveis

Falo com Ayça Çapanoglu, estudante de graduação de Sociologia da Universidade Galatasaray, que me conta que fez parte da equipe nacional de natação ornamental por anos. Ela nadava com trajes de banho habituais, com maiôs comuns às nadadoras no mundo. Mas suas performances eram seguidamente censuradas na mídia turca porque expunham seus corpos. Alguns canais de TV (principalmente os de propriedade do governo) não compartilham as notícias das competições, que ficam restritas às publicações da Federação de Natação em seus sites e contas do Instagram.

Para aparecer nos jornais, me conta Ayça, elas tinham que usar calças e mangas compridas. A Turquia, como sabemos, é um país secular, mas onde os conservadores no poder estão ganhando influência em muitos setores. Quando é inevitável – por exemplo, em notícias de vitórias no vôlei ou no basquete –, alguns jornais costumam censurar partes do corpo expostas. Mas é diferente quando as equipes são estrangeiras: para elas não há censura. Após cinco anos de decepção, Ayça deixou a equipe.

O touro atingiu a seleção nacional e a censura às pernas das sultanas

*Banca de jornal em
Eminönü, bairro
central de Istambul.
Foto: Carmen Rial*



“Milliere boga carpti” (“O touro atingiu a seleção nacional”) foi uma das manchetes do jornal Sabah (Manhã) no dia seguinte à derrota da Turquia de 6 a 0 para a seleção da Espanha, jogo transmitido em cadeia aberta na TV turca e que pude assistir. Ela contrasta com outro título acima, em que se lê “Türkiye sizinle gurur duyuyor” (“A Turquia está orgulhosa de si”) e que mos-

tra uma foto das atletas vencedoras em seus uniformes, pernas à mostra – o que não é pouca coisa, pois os jornais conservadoras costumam censurar a exposição de suas pernas, como se vê no jornal FotoMaç (foto da direita), que estrategicamente coloca a manchete “Gönlümüzün Sultanları” (“As Sultanas Invencíveis”) de modo a esconder suas pernas ao saudar a vitória das mulheres da seleção turca de basquete – comumente chamadas de “sultanas”. O presidente ultraconservador merece destaque na notícia: “Başkan Erdoğan'dan tebrik” (“Parabéns do Presidente Erdoğan”). FotoMaç tem uma palavra para descrever o jogo da seleção de futebol também apocalíptica, “Facia!” (“Desastre!”), acompanhada pela imagem do seu jogador mais famoso atualmente, o Arda Güler (Real Madrid), com a mão nos olhos.

Mulheres sauditas nos estádios

Cristhian Caje e eu tínhamos acabado de apresentar um paper sobre o ativismo político no futebol, mostrando imagens do filme *The Football Aficionado* (2022), dirigido por Sharmin Mojtahedzadeh e Paliz Khoshdel. Tomado como ponto de partida para refletirmos sobre a interseção entre futebol e ativismo, o filme acompanha Zahra Khoshnawaz, uma ativista que lidera o movimento iraniano pelo acesso das mulheres aos estádios de futebol. A obra destaca as estratégias duplas empregadas pelas mulheres para enfrentar as restrições – disfarçando-se de homens para entrar nos estádios e confrontando diretamente as forças de segurança nos portões. Embora esses esforços tenham enfrentado barreiras significativas, o movimento ganhou impulso quando a FIFA interveio, desencadeando solidariedade entre torcedores homens que se recusaram a entrar nos estádios sem a presença das torcedoras. Mostramos também outras imagens, captadas no YouTube, que revelam o ativismo político de torcedoras no Irã, na Argentina e no Brasil.

Na pausa para o café, converso com uma colega antropóloga sueca com longo trabalho de campo no Egito e na Arábia Saudita. Ela elogiou a apresentação e nos contou, à guisa de nos dar novos elementos, sobre como as mulheres sauditas podem agora entrar no estádio. Me interessei particularmente por sua própria experiência indo ao estádio com amigas. “Nós sentamos em meio aos homens”, me diz, como se fosse (e é) algo excepcional. Ela conta que, nos estádios, conversam sobre o jogo: “Eles nos explicam quem é quem. Eu me vi conversando com homens que nunca tinha visto na vida!” Pergunto sobre a roupa. “Algumas com véu, outras sem, mulheres sauditas raramente tiram completamente o véu”, me esclarece. Ela mesma foi com um casaco longo, mas que era “mais uma túnica tipo hippie com jeans”. E completa generalizando a experiência: “É impressionante como o futebol atuou abrindo a sociedade. Agora, as mulheres viajam para o Egito, muitas sozinhas. Seria impensável há alguns

anos.”

No passado

Reparo com frequência nas vendas de camisetas nas ruas por onde ando, pois sinalizam bem a popularidade de jogadores e clubes. Lembro que, na primeira vez em que estive na Turquia, em 1997, as de Ronaldinho Gaúcho eram encontradas por todos os lados, ficando as de Ronaldo Fenômeno em segundo lugar, mas também recorrentes. Na visita recente que fiz, as camisetas de futebol continuam assíduas ao redor dos locais de visita turística, misturando clubes de diferentes ligas, numa salada semelhante à de alguns camelódromos brasileiros. Mas, desta vez, as de brasileiros... nem a do goleador da última edição da Champions, Raphinha, se encontrava, seja nas ruas estreitas que cercam o Grand Bazaar, seja nos arredores do Mercado Egípcio de especiarias.

Garimpando bem, entre as expostas, vi a de Neymar, que aparece ainda que de modo mais raro do que a de ídolos atuais, como Lamine Yamal, Palmer ou Mbappé. Mas as que predominam entre os brasileiros nos remetem ao passado: encontro o nome de Ronaldinho, ainda que sem a mesma frequência de anos atrás, gravado tanto nas camisetas do Barcelona quanto nas da seleção. E até uma do Pelé achei. Cacei as de Alisson e Ederson em camisetas dos seus clubes – sinal dos tempos, são as dos goleiros brasileiros as que estão colocadas à venda. Ou seja, atualmente, a contar pelas camisetas de futebol vendidas em Istambul, o Brasil é passado.

*Túnel que leva ao mercado egípcio.
Foto: Carmen Rial*



*Arredores do Büyük
Çarşı (grande bazar).
Foto: Carmen Rial*



Queer Olympix em Instambul e burnout militante

Deniz Nihan Aktan, uma estudante turca de doutorado em Antropologia terminando sua tese numa universidade em Florença, na Itália, esteve na minha conferência durante o congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, em Viana do Castelo, em Portugal, em julho passado. Disse que não entendeu nada do que falei, pois não compreende o português, mas que ficou interessada pelas imagens projetadas e, por isso, me escreveu um e-mail logo que ficou sabendo que eu iria a Istambul (“greetings and meeting request”). Ela veio assistir nossa apresentação no grupo de esportes organizado por Christian Bromberger no encontro. Conversamos à beira do mar, na cafeteria da Universidade Galatasaray, que leva o nome do bairro, as cores e o símbolo do clube de futebol, já que este foi fundado por estudantes do então liceu Galatasaray. Deniz me contou que, no norte da Turquia, há um grupo organizado de torcedoras de um clube local, que participam de várias atividades sociais, algumas envolvendo crianças, numa espécie de ativismo político – numa referência ao que havíamos apresentado.

O que entusiasmo Deniz mesmo é o Queer Olympix, que já teve nove edições e terá a sua décima no próximo ano, sendo Deniz uma das organizadoras. Ela exhibe orgulhosa a jaqueta e uma bolsa com os seus logos. Mas acrescenta: “Estou numa fase de ‘burnout militante’”, se referindo ao imenso trabalho necessário para colocar de pé a décima edição de um encontro como esse. E entendo. Finalizar uma tese já é um trabalho enorme, imagina se a isso se somar organizar eventos. O tema da sua tese é o transfeminismo, e isso me possibilitou falar do trabalho do Wagner Camargo e do Vanrochris Vieira, possíveis interlocutores no INCT Futebol. Nas suas palavras, que traduzo aqui: “Minha pesquisa é uma etnografia multissituada com foco em comunidades transfeministas de futebol ativista e amador na Turquia e na Itália. Os professores da universidade interessam-se principalmente por movimentos sociais e, em consonância com esse contexto, argumento que esse campo emergente representa um engajamento político único e inovador com o esporte, diferente tanto do fu-

*Cafeteria da
Universidade
Galatasaray.
Foto: Carmen Rial*



tebol feminino quanto do esporte LGBTQ+.” O título da tese (provisório) é “Team Beyond the pitch: prefiguration in transfeminist activist-amateur football communities in Turkey and Italy”.

Aiatolás futebolistas e o novo “muçulmanismo muscular”?

Participar de encontros de comissões da IUAES como o da Comissão de Antropologia do Meio Oriente nos coloca em contato com trabalhos acadêmicos de regiões pouco conhecidas por nós. Um dos papers mais curiosos que vi apresentado foi o da colega polonesa Magdalena Rodziewicz, intitulado “Do púlpito ao playground: clérigos xiitas iranianos em movimento”. Ele tratou da relação entre os clérigos iranianos e o seu ingresso no campo esportivo como atletas. Ela mostrou vídeos do YouTube de muitos jogando futebol e praticando outros esportes (judô, por exemplo) com o seu traje religioso e até usando o tapete da sua reza como base para push-ups, em uma completa dessacralização. Busquei os vídeos no YouTube para colocar os links, mas não tive sucesso.

No paper, ela dizia que a grande polêmica dessa inserção não estava na prática ela mesma (afinal, Mahommed foi um atleta-guerreiro), mas no uso da vestimenta de clérigo durante a prática do esporte. De fato, o uso do hábito de clérigo, a turba e a túnica, não era obrigatório, tradicionalmente. Um clérigo poderia pregar com roupas comuns. Mas tornou-se, em anos recentes, deixando seu uso controverso em espaços, digamos, menos sagrados. Uma alta autoridade eclesiástica chegou a considerar impróprio para momentos cotidianos, dando o exemplo de que um clérigo que parasse numa estrada para comer um sanduíche. Em uma circunstância assim banal, ele não deveria estar vestido com a túnica e turbante, pois o próprio traje acabou sendo visto como sagrado. Já outros discordavam e defendiam que o fato de se estar usando a roupa de clérigo em atividades esportivas popularizava a religião sem desonrar sua condição de sagrada. De fato, o seu uso teria o efeito positivo de atrair jovens homens para a religião.

Ouvindo a apresentação de Rodziewicz, fiquei pensando em alguns filmes que mostram padres de batina jogando vôlei e futebol, e como isso nunca foi controverso entre nós. E no papel importante que tiveram os jesuítas, entre as ordens e congregações católicas, a mais dedicada à educação, na disseminação do futebol. E também como os missionários protestantes entraram tarde nessa dança, só depois do movimento conhecido como “cristianismo muscular”. Estaríamos agora diante de um “muçulmanismo muscular”? Também entre os muçulmanos estaria valendo o dito que “os meninos (vejam bem, os meninos!) rezam melhor correndo do que nos templos”? Como no lema do cristianismo muscular, que resultou, entre outros, na Y.M.C.A., a Young Men’s Christian Association (Associação Cristã

de Jovens), fundada em 1844 em Londres e espalhada pelo mundo, como a materialização prática do cristianismo muscular? Sim, isso antes de Y.M.C.A. se tornar um hino gay na voz do Village People (1978)... mas isso é outra viagem.

Referências

GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football. *Journal of Sport and Social Issues*, Boston, v. 26, n. 1, p. 25-46, fev. 2002.

¹ Cristhian Cajé e eu apresentamos o paper Football as Activism: Gender, Resistance, and Solidarity na IUAES Commission on Anthropology of the Middle East, Anthropology Transforming, Middle East in the Eye of the Storm, ocorrida de 10 a 12 de setembro de 2025, em Galatasaray University, Center for Social Research (TAM).

² “From Pulpit to Playground: Iranian Shi‘i Clerics on the Move”.

Os clubes-empresas e a nova dinâmica do mercado do futebol

George Lucas Ferreira Martins (UFPE)

1 de out.

SOBRE O AUTOR:

George Lucas Ferreira Martins é graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e bolsista de iniciação científica do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

MARTINS, George Lucas Ferreira. Os clubes-empresas e a nova dinâmica do mercado do futebol. Bate-Pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.34, 2025.

Os clubes-empresas e a nova dinâmica do mercado do futebol © 2025 by George Lucas Ferreira Martins is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

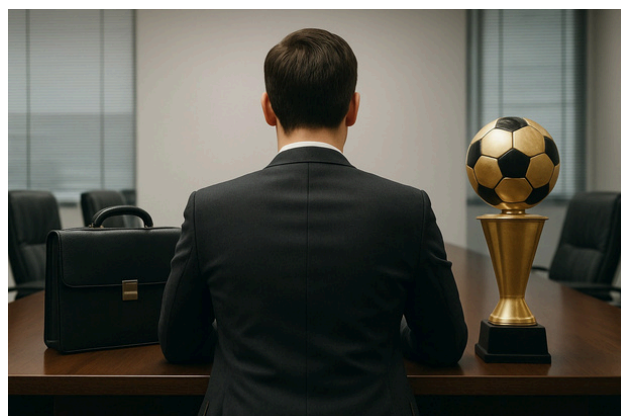
Os clubes-empresas e a nova dinâmica do mercado do futebol

George Lucas Ferreira Martins (UFPE)

1 de out.

No texto abaixo, o autor reflete sobre o novo cenário criado pela introdução das SAFs e de outras formas acionadas para orientar os clubes para lógicas empresariais no Brasil.

Os clubes-empresas são uma nova tendência no futebol brasileiro (imagem ilustrativa gerada com DALL-E)



O futebol brasileiro começa a se adaptar à sua nova realidade. Os presidentes de clubes, antes à frente de associações civis sem fins lucrativos, agora cedem espaço para CEOs e acionistas de clubes-empresas, que se estruturam para lucrar com um esporte cada vez mais tratado como negócio. De acordo com o IBESAF (Instituto Brasileiro de Estudos e Desenvolvimento da Sociedade Anônima do Futebol), já existem 117 clubes organizados como empresas, divididos entre sociedades limitadas, agremiações fundadas diretamente por empresários e sociedades anônimas do futebol que migraram do modelo associativo para o empresarial. Entre esses clubes-empresas, estão gigantes que, após se afundarem em dívidas, voltaram a competir em alto nível, como o Botafogo, atual campeão brasileiro e da Libertadores, e o Cruzeiro, que amargou três temporadas na Série B entre 2020 e 2022.

Se o projeto das SAFs já pode ser considerado como de sucesso ou não, só o tempo poderá mostrar. O que se prova é que, desde a Lei da SAF (Brasil, 2021), existe uma nova modalidade no mercado do futebol, especialmente nas divisões abaixo da Série A. Agora, é comum observar uma ascensão esportiva de clubes sem torcida perante a outros já tradicionais de massa, que se perderam diante de grandes passivos financeiros.

Ao observar as Séries B e C, por exemplo, percebe-se uma nova dinâmica: jogadores com maior nível técnico e valor de mercado têm optado por defender clubes-empresas ao invés dos tradicionais e populares, atraídos por investimentos que igualam ou até superam os dos times convencionais.

Ao observar as Séries B e C, por exemplo, percebe-se uma nova dinâmica: jogadores com maior nível técnico e valor de mercado têm optado por defender clubes-empresas ao invés dos tradicionais e populares, atraídos por investimentos que igualam ou até superam os dos times convencionais. Embora essas equipes empresariais ainda não contem com grandes torcidas, isso pode até ser visto como um ponto positivo, já que a pressão por resultados tende a ser menor, favorecendo o amadurecimento desses projetos esportivos.

Na Série B, os clubes-empresas Cuiabá (LTDA) e Grêmio Novorizontino (SAF) possuem elencos com valor de mercado superior ao de equipes tradicionais e de grande torcida, como Paysandu, Vila Nova, Avaí e CRB. Segundo o portal Transfermarkt (2025), referência na mensuração do valuation de atletas, os elencos de Cuiabá e Novorizontino estão avaliados em € 439 mil e € 419 mil, respectivamente. Além do aspecto financeiro, o desempenho esportivo recente dessas equipes também chama a atenção. O Cuiabá disputou quatro edições consecutivas da Série A entre 2021 e 2024, enquanto o Novorizontino foi o 5º colocado na Série B de 2024, ficando muito próximo do acesso à elite do futebol brasileiro.

Uma divisão abaixo, na Série C, os empreendimentos da Tombense (LTDA), São Bernardo FC (LTDA), Londrina (SAF), Botafogo-PB (SAF) e Maringá (SAF) estão no top 10 elencos mais valiosos da competição, ainda segundo o Transfermarkt (2025). Essa dinâmica aponta que esses times, de menos torcida e tradição no cenário nacional, conseguem, também na terceira divisão, apresentar performances competitivas frente equipes que estão em declínio esportivo e financeiro, como os casos de Náutico (Leal, 2025), Ponte Preta (Alves, 2024), Guarani (Futebol Interior, 2024) e Figueirense (Atanazio, 2024).

Logo, essa nova configuração de equipes que funcionam à base de investimentos estabelece uma nova tendência. Esses clubes-empresas não são diretamente dependentes de cota de televisão e receitas de bilheteria, sócio-torcedor e comercial, como a maioria (Zirpoli, 2018), embora essas receitas ajudem a equalizar a operação de seus donos. Outra constatação é que a ordem de seus investimentos deve variar de acordo com os seus resultados esportivos e financeiros.

Por fim, é notável que os clubes-empresas irão disputar cada vez mais com as agremiações tradicionais a composição de seus elencos com atletas de maior nível técnico e financeiro, a depender do contexto da divisão ou campeonato que disputam, reconfigurando assim um novo ciclo no mercado de transferências de atletas brasileiro.

Referências

ALVES, Diego. Presidente diz que Ponte deve R\$ 400 milhões e vê clube como o “Corinthians do interior”. GE, Campinas, 16 de dez. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/ponte-preta/noticia/2024/12/16/presidente-cita-r-400-milhoes-em-dividas-e-ve-ponte-como-o-corinthians-do-interior.ghtml>. Acesso em: 6 de ago. 2025.

ATANAZIO, Bruno. Da Elephant à recuperação judicial: a linha do tempo até o “Dia D” para o Figueirense. GE, Florianópolis, 11 de nov. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/futebol/times/figueirense/noticia/2024/09/11/da-elephant-a-recuperacao-judicial-a-linha-do-tempo-ate-o-dia-d-para-o-figueirense.ghtml>. Acesso em: 6 de ago. 2025.

BRASIL. Lei N° 14.193, de 6 de agosto de 2021. Estabelece normativas próprias aplicáveis a clubes de futebol, com o objetivo de resgatar tais instituições da situação de crise que atravessam, oportunizando o ingresso de novos investimentos com maior segurança jurídica. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021.

FUTEBOL INTERIOR. Relatório aponta desorganização e erros nas finanças do Guarani. Futebol Interior, 2024. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/relatorio-aponta-desorganizacao-e-erros-nas-financas-do-guarani/>. Acesso em: 6 de ago. 2025.

LEAL, Daniel. Náutico apresenta balanço com déficit financeiro pelo 14º ano; passivo chega a R\$ 256,7 milhões. GE, Recife, 1 de mai. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/nautico/noticia/2025/05/01/nautico-apresenta-balanco-com-deficit-financeiro-pelo-14o-ano-passivo-chega-a-r-256-milhoes.ghtml>. Acesso em: 6 de ago. 2025.

TRANSFERMARKT. Transfermarkt, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/campeonato-brasileiro-serie-b/startseite/wettbewerb/BRA2>. Acesso em: 6 de ago, 2025.

ZIRPOLI, Cassio. O peso das cotas de TV nos 20 clubes brasileiros de maior receita em 2017. Cassio Zirpoli, Recife, 4 de mai. 2018. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/a-participacao-das-cotas-de-tv-em-2017-nas-receitas-de-20-clubes-brasileiros/>. Acesso em: 6 de ago. de 2025.

No coração esquecido do futebol

Demétrio Marguti Coelho (UFSC)

30 de jan.

SOBRE O AUTOR:

Demétrio Marguti Coelho é estudante de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

COELHO, Demétrio Marguti. No coração esquecido do futebol. Bate-Pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.35, 2025.

No coração esquecido do futebol © 2025 by Demétrio Marguti Coelho is licensed under Creative Commons Attribution-NoDerivatives 4.0 International

No coração esquecido do futebol

Demétrio Marguti Coelho (UFSC)

30 de jan.

No texto abaixo, o autor relata uma experiência vivida durante o seu intercâmbio de um semestre em Montevidéu, no dia em que ele foi assistir a um jogo da segunda divisão do campeonato uruguaio.

Um jogo da segunda divisão do campeonato uruguaio em um dia cinzento (imagem ilustrativa gerada com IA)



Já eram quase 11h30 da manhã. Mais um domingo ia se passando de maneira lenta, num dia cinzento na cidade de Montevidéu. O movimento na rua era quase nulo. Algumas famílias voltavam da feira, outras estavam a caminho dela, e eu esperava o ônibus num ponto ao lado da minha casa. O meu destino era inusitado, se alguém tivesse que adivinhar, certamente demoraria muito tempo até acertar e, ainda por cima, teria que ser insistente. Sendo sincero, ele era pouco usual, e provavelmente a cidade me ofereceria inúmeros outros planos. Mas pouco me importava, eu estava focado no meu objetivo e tinha para mim que, para aquele domingo, a programação escolhida iria ser a correta, por mais duvidosa que pudesse parecer.

O trajeto do ônibus foi rápido, como na maioria das vezes. O ponto em que parei não era tão longe do meu destino. Eu desembarcara no Parque Batlle. O bairro é famoso na capital. Em um de seus quarteirões, dorme uma das figuras mais importantes da história uruguaia, o Estádio Centenário. Mas, naquele dia, ele não iria receber nenhum jogo. O protagonista daquele domingo ficava ao lado e se chama Estádio Parque Palermo. O jogo que ali aconteceria era válido pela sexta rodada da segunda divisão do campeonato uruguaio. O mandante Montevideo Uruguay estava no meio da tabela, e o seu rival naquele dia era o Albion, primeiro colocado na liga, que jogava para se manter no topo. Ambos os clubes já viveram o seu centenário, mas o visitante Albion é conhecido por ser o clube de futebol mais antigo do Uruguai. Sua fundação é datada no ano de 1891. Apesar da longínqua história dos dois clubes, os títulos não são frequentes em suas prateleiras. O Montevideo Uruguay é dono de 8 títulos da terceira divisão do

campeonato uruguaio e o Albion só foi conquistar o maior título de sua história em 2021, quando ganhou a segunda divisão do campeonato uruguaio e, depois de 113 anos, voltou a disputar os jogos na divisão de elite. Por mais estranheza inicial que a história desses dois clubes possa causar, ela apenas reflete a realidade do futebol uruguaio: a grande maioria dos clubes vive há anos em uma espécie de marasmo existencial.

Após esse pequeno preâmbulo para nos situarmos onde estamos, creio eu que o leitor possa ter sido afetado pelo contexto e imagino que esteja pensando que o jogo foi um show de horrores. Não o julgo, eu também fui ao estádio com uma expectativa baixíssima. O ambiente em torno do Parque Palermo não dava nenhuma pinta de que ali iria ser disputada uma partida. Apenas um carro de polícia estava parado na frente do estádio, com dois policiais fora dele, calmos, observando a situação. A entrada estava sendo controlada por duas pessoas que liam o QR Code dos ingressos e permitiam o acesso. Na parte de dentro, tudo era silencioso. 15 minutos antes de o jogo começar, deveria haver apenas umas 100 pessoas ocupando as arquibancadas, e esse número deve ter aumentado para 120 até o apito inicial. O único banheiro do estádio estava caindo aos pedaços, não tinha luz, a tampa da privada estava quebrada e a torneira não saía água. Nas tribunas, estavam acontecendo duas transmissões, uma de rádio e outra para o canal da Asociación Uruguay de Fútbol (AUF TV). Essa segunda era mais profissional. Tinham posicionado uma câmara numa estrutura metálica de uns 2 metros de altura completamente enferrujada e contavam com uma repórter de campo, que parecia ser amiga íntima dos dois “seguranças” que ficavam à beira do campo, somados ao narrador e ao comentarista. Por incrível que pareça, o jogo estava sendo cotado nas casas de apostas, e o homem que atualizava os lances em tempo real para as famosas bets estava sentado duas fileiras acima de mim. A torcida do time da casa estava em maior número, contava com umas 90 pessoas, chutando para cima, e, ao que me parecia, a grande maioria era de familiares dos jo-

*O que parecia ser uma
experiência morna se
mostrou uma rica
oportunidade de
observação. Imagem:
Demétrio Marguti Coelho*



gadores. Já na visitante, deveria haver cerca de 35 pessoas, a grande maioria também familiares. Pouca gente vestia as cores do time da casa, lembro-me apenas de um senhor, figura central do espetáculo, que usava um gorro e um casaco do Montevideo Uruguay, provavelmente trabalhador do clube. Os famosos trapos, comuns nos estádios da América do Sul, eram discretos, apenas uns 4 ou 5 pendurados na grade.

O primeiro tempo estava prometendo tudo o que o jogo poderia entregar: absolutamente nada. Até os 34 minutos, quando tudo mudou. Um zagueiro do Albion fez um lançamento despretenso ao campo de ataque. Para tentar cortar o passe, o goleiro do Montevideo Uruguay saiu loucamente da área, mas, em vez de chutar a bola, ele acertou em cheio o peito do atacante do time adversário que vinha em disparada. A infração resultou na expulsão do goleiro, em uma substituição por lesão para o time do Albion e em uma torcida visitante ensandecida, tentando invadir o campo para bater no goleiro expulso. Para evitar o linchamento, o goleiro correu para a arquibancada onde estavam os torcedores da casa e, por ali, ficou até o final do primeiro tempo. O intervalo do jogo foi um capítulo à parte. Já eram quase 13h30 da tarde, eu mal tinha comido antes de sair de casa e esperava que no estádio fosse encontrar algo para disfarçar a minha fome. Errado. O único ambulante que eu vi vendia apenas água e, com uns 30 minutos do primeiro tempo, ele sumiu. Intrigado com a situação, levantei-me de onde estava sentado e fui para a parte de trás do estádio. Por lá também não encontrei nada. Minha última cartada foi perguntar a uma mulher que estava na porta de entrada do estádio se ali dentro havia algo para comer. Ela me disse que não, mas que eu poderia sair, atravessar a esquina e ir ao mercadinho que ficava a uns 300 metros dali. Juro que, depois dessa resposta, a sensação que me veio instantaneamente foi de incredulidade. Eu sentia que estava em um jogo do campeonato municipal da minha cidade, que é minúscula, onde o prêmio para o campeão é uma caixa de cerveja.

Após toda essa pequena grande epopeia vivida para conseguir uma garrafa de água e um pacote de amendoim, voltei para o estádio, sem que ninguém conferisse novamente o meu ingresso, para contemplar o segundo tempo. A inferioridade numérica e técnica dos mandantes ficou nítida logo nos primeiros minutos. Com 13 minutos, o Albion abriu o placar e, a partir daí, apenas administrou o jogo. Aos 31, fez mais um e, no final, sacramentou a partida com um tranquilo 3x0. O time da casa parecia extremamente apático diante da situação, mas ninguém ao meu redor xingava, insultava ou cobrava os jogadores. Eu entendo a torcida: afinal, se um familiar meu estivesse jogando uma partida domingo de manhã, perdendo para um time nitidamente melhor e, ainda por cima, sendo pouco remunerado pelo ofício, eu também não teceria nenhum comentário crítico. O único que parecia estar com os ânimos um pouco mais à flor da

pele era o senhor com o gorro do Montevideo Uruguay. Ele fez a caveira do juiz e de seus assistentes durante todo o jogo e deferia os mais diferentes e criativos xingamentos contra o camisa 7 do Albion quando ele pegava na bola. Suspeito que eles tiveram rugas num passado nem tão distante. Sem as sacadas geniais desse senhor, confesso que teria sido difícil me manter focado em uma partida pouco privilegiada tecnicamente.

O apito final soou como um alívio para o time da casa, para a torcida do time da casa, para o time visitante, que não tinha nada mais a fazer no jogo além de ficar tocando para o lado, para a torcida do time visitante, que iria provavelmente para algum lugar comemorar a vitória comendo um bom asado, para o senhor de gorro, que já tinha perdido as forças para xingar, para a equipe de transmissão, que deveria ter mais o que fazer naquele domingo, menos para mim. Eu queria que o acréscimo que o juiz deu tivesse sido um pouco maior, para que eu pudesse desfrutar um pouquinho mais daquela experiência magnífica. Nenhum outro domingo de manhã vai ser igual a esse, por mais que eu possa ir a milhares de jogos da segunda divisão do campeonato uruguaio. As impressões que eu possa ter jamais se igualarão ao que foi naquele dia. Parecia que eu era um recém-nascido que olhava para um objeto pela primeira vez e ficava tentando entender o que era aquilo que aparecera na minha mirada.

Muitos daqueles jogadores jamais jogaram na elite de seu país, muitos deles conciliam o esporte com outro trabalho. E é justamente nesse contraste que reside a beleza do futebol. A grandeza não está apenas nos palcos mais iluminados, mas também nesses cenários modestos, onde o esforço é movido mais pela paixão do que pela recompensa. Assistir a uma partida como aquela me fez perceber que, longe dos holofotes, o futebol continua a cumprir o seu papel mais essencial, reunindo pessoas, contando histórias e dando sentido a um simples domingo cinzento em Montevideú.

Por que falar sobre futebol na escola?

Jovane Gonçalves dos Santos (UFSC)

21 de out.

SOBRE O AUTOR:

Jovane Gonçalves dos Santos é doutorando em Ciências Humanas pelo PPGICH/UFSC. Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Mestre em Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa Margens – Modos de Vida, Família e Relações de Gênero. Autor do livro Homens, bichos e diabos.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

SANTOS, Jovane Gonçalves dos. Por que falar sobre futebol na escola? Bate-Pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, v. 2, n.36, 2025.

Por que falar sobre futebol na escola? © 2025 by Jovane Gonçalves dos Santos is licensed under Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Por que falar sobre futebol na escola?

Jovane Gonçalves dos Santos (UFSC)

21 de out.

No texto abaixo, o autor apresenta alguns motivos que justificam a inclusão do futebol no currículo escolar para além da prática esportiva nas aulas de Educação Física.

O futebol pode ser usado como ferramenta para crianças e adolescentes refletirem sobre a sociedade (imagem ilustrativa feita com Gemini)



O futebol precisa ser incorporado às discussões escolares para além da disciplina de Educação Física. Não só porque interessa e está nos sonhos de boa parte dos alunos e alunas (embora esse seja um bom motivo), não apenas porque suscita debates acerca de questões sociais urgentes (e isso é fundamental), mas principalmente, porque sua transversalização no currículo pode ajudar a diminuir a existência de futebolistas bárbaros, disfarçados de “meninos”.

Embora criado na Inglaterra, o futebol entranhou-se na cultura brasileira que, orquestrando-o à sua maneira, fez dele uma paixão e um símbolo nacional. No Brasil, nos falam Da Conceição, Bassani e Grossi (2017), “tudo pode virar uma bola imaginária, que alimenta sonhos entre o jogo e o esporte” (p. 118). Sonhos, principalmente, de crianças e adolescentes que almejam tornar-se futebolistas. Muitas conhecem da profissão apenas a fama, o luxo, a “ostentação”. É o que as mídias evidenciam. Não sabem do outro lado, “escondido” nos textos acadêmicos. Não sabem dos alambrados que se enfrenta até a consolidação da carreira, como evidenciam Da Conceição e Vaz (2020). Não imaginam os desafios que a dupla carreira impõe, como asseveram os estudos analisados por Wanzeler, Carneiro e Costa (2023). Não são informados sobre os rumos dos jogadores que “quase, mas não chegaram lá” (Souza et al, 2008), sobre às dificuldades que o “rodar” implicam àqueles que chegaram (Rial, 2008) e ignoram que, no Brasil, como apontaram Da Conceição e Vaz (2020), 85% dos jogadores profissionais seguem suas trajetórias no esporte com contratos precários,

ganhando até 2 salários mínimos. Se os adolescentes brasileiros soubessem disso, talvez seguissem com as mesmas aspirações – os sonhos não fazem cálculos para nos habitemos (ainda bem!) –, todavia, sonhariam com os pés na bola e no chão, melhor informados acerca do lugar que anseiam.

Falar de futebol com estudantes da educação básica é, portanto, pautar o que muitos deles/delas gostam, admiram e esperam para suas vidas profissionais. É discutir com eles/elas os mitos e desafios que pairam sobre a profissão de jogar. Há algo mais freiriano do que lecionar a partir daquilo que os/as alunos/alunas sonham?

Falar sobre futebol também possibilita discutir, na escola, questões sociais extremamente urgentes em nosso tempo: gênero, classe, raça... temas considerados espinhosos na vida docente e diante dos quais muitos professores talvez se perguntem: por onde começo? O futebol pode ser uma resposta a essa questão e um caminho especialmente interessante.

Se o tema a se tratar na escola é “gênero”, torna-se imperioso discutir “o gênero da bola” como faz Mariane Pisani (2018), compreendendo que a valorização do futebol masculino (que chega a pagar milhões a um jogador) em detrimento do feminino (que segue invisibilizado) não data de ontem. Tem raízes históricas, descortinadas por Carmen Rial e Caroline Soares de Almeida (2024). Em 1941, as mulheres foram proibidas por lei de jogarem futebol no Brasil. Alegava-se que esse esporte poderia prejudicar as funções maternas do corpo feminino. Por mais perspicaz que fossem as crônicas em defesa do direito da prática esportiva por mulheres, publicadas no jornal por Cléo de Galsan; por mais corajosa que fosse Carlota Alves Resende (presa por tentar levar jogadoras brasileiras para uma competição na Argentina), a lei se manteve em vigor até 1979. Por trás dela, nenhuma preocupação real com a maternidade feminina, mas, tão somente, com a manutenção da dominação masculina. Ainda hoje, em que pese toda a luta das mulheres, não faltam homens que esperneiam quando as “senhoritas” jogam ou arbitram uma partida. O caso de Ramón Díaz, analisado por Carmen Rial e Miriam Grossi (2024), é só mais um exemplo de como os homens agem quando “o espectro” do feminino ronda o futebol. Discutir esses episódios na escola pode ajudar, inclusive, a compreender por que, em geral, os meninos ocupam o centro das quadras esportivas enquanto as meninas ficam na beira delas (Auad, 2006).

Se o tema a se tratar na escola for a comunidade LGBTQ+, então o futebol também pode ser uma excelente porta. Os estudos de Pinto e Almeida (2023), Vieira (2025) e Yamamoto (2024), ao analisarem as experiências vivenciadas no futebol por homens trans, gays e lésbicas, respectivamente, dão visibilidade à organização desses coletivos não só como times, mas como redes de socialização, resistência e encorajamento. Trabalhar essas

etnografias com adolescentes pode ser muito inspirador, principalmente aos alunos e alunas afastadas do futebol apenas por não corresponderem ao gênero considerado ideal para o domínio da bola.

Se o conteúdo é classe social, é muito oportuno falar sobre a histórica utilização do futebol pelas fábricas, como possível estratégia para a domesticação dos corpos e possível criação do senso de grupo, de “família” perfeitamente alinhada à empresa (Rosenfeld, 1973). Oportuno, também, refletir sobre os recentes processos de “gourmetização” ou “pasteurização do torcer” nos estádios, escondidos sob a alegação de pacificação das torcidas (Saldanha et al., 2023). Uma nítida tentativa de afastar os pobres das plateias futebolísticas.

Se a pauta da escola for o racismo, bem, aí o futebol não pode ficar de fora da discussão. É um dos espaços em que a democracia racial se renova, mas também se despedaça. A branquitude vibra e aplaude o jogador negro, mas, findada a festa, os demais negros, tão retintos quanto o jogador aplaudido, seguem em seus lugares de subserviência. O futebol está para o homem negro da mesma forma que o carnaval está para a mulher negra: entre a mulata e a doméstica é sempre a mesma mucama, como evidenciou Lélia Gonzalez (1984). O ídolo do branco é um jogador preto, seu empregado explorado também!

Ao mesmo tempo em que reafirma a convivência harmônica entre os “miscigenados”, o futebol também é uma arena onde os crimes de racismo são escancarados: bananas são jogadas no campo, jogadores xingados de macacos e por aí vai... Antonio Jorge Gonçalves Soares (2024) nos dá uma pista para compreendermos a persistência dessas violências: mais do que uma sociedade que se divide em classes, vivemos num tempo em que as pessoas se pensam em castas. O negro, mesmo que estude, jogue bola, ganhe dinheiro, use cordão de ouro... é portador de uma marca indelével. Segue sendo negro e, portanto, segue no andar de baixo. A escola, se busca formar alunos críticos capazes de analisar e refutar suas realidades, precisa falar sobre isso.

Por fim, falar sobre futebol na escola é fundamental para a diminuição da barbárie. Theodor Adorno (1995), em seu texto *Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar*, associa à escola a função de “desbarbarizar” o sujeito e a sociedade. Por barbárie, Adorno compreende desde o culto extremo a determinadas figuras até a violência e desumanização do outro. Ora, os grandes clubes de futebol estão cheios de bárbaros. Jogadores que divulgam jogos de azar, fazem propaganda para a privatização do litoral brasileiro, defendem políticas genocidas, apoiam candidatos da extrema-direita, negam a importância das ciências e dos estudos, estupram e matam mulheres, defendem estupradores e feminicidas... ídolos do futebol, extre-

mamente admirados por crianças e adolescentes. Neymar, carinhosamente chamado de “Menino”, é um exemplo dessa atrocidade (Rial, 2024).

O grande problema é que essas figuras inspiram os alunos, tanto aqueles que pretendem tornar-se futebolistas (que desde cedo na escola já reproduzem a estética e os comportamentos observados nos jogadores famosos, como destacaram Klein e Bassani (2025) quanto os demais, que seguem vendo nessas pessoas modelos de masculinidades e de sucesso. Ídolos perversos, com baixa escolaridade, negacionistas, defensores de ideologias que, na arena política, atuam contra as classes mais pobres de onde, a maioria deles, são oriundos (Rial, 2008).

Alba Zaluar (2004), nos anos de 1980, percebeu que, enquanto os jornais estampavam a figura dos traficantes procurados pela polícia, crescia, nas crianças e adolescentes das comunidades, a idolatria a esses sujeitos cercados pela fama e por um ethos de hipermasculinidade. Seus comportamentos tendiam a ser reproduzidos por elas na busca por alcançar a mesma posição social. Movimento análogo se dá agora em relação aos jogadores de futebol. Seus rostos, suas falas, suas farras, seus bens de consumo são divulgados em jornais, curtidos e compartilhados. Eles não carregam o rótulo de delinquentes, mas não deixam de ser violentos. Uma violência que se expressa no modo como se relacionam com mulheres, com a política, com a escola, com o outro, afinal. Suas posturas são balizas para alunos e alunas que buscam alcançar o mesmo status.

O comportamento desses ídolos do futebol precisa ser analisado na escola, discutido, desconstruído, repudiado. Não só como forma para diminuir a admiração tola pela violência, mas também como medida para que os futuros jogadores de futebol (hoje alunos da educação básica) tenham mais consciência crítica e não reproduzam a barbárie.

Renato Francisco Rodrigues (2025) adverte que o futebol não pode ser visto como separado da vida de uma sociedade. Ele faz parte dela e, em alguma medida, é seu espelho. Bem por isso é preciso incorporar esse tema ao currículo. Se a escola não falar sobre futebol e seguir calada frente a comportamentos execráveis assumidos por alguns futebolistas, meninas e meninos seguirão bárbaros e certos bárbaros seguirão “meninos”, como se fossem dignos desse carinho que nunca deveriam ter recebido.

Referências

- ADORNO, W. Theodor. Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar. In: ADORNO, T. Palavras e sinais: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 83-103.
- AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.
- DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado; BASSANI, Jaison José; GROSSI, Miriam Pilar. Com a bola no pé e o lápis na mão: o estudante-atleta em formação no futebol. In: Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina. WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam;
- GRAUPE, Mareli E. (Orgs.). Florianópolis: Mulheres, 2017. p. 117-137.
- DA CONCEIÇÃO, Daniel Machado, VAZ, Alexandre Fernandes. A concomitância entre estudar e jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de jogadores de futebol em formação. CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. n. 31, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- KLEIN, Lucas B., BASSANI, Jaison J. Sobre a presença de jovens atletas na escola: foco nas aulas de educação física. Cenas Educacionais, v.8, n.17, 2025.
- PINTO, Mauricio Rodrigues; ALMEIDA, Heloisa Buarque de. “Resistir para existir”: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol. Revista Entrerios, v. 5, n. 2, p. 7-35, 2023.
- PISANI, Mariane. Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Tese), Universidade de São Paulo, 2018.
- RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.
- RIAL, Carmen. O caribe do “menino Neymar” e os marinheiros russos. Bate-Pronto, Florianópolis, v. 1, n. 10, 2024.
- RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares de. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. Revista ALCEU, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. À Daiane Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver. Bate-Pronto, Florianópolis, v. 1, n. 5, 2024.

RODRIGUES, Renato Francisco. Migração de atletas: desigualdade social e oportunidades de construção de carreira. Aula ministrada na disciplina “Estudos Socioculturais do Futebol”. INCT Futebol, Florianópolis, 2025.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. Revista Argumento, v. 1, n. 4, p. 61-85, 1973.

SALDANHA, Renato. et al. Torcidas organizadas, movimentos e coletivos. A atualidade das arquibancadas brasileiras a partir do olhar de torcedores e torcedoras. In.: SILVA; ANJOS; DANTAS; SALDANHA (Orgs.) Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Racismo no futebol: Vinícius Jr., classe e casta na sociedade moderna. Revista Contemporânea, n. 11, 2024.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, dez. 2008.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. O que pensam as bichas e os manos: acontecimento, reflexividade e futebol LGBTQIAPN+. In: VASQUES, Daniel Giordani (Org.). Futebóis LGBTQIAPN+ em Campo. Porto Alegre: GESOE, 2025.

WANZELER, Felipe Saul da Costa; CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; COSTA, Felipe Rodrigues da. Facilitadores e barreiras para a dupla carreira do estudante atleta de elite: uma revisão integrativa. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, n. 45. 2023.

YAMAMOTO, Débora Cajé. Entre treinadoras e atletas: sexualidade e geração em times de formação no futebol praticado por mulheres. Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

ZALUAR, Alba. Hipermasculinidade leva jovens ao mundo do crime. Entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo. 12 de jul. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1207200423.htm>. Acesso em: 31 de jul. 2025.

Entre el “aggro” y el “aguante”: violencia, fútbol y medios de comunicación

Santiago Riera Sellanes (ISEF)

Alvaro Levin Olivera (ISEF)

10 de nov.

SOBRE OS AUTORES:

Santiago Riera Sellanes é licenciado em Educação Física (ISEF/Udelar) e mestrando do Programa de Maestría en Educación Física (ProMEF/ISEF). Tem especialização em Gestão de Instituições Educativas (Flacso Argentina). É docente efetivo da Dirección General de Educación Inicial y Primaria, no Programa Campamentos y Colonias Escolares.

Alvaro Levin Olivera é licenciado em Educação Física (ISEF/Udelar) e mestre em Informação e Comunicação (FIC/Udelar). Tem especialização em Comunicação Digital (UNLP) e é doutorando em Comunicação (UNLP). É docente do ISEF e integrante do Grupo Estudios Sociales y Culturales del Deporte.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIERA SELLANES, Santiago; LEVIN OLIVERA, Alvaro. Entre el “aggro” y el “aguante”: violencia, fútbol y medios de comunicación. Blog Bate-Pronto, INCT Futebol. Florianópolis, v. 2, n.37, 2025.

Entre el “aggro” y el “aguante”: violencia, fútbol y medios de comunicación
© 2025 by Santiago Riera Sellanes e Alvaro Levin Olivera is licensed under
CC BY-NC 4.0

Entre el “aggro” y el “aguante”: violencia, fútbol y medios de comunicación

Santiago Riera Sellanes (ISEF)

Alvaro Levin Olivera (ISEF)

10 de nov.

No texto a seguir, os autores discuten as oríxenes e as dinámicas da violencia no fútbol, apuntando, tamén, o papel exercido pola mídia nesse proceso.

*Para alguns torcedores, a
violência é parte integrante
do futebol. Foto: Gastón
Britos/FocoUy*



El presente artículo se propone analizar un fenómeno que, desde hace varias décadas, se ha vuelto recurrente en distintos escenarios del fútbol: la violencia vinculada a este deporte. Países como Uruguay y Argentina no escapan a esta realidad, tanto en ligas locales como en competencias internacionales que involucran a clubes, configurando una trama compleja en la que intervienen múltiples actores. Simon Kuper, en su libro Fútbol contra el enemigo (2012), afirma que “cuando un juego moviliza a miles de millones de personas, deja de ser un mero juego” (p. 27). Esta afirmación pone de manifiesto que el fútbol desborda lo estrictamente deportivo, funcionando como un espacio atravesado por dinámicas sociales, culturales, políticas y afectivas mucho más amplias (Archetti, 1984).

Para reflexionar sobre esta problemática, se recurrirá a un enfoque sociológico que vincula el surgimiento y desarrollo del deporte moderno con expresiones actuales de violencia en el fútbol. Retomando los aportes de Norbert Elias y Eric Dunning, se abordará el vínculo histórico entre deporte y violencia, desde los juegos de la Antigua Grecia hasta la configuración de prácticas como el aggro inglés y el “aguante” rioplatense. En este recorrido, los hinchas violentos aparecen como actores clave que

encuentran en la confrontación un modo de construir identidad, prestigio y pertenencia. Finalmente, se incorporará el papel de los medios de comunicación, que con frecuencia priorizan en su agenda los hechos violentos por encima de lo deportivo, contribuyendo a consolidar y visibilizar el fenómeno.

Breve rastreo de la violencia en el deporte

Norbert Elias, en *La génesis del deporte como problema sociológico* (1996), nos brinda un interesante recorrido por el origen de los deportes, indicando que gran parte de los que se practican hoy en día tienen su origen en Inglaterra. El término Sport inglés fue adoptado rápidamente por otros países para designar una serie de pasatiempos. Los primeros en ser adoptados por otros fueron “las carreras de caballos, el boxeo, la caza y pasatiempos similares”, para luego emigrar recién en la segunda mitad del siglo XIX “el fútbol, el tenis y el deporte en general” (p. 160). Estos pasatiempos obedecían a manifestaciones culturales, algunas de índole de esparcimiento y uso del tiempo libre, otras relativas a diferentes conmemoraciones de las diferentes sociedades industrializadas, pero, como señala el mismo Elias, no son las sociedades contemporáneas las primeras en disfrutar de los deportes, recordando a los antiguos griegos y sus grandes juegos. En referencia a aquellos juegos, nos indica que diferían sustancialmente de los deportes modernos, sobre todo por su “nivel superior de violencia física” (p.165).

Los antiguos griegos aceptaban niveles de violencia física considerablemente más altos que los permitidos por las reglas de los deportes modernos. Un ejemplo de ello son los Juegos Olímpicos, que se celebraron durante más de mil años. Si bien es probable que los grados de violencia hayan variado a lo largo del tiempo, es indudable que, en la Antigüedad, la sensibilidad frente a los daños físicos, e incluso la muerte de un competidor, era mucho menor que la que toleramos en la actualidad. La derrota o la victoria estaba en manos de los dioses, pero lo vergonzoso era la rendición sin haber mostrado valentía y resistir hasta las últimas consecuencias, por esto, “el boxeador que moría en un combate olímpico era coronado vencedor para gloria de su clan y su ciudad (...) al sobreviviente, el asesino, no se lo castigaba ni estigmatizaba” (p. 171). El nivel de interdependencia entre la guerra y los juegos deportivos eran un eslabón difícil de obviar para entender los alcances que la vida y la muerte tenían en aquellos años, estos elementos organizaban la sociedad de una manera claramente muy diferente a los criterios modernos de organización social.

La violencia entre los ¿hinchas?

En el ensayo escrito por Dunning, Murphy y Williams, titulado *La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: hacia una explicación sociológica* (1996), los autores hacen referencia al comportamiento de los llamados “hooligans” refiriéndose al aficionado violento británico, entendiendo que sus formas de comportamiento son “complejas y variadas” (p. 280). En este sentido, los autores adelantan una premisa clave al inicio del mencionado capítulo: “Los que constantemente incurren en acciones desmesuradamente violentas dentro del contexto del fútbol, ven la lucha y la conducta agresiva como parte integral del hecho de ir al partido” (p. 281).

En la siguiente cita dan cuenta de un testimonio elocuente de un hincha en el año 1974:

Yo voy a los partidos por una sola razón: el aggro. Es una obsesión, no puedo dejarlo. Disfruto tanto cuando estoy en ello que casi me meo de gusto en los pantalones... Buscándolo, recorro todo el país... Todos los días, por la noche, damos vueltas por la ciudad buscando camorra. Antes de los partidos vamos como si nada, con pinta respetable... luego, cuando vemos a alguien con aspecto de enemigo, le preguntamos la hora; si responde con acento extranjero, le damos una paliza; y si lleva dinero encima, se lo quitamos, además. (p. 296)

Testimonios como el de aquel joven inglés podrían encontrarse en numerosas canchas de fútbol en ambos lados del Río de la Plata. Con distintas palabras, pero con un trasfondo similar, lo expresado por el hooligan refleja una actitud compartida por un sector de aficionados que, cada fin de semana, asiste al fútbol entendiendo los disturbios y las peleas como parte inherente del espectáculo. A pesar de ciertas diferencias, los métodos para generar el “aggro” presentan notables similitudes a lo largo del tiempo y entre regiones, tanto en Europa como en Latinoamérica: enfrentamientos cuerpo a cuerpo, lanzamiento de proyectiles, corridas, uso de armas blancas o de fuego, robo de banderas y cánticos cargados de odio y connotaciones machistas que buscan desmasculinizar al rival. Estas expresiones violentas, tanto dentro como fuera de los estadios, forman parte del repertorio de ciertos grupos de hinchas frente a sus “enemigos” buscando demostrar quién “aguanta más”.

En el Río de la Plata, Pablo Alabarces da cuenta de lo que implica “aguantar”:

Aguantar es poner el cuerpo [...] Puede ser alentado incesantemente, yendo de la cancha de local o visitante, soportando las incomodidades más absurdas, aguantando – he aquí su uso inocente – la lluvia, el frío, el

calor. En todos los casos, el cuerpo aparece como protagonista. No se aguanta si no aparece el cuerpo soportando un daño, sean golpes, heridas o, más simplemente, condiciones indeseables como afonías, resfríos, insolaciones, etc. (2012, p.72)

Una dimensión relevante del fenómeno se ubica en los orígenes sociales de los hinchas. Desde la mirada inglesa, Dunning et al. sostienen que “el fenómeno se concentra casi exclusivamente en el ámbito de la clase obrera baja” (1996, p. 289). Esta afirmación encuentra eco en América Latina. Por ejemplo, el sociólogo colombiano Germán Gómez Eslava (2011) señala que, en el contexto del fútbol, “los procesos que contribuyen a la violencia están asociados a procesos de exclusión social, cultural y política a los que se ven sometidos los jóvenes urbanos” (p. 60). En relación con el Río de la Plata, para Cabrera (2023), esta realidad tiene raíces históricas: desde la primera década del siglo XX, el deporte fue adoptado por los sectores populares a través de asociaciones civiles, por fuera del Estado. Esta apropiación facilitó su rápida masificación, haciendo que las clases medias y trabajadoras, mayoritariamente varones, se convirtieran en actores fundamentales del espectáculo. Una de las críticas que se le hace a esta mirada es que minimiza la incidencia de las comunidades inglesas, así como de los clubes fundados por universitarios a fines del siglo XIX.

Cuando la violencia es la noticia: medios y consolidación del fenómeno

El discurso de los medios de comunicación, en tanto constructor de sentido social, permite identificar diferentes actores que aportan miradas sobre la violencia en el fútbol. A su vez, de forma general, se pueden establecer dos categorías: a) los discursos que provienen del ámbito académico, y b) los que se producen en las dirigencias deportivas y en los propios medios de comunicación (Bayce; Mora, 2016). En relación con los medios de comunicación, Javier Szlifman (2011) sostiene que, desde sus orígenes, estos otorgaron una gran relevancia al fútbol moderno, al punto de que ambos fenómenos – fútbol y medios – han evolucionado de manera interrelacionada. La agenda mediática incorporó los acontecimientos futbolísticos como parte habitual del panorama informativo, destacando especialmente los incidentes ocurridos en los estadios. La evolución de la cobertura mediática en general, así como respecto a la violencia en espectáculos deportivos en particular, se ha ido ampliando y diversificando, al punto tal de que podemos contabilizar más noticias que destacan los hechos violentos que aquellas que abordan lo meramente deportivo.

El pasado 6 de julio de 2025, en la final por el torneo intermedio del campeonato uruguayo de fútbol de primera división, los equipos de Nacional y Peñarol disputaron el partido en el Estadio Centenario de Montevideo. Con las hinchadas divididas en diferentes sectores, desde la

tribuna Colombes, donde se encontraba la parcialidad de Nacional, se lanzó una bengala náutica que cayó en el sector de medios de comunicación, hiriendo a un funcionario de vigilancia del estadio. El mismo tuvo que ser internado y operado de forma urgente. Ambos equipos fueron sujetos a sanciones deportivas: en el caso de Nacional, pérdida de tres puntos en el próximo torneo y cuatro fechas sin poder tener público como local, mientras que a Peñarol le aplicaron la sanción de cuatro fechas sin público como local.

Ante este desenlace, la agenda mediática deportiva se vio sacudida por una amplia cobertura sobre las declaraciones de dirigentes deportivos, indignados por las sanciones aplicadas.

Analizando las noticias publicadas por los medios digitales Montevideo Portal y Ovación, entre el 6 y 11 de julio del 2025, se registraron un total de 55 noticias entre ambos medios vinculadas a la final futbolística, de las cuales el 30% (16 noticias) se dedicaron específicamente a lo deportivo mientras que el 70% (39) se abocaron a las repercusiones del fenómeno de violencia, así como sus repercusiones tanto a nivel gubernamental, organizativo y dirigencial. Distribuidos por lo que publicó cada medio, se especifican de la siguiente forma:

Medio	Noticias sobre hecho deportivo	Noticias sobre hecho de violencia
Montevideo Portal	6	17
Ovación	10	22

Comentarios finales

La violencia en el deporte tiene una larga trayectoria; en cierto sentido, podría decirse que forma parte intrínseca de su práctica, más allá de los reglamentos que buscan contenerla. Como señalan Elías y Dunning, desde los antiguos griegos hasta la modernidad, han existido manifestaciones violentas vinculadas a las actividades deportivas, siendo el fútbol uno de los principales escenarios de esta dinámica. Esta perspectiva histórica permite comprender que la violencia no aparece como una anomalía en el deporte, sino como un componente que adopta diferentes formas según los contextos sociales y culturales.

En el caso del fútbol contemporáneo, esta dimensión se expresa en fenómenos como el “aggro” inglés y el “aguante” rioplatense, donde los hinchas violentos construyen su identidad en torno a la resistencia y la pertenencia grupal, y donde el honor y la demostración de fuerza funcionan

como capitales simbólicos. Al mismo tiempo, los procesos de exclusión social y la apropiación histórica del fútbol por parte de sectores populares configuran un terreno fértil para que la violencia se convierta en un modo de obtener reconocimiento y prestigio en un espacio masivo. En este proceso, los medios de comunicación han desempeñado un rol clave, centrando especialmente su atención en los hechos violentos.

La cobertura de la final entre Nacional y Peñarol del mes de julio, permite observar con claridad este fenómeno. Los medios de comunicación priorizaron la violencia por sobre el aspecto deportivo: más allá del partido en sí, el foco informativo se desplazó hacia los incidentes ocurridos, las sanciones aplicadas y las reacciones que despertaron en distintos actores del ámbito futbolístico. De esta manera, el juego quedó en un segundo plano frente a una narrativa en la que los hechos violentos se convierten en el principal criterio de selección y jerarquización de las noticias.

Para finalizar, cabe preguntarse en qué medida la cobertura mediática contribuye a que los hechos violentos se reproduzcan una y otra vez. ¿Sería posible limitar la centralidad de estas noticias en la agenda informativa sin atentar contra la libertad de expresión, o el precio de invisibilizarlas sería aún más problemático?

Referências

ARCHETTI, E. Fútbol y ethos. Buenos Aires: Flacso, 1984.

BAYCE, R.; MORA, B. Violencia en el deporte: discursos, debates y políticas en Uruguay. Montevideo: Universidad de la República, 2016.

CABRERA, N. Las “barras bravas” argentinas: entre el problema social y el problema sociológico. In: SILVA, S. R. et al. (Orgs.). Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores: um panorama nos dias atuais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023. p. 21-46.

DUNNING, E; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: hacia una explicación sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). Deporte y ocio en el proceso de la civilización. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 280-302.

ELIAS, N. La génesis del deporte como problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). Deporte y ocio en el proceso de la civilización. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 159-181.

GÓMEZ ESLAVA, G. E. Las barras bravas: un acercamiento sociológico a un fenómeno urbano. *Lúdica Pedagógica*, v. 2, n. 16, p. 56-61, 2011.

KUPER, S. Fútbol contra el enemigo. Barcelona, Contraediciones, 2012.

SZLIFMAN, J. Los medios de comunicación y las representaciones de la violencia deportiva argentina. *Question/Cuestión*, v. 1, n. 31, 2011.

Mapeamento e análise de publicações sobre racismo no futebol veiculadas no Instagram

Lucas Carvalho Silva de Jesus (UFS/INCT Futebol)

Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

18 de nov.

SOBRE OS AUTORES:

Lucas Carvalho Silva de Jesus é mestrando em Educação (PPGED-UFS). Licenciado em Educação Física (2024) pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física (DEF/CCBS/UFS). Pesquisador colaborador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol).

Cristiano Mezzaroba é doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Coordenador do GEPESCEF – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física da UFS. Coordenador da linha “Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol” do INCT Futebol.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

JESUS, Lucas Carvalho Silva de; MEZZAROBA, Cristiano. Mapeamento e análise de publicações sobre racismo no futebol veiculadas no Instagram. Bate-Pronto, INCT Futebol. Florianópolis, v. 2, n.38, 2025.

Mapeamento e análise de publicações sobre racismo no futebol veiculadas no Instagram © 2025 by Lucas Carvalho Silva de Jesus (UFS/INCT Futebol). Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol), is licensed under CC BY-NC 4.0

Mapeamento e análise de publicações sobre racismo no futebol veiculadas no Instagram

Lucas Carvalho Silva de Jesus (UFS/INCT Futebol)

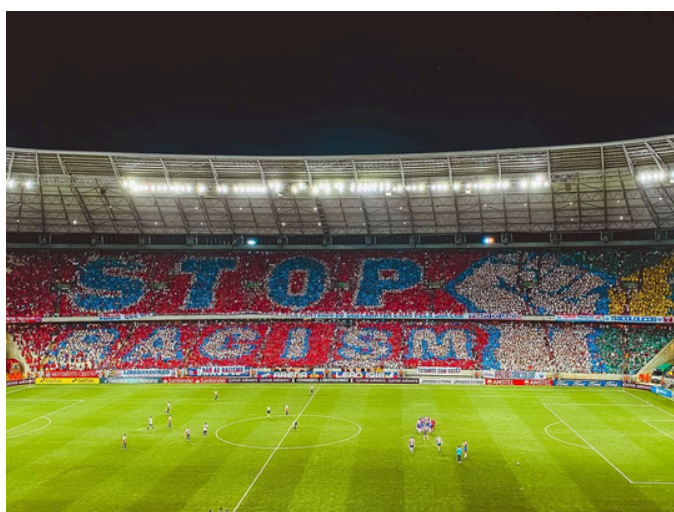
Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT Futebol)

18 de nov.

No texto a seguir, os autores apresentam uma pesquisa, realizada no âmbito do INCT Futebol, cujo objetivo é monitorar postagens sobre racismo no Instagram, veiculadas por clubes, atletas, instituições e veículos jornalísticos.

*Como o racismo tem sido
pautado nas mídias sociais?*

Foto: Matheus Amorim/FEC



O projeto de mapeamento e análise de publicações no Instagram sobre o racismo no futebol, desenvolvido no âmbito do INCT Futebol, mais especificamente pela linha “Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol”, realizou, entre janeiro e julho de 2025, um levantamento de postagens em perfis selecionados de agências jornalísticas esportivas (@ge.globo, @cazetv e @tntsportsbr), instituições reguladoras (@cbf_futebol, @fifa e @conmebol)¹, clubes brasileiros das cinco regiões do país ² (@ecbahia, @paysandu, @gremio, @goiasoficial e @flamengo) e atletas (Vinícius Jr., Marta da Silva, Alejandro Balde, Léo Pinheiro, Suellen dos Santos e Khadija “Bonny” Shaw) ³.

No total, foram registradas 316 postagens no período ⁴. As agências jornalísticas esportivas concentraram a maior parte das publicações, com 257 postagens (81,3%), confirmando seu protagonismo na tematização e abordagem do racismo no futebol. Entre elas, a TNT Sports liderou, com 123 postagens; seguida pelo Globo Esporte, com 94; e pela Cazé TV, com 40.

As instituições reguladoras do futebol responderam por 28 postagens (8,86%), distribuídas entre Conmebol, com 12; CBF, com 9; e FIFA, com 7. Os

clubes também contabilizaram 28 publicações (8,86%), sendo 9 do Grêmio, 7 do Paysandu, 6 do Bahia, 5 do Flamengo e 1 do Goiás. Já os(as) atletas, embora fundamentais na vivência direta e explicitação do problema, tiveram participação bastante reduzida, com apenas 2 postagens (0,63%), ambas em janeiro: Alejandro Balde, vítima de insultos racistas no jogo Barcelona x Getafe; e Léo Pinheiro, alvo de ataques no clássico paranaense Athletico-PR x Coritiba.

Cenário geral

Esse panorama, embora em forma de recorte, reforça o papel central da mídia esportiva como principal mediadora da visibilidade do tema nas redes sociais digitais, evidenciando-se sua importância ao apresentar à população geral os atos racistas no futebol. Não só isso, ela tem também a função de elaborar matérias e abordagens de denúncia que, de maneira clara e posicionada, mostrem a necessidade de punição a quem comete esses crimes no âmbito esportivo e, em especial, futebolístico.

Ao observar a distribuição trimestral, nota-se que alguns perfis não registraram publicações em determinados períodos. A CBF, por exemplo, não apresentou nenhuma postagem nos meses de maio, junho e julho; o Clube Goiás também não publicou nesse mesmo trimestre; e os(as) atletas se manifestaram apenas em janeiro. As agências jornalísticas, por sua vez, mantiveram regularidade em todos os trimestres analisados ⁵.

A análise quantitativa evidenciou uma forte predominância das agências jornalísticas, cujo protagonismo pode ser explicado pela natureza informativa desses perfis, que produzem conteúdo de forma contínua e com ampla capacidade de engajamento. Em contraste, tanto instituições quanto clubes apresentaram a mesma quantidade de postagens (28), resultando em um número muito baixo se comparado com as agências jornalísticas, ainda que alguns casos específicos tenham motivado manifestações pontuais (como no caso do clube Paysandu, que publicou, no dia 28 de janeiro, acerca do Pacto Interinstitucional Pró-Equidade Racial) ⁶. Os atletas, por sua vez, apresentaram participação significativamente menor que os perfis das outras categorias, tendo suas 2 únicas publicações ocorrido em janeiro.

Entre os perfis com publicações sobre racismo no futebol identificadas ao menos uma vez durante os sete meses em que o levantamento foi realizado, destacam-se, pelo alcance de seguidores, o Flamengo, que chegou a 22,5 milhões em julho; seguido da TNT Sports, com 21,1 milhões; e da Cazé TV, que alcançou 11,5 milhões. O Globo Esporte apresentou crescimento mais moderado, passando de 5,6 milhões em janeiro para 6,1 milhões em julho. Entre as instituições, a CBF manteve-se com cerca de 17,6

milhões, a FIFA evoluiu de 4,4 para 5,3 milhões, e a Conmebol se manteve estável em torno de 2,2 milhões.

Já entre os clubes regionais, o Grêmio apresentou, em junho, um total de 3,4 milhões; seguido pelo Bahia, com 1,9 milhões, em julho; Paysandu, com 856 mil, em junho; e Goiás, com 528 mil, em março. No caso dos(as) atletas, que tiveram participação restrita, Alejandro Balde registrava cerca de 5 milhões de seguidores, em janeiro de 2025; e Léo Pinheiro, aproximadamente 428 mil ⁷. O alcance da página pode ser medido através da quantidade de seguidores que ela possui, por isso esta informação nos é valiosa.

O lugar dos veículos jornalísticos nesse panorama

A comparação entre volume de postagens e alcance revela que perfis com grandes bases de seguidores, como Flamengo e CBF, publicaram pouco sobre o tema, enquanto as agências jornalísticas, além de liderarem em número de postagens, também figuram entre os perfis com maior número de seguidores, o que amplia ainda mais a visibilidade de seu conteúdo. As postagens acerca do racismo no futebol, pensando de uma forma antirracista, deveriam ter agenda contínua em todos os perfis e não apenas nas agências jornalísticas esportivas. O racismo é um problema histórico e social e todos(as) podemos contribuir, ao ceder o nosso espaço no mundo para pautar a temática e combater a discriminação racial.

O corpus consolidado até o momento indica que, embora perfis de clubes e atletas contem com elevado número de seguidores e, portanto, grande potencial de alcance, a efetiva produção de conteúdo sobre racismo no futebol se concentrou nos veículos midiáticos jornalísticos. Essa dinâmica sugere que a visibilidade do tema nas redes sociais digitais ainda depende, em larga medida, da mediação jornalística, reforçando a importância do papel da imprensa esportiva na tematização pública do racismo, cumprindo sua função social de informar e posicionar-se diante de um tema tão potente e complexo do cenário contemporâneo.

Racismo e algoritmo

O Instagram, plataforma na qual este mapeamento foi realizado, é uma rede social sediada em Menlo Park, na Califórnia. O local é conhecido como Vale do Silício, nos Estados Unidos da América (EUA), e integra o conglomerado de aplicativos da empresa Meta Platforms Inc., que também controla o Facebook e o WhatsApp. Lançado em 2010 e adquirido pela Meta em 2012, o Instagram consolidou-se como um dos principais espaços de circulação de conteúdo digital, mobilizando bilhões de usuários em todo o mundo e, particularmente, desempenhando papel central na difusão de in-

formações esportivas.

No entanto, como aponta Tarcízio Silva (2022), a estrutura de poder por trás dessas plataformas é marcada pelo predomínio de sócios e executivos majoritariamente homens brancos, cis, cuja visão de mundo influencia as políticas institucionais e os algoritmos que regem a dinâmica de circulação de conteúdo. Cabe dizer que teóricas(os) e cientistas, como Lisa Nakamura (2008) e Charlton Deron McIlwain (2019), já apontaram o quanto a ideologia que produz todo o aparato tecnológico e algorítmico do Vale do Silício é racializada, tendo como “norte” a lógica supremacista branca. Tal configuração repercute diretamente nas formas de engajamento: publicações de caráter crítico ou voltadas para a denúncia de desigualdades tendem a ter alcance reduzido em comparação ao conteúdo mais alinhado às lógicas de entretenimento e consumo.

Por vezes, essa lógica está alinhada ao conteúdo que propaga ódio às minorias, isto é, uma forma de perpetuar o racismo e a inferiorização do outro, considerado ameaçador, animal, selvagem, o que perpetua o pacto narcísico da branquitude, como nos fala Cida Bento (2022), entendido como o acordo tácito que sustenta privilégios raciais e silencia ou marginaliza narrativas críticas contra tais privilégios.

Considerações finais

Ao relacionarmos tal lógica com o levantamento aqui apresentado, é possível projetar que as postagens sobre racismo no futebol, ainda que numerosas em alguns perfis, não alcançam necessariamente engajamento proporcional à relevância social do tema, sugerindo a existência de barreiras algorítmicas que limitam sua visibilidade.

No último trimestre da pesquisa – agosto, setembro e outubro – estivemos finalizando o tratamento dos dados quantitativos, possibilitando que, posteriormente, se façam outras análises, como, por exemplo: verificaremos se as postagens têm predominantemente o tom denunciativo/descritivo, pedagógico/educativo, ou mobilizador/punitivista, o que nos trará informações sobre a predominância da narrativa das postagens. Após este tratamento, construiremos um portfólio com os gráficos dos resultados e planejamos disponibilizá-lo no site do INCT Futebol.

Referências

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MCILWAIN, Charlton Deron. Black Software: The Internet and Racial Justice, from the AfroNet to Black Lives Matter. Nova York: Oxford University Press, 2019.

NAKAMURA, Lisa. Digitalizing Race: Visual Cultures of the Internet. Minnesota: University of Minnesota Press, 2008.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

¹ O perfil da Conmebol só passou a integrar a pesquisa a partir de março, por conta da grande produção de postagens, nos vários perfis, acerca do caso de discriminação racial contra os jogadores sub-20 do Palmeiras, Luighi e Figueiredo, em plena copa Libertadores sub-20, num jogo contra o Cerro Porteño, no Paraguai.

² Procurando garantir certa representatividade regional.

³ Atletas que têm sido vítimas do racismo, homens e mulheres, renomados ou não.

⁴ Sendo que, uma delas, da FIFA, foi posteriormente retirada do ar e não foi considerada no quantitativo final.

⁵ Cabe esclarecer que, para os fins desta pesquisa, a contagem trimestral não seguiu a lógica convencional de início em janeiro, uma vez que o trabalho no INCT Futebol começou em novembro de 2024. Assim, o primeiro trimestre abrangeu novembro de 2024, dezembro de 2024 e janeiro de 2025; o segundo, fevereiro a abril de 2025; e o terceiro, maio a julho de 2025. Ressalta-se, ainda, que, embora o primeiro trimestre tenha incluído novembro e dezembro, a coleta efetiva de postagens iniciou-se apenas em janeiro de 2025, ficando os meses anteriores destinados à preparação metodológica e testagem do acompanhamento nos perfis já referenciados acima, no Instagram.

⁶ O pacto visa auxiliar o Paysandu a dialogar com instituições públicas e privadas para intensificar ações de combate ao racismo.

⁷ Salientamos que apenas foi registrado o quantitativo de seguidores dos perfis no mês em que as postagens sobre racismo no futebol foram feitas. Por exemplo, o Clube Goiás só postou em março, sendo assim, temos o registro de seus seguidores apenas de março. Além disso, aqui, priorizamos apresentar o mês mais recente no qual foi registrado o quantitativo de seguidores do perfil.

histórico no futebol de mulheres, provando que há público, engajamento e interesse. Ainda assim, o abismo entre o futebol praticado por mulheres e por homens persiste. Essa discrepância não é obra do acaso, mas resultado de escolhas históricas, políticas e econômicas que relegaram as mulheres ao papel de coadjuvantes em um espetáculo que elas também transformaram.

Apesar disso, nunca se falou tanto em futebol de mulheres como agora. A expectativa pela Copa de 2027 alimenta um olhar de esperança: de que o caminho trilhado por Formiga, Marta, Cristiane e tantas outras esteja finalmente frutificando, inspirando novas gerações e fortalecendo o sentimento de representatividade.

Se, por um lado, as dificuldades estruturais e simbólicas ainda marcam a trajetória feminina no esporte, por outro, vivemos um momento inédito de ascensão. A Copa de 2023 consolidou jogadoras como referências globais, deu visibilidade a talentos emergentes e mostrou que o protagonismo é possível. Então, o que mais falta?

Talvez não seja apenas uma questão de reconhecimento institucional, mas de consolidação cultural. Precisamos enxergar o futebol de mulheres como parte intrínseca da nossa sociedade. Não é a falta de público ou de qualidade técnica que explica a desigualdade, mas a ausência de investimentos contínuos. O futebol masculino só se consolidou porque recebeu décadas de recursos massivos. Por que esperar que o futebol de mulheres alcance o mesmo patamar apenas pela paixão das atletas e da torcida? Não basta celebrar feitos em campo: é preciso sustentar essa ascensão fora dele.

Arrisco ir além: a ascensão já começou, mas o protagonismo só se consolida quando se torna irreversível. Esse futuro pode estar mais perto do que imaginamos: uma nova geração de meninas sonhando em ser jogadoras, ídolas, treinadoras. Elas já não pedem licença para jogar: elas ocupam o campo. Cabe a nós, enquanto sociedade, garantir que essa conquista não seja passageira. Afinal, talvez não estejamos esperando uma “era de protagonismo”: talvez nós já estejamos começando a vivê-la.

Depois que os holofotes se apagam: algumas lições sobre a Copa do Mundo de Clubes

Luiz Henrique Zart (UFSC)

3 de dez.

SOBRE O AUTOR:

Luiz Henrique Zart é jornalista, mestre e doutorando em Jornalismo (PPGJOR/UFSC). Também é especialista em Comunicação e Jornalismo.

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

ZART, Luiz Henrique. Depois que os holofotes se apagam: algumas lições sobre a Copa do Mundo de Clubes. Bate-Pronto – INCT Futebol. Florianópolis, v. 2, n. 40, 2025.

Depois que os holofotes se apagam: algumas lições sobre a Copa do Mundo de Clubes © 2025 by Luiz Henrique Zart is licensed under CC BY-NC 4.0

Depois que os holofotes se apagam: algumas lições sobre a Copa do Mundo de Clubes

Luiz Henrique Zart (UFSC)

3 de dez.

No texto abaixo, o autor reflete sobre a Copa do Mundo de Clubes enquanto acontecimento que nos faz ler importantes elementos do futebol contemporâneo.

A Copa do Mundo de Clubes trouxe surpresas e reflexões.

Foto: GoodFon.com



Não é preciso se esforçar muito para ouvir, lá de longe, o refrão-chiclete de Freed from Desire, da cantora italiana Gala Rizatto, música que embalou a Copa do Mundo de Clubes. Parece que foi ontem, mas já faz meses que a competição acabou. Com o mundo pintado novamente de azul, com a vitória do Chelsea, da Inglaterra, foram 29 dias tomados por 63 partidas e nada menos que 195 gols marcados na primeira edição. Com os refletores apagados, vale fazer algumas considerações sobre o campeonato.

Bastidores, microfones: o sucesso ou o fracasso da Copa

Como um evento de proporções globais, a Copa do Mundo de Clubes começou muito antes de a bola rolar, nos bastidores – e nos microfones. A disputa entre a projeção de sucesso e as críticas à realização do torneio ficou evidente e ainda deve render muitas discussões a mais. Personalidades do futebol se posicionaram, como o respeitado treinador Jurgen Klopp, atualmente diretor da rede multiclubes da Red Bull, que declarou: “A Copa do Mundo de Clubes é a pior ideia já implementada no futebol”.

A fala do alemão se orientava por um receio: o aumento da quantidade de

lesões e a provável queda de desempenho dos jogadores a longo prazo, com a consequente perda de valor do “produto” futebol, em especial por conta do intervalo da temporada europeia.

Posicionamentos nesse sentido não são novidade para Klopp: o ex-comandante do Liverpool já denunciava a sobrecarga dos atletas por conta de um calendário inchado – ainda mais com o acréscimo da Copa do Mundo de Clubes a partir de agora. Por consequência, também se reduziria o tempo entre férias e pré-temporada dos times que participaram da disputa para menos de 40 dias.

A oposição, já desde os bastidores, também partiu de organizações como a Federação Internacional dos Futebolistas Profissionais (FIFPro), que considera o intervalo insuficiente, sobretudo por envolver os mesmos atletas dos torneios de seleções. Além da FIFPro, também a liga espanhola, comandada por Javier Tebas, teve posição frontalmente contrária desde o princípio. Ele, inclusive, afirmou: “Meu objetivo é garantir que não haja mais Copa do Mundo de Clubes, isso está muito claro para mim”. No entanto, mesmo com esse posicionamento, a Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF), responsável pela seleção nacional, pela realização da Copa do Rei e das divisões inferiores, declarou-se interessada em ter o país como sede do torneio em 2029.

O embate entre FIFA e FIFPro tem gerado desdobramentos, mas também pode ser considerado um sintoma sobre os rumos da organização do futebol nos próximos anos. Afinal, o calendário é elemento central da disputa pelo controle do cenário global da modalidade. Também é uma demonstração da quantidade de camadas envolvidas no jogo político mobilizado pelo esporte.

Um campo com muitas influências

Engana-se quem pensa que a instabilidade política se restringe às entidades no entorno do futebol. Não custa lembrar que a primeira edição da Copa do Mundo de Clubes passa a ocupar um espaço que antes era da Copa das Confederações – como evento teste para a Copa do Mundo de Seleções. Por isso, tendo em vista o mundial do ano que vem, os Estados Unidos foram o cenário escolhido. Um cenário que coloca em jogo uma série de elementos tensionadores que ultrapassam, curiosamente, as fronteiras do esporte.

Além da complexidade de organização de um evento com fluxo de atores de todos os continentes, entre jogadores, torcedores e outros envolvidos em um ambiente de pressão política desmotivador, outras situações precisam ser consideradas. Ainda que tenham tentado, com forte apelo financeiro, in-

centivar a vinda de estrelas do futebol mundial para os campos norte-americanos, os Estados Unidos não têm uma cultura futebolística consolidada. O baixo interesse foi perceptível também por conta da procura por ingressos – impactada também pelo anúncio de realização do campeonato há pouco tempo, em comparação ao que é comum em relação a outros eventos da mesma magnitude. Mesmo a estrutura oferecida pelos estádios da liga norte-americana não era exatamente adequada à prática do futebol.

Todo esse contexto é especialmente atravessado pelo interesse de entidades e clubes europeus pelo torneio. Depois do fracasso na tentativa da criação de uma Superliga Europeia, alguns times que estiveram mais distantes, como o PSG de Nasser Al-Khelaifi, aproximaram-se dos anseios da FIFA, que tem estreitado laços com personalidades, governos e outras instituições, especialmente do Oriente Médio, para a realização de seus torneios de clubes e seleções – numa troca entre recursos e poder de influência, misturada à tentativa da construção de uma imagem positiva por parte de atores politicamente influentes desses países. É pontual lembrar que, para além da repercussão midiática, do engajamento nas redes sociais e da percepção dos públicos sobre a iniciativa, patrocinadores devem estar dispostos a vincular suas marcas à competição. Por isso, a percepção positiva é tão valiosa para a FIFA.

Nesse sentido, os incentivos financeiros não são poucos. O campeão, depois de sete jogos, embolsou nada menos que 115 milhões de dólares ao longo da disputa, quantia não muito distante dos 154 milhões recebidos pelo vencedor da Liga dos Campeões da Europa. Mesmo sem a conquista, equipes que avançaram apenas às quartas de final, por exemplo, faturaram algo em torno de 60 milhões de dólares, fatia de arrecadação considerável mesmo para clubes da primeira prateleira do velho continente.

Quanto importam a visibilidade e o dinheiro?

Se os recursos e a visibilidade são aspectos interessantes para os clubes, também chamam a atenção de empresas de mídia. O Grupo Globo, conhecido pela proximidade com a FIFA e a CBF na negociação dos direitos de transmissão de competições de grande apelo realizadas pelas entidades, foi um dos principais responsáveis pelas transmissões dos clubes brasileiros. Tanto o canal aberto quanto a opção por assinatura, o SporTV, alcançaram 127,8 milhões de pessoas, segundo informações da empresa de tecnologia e inteligência de dados Timelens.

Ainda de acordo com o que indica a empresa, no entanto, o conglomerado não está mais sozinho: nos últimos anos, ganhou a forte concorrência da Cazé TV. De acordo com dados da Folha de S.Paulo, o canal de Casimiro al-

cançou 46 milhões de dispositivos no YouTube – quatro milhões a mais que a marca registrada durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 2024 – além de 92 milhões de interações no Instagram e 4 bilhões de visualizações somando TikTok, Instagram e YouTube durante a competição. Isso demonstra, em alguma medida, que não só torcedores dos quatro clubes brasileiros classificados assistiam às partidas, mas também os chamados secadores se interessavam pelos assuntos em torno da disputa. Uma visão completamente diferente daquela demonstrada pelos clubes europeus, em geral.

Os mesmos que, em alguma medida, demonstraram certo desinteresse – ao menos no discurso, mesmo com o torneio já ocorrendo – faziam questão de desqualificar o caráter competitivo. Soberba? Prepotência? Em determinado momento, sustentada pelo poder financeiro das equipes da Europa, não raro formadas basicamente por jogadores de seleções importantes. No futebol globalizado, a distância das cifras era gritante: de acordo com o Transfermarkt, o elenco do Paris Saint-Germain valia suntuosos 6 bilhões de reais, enquanto o Botafogo, única equipe a bater os franceses na competição, tinha entre seu plantel um sexto do valor do adversário. Mais que o elenco, a receita também salta aos olhos: segundo o jornal *Lance!*, enquanto o alvinegro carioca acumulou 719 milhões de reais em receitas em 2024, o PSG gerou cerca de 5 bilhões.

A discrepância financeira é evidente, sobretudo por conta de um modelo de concentração de capital que se intensificou no século XXI. Grupos econômicos passaram a perceber os campos de futebol como um espaço de influência (geo)política no qual valia a pena investir cifras bilionárias, porque o retorno viria com o tempo. Com esse movimento, países sul-americanos e de outras regiões do globo passaram a fornecer seus talentos mais valiosos, vendidos cada vez mais jovens a clubes da Europa – que contam com moedas muito mais valorizadas, tornando a concorrência desleal, além de oferecer a oportunidade de frequentar campeonatos mais organizados e prestigiados internacionalmente que os brasileiros.

Quando os holofotes se apagam

Apesar de tudo isso, na Copa do Mundo de Clubes, o futebol também fez questão de jogar tudo pelos ares. Não foi necessariamente um passeio dos europeus, como se esperava – ainda que, no fim das contas, a capacidade financeira tenha contribuído (e decidido) nas fases finais da competição. João Pedro que o diga. Ingleses e franceses campeões da Champions sofreram nas mãos de times verde-amarelos. O Fluminense fez a melhor campanha entre os brasileiros, indo além dos prognósticos. Entre outras surpresas, outros times não europeus passam a pensar na vitória não mais como um milagre, mas como uma possibilidade. De certa forma, isso anima

e mobiliza também torcedores e rivalidades, questionando o pedestal em que os intocáveis europeus foram colocados por muito tempo.

Até certa altura, a realidade fez questão de se mostrar e romper com expectativas. Porque, apesar dos abismos financeiros, a Copa do Mundo de Clubes serviu para derrubar algumas percepções pré-concebidas (mesmo na final). E, ainda que dois clubes europeus de poderio financeiro inquestionável tenham disputado a decisão, aqueles tratados – por si mesmos e pelos outros – como “vira-latas” também puderam sentir o gosto de algum protagonismo em uma competição do tamanho de uma copa de clubes, porque ninguém vence de véspera e o “cemitério do futebol está cheio de favoritos”.

Em um sistema desenhado para privilegiar hegemonias, em que a disparidade estrutural e histórica parecia ser o único denominador possível, é curioso perceber que houve caminhos diferentes. Fissuras nas expectativas inquestionáveis. Histórias diferentes. Talvez por isso a Copa do Mundo de Clubes tenha deixado um sentimento, ao menos nos públicos, de que foi uma experiência interessante. Mesmo para quem não tinha tanta ligação com o esporte, por curiosidade, se pegava assistindo aos jogos. Porque o futebol é um fenômeno cultural multifacetado.

Além dos resultados, dos placares, nesse sentido, é curioso notar como sentimentos foram mobilizados pela competição. As arquibancadas são uma grande prova disso, abrigando manifestações diversas em um choque de maneiras de entender e reagir ao futebol em diferentes partes do mundo. Entre barras, organizadas, aficionados de outros continentes também desfilaram seu torcer e pulsar nos estádios norte-americanos.

Em algum momento dos jogos, hierarquias foram reorganizadas de forma diferente do futebol de seleções. Porque clubes estão mais presentes na rotina dos torcedores enquanto elementos de caráter coletivo, de pertencimento. Mesmo rivais se viram, em algumas situações, unidos a favor de clubes sul-americanos ou não-europeus, como que em uma ilusão de que todos estavam do mesmo lado. Era uma espécie de desafio, uma tentativa de interrupção temporária do fluxo e da lógica do futebol globalizado. Ainda que envolto pela lógica do capital como um produto espetacularizado e envolto por interesses muitas vezes escusos, em algum sentido, torcedores resistem. As histórias quebram roteiros prontos. Persistem. No fim, os holofotes se apagam, mas ficam algumas lições.

Travelogue 3: Sérvia, Coreia do Sul e Bahia

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

10 de dez.

SOBRE A AUTORA:

Carmen Rial é professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que atua no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. É coordenadora-geral do INCT Futebol e do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

NOTA DOS EDITORES:

As perspectivas presentes nos artigos veiculados no blog Bate-Pronto não necessariamente refletem as posições institucionais do INCT Futebol.

COMO CITAR:

RIAL, Carmen. Travelogue 3: Sérvia, Coreia do Sul e Bahia. Bate-Pronto - INCT Futebol. Florianópolis, v.2 n.41, 2025.

Travelogue 3: Sérvia, Coreia do Sul e Bahia © 2025 by Carmen Rial is licensed under CC BY-ND 4.0

Travelogue 3: Sérvia, Coreia do Sul e Bahia

Carmen Rial (UFSC/INCT Futebol)

10 de dez.

Continuando sua seção de travelogues¹ no Bate-Pronto, Carmen Rial relata impressões sobre o futebol que teve em passagens por Belgrado, Novi Sad, Seul e Salvador.



*Em Seul, poucas pessoas vestiam
camisetas de futebol.
Imagem: Carmen Rial*

Sérvia, Belgrado, junho DE 2025

Caminho ao encontro de uma colega antropóloga pela rua central de Belgrado, só aberta aos pedestres, com seus bares e restaurantes nas calçadas e seus chafarizes de bruma refrescando os clientes – como em qualquer grande cidade europeia que já enfrenta calores inéditos. Paris, by the way, prevê 50 graus Celsius em 2030 e se prepara para enfrentar isso.

É domingo à tarde, imagino que veria algum jogo pelo Mundial de Clubes da FIFA sendo mostrado nas telas das televisões que estão em quase todos os bares, afinal, o Paris Saint-Germain enfrenta a Inter Miami CF, e o Flamengo joga contra o Bayern München. Mas o que as TVs mostram é um jogo de basquete. Os sérvios dividem suas preferências esportivas por uma gama de esportes em que são muito bons – o voleibol, o tênis (Novak Djokovic, claro, mas também Ana Ivanović e Jelena Janković, que também foram número um) e o handebol.

O basquete é um deles. Foram campeões da EuroBasket mais de uma vez, campeões mundiais em 2023 no basquete masculino e têm medalhas olímpicas (ouro como Iugoslávia, prata e bronze como Sérvia). Encontramos

sérvios entre os atletas da NBA, e Nikola Jokic foi MVP atuando pelo Denver Nuggets.

A divisão de popularidade entre esportes fica clara também na escolha da imagem de publicidade de uma bet: futebol e basquete têm o mesmo espaço ali. Ou seja, o futebol é apenas mais um entre os esportes. E quem pensa que o Mundial de Clubes da FIFA teve repercussão mundial talvez tenha que analisar melhor como foi a audiência em países que não estavam representados por seus clubes nele, como foi o caso da Sérvia.

SÉRVIA, NOVI SAD, JUNHO DE 2025

Kakás Noir

Um dos modos de se medir a importância do futebol em uma sociedade é a sua visibilidade no espaço urbano, seja por meio de publicidades com futebolistas, grafites ou telas com jogos. Pode não ser exato, mas dá uma ideia aproximada. Por isso, minha atenção a isso em Belgrado e também em Novi Sad, a segunda maior cidade da Sérvia.

Apenas um dos quiosques de jornais e revistas com os quais cruzei no centro da cidade vendia camisetas de futebol. E nenhum nome brasileiro aparecia nelas. Lembro de décadas atrás, quando, não importava onde estivesse no mundo, eu encontrava camisetas de Ronaldo, Kaká e de outros da seleção – e, ainda mais, as de Ronaldinho Gaúcho, sem dúvida a mais popular nos dois ou três anos em que estive no Barcelona. Outros tempos. O que não se alterou é a disseminação dos futebolistas (especialmente os homens) pelo mundo, que tem crescido com o passar dos anos, superando os mil anualmente. Também a exportação de futebolistas mulheres mostra um fluxo em ascensão.

Em Novi Sad, joga Lucas Barros da Cunha (FK Vojvodina Novi Sad) e já jogou Leandro Climaco Pinto (no extinto Proleter Novi Sad, clube que acabou quando se uniu ao FK Vojvodina). Leandro atua agora, juntamente com Eliomar Correia Silva, no Javor Ivanjica. Todos seriam o que chamo de “Kaká Noir”, termo do qual me apropriei aproveitando a fala de um jogador marroquino que chamava assim o seu companheiro brasileiro de equipe. Os “Kakás Noir” rodam o mundo por seu talento, mas também por conta da especial posição que ocupam no mercado étnico futebolístico, graças à transmissão do carisma dos futebolistas brasileiros mais famosos, como Kaká. E, mais ainda do que as celebridades, eles têm merecido teses e artigos. Queria ter conversado com Lucas, mas estava de férias, e não tive como contatá-lo.

Yamal, Maradona e...

Praticamente invisível nas ruas, o futebol aparece um pouco mais na TV sérvia. Um pouco mais, porque, durante a minha estada, o noticiário televisivo nacional foi ocupado pelos protestos liderados pelos estudantes contra o presidente, exigindo sua demissão, com manifestações que bloqueavam as ruas, e que tinham se iniciado em novembro, quando desabou o teto de uma estação ferroviária em Novi Sad, matando passageiros. De fato, as publicidades que vi na TV com jogadores de futebol – e foram apenas duas – tinham como estrela Lamine Yamal (publi de refrigerante) e... Endrick (publi do creme Nivea). Que o único brasileiro presente na TV seja Endrick me surpreendeu, não por ser um futebolista, mas pelo fato de ser um futebolista reserva no Real Madrid.



*Endrick em comercial da Nivea.
Imagem: Carmen Rial*

E mais inusitado ainda foi ter encontrado Maradona como estrela no cardápio de uma pizzaria onde almocei com colegas da Universidade de Córdoba (Cuba), da Universidade Nacional do México e da Universidade de Hradec Králové, depois de nossas apresentações num grupo de esportes no congresso dos Americanistas. Por que Maradona numa pizzaria? Ora, não é preciso recorrer à “retórica da imagem” de Barthes[i], para saber que Maradona evoca Nápoli – denota, diria o semiólogo francês.

Nápoli é a cidade que, dizem, inventou a pizza. É famosa por isso. E, no futebol, foi graças a Maradona que ela entrou no mapa dos campeões italianos, vencendo a Serie A duas vezes (1986/1987 e 1989/1990), uma Copa da Itália (1986/1987), uma Supercopa Italiana (1990) e uma Copa da UEFA (1988/1989) – atual Liga Europa. Em Nápoli, Maradona é nome de estádio e quase um santo. Faz todo o sentido estar na parede de uma pizzaria, em Novi Sad ou em qualquer outro lugar do mundo. Inusitado, mas justificável.

E mais inusitado ainda foi ter encontrado Maradona como estrela no cardápio de uma pizzaria onde almocei com colegas da Universidade de Córdoba (Cuba), da Universidade Nacional do México e da Universidade de Hradec Králové, depois de nossas apresentações num grupo de esportes no

congresso dos Americanistas. Por que Maradona numa pizzeria? Ora, não é preciso recorrer à “retórica da imagem” de Barthes[1] para saber que Maradona evoca Nápoli – denota, diria o semiólogo francês.

Nápoli é a cidade que, dizem, inventou a pizza. É famosa por isso. E, no futebol, foi graças a Maradona que ela entrou no mapa dos campeões italianos, vencendo a Serie A duas vezes (1986/1987 e 1989/1990), uma Copa da Itália (1986/1987), uma Supercopa Italiana (1990) e uma Copa da UEFA (1988/1989) – atual Liga Europa. Em Nápoli, Maradona é nome de estádio e quase um santo. Faz todo o sentido estar na parede de uma pizzeria, em Novi Sad ou em qualquer outro lugar do mundo. Inusitado, mas justificável.



*Maradona ilustra o cardápio de uma pizzeria em Novi Sad.
Imagem: Carmen Rial*

CORÉIA DO SUL, SEUL, JULHO DE 2025

Estádio da Copa

O estádio Sang-am foi um dos palcos em que, treinados por Felipão, jogamos na nossa última Copa vencida. Também foi onde o Brasil deu de 5 a 0 na seleção da Coreia do Sul no amistoso ocorrido em outubro. Hoje, ele é a casa do F.C. Seoul. Mais recentemente, o F.C. Seoul pôde ser visto jogando aqui quando foi adversário do Barcelona na primeira rodada da UEFA Champions League 2025/2026.

O estádio pertence à Federação Coreana de Futebol. Fica em uma área central da cidade e aproveita o espaço para acomodar um shopping center, um grande supermercado, e um dos mais requintados centros para eventos festivos (casamentos, aniversários etc.) que já vi. Ou seja, usa-se a infraestrut-

tura do lugar – os parkings, metrô próximo – para disponibilizar outros serviços numa fórmula comum na Europa, mas ainda incipiente nos estádios brasileiros.

Museu de futebol

A maior atração do estádio Sang-am é um pequeno museu – pequeno comparado aos 17 outros que já visitei.² Ele expõe uma coleção diferente das que costumo encontrar. Como se sabe, as conquistas da seleção de futebol de homens coreana não são muitas – as das mulheres as superam de longe. O que mostrar? Algo da história do início do futebol na Coreia... Ok, está lá. E muito das conquistas da equipe formada por mulheres, que, aliás, existe desde muito cedo nessa história. Vemos algo da Copa do Mundo de 2002, quando alguns brasileiros aparecem em fotografias.

No mais, na falta de troféus significativos, não têm pudores de expor um troféu de fair play (sic) e outro recebido por Son Heung-min como o melhor em campo em um jogo de uma das Copas do Mundo mais recentes. Son e Park Ji-sung são as atrações maiores aqui, e bustos deles em papelão estão em duas salas – para os (poucos) visitantes que quiserem fazer selfies a seus lados. No mais, opta-se pela arte. Muitos desenhos preenchem as paredes. Há pinturas e uma sala onde um longo vídeo mostra uma mulher dançarina escrevendo no modo tradicional, com pincel e tinta, sobre um papel branco estirado de um rolo de madeira no chão. Um museu inusitado.

*O museu do
estádio
Sang-am é
preenchido
por obras de
arte.*

*Imagem:
Carmen Rial*



O futebol vai à cidade?

Vai pouco. Não se vê no espaço urbano uma presença do futebol, como em tantas outras cidades, mesmo na Ásia do Leste. De fato, nos dias em que estive em Seul, vi apenas duas camisetas de futebol sendo usadas: uma do Liverpool (Rooney), cuja imagem cacei de dentro de um ônibus, e outra do Bellingham, do Real Madrid, numa das salas do Museu Nacional da Coreia – aliás, um dos mais lindos no mundo – usada por um jovem asiático que não sei se era local ou estrangeiro.³

Venda de camisetas? Não vi em nenhuma loja, afora a localizada ao lado do Museu do World Cup Stadium, o Sang-am. E, no comércio informal, apenas vi no mercado popular de Namdaemun e em um único ponto de venda onde havia uma boa variedade de camisetas de equipes estrangeiras – o destaque sendo, claro, a de Son.

⁴ Algumas reportagens realizadas durante o amistoso do Brasil contra a seleção da Coreia na data FIFA de outubro diziam, ao contrário, que muitas pessoas na rua vestiam camisetas de futebol. Não foi minha experiência na semana em que lá estive participando do congresso da International Sports Sciences Association (ISSA), quando caminhei muito, andei de ônibus e de metrô.

Há poucos
pontos
vendendo
camisas
de futebol
em Seul.
Imagem:
Carmen
Rial





*Camiseta de Son é o destaque.
Imagem: Carmen Rial*

Se vi poucas camisetas, vi futebol em direto, zapeando pelos mais de 800 canais de TV, pois alguns transmitiram jogos da Eurocopa Feminina 2025. Mas nada do Campeonato Mundial de Clubes. E, uma vez, ao menos, na linha verde 02 do metrô, avistei um jovem espiando um jogo no celular. Ah, sim... sem surpresa: aqui se joga futebol no celular. Mas se joga também xadrez, o que nunca vi no Brasil. Além disso, vi também um jogo de futebol sendo transmitido em um pub, que, ao invés do Mundial de Clubes, passava para espectadores desatentos um jogo entre duas equipes locais.



Um rapaz assistia a um jogo no metrô. Imagem: Carmen Rial

*Um pub transmitia um jogo
entre equipes locais.
Imagem: Carmen Rial*



Floorball – não confundir com futsal

“Qual teu esporte favorito?”, perguntei a um estudante que estava sentado ao meu lado, na prestigiosa Seoul National University (SNU), colocada no top 5 em muitos dos rankings mundiais e com um dos mais extensos campi que já visitei. O estudante deu o nome – que esqueci, pois nunca tinha ouvido falar – e me descreveu o jogo. Repetindo, a AI reconheceu como sendo o floorball (플로어볼).⁵ E, aí, me mostrou um vídeo de uma espécie de ice cricket canadense praticado não sobre gelo, mas em uma cancha como a de futebol de salão.

O futebol concorre com outros esportes que são populares na Coreia: beisebol, basquete, floorball. Mas esses também não chegam a ter uma grande visibilidade no espaço urbano. Diversidade no gosto na Coreia, como na Sérvia e em tantos outros países. Estamos longe da monocultura esportiva que ainda prevalece no Brasil.

BRASIL, SALVADOR, AGOSTO DE 2025

As fotos que Verger não fez

Angela Elisabeth Lühning, diretora e curadora da Fundação Pierre Verger, em Salvador, nos recebe para uma conversa rápida depois da visita à casa-museu onde morou o fotógrafo francês que tão bem captou as pessoas simples dos países por onde passou. Repito para ela a pergunta que havia feito à nossa guia: “Verger, que fotografou tanto a capoeira, fez alguma foto do futebol?”

Ela pensa por um instante, percorrendo mentalmente os mais de 60 mil negativos da coleção já digitalizados. “Há uma foto de um rapaz usando uma camiseta de futebol. Ele fez num terreiro, aqui perto. Fotografou o ra-

paz e, por acaso, ele estava com uma camiseta. Mas, futebol mesmo, não, ele não fotografou”. Em silêncio, eu lamento. Teria sido bom vê-lo captar os gestos dos jogadores no gramado, na areia da praia ou nas ruas, e a vida que pulsava ao redor.

A Baba

Caminho pelo calçadão da orla na praia de Rio Vermelho e cruzo com um campinho de gramado artificial, todo cercado por alambrado, com uma disputada partida entre duas equipes de homens – uma delas usa “Baba” no nome, ou seja, o que no sul chamamos de pelada ou racha. O que me chama a atenção são os corpos dos participantes. Há muitos com mais de 60 anos e outros certamente bem acima do peso recomendado pela OMS.

O futebol é inclusivo como prática comunitária – o futebol é democrático, disseram outros. Claro, relativamente inclusivo, pois, nessa baba que inclui os gordinhos e pessoas de diferentes cores, não há mulheres, crianças, pessoas com deficiência...

¹ O termo “travelogue” foi criado em 1903 pelo fotógrafo e viajante Burton Holmes (ainda que haja controvérsias, pois também se indica John Bowker como o primeiro a usá-lo, em 1898) e combina “travel” (viagem) com “logue” (do grego “logos”, que significa “relato”). Atualmente, a palavra se refere a qualquer relato sobre uma viagem, escrito ou visual, com reflexões pessoais.

² BARTHES, Roland. *Rehtorique de l'image*. In: *Communication*, n. 4, 1964.

³ *Visitei os museus:*

- *Brasil: Internacional (2 vezes), Grêmio, Athletico Paranaense e Museu do Futebol do Pacaembu;*
- *Uruguai: Centenário;*
- *Argentina: River, Gimnasia e Estudiantes;*
- *Espanha: Real Madrid (2 vezes), Atlético, Girona e Barcelona;*
- *Portugal: Benfica (2 vezes) e Cidade do Futebol;*
- *Turquia: Galatasaray e Fenerbahçe;*
- *Grécia: Olympiacos.*

⁴ *Algumas reportagens realizadas durante o amistoso do Brasil contra a seleção da Coreia na data FIFA de outubro diziam, ao contrário, que muitas pessoas na rua vestiam camisetas de futebol. Não foi minha experiência na semana em que lá estive participando do congresso da International Sports Sciences Association (ISSA), quando caminhei muito, andei de ônibus e de metrô.*

⁵ *Um esporte com bastões e bola leve, jogado em piso de madeira. Muito parecido com o hóquei de piso, comum em escolas e clubes. Popular entre jovens e usado como atividade física recreativa.*

V2
2025

BATE-PRONTO

Futebol, Cultura e Crítica: Bruna Oliveira da Silva Presente!

